



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

HENRIQUE SÉRGIO BELTRÃO DE CASTRO

**NO AR, UM POETA:
DO SINGULAR AO PLURAL
– EXPERIÊNCIAS AFETIVAS (TRANS)FORMADORAS
EM UM PERCURSO AUTOBIOGRÁFICO POÉTICO-RADIOFÔNICO**

FORTALEZA, 2011.

HENRIQUE SÉRGIO BELTRÃO DE CASTRO

**NO AR, UM POETA:
DO SINGULAR AO PLURAL
– EXPERIÊNCIAS AFETIVAS (TRANS)FORMADORAS
EM UM PERCURSO AUTOBIOGRÁFICO POÉTICO-RADIOFÔNICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de concentração: Educação, Currículo e Ensino

Orientador: Prof. Luiz Botelho Albuquerque, Ph. D.
Universidade Federal do Ceará - UFC - Brasil

Coorientadora: Profa. Dra. Martine Lani-Bayle
Université de Nantes - France

FORTALEZA, 2011.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C351n Castro, Henrique Sérgio Beltrão de.
No ar, um poeta: do singular ao plural - experiência afetivas (trans)formadoras em percurso autobiográfico poético-radiofônico / Henrique Sérgio Beltrão de Castro. – 2011.
222 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2011.
Área de Concentração: Educação, Currículo e Ensino.
Orientação: Prof. Luiz Botelho Albuquerque, Ph. D.
Coorientação: Profa. Dra. Martine Lani-Bayle.
1. Rádio na educação. 2. Poesia. 3. Autobiografia I. Título.

HENRIQUE SÉRGIO BELTRÃO DE CASTRO

**NO AR, UM POETA:
DO SINGULAR AO PLURAL
– EXPERIÊNCIAS AFETIVAS (TRANS)FORMADORAS
EM UM PERCURSO AUTOBIOGRÁFICO POÉTICO-RADIOFÔNICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação, Currículo e Ensino.

Aprovada em: 03/12/2011.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Luiz Botelho Albuquerque, Ph. D. (Orientador)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Ana Maria Iório Dias
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Elvis de Azevedo Matos
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Elzanir dos Santos
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Profa. Dra. Gisneide Nunes Ervedosa
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Profa. Dra. Sofia Lerche Vieira
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Para minha mãe, Dirlene Marly Beltrão de Castro,
a sanfoneira e pianista virtuose que compôs a melodia da minha vida.

Para meu pai, José Franácio de Castro,
o poliglota silencioso que escreveu a poesia da minha vida.

Para meu filho, Ravi Moreira Lima de Castro,
o viajante com quem compartilho nossos cósmicos caminhos.

Para minha amada, Karla Patrícia Martins Ferreira,
a musa que me ilumina e me faz cantar meus poemas.

Graças a Deus.

Sou grato de coração:

àqueles a quem dedico estas páginas,
minha mãe, meu pai, meu filho, minha amada,
graças ao amor de vocês,
à inspiração que em mim insuflam,
eu ofereço a todos
as linhas e entrelinhas que aqui e agora estão;

aos meus orientadores,
Luiz Botelho Albuquerque,
professor, pesquisador, músico,
por suas palavras de luz e seus silêncios que são pausas musicais,

e

Martine Lani-Bayle,
professora, pesquisadora, escritora,
pelo sincero entusiasmo seu em acolher o outro, a revelar a *gamine* que vive nela
– graças à sabedoria, sensibilidade e amizade de vocês,
eu semeio estes grãos de autoconhecimento, aprendizagem e beleza;

aos professores que compuseram a banca,
Ana Íório, Elvis Matos, Elzanir dos Santos, Gisneide Ervedosa e Sofia Lerche,
por iluminarem com sabedoria e simplicidade a busca nesta escrita de mim;

à mestra da palavra, que me sagrou poeta, Maria da Graça de Andrade Teixeira,
à mestra da música, que me chamou a viver o sagrado palco, Maria Izaíra Silvino Moraes
– graças a vocês eu me descobri, me soube e senti artista;

à professora de meus 9 anos,
que, ao me fazer compartilhar meus versos em público,
soube ler meu coração de poeta menino e me encaminhar no rumo da poesia, minha guia;

aos leitores e ouvintes meus,
que animam cada página escrita,
cada gesto no palco
e cada programa no ar;

aos meus professores e estudantes,
com quem aprendo para sempre desde outrora;

às minhas amigas e aos meus amigos,
que me revelam a delicadeza e a delícia infinitas
dos dias na Terra compartilhados;

a cada parceira e parceiro
com quem faço poesia, música e rádio,
pelo som e pela luz que em vocês habitam;

aos meus familiares, Castro e Beltrão, e a nossos antepassados,
– à minha irmã, Clarissa, que clareia com carinho nossa convivência,
às minhas primas Laquinha, Gigi e Giselle, pela jornada (e pelas noitadas!) desde a Poranga,
e aos meus tios, em especial tia Esmeralda de Castro, tia Anésia e tia Mirza Beltrão;

a Jacqueline, Martine e Ticiania, amigas com quem, no Bosque de Letras,
teço a formação de novos colegas professores de francês,
por me apoiarem e motivarem a cada passo e voo deste meu caminho,

a Téti, ave-mãe a me abençoar, encorajar e proteger,
a Pedro e Rodger Rogério,
por nossa família musical e pela poética formação de mim nas ondas do rádio;

a Carole e Enrique Sanchez-Albarracin,
pela fraternidade que transcende tempo e espaço
na poesia de ser;

ao amigo poeta Luiz Teixeira,
pela nau da amizade e pelo porto do cuidado com a saúde minha e de minha família,
pela poesia sua feita de letras no papel e de gestos que ganham os céus;

às amigas Joana Angélica e Fátima Souza,
música e literatura,
que com palavras e presença, com silêncio e saudade,
animaram a chama das luzes que nos unem;

às amigas Iara Moura e Lorena Alves,
do rádio impressionante e de impressos que irradiam,
por tudo muito além de levar ao ar comigo e *semigo* o Sem Fronteiras e o Todos os Sentidos,
por serem quem são, em simplicidade, aconchego e abrigo meus;

às amigas Inês Pinheiro e Andréia Turolo, pela carinhosa tradução do resumo
para as línguas espanhola e inglesa,

à CAPES,
que subvencionou meus estudos
durante o ano de doutorado sanduíche em Nantes, França;

e a todos que fazem a nossa Rádio Universitária FM,
ao fio das ondas invisíveis que se espalham pelo cosmos *ad infinitum*...

*Seu dotô, me dê licença
Pra minha história contá*

Patativa do Assaré

O homem tem a obrigação de semear belezas.

José Franácio de Castro

*Se estamos aqui reunidos, estou contente. Penso com alegria que tudo quanto escrevi e vivi
serviu para nos aproximar. É o primeiro dever do humanista e a fundamental tarefa da
inteligência assegurar o conhecimento e o entendimento entre os homens. Bem vale haver
lutado e cantado, bem vale haver vivido se o amor me acompanha.*

Pablo Neruda

*E melhor se poderia dizer dos poetas o que disse dos ventos Machado de Assis:
"A dispersão não lhes tira a unidade, nem a inquietude a constância".*

Mario Quintana

Fora da poesia não há salvação.

Mario Quintana

NADA

Nada lamento.

Leve, passo como o vento.

Planto e rego e espero,
guardo colher o que bem quero.

Nada desprezo.

Medito sobre o pequeno. Rezo.

Considero as coisas mais miúdas:
a folha seca ao pé da planta desnuda.

Nada, quase nada sei.

Por isso os meus versos simples.

Nada é de todo óbvio e garantido.

Nada já está decidido.

Nada lamento, nada desprezo, quase nada sei.

Caminhando ao teu lado, sou reluzente rei.

Henrique Beltrão (2007)

Com música de Vlademir Rocha

RESUMO

Nesta pesquisa pautada em uma narrativa autobiográfica poética, busquei ler e reescrever as experiências afetivas (trans)formadoras que fizeram e fazem de mim um poeta que é radialista, educador e formador de outros professores e comunicadores. Fundamentada na abordagem Histórias de Vida e Formação, sobretudo na perspectiva intergeracional (Lani-Bayle); em uma concepção de afetividade como todos os sentimentos e emoções (Sawaia, Damásio); em reflexões no campo pedagógico (Freire); em estudos sobre radiofonia (Tardieu); nas palavras de escritores marcantes em minha formação como referência sobre “(ser) poeta” e “poesia” (Patativa do Assaré, Bandeira, Barros, Horácio Dídimo, Vinicius de Moraes, Neruda, Pessoa, Prévert, Quintana, Ronsard...), a narrativa autobiográfica poética capta fragmentos da vida deste autor em uma prosa poética sobre as experiências afetivas (trans)formadoras, revelando a leitura por mim feita do outro, de mim e do mundo, em uma dimensão racional-afetiva, em que construo a (trans)formação de mim na interação com o outro contextualizada no mundo. Entre essas experiências, sobressaem-se as amizades e o amor às pessoas e ao que faço; as vividas com meus pais, com os artistas prediletos, com estudantes, ouvintes e professores meus. Chegar a ser poeta é um constante devir criativo e (trans)formador, singular e plural, em que leitura e escrita são uma mesma aventura rumo a uma infinidade de sentidos, em que as vozes dos poetas que me formaram fazem em mim coro essencial que inspira minha própria voz.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica poética. Afetividade. Poesia. Rádio. Educação.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche basée sur un récit autobiographique poétique, j'ai cherché à lire et réécrire les expériences affectives (trans)formatrices qui m'ont fait et me font un poète qui est homme de radio, enseignant et formateur d'autres professeurs et professionnels de radio. Fondée sur l'abordage *Histoires de Vie et Formation*, surtout sur la perspective intergénérationnelle (Lani-Bayle); sur une conception de l'affectivité comme tous les sentiments et émotions (Sawaia, Damásio); sur des réflexions dans le domaine pédagogique (Freire); sur des études à propos de la radiophonie (Tardieu); sur les mots des écrivains marquants dans ma formation comme référence sur "(être) poète" et "poésie" (Patativa do Assaré, Bandeira, Barros, Horácio Dídimo, Vinicius de Moraes, Neruda, Pessoa, Prévert, Quintana, Ronsard...), le récit autobiographique poétique capte des fragments de la vie de cet auteur dans une prose poétique sur les expériences affectives (trans)formatrices, révélant la lecture que je fais de l'autre, de moi et du monde, dans une dimension rationnelle-affective, dans laquelle je construis ma (trans)formation en interaction avec autrui contextualisée dans le monde. Parmi ces expériences, ressortent les amitiés et l'amour aux gens et à ce que je fais; celles vécues avec mes parents, avec les artistes favoris, avec mes auditeurs, étudiants et professeurs. Arriver à être poète est un constant devenir créatif et (trans)formateur, singulier et pluriel, dans lequel la lecture et l'écriture sont une même aventure vers une infinité de sens, dans lequel les voix des poètes qui m'ont formé font en moi une chorale essentielle qui inspire ma propre voix.

Mots-clé: Récit autobiographique poétique. Affectivité. Poésie. Radio. Éducation.

RESUMEN

En esta investigación pautada en una narrativa autobiográfica poética, He buscado leer y reescribir las experiencias afectivas (trans)formadoras que hicieron y hacen de mí un poeta que es a la vez radialista, educador y formador de otros profesores y comunicadores. Con fundamentación en el abordaje Historias de Vida y Formación, sobretudo en perspectiva intergeneracional (Lani-Bayle); en una concepción de afectividad como todos los sentimientos y emociones (Sawaia, Damásio); en reflexiones en el campo pedagógico (Freire); en estudios sobre radiofonía (Tardieu); en las palabras de escritores relevantes en mi formación como referencia sobre “(ser) poeta” e “poesía” (Patativa do Assaré, Bandeira, Barros, Horácio Dídimo, Vinicius de Moraes, Neruda, Pessoa, Prévert, Quintana, Ronsard...), la narrativa autobiográfica poética capta fragmentos de la vida de este autor en una prosa poética sobre las experiencias afectivas (trans)formadoras, revelando la lectura que realicé del otro, de mí mismo y del mundo, en una dimensión racional-afectiva, en la que construyo mi transformación en la interacción con el otro contextualizada en el mundo. En medio a esas experiencias, se destacan las amistades y el amor a las personas y a lo que hago; las vivencias con mis padres, con los artistas de mi predilección, con estudiantes oyentes y mis profesores. Llegar a ser un poeta es un devenir creativo y (trans)formador, singular y plural, en que la lectura y la escritura son una misma aventura hacia una infinidad de sentidos, en que las voces de los poetas que han participado de mi formación, hacen de mí un coro esencial que inspira mi propia voz.

Palabras-clave: Narrativa autobiográfica poética. Afectividad. Poesía. Radio. Educación.

ABSTRACT

In this investigation, which is based on a poetic autobiographical narrative, I sought to read and rewrite the (trans)forming affective experiences which have made me a poet who is a radio broadcaster, educator, teachers' educator and communicators' educator. Based on the Life Histories and Formation approach, particularly on intergenerational perspective (Lani-Bayle); on a conception of affectivity as all feelings and emotions (Sawaia, Damásio); on reflections in the pedagogical field (Freire); on studies about radiophony (Tardieu); on the words of striking writers in my own education as a reference about "(to be) poet" and "poetry" (Patativa do Assaré, Bandeira, Barros, Horácio Dídimo, Vinicius de Moraes, Neruda, Pessoa, Prévert, Quintana, Ronsard...), the poetic autobiographical narrative captures fragments of the life of this author in a poetic prose about the (trans)forming affective experiences, revealing my understanding of the other, of myself and of the world, in a rational-affective dimension, where I construct my own (trans)formation in the interaction with the others contextualized in the world. Among these experiences, people friendship and love, and the love for what I do are highlighted; what I lived with my parents, with my favorite artists, with other students, with the radio listeners and with my teachers. Becoming a poet is a constant creative and (trans)forming making, which is singular and plural, in which reading and writing are one and the same adventure towards a multitude of meanings, in which the voices of poets that formed me make the essential choir which inspires my own voice.

Keywords: Poetic autobiographical narrative. Affectivity. Poetry. Radio. Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Redação A Criança	37
Imagem 2: Poema Ecos de Voz Cansada	40
Imagem 3: Henrique desenhando	47
Imagem 4: Conto Os Cisnes	52
Imagem 5: Fotografia dos poetas na casa de Rubem Braga	79
Imagem 6: Folia de Reis	98
Imagem 7: Cartaz	112
Imagem 8: Dirlene Marly Beltrão de Castro, minha mãe	120
Imagem 9: José Franácio de Castro, meu pai	120
Imagem 10: Com meus pais, no jardim de casa	120
Imagem 11: Pequeno leitor em trânsito em 1978	121
Imagem 12: Saudades no aeroporto em 1977	121
Imagem 13: Com minha irmã Clarissa, imerso nas letras	121
Imagem 14: Minha mãe: cores vivas, sons alados	122
Imagem 15: Com meu pai e meu filho, Ravi	122
Imagem 16: Karla Martins, minha mãe, eu e a leitura de quadrinhos	122
Imagem 17: Carta ao Prof. André Fovtsky	127
Imagem 18: Poema-bilhete para meu pai e poema-lembrete para minha mãe	213
Imagem 19: Entre a leitura e a imaginação	214

SUMÁRIO: um poético roteiro

1 ABERTURA: PRIMEIROS VERSOS NO AR	17
1.1 Vinheta de abertura	17
1.2 O radialista apresenta o poético programa: Versos no Ar	19
1.2.1 Um poeta no rádio: um caminho de (trans)formação	21
1.2.2 A poesia de ser professor e a arte de aprender juntos	22
1.2.3 Sem fronteiras em todos os sentidos	24
1.2.4 Afetividade: sentindo muito	25
1.2.5 A poesia vermelha e simples, uma maneira de ser	26
2 A POESIA: LINHAS E ENTRELINHAS DE UM PERCURSO DE (TRANS)FORMAÇÃO	30
2.1 O abraço da Graça ou a sagração do Poeta	30
2.2 Ser poeta – de acordo com os poetas	56
2.2.1 A Poesia, os poemas: amor à palavra	60
2.2.2 O Poeta: amante da palavra	68
2.3 Eu faço versos como quem faz perguntas	86
3 NO TEMPO DO RÁDIO: SEMPRE	92
3.1 De um radinho vermelho à sintonia da terra	96
3.2 No ar, Sem Fronteiras: Plural pela Paz e Todos os Sentidos	103
3.3 No ar, pela Rádio Universitária FM, a extensão universitária	108
4 INTERVALO	120
5 ITINERÁRIOS EM EDUCAÇÃO E PESQUISA	123
5.1 Um formador em (trans)formação	123
5.1.1 Os mestres	125
5.1.2 O professor entra em cena	131
5.1.3 De volta ao Bosque de Letras da UFC	136
5.1.4 Os estudantes e a arte de aprender juntos	141
5.1.5 O mestrado: um poeta no reino da pesquisa	147
5.1.6 O doutorado e o doutorado sanduíche	149

5.2 A poesia das experiências afetivas (trans)formadoras: uma maneira de ler o mundo	161
6 PARA CONTEMPLAR O CAMINHO OU O CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO	173
6.1 Afetividade: as Emoções e os Sentimentos – o coração do percurso de formação	173
6.2 Histórias de Vida e Formação: sobre uma narrativa autobiográfica poética	189
7 ENCERRAMENTO: A (RE)LEITURA DA AUTOBIOGRAFIA DE UM POETA – A (TRANS)FORMAÇÃO NA POESIA DOS ENCONTROS NO AR, NO PALCO, NA SALA DE AULA	199
8 VINHETA DE ENCERRAMENTO: LETRAS E MÚSICAS – AS REFERÊNCIAS	215
9 LISTA DE ANEXOS	220

1 ABERTURA: PRIMEIROS VERSOS NO AR

1.1 Vinheta de abertura

Je compose le tout premier pas qui déploie ce chemin à inventer.

Les premiers vers dans l'air hésitent à poser sur les lignes.

Ils aiment les ondes de la radio qui flottent en toute liberté

jusqu'à quelque part dans le cosmos que personne ne désigne.

Eu componho o primeiro passo que inaugura este caminho a criar.

Os primeiros versos no ar hesitam em pousar sobre as linhas.

Eles amam as ondas do rádio que flutuam livres a voar,

até algum lugar no cosmos que nenhum de nós adivinha.

A Poesia anima meus dias e minhas noites. Semeio versos no ar, colho encontros com meus pares: os leitores, os estudantes, os artistas, os professores e os ouvintes – com os que amam ler e escrever, com os que escutam (n)o silêncio e falam desde si, com os que buscam em plena sinceridade e com os que verdadeiramente se encontram. Formando e me (trans)formando, duvidando e procurando, eu me junto a quem me lê aqui e agora, ao fio destas páginas cujas entrelinhas se regozijam por estarem grávidas de eloquência.

Porque este percurso de (trans)formação como poeta me inquieta e entusiasma, me desafia e seduz, bem como porque espero contribuir, embora modestamente nas áreas envolvidas, precisei me encorajar a fazer esta busca autobiográfica sobre este caminho de poética (trans)formação, considerando o papel que nele tem a afetividade, ou seja, senti necessidade de ousar fazer esta pesquisa autobiográfica sobre as experiências afetivas (trans)formadoras que fizeram e fazem de mim poeta, radialista e professor, contemplando minha história de outrora, de agora e o porvir, ao longo desta aprendizagem que atravessa gerações até mim e continua – no cotidiano, a cada verso vermelho ou simples¹, a cada emissão Sem Fronteiras: Plural pela Paz e Todos os Sentidos², a cada poema musicado, a cada

¹ Alusão a meus dois primeiros livros de poemas e canções: Vermelho (2006, 2007) e Simples (2009).

² Esses programas radiofônicos, que apresento e produzo, são ações de extensão universitária por mim coordenadas como professor da Universidade Federal do Ceará - UFC. O Sem Fronteiras: Plural pela Paz vai ao ar aos sábados e o Todos os Sentidos, às quartas-feiras, ambos ao vivo, a partir de 14 horas, pela Rádio Universitária FM 107,9: www.radiouniversitariafm.com.br.

espetáculo feito com parceiros e amigos dos reinos da música e da literatura, a cada aula como professor ou estudante, em todos os momentos, eterno aprendiz.

A Poesia é a minha companhia.

A Poesia é meu modo de ser.

(BELTRÃO, 2007, p.24)

A ela cabe animar cada verso que eu desenho, cada palavra que canto, cada gesto que faço como radialista, pesquisador, professor, formador de professores de francês e de jornalistas encantados com o rádio.

As emissões radiofônicas que faço na Universitária FM constituem parte essencial do estudo a que ora me consagro: No ar, um poeta. Não é à toa que o núcleo do título é “poeta” e que a circunstância, ou melhor, o lugar deste poeta é “no ar”. A poesia me anima e conduz e abriga e orienta e apazigua. A poesia me inspira. É na qualidade de poeta que atuo no rádio, no palco, na sala de aula. E se destaco a radiofonia é que no ar tenho vivido parte fundamental da minha contínua formação e constante atuação social, inclusive como educador.

Espero sempre caminhar rumo ao autoconhecimento e ao aperfeiçoamento do poeta, educador e comunicador que sou para melhor colaborar com as pessoas com quem convivo. Espero ir sempre rumo à abertura para a Poesia no cotidiano, na educação e (trans)formação humana, nos contextos de formação docente e radiofônica, nas Histórias de Vida e Formação (HIVIF), semeando Poesia na Academia e na Radiofonia.

A busca de conhecimento principia com perguntas. Neste estudo, eu me coloquei as seguintes questões de pesquisa: Como me formei poeta à luz dos poetas que me marcam afetivamente? Como ler os sentimentos e emoções que marcam minha formação poética? Quais experiências afetivas (trans)formadoras se destacam neste percurso de formação poética? O que quer dizer “(ser) poeta” e “poesia” para os poetas que compõem a essência de minha (trans)formação poética? Como posso contribuir com a abordagem Histórias de Vida e Formação com um estudo sobre minha (trans)formação como poeta que atua em Rádio e na Educação?

A mim resta doravante inventar bússola e ampolheta que me orientem no tempo e espaço poéticos, buscando compreender as experiências afetivas (trans)formadoras nesta pesquisa com Histórias de Vida, por meio desta narrativa autobiográfica poética. E, por pouco ou arriscado que seja, procurar ser apenas a sincera expressão de mim mesmo. E assim ir do singular ao plural neste percurso de busca de mim e do outro.

Poética narrativa

Escuta: é vivo o que te digo.
 Toca de leve a linha.
 Tu vês? Olha...
 Degusta a entrelinha.
 A pele da página.
 Silêncio... Palavra...
 Silêncio... Palavra...
 Respira...
 Sente o quanto vive em ti do tanto que te digo de mim.

1.2 O radialista apresenta o poético programa: Versos no Ar³

Não se inquietem pela minha aparência, minha imagem vai pouco a pouco se impor pela vontade das palavras. (...) A única solução para ir até lá me parece ser tomar a pluma e me recostar no poder criativo da escrita, sem ideia prévia do que ela vai fazer de mim.⁴

Martine Lani-Bayle (2000, p.14, tradução minha)

Esta tese revela alguns passos e passagens de meu percurso de pesquisa autobiográfica⁵, ao longo do qual compartilho minhas dúvidas e reflexões sobre minha formação como poeta, destacando minha atuação e aprendizagem como homem de rádio e educador, bem como o papel de minhas experiências afetivas (trans)formadoras. Para isso, vivo o desafio de (re)ler – e escrever sobre – essas experiências, nas quais a palavra é evidentemente essencial. Considero que uma narrativa autobiográfica poética permite melhor me conhecer e me dar a conhecer, bem como penso e sinto que através dela é mais viável e belo fazer emergirem as experiências afetivas (trans)formadoras mais marcantes – aquelas em que se evidencia a influência dos sentimentos e emoções envolvidos nesta formação de mim.

A narrativa autobiográfica poética busca captar fragmentos que ela possa traduzir da vida deste autor em palavras escritas em uma prosa poética sobre as (minhas) experiências afetivas (trans)formadoras, revelando a leitura por mim feita do outro, de mim e do mundo,

³ A versão primeira deste tópico e seus subtópicos (BELTRÃO-DE-CASTRO, 2011), originalmente escrita em francês, foi publicada como ensaio intitulado *Un poète à l'antenne: l'affectivité dans un parcours de recherche autobiographique*, na revista *Chemins de formation au fil du temps* n° 16 (Paris: Téraèdre, octobre 2011), sob a direção científica de Martine Lani-Bayle. (Ver anexos.)

⁴ *Ne vous inquiétez pas pour mon apparence, mon image va peu à peu s'imposer au gré des mots. (...) La seule solution pour y aller me semble de prendre la plume et m'adosser au pouvoir créatif de l'écriture, sans idée préalable de ce qu'elle va faire de moi* (LANI-BAYLE, 2000, p.14).

⁵ Doutorando em Educação a partir de agosto de 2008 na Universidade Federal do Ceará - UFC, Brasil, com a orientação do Prof. Luiz Botelho Albuquerque, fiz um doutorado sanduíche de março de 2010 a fevereiro de 2011 na Université de Nantes, França, com a orientação da Profa. Martine Lani-Bayle, e defendi a tese em 3 de dezembro de 2011, Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, adotado pela ONU e pelo Movimento Internacional das Pessoas com Deficiência (PcD). Destaco a data por trabalhar com as PcD no programa radiofônico Todos os Sentidos.

em uma dimensão racional-afetiva, em que construo a formação e transformação de mim na interação com o outro contextualizada no mundo.

Sendo poeta e estudando o caminho que me levou a sê-lo, não posso excluir a poesia destas linhas, essa *habituée* que frequenta minha pluma bem antes deste teclado – quando eu ainda nem sequer suspeitava que me tornaria professor e pesquisador, produtor e locutor de rádio, formador de professores de francês e de jornalistas apaixonados pela radiofonia. Eu contemplo ainda e sempre o albatroz de Baudelaire⁶, cujas asas imensas o levam às alturas, mas o impedem de caminhar no chão do comum, enquanto minhas palavras alçam voos de uma estante à outra, embaralhando as divisões dos diferentes setores de minha biblioteca.

Neste capítulo de abertura, busco apresentar o tema e delimitá-lo em cinco breves passagens que anunciam o que na tese estudei. Tecerei inicialmente algumas linhas sobre minha formação como poeta, retomando brevemente ideias, em especial de Paulo Freire (2008), que estão na base de minha atitude no mundo e no exercício de meus *métiers*.

Logo após, farei alguns comentários sobre minha formação e meu fazer docente, do estudante que admira(va) seus mestres ao professor que estima os estudantes, em meio ao encanto do Bosque de Letras da UFC e aonde for.

Em seguida, apresentarei sucintamente os programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz, irradiados sob minha responsabilidade na Universitária FM, um com as pessoas com deficiência (PcD), o outro sobre a diversidade linguística, cultural, espiritual, geracional, biológica de nosso planeta.

Depois, situarei a reflexão sobre a afetividade na formação humana, a partir da concepção espinosiana de Sawaia (2000) e Damásio (2004) que veem os afetos como todos os sentimentos e emoções.

Enfim, encerrarei este capítulo com algumas considerações sobre o poeta e a poesia. Acredito ser consensual o que dizem os dicionários quando conceituam a poesia como a arte da linguagem, capaz de exprimir ou sugerir algo pelo ritmo, pela harmonia, pelas imagens ou como aquilo que há de elevado ou tocante nas pessoas e no mundo, bem como quando definem o poeta como o artista que faz versos, que tem a maestria dessa arte da linguagem, como aquele que vivencia e desperta em outrem a emoção poética, o sentimento do belo. Cito essas definições no início como de hábito nos textos acadêmicos, mas esclareço que ao longo destas páginas caberá aos próprios poetas falar da poesia e do poeta. Nesta seara, poderia adotar as valiosas contribuições de grandes estudiosos da Literatura, como Sânzio de

⁶ Voltarei ao poema *O Albatroz*, de Baudelaire, no item 2.2 Ser poeta – de acordo com os poetas.

Azevedo, Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Afrânio Coutinho, Horácio Dídimo e Massaud Moisés, mas escolho adotar as próprias palavras dos poetas como guias para procurar conhecer o ser poeta e o fazer poesia⁷. Voltarei a abordar esses assuntos de maneira mais detalhada nos capítulos a eles consagrados.

1.2.1 Um poeta no rádio: um caminho de (trans)formação

Polylogue

Un poète se compose comment ?
Un poème ne vient pas que de lui. Un poème, ça ne va pas de soi.
Chaque vers est né de partout. Chaque poème va et vient de vous.

Un poète est un présent composé de ses lectures et de ses lecteurs
saisi au vol entre souvenirs et avenir si – peut-être seulement si –
l’écoute et le silence tissent dans le labyrinthe de leurs atouts
les lignes et les cordes de vos voix à nous.

(BELTRÃO, Nantes, 2010, notas de aula)

Polílogo

Um poeta se compõe como?
Um poema não vem dele somente. Um poema não vem por si.
Cada verso nasce de todo canto. Cada poema vai e vem de vós.

Um poeta é um presente composto de suas leituras e leitores
apanhado no voo entre recordar e porvir se – talvez somente se –
a escuta e o silêncio tecem no labirinto de seus trunfos
as linhas e as cordas de vossas vozes de nós.

(BELTRÃO)

A voz do poeta é habitada por várias vozes. O poeta é feito da sua gente. Suas linhas são povoadas pelas pessoas que ele encontrou e pela “leitura do mundo” (FREIRE, 2008) que ele fez e continua a fazer, posto que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2008, p.20).

Meu pai, o poliglota silencioso que escuto desde semente, minha mãe, a pianista e sanfoneira virtuose que cultivava nosso jardim, os familiares e os antepassados nossos, os amigos de sempre e os amores bem vividos, meus mestres e professores, os estudantes e ouvintes meus, os artistas que admiro, aqueles com quem convivi ou convivo, todos eles cantam no coral de formação ainda compartilhada à medida que eu vivo com eles ou quando recordo os belos dias colhidos juntos antes de sua partida.

⁷ Entre as obras de referência, destaco A Criação Poética, de Massaud Moisés (1977), e Para uma Teoria do Verso, de Sânzio de Azevedo (1997).

Quando a criança que foi meu pai girava a manivela do gramofone para que meu avô estudasse francês no princípio do século XX numa cidadezinha cearense chamada Cascavel, ele não imaginava que esta se tornaria minha língua “paterna”, graças a seu acompanhamento de meus estudos francófonos desde a idade de 10 anos. Quando minha mãe passava horas a ensaiar no piano músicas de Bach, Mozart, Chopin, Villa-Lobos, Chiquinha Gonzaga e a interpretar na sanfona as de Ary Barroso, Assis Valente, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, ela não supunha que um dia eu subiria ao palco para cantar meus poemas musicados em sua maioria por amigos compositores. As emoções e os sentimentos desde sempre tão intensos em mim encontraram na poesia e mais tarde no rádio e no palco as vias que lhes deram voz – para se manifestar, me aliviar, me formar e me transformar.

A expressão da afetividade – essencial na emancipação do sujeito – encontra na poesia e no rádio campos férteis em que pode se espriar. Em versos, o sujeito toca uma dimensão que a prosa não atinge; no ar, o sujeito toma a palavra sem intermediários entre ele e aquele que escuta sua voz – na audiência, compondo essa “multidão dispersa” (TARDIEU, 1969), cada ouvinte capta as ondas ao seu gosto e à sua maneira, rimando-as com sua “leitura do mundo, pronunciando a *palavramundo*” (FREIRE, 2008).

Desde a época em que minha formação radiofônica começava no Brasil, sem que eu estivesse dela consciente, quando era um dos jovens ouvintes de uma nova rádio – pública! – que plantava sua antena no Benfica, bairro universitário de Fortaleza, capital do Ceará, na região Nordeste, o outro – que eu escutava – me convidava ao encontro. Hoje em dia, do lado dos microfones, o outro continua a ser o porto na direção do qual partem o que sinto e o que penso. Pensar no plural e sentir no coletivo são a bússola e a ampulheta que orientam minha práxis na arte radiofônica – e em tudo que faço.

1.2.2 A poesia de ser professor e a arte de aprender juntos

Lendo ou escrevendo poemas, colhendo a poesia de uma obra de arte ou de um momento cotidiano de beleza ou de dor, a gente passa os dias diferentemente de quem permanece agarrado aos limites do prosaico e do racional. De acordo com Edgar Morin (1997, p.41, tradução minha), “o homem habita a Terra poética e prosaicamente ao mesmo tempo”. A respeito disso, inspirado por Morin, Bachelard e outros autores, Severino Antônio (2009) propõe “uma nova escuta poética da educação e do conhecimento” e nos fala de uma “razão poética”, uma razão criativa capaz de dialogar com os mistérios do mundo, de ir além da lógica linear e cartesiana, necessária mas insuficiente. Para ele, “essa razão, que se repensa e

se recria, é inseparável de uma *educação da sensibilidade, tanto da percepção como dos sentimentos*, sobretudo uma *educação para a empatia*: sentir com o outro, pensar com o outro, viver com o outro” (ANTÔNIO, 2009, p.23-24, grifos do autor).

O outro. Eu retorno à essência da educação dialógica de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p.78). Em sala de aula, os afetos sempre falaram alto. Diversas vezes me aproximei dos professores que admirei e que me inspiraram a trilhar a carreira docente. Com os estudantes, tenho vivenciado a ciranda dos dias compartilhando saberes e sentires. Em meus mestres e nos estudantes, encontrei e encontro a inspiração para ser educador. Poemas e canções compõem não somente os programas e as apresentações em cena, mas dão vozes e asas ao que trago para a sala de aula. No ensino de francês, na formação de professores, o próprio contexto que, pelos conteúdos envolvidos, leva a falar de si (apresentar-se, narrar, dar opinião, recordar, planejar...) e as atividades artísticas⁸ têm favorecido a expressão da afetividade e o compartilhamento do que sentimos ao nos envolvermos uns com os outros e com o que juntos aprendemos.

A meu ver, a afetividade não é devidamente destacada na formação humana. À guisa de exemplo, poderia citar o contexto de formação de professores de línguas estrangeiras dos cursos de Letras da UFC e da UECE, em que tive a oportunidade de constatar (CASTRO, 2002) que somente a dimensão cognitiva é enfocada: falar e escrever bem o idioma, conhecer a gramática, dominar conceitos pedagógicos e abordagens metodológicas. Tudo isso é fundamental, indubitavelmente, mas passa ao largo do que sentem os estudantes e os professores. A dimensão afetiva precisa ser levada em conta na formação dos professores, e não somente de línguas. A despeito de estudos que indicam a relevância do papel das emoções e sentimentos na interação humana, no processo de desenvolvimento e aprendizagem, tudo se passa como se nada sentíssemos enquanto pensamos, estudamos, descobrimos, conhecemos – mudamos. São negados ou desprezados os fatos gritantes de que a gente sente medo de errar ou de não saber responder as perguntas dos alunos, de que a gente se depara com a vergonha e com a alegria de se expressar, com os afetos que se manifestam entre as pessoas que se encontram em sala de aula.

Se atuar em rádio requer a arte radiofônica (TARDIEU, 1969), a meu ver o exercício da docência exige a arte de aprender juntos: a poesia de compartilhar dialogicamente os

⁸ Leitura, audição, compreensão e criação de poemas e outros textos; audição e interpretação de músicas e de emissões radiofônicas; encenação de diálogos criados pelos estudantes, simulando situações reais; exibição e discussão de filmes; apreciação de fotografias; uso de desenho para ilustrar explicações ou narrativas...

saberes e os afetos. Eu busco fazer cada aula, cada programa e cada espetáculo poético-musical como se criássemos um poema coletivo – os estudantes e eu ou os ouvintes, os convidados e a equipe ou o público e os artistas. Essa atitude de cultivar os vínculos entre as palavras, as relações entre as pessoas em sala de aula, no estúdio e em meio ao público, as descobertas dos mistérios sedutores de minha língua materna e de minha língua “paterna” me faz questionar cotidianamente minha práxis.

1.2.3 Sem fronteiras em todos os sentidos

No âmbito da extensão universitária na Rádio Universitária FM 107,9, emissora pública inserida na Universidade Federal do Ceará - UFC, sou produtor e locutor do Todos os Sentidos e do Sem Fronteiras: Plural pela Paz, programas semanais temáticos, difundidos ao vivo, compostos por uma conversa-entrevista⁹ com o(a)(s) convidado(a)(s), por notícias, divulgações de eventos culturais e por poemas e canções. O Todos os Sentidos é compartilhado desde 8 de janeiro de 2003 com as pessoas com deficiência (PcD), com as que as amam e com as que vivem em contato com elas em diversos contextos sociais. O Sem Fronteiras: Plural pela Paz é irradiado desde 28 de junho de 1998, pautado na reverência à diversidade terrestre, isto é, diversidade biológica (de seres vivos no planeta) e diversidade da humanidade, em sua pluralidade linguística, cultural, geracional e espiritual. Mergulhado no universo da radiofonia, artístico e educativo a um só tempo, eu vivo durante a produção e no ar o prazer e o desafio de compartilhar caminhos de formação com diversos cidadãos, sejam membros da equipe, ouvintes ou convidados: artistas, cientistas, estudantes, educadores, líderes comunitários, radialistas, jornalistas...

Em ambas as emissões, o trabalho de produção e pesquisa é feito com a participação de dois estudantes de Jornalismo da UFC, como bolsistas, que fazem nesse contexto uma parte essencial sobretudo de sua atuação em extensão universitária, mas também de sua formação acadêmica, de suas pesquisas e sua prática no âmbito radiofônico. Os ouvintes participam por telefone, por correio eletrônico ou pessoalmente, sugerindo temas a serem abordados, enviando poemas, pedindo canções e propondo perguntas aos convidados. A

⁹ Procuo fazer com que as entrevistas sejam descontraídas, que se assemelhem a uma conversa (quase) informal, em que os afetos e o percurso biográfico do convidado são geralmente valorizados. Tento estabelecer um clima de intimidade com convidados e ouvintes através de uma atitude sincera e de escuta do outro, pontuada por convites para interação com a audiência por telefone ou Internet. Diversas tipologias de entrevista foram propostas, entre elas Tardieu (1969) cita a elaborada por Edgar Morin que inclui a entrevista-diálogo que é “um busca em comum. O entrevistado e o entrevistador colaboram para pôr em evidência uma verdade que concerne seja a pessoa do entrevistado, seja um problema” (Tardieu, 1969, p.133, tradução minha).

Rádio Universitária FM¹⁰ é uma emissora pública, diferente das emissoras comerciais que se pautam em uma lógica de mercado e nos interesses dos proprietários e seus anunciantes. Encontram-se ali liberdade editorial e compromisso ético com os ouvintes e a sociedade, cumprindo um papel cultural, educativo e de imprensa independente. Isso permite fazer de cada uma dessas ações de extensão um espaço poético-radiofônico em que a palavra é livre, em que os poemas e canções rimam com o assunto em pauta, em que as emoções e os sentimentos podem ser expressos.

No Todos os Sentidos, por exemplo, a palavra é dos surdos, dos autistas, dos esquizofrênicos, dos cegos, das pessoas com síndrome de Down, em suma, a gente busca dar voz aos cidadãos que têm uma deficiência motora, sensorial ou intelectual – eis o caminho que os colegas de minha equipe e eu partilhamos com os ouvintes a cada encontro que nos inquieta e transforma, com dúvidas e questões que nos despertam, enfrentando preconceitos que nos desafiam, inspirados pela indignação, pela ética e pela estética, pois se trata de falar não somente de seus direitos, mas também de sua sensibilidade, de seus talentos artísticos ou de outra natureza, de seus prazeres e dores, de suas crises e derrotas, de seus sonhos e realizações, de suas emoções e sentimentos... “A gente busca, nesse espaço poético-radiofônico de encontro com você, fazer o que alcançamos na construção de num mundo mais justo, mais belo e mais sensível à beleza, em que todos nós – pessoas com deficiência ou supostamente normais – tenhamos lugar para estudar, trabalhar e para sentir prazer, sonhar e se realizar.”¹¹

1.2.4 Afetividade: sentindo muito

Sendo a afetividade tão importante quanto a cognição do sujeito, teríamos de superar no campo científico a cisão entre esses componentes do ser humano, que pensa, sente e se emociona ao mesmo tempo: “o que em mim sente ’stá pensando” – diz o poeta português Fernando Pessoa (1977, p.144). A afetividade¹², na concepção espinoziana de Sawaia (2000) e Damásio (2004), concerne todos os sentimentos e todas as emoções: o amor, a esperança, a admiração, a vergonha, a alegria, a tristeza, a raiva, o medo... Para Damásio (2004), a

¹⁰ A Rádio Universitária FM 107,9, inaugurada em 15 de outubro de 1981, é uma parceria institucional entre a UFC e a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura - FCPC. Situa-se em Fortaleza, no bairro do Benfica, na avenida da Universidade, 2910.

¹¹ Transcrição feita por Iara Moura (2010) de um trecho característico de falas minhas como locutor, neste caso da emissão difundida ao vivo em 13 de janeiro de 2010 às 14 horas na Rádio Universitária FM 107,9.

¹² Entre outros grandes nomes que se interessaram pela afetividade e destacaram sua relevância, sugiro a leitura de Carl Gustav Jung, Jacob Levy Moreno e Henri Paul Wallon.

afetividade é um aspecto essencial da humanidade e não há dicotomia entre ela e a razão. Segundo Sawaia (2000, p.2), a afetividade é “a tonalidade, a cor emocional que impregna o ser humano e é vivida como emoções ou sentimentos”. Por outro lado, a propósito do que Paulo Freire nomeou *amorosidade*, um dos sentimentos essenciais no fazer docente e nesta pesquisa, ele afirma que “ensinar exige querer bem aos estudantes” (FREIRE, 2007, p.141). Para meus estudos, considero a *amorosidade* de Freire como um dos sentimentos essenciais e a afetividade é definida como todos os sentimentos e todas as emoções que constituem aspecto essencial do ser humano e marcam nossas vidas.

As experiências afetivas (trans)formadoras são aqui entendidas como os momentos vividos por uma pessoa, contextualizados sócio-historicamente, nos quais sua leitura do mundo e de si constrói ou construiu um sentido para si tanto racional quanto afetivamente, de maneira amalgamada, ou seja um sentido feito do que se pensa e sente neste instante de vida que constitui formação e transformação do sujeito. (Embora nem toda formação seja transformadora, nesta tese encontram-se frequentemente relacionadas e mesmo reunidas na grafia “(trans)formadora”, porque neste percurso autobiográfico são estas as experiências afetivas que interessam ao estudo.)

As pesquisas já realizadas sobre afetividade reafirmam sua importância na vida humana, mas penso que devem contradizer estas duas visões: a que sugere que ela perturba a razão, mas também a que a apresenta como uma solução extraordinária para a busca humana, como um paliativo ou uma panaceia nesta sociedade que exclui uns e desumaniza os outros. Não basta estudar as emoções e os sentimentos: é preciso superar a dicotomia razão/afetividade.

Assim como a arte de aprender juntos, a arte radiofônica continua a me inspirar neste caminho de aprendizagem, quando eu canto a diversidade da vida ou faço coro com as pessoas com deficiência (PcD); a cada encontro tecido com os ouvintes ou com um colaborador, um entrevistado, um colega de rádio; a cada vez que a gente passa uma canção ou que eu digo um poema que flutuam livremente até não-sei-onde graças às ondas hertzianas...

1.2.5 A poesia vermelha e simples, uma maneira de ser

Eu volto à poesia que anima cada um de meus gestos e de minhas sílabas; ela que faz viverem as entrelinhas do que me atrevo a publicar; ela que faz amizades entre silêncios e palavras. Este trecho (1.2) começou com as palavras de Martine Lani-Bayle. Citei uma

passagem de seu primeiro romance, *L'Île* (2000, em português: *A Ilha*). Ao fio destas linhas introdutórias à tese (e ao longo dela), deixei minha imagem “se impor pela vontade das palavras”, como ali dizia Lani-Bayle (2000, p.14). “Sem ideia prévia”, (idem, ibidem), me confiando “ao poder criativo da escrita” (idem, ibidem), deixei as palavras seguirem seu curso. “Isso queria dizer sucumbir às seduções da escrita, cair em suas redes, mas também arriscar a lembrança, precipitar-me nos meandros da existência e, talvez, drenar a história. Em uma palavra, tornar-se autor. Fácil de falar...”¹³ (LANI-BAYLE, 2000, p.12)

Sempre foi mais simples para mim buscar os pontos de referência de minha formação como homem de rádio, como educador, talvez porque a essência de mim não esteja aí, mas no poeta que precede e anima esses papéis; talvez porque a formação como poeta aconteça fora de qualquer “grade”, em uma trajetória curricular singular e irrepetível, de apreensão (ironicamente) difícil em palavras; talvez porque chego a encontrar explicações mais plausíveis para minha formação profissional e para a educação da sensibilidade – de que fala Severino Antônio (2009) – quando se trata da sala de aula ou do estúdio de rádio. Mas um sujeito não se restringe a papéis sociais. Então, como compreender e – desafio! – como traduzir os recônditos “meandros da existência” (LANI-BAYLE, 2000, p.12) que me fizeram poeta?

Desde minha infância, preciso de escrever, de brincar no jardim da linguagem. A janela da imaginação dá para a inquietude, a intensidade do que sinto me afeta, a realidade me conturba, o sonho me anima, a música me faz sonhar e a poesia – a poesia é minha maneira de ser.

Versos Avulsos

Sempre tive o gosto de escrever versos avulsos
em guardanapos, papéis de cigarro, extratos bancários...
Quase sempre eles se dão por felizes com seu improviso,
desafiando a desordem e o esquecimento de tão perecíveis.
São tão passíveis de se perderem, de tão improvável publicação
que lhes caem bem guardanapos, letras escritas a giz,
poemas na areia à beira-mar.
Estes meus versos têm o gosto de ser à-toa,
sem cuidado com o tempo, com glória, com traças.

(BELTRÃO, 2009, p.66, com música de Rodrigo Bezerra)

¹³ *Cela voulait dire succomber aux séductions de l'écriture, tomber dans ses filets, mais aussi risquer le souvenir, basculer dans les méandres de l'existence et, peut-être, vidanger l'histoire. En un mot, devenir auteur. Facile à dire...* (LANI-BAYLE, 2000, p.12)

Les mites ne rongent pas les mythes autour des poètes: As traças não roem os mitos em torno dos poetas. Podem, quando muito, engolir as páginas em que aprendemos de cor seus versos inacessíveis aos vermes que borboleteiam as estantes de nossas bibliotecas.

Eu contemplo ainda e sempre o albatroz de Baudelaire¹⁴.

O Poeta é semelhante ao príncipe da altura
Que busca a tempestade e ri da flecha no ar;
Exilado no chão, em meio à corja impura,
As asas de gigante impedem-no de andar.

(ALMEIDA, sem data, p.28-31)

Inútil tentar compreender a recusa de poesia na vaidosa melancolia da Academia. Quero assim mesmo abraçar o risco de “ler e pronunciar a *palavramundo*” (FREIRE, 2008) ao meu gosto e à minha maneira: com poesia.

Silêncio muito me acompanhou. Sobretudo quando menino, tímido, imerso no desenho, na leitura e na escrita. Desde então escrevinhava versos. No entanto, vim a publicar Vermelho (BELTRÃO, 2006) somente aos 39 anos, e, esgotada a primeira edição, uma segunda, com os créditos dos parceiros que musicaram poemas, em 2007. Dois anos depois, vim a lançar o Simples (BELTRÃO, 2009). Até então, somente vira de meu em letra impressa um conto em prosa poética: *Os Cisnes*¹⁵. Cada qual com seu ritmo...

A vida do poeta tem um ritmo diferente.
É um contínuo de dor angustiante.
O poeta é o destinado do sofrimento
Do sofrimento que lhe clareia a visão de beleza
E a sua alma é uma parcela do infinito distante
O infinito que ninguém sonda e ninguém compreende.

(...)

O poeta tem o coração claro das aves
E a sensibilidade das crianças.

(...)

A sua poesia é a razão da sua existência
Ela o faz puro e grande e nobre
E o consola da dor e o consola da angústia.

A vida do poeta tem um ritmo diferente
Ela o conduz errante pelos caminhos, pisando a terra e olhando o céu
Preso, eternamente preso pelos extremos intangíveis.

(MORAES, *O Poeta*, 1980, p.73)¹⁶

¹⁴ Conforme foi dito, falarei do poema *O Albatroz*, de Baudelaire, em 2.2 Ser poeta – de acordo com os poetas.

¹⁵ A publicação desse texto e os acontecimentos que a precedem constituem uma das experiências afetivas formadoras essenciais, que comentarei adiante, o momento em que me sinto reconhecido como poeta pela professora Graça Teixeira (queira ver 2.1). O conto foi o propulsor, a causa que desencadeou o processo, o motivo que me levou a vivenciar o momento experiencial afetivamente formador.

¹⁶ Voltarei a esse poema de Vinicius no tópico 2.2 Ser poeta – de acordo com os poetas.

Com o que rima ser poeta? Por que buscar, graças à abordagem História de Vida e Formação, as frágeis respostas às questões que me habitam? Para compartilhá-las, penso eu. Para rimar arte com ciência, talvez. Grande risco!

Nas palavras de Josso (2004, p.58): “ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um”. A busca de mim me conduz ao encontro com o outro, do singular ao plural, ao fio das linhas desta tese, ao longo deste percurso de pesquisa autobiográfica. A poesia de aprender juntos anima o *corpalma*¹⁷ de quem vive sua formação em uma relação dialógica com o outro. Quem sabe o que há de vir, ainda que de dentro de si? Trago versos de Drummond de cor me animando a seguir:

Se procurar bem, você acaba encontrando,
não a explicação (duvidosa) da vida,
mas a poesia (inexplicável) da vida.

¹⁷ Concebi esse neologismo como maneira de expressar que entendo corpo e alma amalgamados, sem os cindir. Adoto-o no bordão com que inicio os programas de rádio: “É com o coração em serena festa, de corpalma cheio de gratidão, que eu, Henrique Beltrão, uma vez mais trago ao ar o Todos os Sentidos/Sem Fronteiras: Plural pela Paz”.

2. A POESIA: LINHAS E ENTRELINHAS DE UM PERCURSO DE (TRANS)FORMAÇÃO

*Para que tú me oigas
mis palabras
se adelgazan a veces
como las huellas de las gaviotas en las playas.
(...)
Y las miro lejanas mis palabras.
Más que mías son tuyas.*

Pablo Neruda (1998, p.24)

Para que tu me escutes
minhas palavras
se adelgacam às vezes
como os rastros das gaivotas nas praias.
(...)
E eu as olho longínquas minhas palavras.
Mais que minhas são tuas.

Pablo Neruda (tradução minha)

Com as linhas e entrelinhas da poesia, palpita o tear de minha formação. O tecido ganha texturas, se esgarça, torna a se fazer em outras tessituras na espiral do tempo e do aprender de si e do mundo.

Ao longo deste capítulo, tecerei o percurso autobiográfico de (trans)formação como poeta no primeiro tópico, em seguida buscarei o que é ser poeta e poesia nas palavras dos mestres da palavra que me (trans)formaram, enfim tecerei breves comentários sobre a percepção que tenho acerca de como meu povo vê e vive a poesia.

2.1 O abraço da Graça ou a sagração do Poeta

Se o poeta é o que sonha o que vai ser real,
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal.

Milton Nascimento e Fernando Brant (1982)

Era uma vez eu menino. Um jardim em torno de casa abrigava minhas aventuras. Mais longe eu ia dentro de mim, desenhando, lendo e escrevendo. Na nossa morada ou na escola, linhas e palavras me acompanhavam, me abrigavam, me embalavam, me fascinavam.

Eu criava historinhas, inventava e desenhava os personagens, os veículos, as cenas na Terra, no espaço, antigamente, nos tempos então atuais e no futuro, com heróis, seus superpoderes, seus adversários e aventuras. Criava barcos e carros, dos quais fazia a planta

baixa, detalhando por dentro todos os equipamentos para ali morar durante a infinita jornada da imaginação. Os desenhos não se contentavam com as folhas em branco e me acompanhavam nas margens dos livros e cadernos...

Eu escrevia em verso, às vezes em prosa. A poesia de ser me animava desde então. Fazia poemas sobre o que sentia, ou melhor dizendo, com o que sentia. Meus prazeres e dilemas. Lembro de vários deles sobre o pôr-do-sol, hora em que nasci. Lamento ter-me desfeito deles durante a elaboração do Vermelho (BELTRÃO, 2006), meu livro primeiro. Rasguei tanta coisa... Eram incipientes, textos de um menino, é certo, mas que vontade de os reler agora para compor esta narrativa autobiográfica, deles extraindo talvez sementes ou sinais de experiências afetivas formadoras como aprendiz de poeta, como no caso dos que sobreviveram – alguns deles comentarei ainda ao longo da tese: *A Criança* (1976), *Ecos de voz cansada* (1981), *Os Cisnes* (1984).

Recordo que escrevia (como ainda escrevo) sempre inspirado pelos sentimentos, emoções, sensações e relações com as pessoas, as plantas, os bichos e o imaginário. Menino, cantei o Carolino, meu cachorrinho e grande companheiro, de carinhos e brincadeiras; cantei também o Cajueiro, meu único amigo de infância que sobreviveu à destruição daquele jardim em que vivi sonhos e verdades. Hoje aquele jaz ao pé deste, com que ainda me abraço, ambos enternecidos e cúmplices. De seus galhos, contemplava a rua, galgava o teto da varanda para chegar ao telhado, ou saltava para a cacimba e dali para a grama, onde fazia rolamentos de judô. As plantas pequenas viravam florestas para meus bonequinhos e carrinhos, as árvores eram minha pátria amazônica. Subia na Mangueira, no Jasmineiro, na miúda Sirigueleira; na Cajaraneira não conseguia, mas subia na Goiabeira Do-lado-de-casa e na Goiabeira Do-quintal. Esta tinha mais frutos, mas aquela, como Dom Cajueiro, dava acesso ao telhado, meu mirante. E mais: aberta em “v”, de versos, me convidava a subir por um lado e jogar-me para o outro, agarrando-me aos galhos que me acolhiam, flexíveis e resistentes, mas escorregadios.

Amizade

Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

(QUINTANA, 2005, p.260)

As amigas, os amigos – quantos poemas fiz por eles inspirado! De nossas conversas e silêncios brotavam linhas. Descrevia-os, contava episódios, transformava em palavra os conflitos, as alegrias, os desgostos, as promessas de leal companheirismo, as decepções e, claro, os novos encontros. A amizade já era sagrada para mim. A amizade e o jardim – epicuristamente. Enquanto escrevo estas linhas, em minha memória revejo as páginas dos

cadernos em que colecionava meus textos, passados a limpo, por sugestão de minha prima Gigi Castro, também escritora. Infelizmente, me desfiz de quase todos eles, mas este gesto naquele momento me foi necessário, para expurgar o que eu não queria publicar e finalmente trazer à luz algo do que vinha desde pequeno fazendo. Enfim! Ecoava em mim a pergunta de minha mãe: “Para que escrever tanto e guardar tudo isso numa gaveta?”

Amor

Quando o silêncio a dois se torna cômodo.

(QUINTANA, 2005, p.260)

Cantei os amores em meus versos, das platônicas paixões às namoradas. Com nossos silêncios e palavras compunha-se a sinfonia dos dias. Minha ampulheta interior gira e a memória me leva de volta uma vez mais às folhas amareladas dos cadernos com dorso de arame. Desta vez, vejo poemas de amor à mão cheia! Quantos amores, quantas paixões, quanto desejo! Tudo virado em versos. As mulheres sempre me fascinaram. Hoje muitas das musas de outrora são amigas minhas, aladas e benquistas. Eu escrevia porque precisava, cabe dizer, lembrando o verso que abre o Vermelho: “Escrevo porque preciso” (Beltrão, 2007, p.15). Assim foi e assim é. Por ser de poesia feito, precisava ousar fazer esta tese-poema.

A propósito, posto que me propus a fazer uma narrativa autobiográfica poética, é oportuno trazer a reflexão de Philippe Lejeune (2008), feita no capítulo Autobiografia e Poesia da obra aqui citada, em que faz a autocrítica à definição de autobiografia por ele anteriormente proposta, em 1975: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2008, p.14).

Em *Le pacte autobiographique*, afirmei – heresia! – que a autobiografia era “em prosa”, o que, em 99% dos casos ela é de fato, mas não certamente de direito. Foi inútil, depois disso, tentar me explicar longamente no mesmo volume (no capítulo intitulado “Michel Leiris. Autobiographie et poésie”) ou voltar ao tema para apaziguar as coisas em 1986, em *Moi Aussi*: as pessoas nos mandam calar o bico usando nossa própria definição (LEJEUNE, 2008, p.86).

Após comentar o fato de uma poetisa, Marguerite Grépon, agradecer a outro poeta, Jean Follain, o prefácio por ele feito para sua obra, mas pedir que suprimisse a palavra “autobiográfico” com a qual caracterizara um aspecto de seu trabalho (o que ele não fez), o autor cita a crítica a ele feita no colóquio Autobiografia e Poesia, realizado em 17 e 18 de novembro de 2000, em Marselha, por Dominique Rabaté, que principiou o debate sobre “O autobiográfico na poesia contemporânea” com a seguinte colocação: “Curiosamente excluída

da definição proposta por Philippe Lejeune em *Le pacte autobiographique* (1975), a poesia de nosso século obriga, entretanto, a pensar nos laços que unem o sujeito da escrita e o sujeito real”. Em seguida, Lejeune (2008, p.88) se interroga: “Eis que de repente a poesia bate à porta da autobiografia e parece se queixar da sua “exclusão”... O que aconteceu? Será que essa palavra feia [refere-se a “autobiografia”] tornou-se uma senha?” Ele próprio responde que não, uma vez que os escritores franceses, mesmo os que contam suas vidas, refutam o termo “autobiografia”. E cita autobiografias feitas em versos, entre elas, *Autobiographie*, de William Cliff, publicada em 1993, e *Une vie ordinaire* (Uma vida comum), de 1967, da autoria de Georges Perros.

Penso que nosso século convida a repensar, não somente os laços entre o sujeito da escrita e o sujeito real, mas entre sua cognição e afetividade, a meu ver amalgamadas, entre prosa e poesia, entre autobiografia e pesquisa, entre arte e ciência. Na leitura que faço e nesta escrita que gero, transito entre esses territórios que ora têm nítidas fronteiras, ora dialogam intimamente, ou seja, interagem, ou melhor, agem conjuntamente. De acordo com o que disse desde as palavras introdutórias (ver 1.2), esta narrativa autobiográfica poética se faz em uma prosa poética, em alguns momentos mais prosaica, em outros literalmente em versos. Aliás, muitas vezes me perguntaram se faria a tese toda em versos. A liberdade de ir e vir é uma das dádivas maiores da pátria da linguagem. Preciso do que aprendi com o movimento das ondas do mar e com a luminosidade esplêndida de minha terra que me inspiram na procura da cadência e das luzes para fazer este estudo. E admito honestamente que muito nos escapa em meio ao que se narra, ou porque a memória negou, ou a palavras não bastaram para dizer, ou porque não é mesmo passível de ser captado ou dito¹⁸. Incorporo a poesia em toda a minha formação e ela não é afeita a se explicitar. Qualquer descuido, ela escapole “de fininho”...

Lejeune (2008) censura nos seguintes termos os próprios críticos de literatura ao proporem “entrevistas” aos criadores e os que fazem a crítica genética, ou seja, a análise de rascunhos dos autores com finalidade de investigar o processo de criação: “Muita gente ronda em torno da poesia para que ela conte sua história e seja obrigada a confessar-se: o próprio poeta por vezes, seus leitores, exegetas frequentemente. Mas a poesia escapa da autobiografia e foge na ponta dos pés” (LEJEUNE, 2008, p.99).

Antes que elas – poesia e autobiografia – me escorreguem entre as linhas, uma vez tendo entremeadado essa reflexão teórica, retornemos ao fio da narrativa... Como disse antes, sempre fiz versos avulsos, em qualquer papel ao alcance da mão. Volto a folhear

¹⁸ Tornarei ao que não é passível de ser dito ao comentar o *antiracontage* (antinarrativa) e o *insu* (insciente), conceitos de Lani-Bayle (2008 e notas de aula).

relembrações. Nos papéis ao léu e nos cadernos em que os passava a limpo, além dos títulos (se havia), ao pé dos poemas anotava a quem o dedicara, a cidade e a data, às vezes algum comentário citando o que se passava (a lua cheia, o sol poente, um aniversário, um feriado, uma tragédia noticiada, um fato inusitado...) e, em alguns casos, o(s) nome(s) de quem mais estava por ali. Não sei para que tanto detalhe no reino da poesia, mas bem me teriam sido úteis neste percurso autobiográfico de formação e busca de autoconhecimento. Pela terceira vez tendo lamentado pelos textos perdidos, reaprimo meu leme e velame recordando Martine Lani-Bayle (1997, p.16, grifos da autora, tradução minha): “Eu lembro – e nunca o farei o suficiente – rechacem suas estéreis nostalgias: trata-se de *remontar* o (e ao) passado, certamente, mas como uma *mola*, para melhor se impulsionar para adiante”¹⁹.

Desde eu miúdo, a poesia foi minha companheira, meu modo de ser, meu jeito de ler o mundo. Costumo falar o que aqui repito: a primeira coisa que soube de mim foi que sou poeta. O mais me foi dado por acréscimo, poderia talvez dizer. Foi o chamado das palavras que me levaria mais tarde às Letras e à Radiofonia. Escrevia e lia poesia como quem entra em si, porque lá fora o mundo era desafio, era desatino, era destino que eu queria cavalgar. Mais tarde um pouco, na puberdade, lia Rainer Maria Rilke (1993) e responderia à sua clássica pergunta para alguém saber se é poeta:

Não existe senão um único meio: mergulhe em si mesmo, busque a razão que lhe ordena que escreva; examine se essa razão estende suas raízes até as mais extremas profundezas de seu coração; responda francamente à questão de saber se estaria condenado a morrer no caso de lhe ser recusado escrever. Antes de qualquer coisa, pergunte-se, na hora mais tranquila de sua noite: é necessário que eu escreva? Cave em si próprio em busca de uma resposta profunda. E se ela for positiva, se você for impelido a responder a essa questão com um possante e simples “eu não posso fazer de outro maneira”, construa então sua existência em função dessa necessidade; até nos mínimos instantes menos significativos, sua vida deve ser o signo e a testemunha dessa impulsão (RILKE, 1993, p.27, tradução minha)²⁰.

Eu não podia, nem posso fazer de outro maneira; eu precisava, sim, e continuo precisando escrever para viver. A cada instante de desespero; a cada lume da esperança. A cada momento de ansiedade e angústia; a cada movimento de alívio, fluidez, flexibilidade e

¹⁹ Acrescentei na tradução uma dupla regência ao verbo “remontar” na tentativa de resgatar dois dos sentidos possíveis em “*remonter*”: “retornar a” (em especial algo acima) e “montar de novo” (o que estava desmontado). *Je rappelle – et ne le ferai jamais assez – chassez vos stériles nostalgies: il s’agit de remonter le passé, certes, mais comme un ressort, pour mieux se propulser vers l’avant.*

²⁰ *Il n’existe qu’un seul moyen : plongez en vous même, recherchez la raison qui vous enjoint d’écrire ; examinez si cette raison étend ses racines jusqu’aux plus extrêmes profondeurs de votre coeur ; répondez franchement à la question de savoir si vous seriez condamné à mourir au cas où il vous serait refusé d’écrire. Avant toute chose, demandez-vous, à l’heure la plus tranquille de votre nuit : est-il nécessaire que j’écrive ? Creusez en vous même en quête d’une réponse profonde. Et si elle devait être positive, si vous étiez fondé à répondre à cette question grave par un puissant et simple “je ne peux pas faire autrement”, construisez alors votre existence en fonction de cette nécessité ; jusque dans ses moindres instants les plus insignifiants, votre vie doit être le signe et le témoin de cette impulsion.*

leveza. Minhas emoções tão intensas, meus sentimentos tão poderosos transbordam os limites de meu coração, transcendem as fronteiras de meu corpo, querem sair pela boca em aladas palavras ditas, querem pousar no papel em benditas palavras escritas.

Quando rememoro essa descoberta primeira acerca de minha natureza e de minha vida, tenho também o hábito de comentar que, como desde cedo entendi que dificilmente ganharia a vida como poeta, quis fazer Letras. Bilíngue e encantado com o reino da palavra, queria escolher algo que me levasse a passar o resto da vida a estudar o que mais gosto de estudar: línguas e literatura. E que me conduzisse a uma profissão em que convivesse com gente. De perto, de alguma maneira quase, digamos, cotidiana.

Na sala de aula ou estudando em casa, bem lembro, os cantos de meus cadernos e as folhas derradeiras eram sempre consagrados aos poemas e desenhos. Enquanto o professor ou a professora falava, nas tradicionais aulas magistrais, eu o desenhava ou fazia versos vindos de vírgulas, parênteses, aspas que em sua fala eu ouvia. Colecionava também nas mágicas margens das páginas citações, provérbios e poemas que me encantavam, uns aprendidos de cor, alguns deles citados nesta tese (às vezes com a peleja de encontrar de novo a fonte). Lembro um dos primeiros que decorei, um provérbio árabe:

Aquele que nada sabe e não sabe que nada sabe é tolo – evita-o.
Aquele que nada sabe, mas sabe que nada sabe é simples – ensina-lhe.
Aquele que sabe e não sabe que sabe dorme – desperta-o.
Aquele que sabe e sabe que sabe é sábio – segue-o.

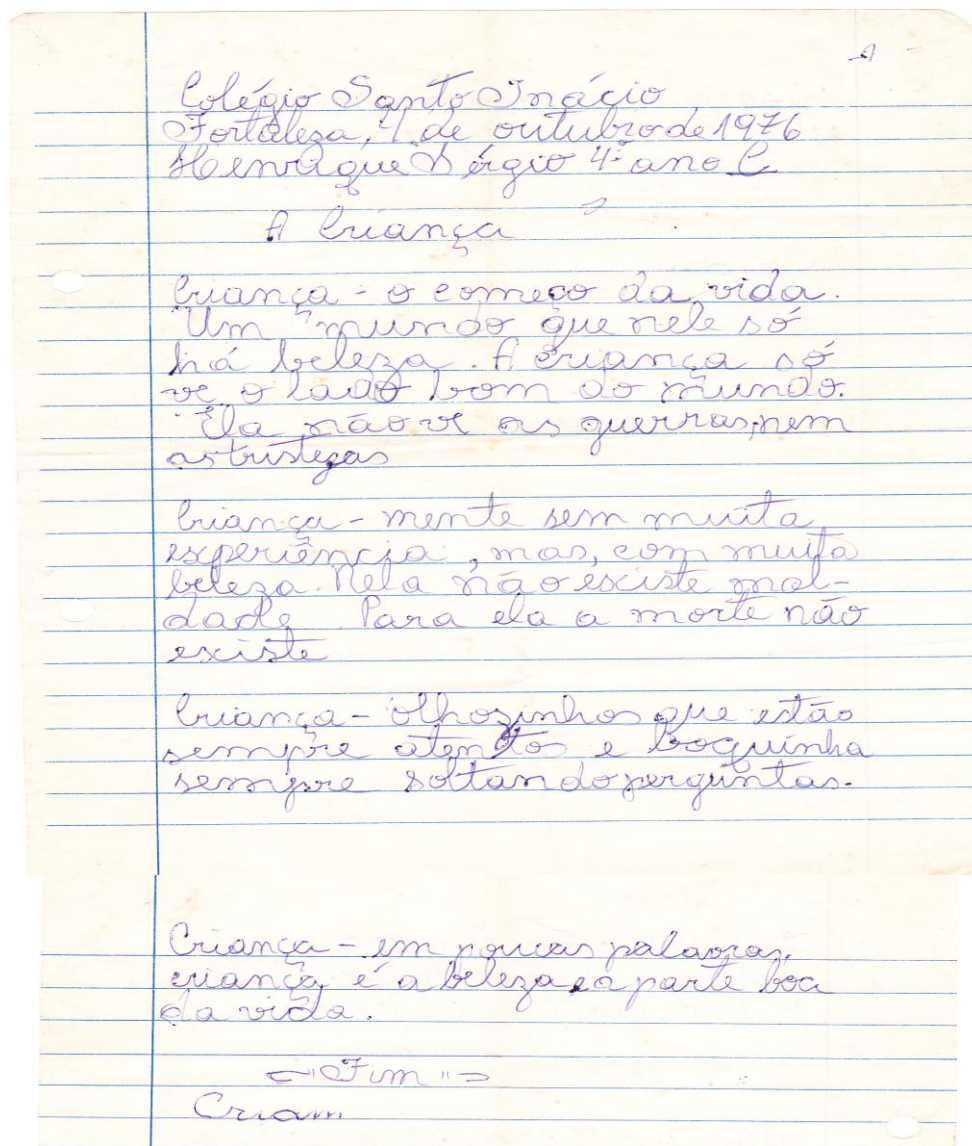
A aula de redação, que para a maioria dos meus colegas virava tormento, era farra para mim. A despeito da repetição dos temas (o dia disso e daquilo, “minhas férias”, os temas clássicos da mídia...), eu me espriava nas linhas, estendendo em palavras o que vestiam meus pensamentos e sentimentos. Lembro que por volta da 2^o ou 3^o ano do ensino primário, hoje fundamental (mas adotei a terminologia da época), com algo entre 7 e 8 anos, fiz um texto falando justamente das tais férias, em parte passadas na casa de praia de meu primo Sérgio Beltrão Mafra, bem mais velho que eu, com Sílvia e Gabriela, suas filhas, imerso em aventuras nas dunas e nas histórias em quadrinhos. Consigo lembrar do desenho que fiz de um banho bem tomado, de bichos que havia ali, da carreira que um bode me deu, fazendo-me atravessar uma moita de urtigas. Ai! Mas o que marca mais é a boa lembrança dos comentários elogiosos de meus pais sobre o texto: a linguagem e os detalhes. Mamãe queria mostrar a todo o mundo – e eu, pasmem!, era tímido quando garoto. Dizendo isso hoje, no ar ou no palco, acho que custa crer.

Outro marco, este fundamental, no sentido mesmo de plantar os fundamentos da minha relação com a palavra, posto que um dos mais antigos de que me recordo e o primeiro de que tenho o registro, é uma “redação” em forma de poesia, *A Criança*, resposta à proposta de escrever sobre o dia a ela dedicado, feita no 4^o ano, datada de 4 de outubro de 1976, até então com 9 anos de idade. (Faço aniversário em novembro, então, se feitas as contas, passo a maior parte do ano ainda com um ano a menos, enganando os números com minhas letras). Seria Amália o nome da professora? Não estou seguro, mas até hoje posso sentir a emoção de encontrar, afixado no flanelógrafo da entrada do colégio, meu texto. Professora, agradeço à senhora, seja quem for, esteja onde esteja, pelo deleite de ter me deparado com o meu poema exposto e pelo prazeroso desafio de eu ter naquele dia lido aquelas palavras diante de todos. O tímido descobria o outro lado, o do contato com o público.

Pauta-se na repetição de “Criança” no começo de cada trecho. A letra é bem desenhada, embora ainda de menino – isso graças à cuidadosa orientação de minha mãe e aos exercícios de caligrafia acompanhados por ela, que tinha uma letra belíssima. Reconheço especialmente nas maiúsculas, sobretudo no “H”, no “F” e no “I”, o esmero com que ela me motivou a me dedicar literalmente às letras.

É importante destacar que eu não havia ainda encontrado este e outros textos meus quando comecei esta pesquisa autobiográfica. Deparar-me com esta folhinha amarelada, perfurada para encaixar em um colecionador, perceber os detalhes do cabeçalho e a letra que tinha foi uma emoção que me tomou por inteiro, uma outra espécie de transe poético, que não me levou à escrita, mas à leitura de mim. Lejeune (2008, p.101) diz que, segundo Michel Leiris, a ênfase a ser dada na narrativa de si cabe “não às próprias lembranças, mas à sua busca. O que deve ficar em primeiro plano não é a emoção antiga que busco reconstituir, mas a emoção presente que sinto ao empreender esta busca”. Embora concorde com a prioridade para o que agora sinto, permito-me considerar que em um estudo sobre as experiências afetivas formadoras a relevância do que senti avizinha-se muitíssimo da que atribuo ao que ora me emociona.

Imagem 1: Redação A Criança



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao reler várias e muito diversas vezes esta redação, revi o que vivi, recordei o que pensava, repensei o que sentia. Ao mesmo tempo, deixei-me inundar pelo que nestes instantes veio à flor da pele e da alma. E esses sentimentos e emoções, de agora e de outrora, falariam alto ao reler ao longo deste estudo outros escritos meus e de meus pais, a maioria dos quais não alcancei colocar aqui.

Note-se o valor documental desse texto em que constam a cidade, a data, meu nome, o ano que cursava. Para uma pesquisa autobiográfica, essas precisões são, por razões óbvias, proeminentes. A primeira informação é o nome da escola. Estudava em um colégio católico, cujo proselitismo me afastou dos rituais dessa igreja. Impor que alguém se confesse ou assista à missa são atitudes absurdas. Mas pior talvez seja condenar alguém por atos, pensamentos,

palavras e omissões. Ou seja, não há como não pecar. Ora, deviam acrescentar logo em seu *Mea culpa* os sentimentos, que aliás são também mais que policiados no contexto eclesiástico.

Os outros detalhes, que merecem mais destaque, são o lugar, a data e o ano que fazia, uma vez que isso situa o texto, contextualizando a ele e a mim em minha busca. O nome também me desperta a atenção. Adotava Henrique Sérgio, a maneira como minha mãe me chamava – em geral na hora de dar um cartão ou em ocasiões solenes, para me apresentar às amigas, com todo orgulho, me pedindo para tirar os óculos a fim de mostrar os olhos expressivos e os longos cílios. Eu ficava tão encabulado! Atendia para agradá-la. Hoje, seria um prazer lhe dar esse gosto. Mais tarde, ao entrar na Escola Técnica, adotei Henrique Beltrão. Identifico-me ao ser chamado somente por esse nome ou somente pelo sobrenome, mas preferi não usar Sérgio porque alguém o poderia empregar isoladamente, o que me soa estranho. Na França, invariavelmente, à exceção dos amigos, me chamam de Monsieur Castro (pronuncia-se Castrô por lá), o que me recorda os relatos de meu pai sobre sua vivência naquele país. Essa escolha se consolidou quando cheguei à Rádio Universitária, em 1996, e ao publicar o Vermelho, assumindo uma atuação pública como poeta, um poeta que canta. Tanto na Radiofonia quanto na Literatura, no mais das vezes, usam-se dois nomes. Estava descartado escolher o nome completo: Henrique Sérgio Beltrão de Castro.

Cada parágrafo principia, como comentei, com “Criança”. No primeiro movimento, uma rima entre “beleza” e “tristezas”, dois substantivos, eu sequer sabia ainda que rimas ricas se dão entre palavras de classes gramaticais distintas. Mas a presença dela ali anuncia a intenção do ritmo e da harmonia entre os sons. No segundo, uma repetição, a da palavra “beleza” justamente, me aponta a fluidez descuidada do dizer o que vinha à baila, sem muita revisão. Os diminutivos dialogam no terceiro movimento, entre “boquinha” e “olhozinhos” (mais alongado, em vez de “olhinhos”). A “beleza” volta ainda no final, desde então a estética me ocupava linhas, olhares e ouvires, coração. O esquecimento de um acento, em “vê”, me revela naquele momento tão longe do perfeccionismo de depois. A forma, neste caso, não é o que mais me interessa, mas a temática, a idealização, o desejo de passar uma bela mensagem, a perspectiva de mudança e crescimento nas perguntas sempre prontas a acontecer.

E todo esse esforço de análise me traz outras memórias, outras emoções de antes que reconstituo quase com a mesma relevância da emoção que nesta busca sinto: isso me faz lembrar o avesso do marco! Se aquele momento me dizia da poesia que em mim havia, dois anos depois, na 6^ª série, vencida a descoberta do 1^º grau maior (a virada da 5^a série, que me levava para o outro lado do colégio, o “lado dos grandes”), eu tive uma vez mais, devido à tradição dos professores na proposição de temas, de escrever sobre o dia da criança. Catei na

memória aquele texto e arremedei-o ali. E minhas palavrinhas fizeram de novo sucesso aos olhos do professor – ou seria professora? Desta feita, contudo, um desafio abissal, um abismo delirante: ao subir ao estrado (de meu cotidiano amanhã), li com voz empostada: “*A Criança*, Henrique Sérgio Beltrão de Castro”. E ganhei a minha primeira estrondosa e desestabilizante vaia. Meus colegas capricharam no escárnio e – vale acrescentar – na inveja. Valei-me, Píndaro, o poeta que cedo me segredou em francês: “*mieux vaut faire envie que pitié*” – “melhor fazer inveja do que pena”. Valei-me, Sócrates, o filósofo que depois me soprou: “é melhor sofrer uma injustiça do que praticá-la”! O suor veio em fios pelo corpo inteiro. E sustentar cada sílaba no palato, entre dentes e língua, foi esforço de titã. Chorei um bocado depois disso, mas um choro confuso, entre gozo e dor. Sentia que a poesia me chamava; sabia que aquilo de fazer versos, falar francês, ser sensível era para meus colegas intrigante, motivo de chacota, estranhamento, mas era e sou eu.

Depois, em 1981, aos 14 anos ainda, outro texto marcaria meu caminho de formação: *Ecos de voz cansada*, texto de uma poética engajada, com o qual ganhei o primeiro lugar em um concurso de poesia do colégio. Nele se encontra, em uma atmosfera de protesto e de apelo, o convite a ter a coragem de fazer ecoar a voz de quem se vai, uma voz que clama em nome do amor, da justiça e da valorização do ser humano. Em versos livres e brancos, eu arriscava fazer coro com os descontentes, com os excluídos e com os censurados. Sabia da ditadura militar, e precisava de expressar minha indignação, mesmo sem, àquela altura, lhe compreender o alcance, sem saber a que extremos chegavam a censura à liberdade de expressão, a perseguição e a tortura dos opositores, a repressão aos movimentos populares.

O texto principia com a morte do sujeito, expressa em primeira pessoa. Logo em seguida, vem a imagem de que o eco (ou a ideia) sobrevive à morte da voz (ou de quem a tinha). Segue-se a exortação para que, em vez de velar pelo corpo e chorar pela morte, se arrisquem a repetir o grito de protesto, a exigir que o ser humano se torne essencial, que a fome seja superada, que a luta seja perpetuada até que o eco da voz se torne eterno e ensine os “meio-homens” a dizerem que amam.

Lembro do receio de haver proposto um tema assim em um colégio tão conservador. Mas recordo também da alegria de ter recebido o prêmio. Sempre fui e continuo avesso a competir, a mim era e continua sendo bizarro que se comparem obras artísticas para dizer qual a melhor. Mas reconheço que os concursos literários, os festivais de música e manifestações similares no âmbito de outras artes motivam os artistas e dão visibilidade e audiência ao que fazem.

Imagem 2: Poema Ecos de Voz Cansada²¹

"Aprender de voz": — Henrique Sérgio
 Ecos de Voz Cansada

Eu morro neste instante,
 Eu morro nestas palavras.
 Mas o eco da minha voz — uma voz morta —
 Não morre agora;
 Pois a voz morre, o eco insiste.
 Quim, eu não morro neste instante,
 Nem morro nestas palavras;
 Já quando o eco findar-se,
 Então estarei morto com as minhas
 palavras.

Então, não chorem minha morte,
 Não vejam meu corpo;
 Mas apacem a luz
 E tentem entender o eco meu,
 Tentem não calar meu grito,
 E quaisquer repeti-lo.
 Porque enquanto a pena
 Não tornar a ser o essencial outra vez,
 Enquanto gente não for gente outra vez,
 Enquanto não mudar,
 Nenhum de vocês poderá se sentir bem
 No seu silêncio.
 Enquanto houver fome, haverá boca para gritar.
 Gritem comigo — e por mim
 Quando eu já não puder.
 Continuem gritando
 E eu não terei morrido nem sido calado.
 E assim farão de meu eco
 Um eco eterno;
 E ensinarão a estes meios-homens
 A dizer "eu te amo".

As supressões —
 PRIMEIRO PRÊMIO NOTÁVEL EM 1981:
 Colégio Santo Inácio, SEMANA INACIANA,
 CURSIVA 1º ANO C, era aluno de Ana Célia e descobria a Vica. Primeiro lugar: uma máquina
 DE ESCRIVER REMINGTON.

Fonte: Arquivo pessoal.

O prêmio: uma máquina de escrever (Remington, conforme anotação detalhista ao pé do poema) – com a qual viria a ter significativo convívio. Meus pais datilografavam bem, tão bem que a cadência das teclas, o tilintar do sinal de que se aproximava o fim da linha e o som do deslocamento para a seguinte, acionado por uma manivela – tudo isso era musical para mim. Bons datilógrafos têm ritmo. E senso estético.

²¹ A lápis, no rodapé: “Primeiro prêmio notável, em 1981: Colégio Santo Inácio, Semana Inaciana. cursava o 1º ano C, era aluno de Ana Célia e descobria a Vica. Primeiro lugar: uma máquina de escrever Remington.”

Naquela época, fazer datilografia²² era essencial na formação não somente de quem queria continuar os estudos em nível universitário, mas para o exercício de diversas profissões. Em alguns casos, era prova de concurso. Pois comecei a aprender com Íris Araújo, com quem namorava aos 15 anos, filha de professora de datilografia, o que ela mesma passara a lecionar, à moda antiga, com uma espécie de tamborete de madeira impedindo o aprendiz de ver suas mãos sobre o teclado. Era mágico poder enfim manusear com habilidade a imponente máquina de escrever de meus pais, onde eles já tinham deixado me aventurar “catando milho”, ou seja, movendo as teclas com os indicadores somente – exemplo da abertura deles a meu contato com tudo que pudesse enriquecer minha formação, da máquina de escrever à “radiola” (aparelho em que se conjugam o rádio e o toca-discos), dos lápis de cor ao violão, passando pelos discos (em vinil) e livros da família, alguns desses tesouros seriam depois presentes deles para mim. Quanto à minha máquina, portátil, me acompanharia em vários estudos de equipe na casa de meus colegas, principalmente com Paulo César Silva Peixoto, o maior companheiro do colégio, exímio desenhista, que ilustrava a capa e o miolo dos trabalhos enquanto eu elaborava os textos, e me ensinava a arte de desenhar, as minúcias e mistérios do *crayon*: perspectiva, luz e sombra, a diversidade de lápis e dimensões do grafite, na arte de desenhar. Nesta linha pousa minha saudosa lembrança, amigo.

Escolher a grafia *crayon* em vez de *creiom* me remete à minha língua “paterna” (porque com meu pai aprendida), cabe dizer das minhas primeiras e fundamentais francófonas horas. Elas também são essência deste poeta em constante mutação. Mais tarde, ser francófono me abriria outros tesouros: leria no original os mestres Molière, Ronsard, Prévert... Entre a divulgação pública da primeira redação e a vaia dada perante a leitura da segunda, comecei a estudar francês. Na 5ª série, aos 10 anos meus, na aula de estreia, a primeira no “lado dos grandes”, o professor César, com seu volumoso bigode e o cabelo em desalinho, acabara de entrar em sala para distribuir em meio à gente, de um em um: “*Bonjour, Monsieur!*” E todos foram respondendo: “*Bonjour, Monsieur!*” Ao chegar a uma colega minha, disse: “*Bonjour, Mademoiselle!*” E em resposta ouviu: “*Bonjour, Mademoiselle!*” Risadaria geral! Há tanto fato simples que fica; com tudo é preciso cuidado quando a gente se arrisca a recompor sua história de vida. Comecei a falar francês rindo!

Lembro do livro adotado no colégio, dos exercícios, tudo tão precarizinho, acho hoje, mas tão fundamental, no sentido mesmo de ter lançado os fundamentos para que meu pai

²² Outras tecnologias, com o vertiginoso avanço dos anos mais recentes, ganharam o cotidiano de muita gente, o ambiente educacional escolar e diversos contextos formativos, ampliando inclusive o leque de possibilidades de aprendizagem e interação à distância ou de formação autodidática. Confesso que saber digitar com os dez dedos é para mim até hoje habilidade que me dá prazer – e noto que as novas gerações usam os indicadores somente.

percebesse que o mesmo amor às línguas (materna e estrangeiras) que ele nutria (e antes dele, o meu avô) me habitava. No ano seguinte, em 1978, com 11 anos, ainda precisando de que ele me fosse buscar, ali estava eu na Aliança Francesa de Fortaleza²³, em sua sede primeira, no centro da cidade, atrás da Igreja do Carmo, na rua Major Facundo, a mesma em que havia a pensão onde meu pai morara ao vir do interior. (Em 1979, me iniciava também em inglês, mais tarde em espanhol.) Novos amigos, novos amores, sim, mas sobretudo nova amante encontrara: a língua francesa.

Meu pai me acompanhando na volta, conversando em francês, me perguntando sobre o que aprendera, com leveza me levando mais longe – muito mais eu teria a dizer sobre isso... Desde pequeno, infinitas vezes meu pai me acompanhou até os dicionários para pesquisarmos termos e expressões em língua portuguesa ou francesa. Alguns desses dicionários eram enciclopédicos, neles buscávamos juntos também detalhes sobre personagens ou fatos históricos. Essa intimidade com os livros e com meu pai propicia diversas experiências afetivas formadoras. Sentia prazer em sua companhia e em seu deleite com as descobertas compartilhadas. Ali plantara ele em mim o fascínio pela busca, pela descoberta; ele despertara o misterioso encanto de entrar no ventre das palavras, remexer-lhes as entranhas: etimologia, pronúncia, ortografia, morfologia, emprego, campo semântico... *Merci, mon père!*

Muito mais poderia também contar sobre o novo ambiente, do pátio às salas da Aliança Francesa, passando pela biblioteca, claro. Estava descobrindo outro mundo, outro idioma, outra cultura e pessoas de outras idades. Não havia cursos para crianças. Eu estudava com adolescentes e adultos, surpreendendo-os pela fluência e pela acurada compreensão auditiva, pelo menos é o que me disse meu primeiro professor na Aliança, João Sales, com quem conviveria depois como colega na Escola Técnica Federal do Ceará (hoje, IFCE).

Era usado na época o manual *La France en Direct*, mais conhecido pelo nome do autor, Capelle, bem estruturalista. Mas, eu sequer sabia o que era estruturalismo²⁴, naquela idade pouco me importava suas contribuições e limitações, eu mergulhava fundo. Ouvia e lia tudo. E sobretudo os corredores, o pátio, a biblioteca, os encontros com aquela gente esquisita, que me acolhia bem melhor que os meus perversos coleguinhas da escola. O quase

²³ A Aliança Francesa, associação de utilidade pública, criada em 1883 em Paris por um comitê composto por pessoas como Louis Pasteur e Jules Verne, cujo objetivo primordial é a difusão da língua e da cultura francesa fora da França, chegou ao Brasil em 1885, dois anos apenas após sua fundação, e estabeleceu sede em Fortaleza em 1943. As associações locais gozam de autonomia, mas têm relação com a matriz. São responsáveis pela realização de exames de proficiência reconhecidos pelo Ministério da Educação da França (www.alliancefr.org e www.aliancafrancesabrasil.com.br).

²⁴ Estudos linguísticos do início do século XX que se pautavam no pressuposto metodológico de que a ciência da linguagem (bem como as demais) deve se apoiar no exame rigoroso do maior número de fatos a fim de fundamentar proposições e generalizações que conduzam à descoberta da estrutura.

ex-tímido começava a descobrir o prazer de ser o centro das atenções. Espécime raro, entendi rapidinho que conseguia compreender as gravações e incorporar não somente “estruturas”, mas também vocabulário e pronúncia coloquiais, gestos, expressões faciais, tudo que via e ouvia dos francófonos, com deleite e sem grande esforço, bem mais rápido que a maioria. Algumas regras me escapavam nas explicações, a que assistia atento, mas bem funcionavam nas aplicações. Guiava-me pelo meu ouvido. Muito se fala de ouvido musical, o meu é linguístico. Ou diria melhor, tenho ouvido poético: guiava-me e ainda hoje me guio pelo meu poético ouvir.

Fiz ao todo sete anos de formação na Aliança Francesa. No terceiro ano, conheci Ticiane Telles Melo, que se tornaria minha amiga-irmã e que, com sua escolha por Letras, influenciaria a minha, sem o saber. Compartilhávamos dúvidas e descobertas, medos e alegrias, assim como vários *commentaires composés* (exercício muito adotado, boa lição de escrita bem cartesiana). Depois do curso básico, de três anos, de 1978 a 1980, em que já rabiscava versos *en français*, fiz a preparação para o CEPAL (*Certificat d'études pratiques de l'Alliance Française*) durante 1981, com 14 anos. Desde o curso básico, me ocorrera estudar com professores franceses, o que continuaria durante o curso avançado Nancy, de 1982 a 1984, equivalente à formação inicial em Letras na universidade francesa. Cursei o último ano já como estudante de Letras: Português-Francês na UFC, onde tive outros grandes mestres da arte da palavra, tanto escritores, quanto linguistas: Moreira Campos, Rogério Bessa, Graça Teixeira...

No meu percurso de aprendizagem linguística, é relevante a contribuição dos educadores, franceses e brasileiros francófonos, que me motivaram a exercitar a organização do pensamento e do discurso escrito e falado de maneira cartesianamente clara, concatenada, coesa e coerente: Monsieur Olombel e Eneida Campos na Aliança Francesa, Conceição Moreira no curso de Letras da UFC. Esta é uma das marcantes experiências afetivas formadoras deste poeta. Dominar as regras da gramática não era então suficiente, descobria eu. O desafio e o deleite de conseguir me expressar bem, dentro daqueles parâmetros tão formais, me traziam medo e depois alegria. Quintana²⁵ diz, em resposta a um poeta neófito, que para bem fazer versos livres e brancos, é preciso saber compor um perfeito soneto.

²⁵ Eu tive a vantagem de nascer numa época em que só se podia poetar dentro dos moldes clássicos. Era preciso ajustar as palavras naqueles moldes, obedecer àquelas rimas. Uma bela ginástica, meu poeta, que muitos de hoje acham ingenuamente desnecessária. Mas, da mesma forma que a gente primeiro aprendia nos cadernos de caligrafia para depois, com o tempo, adquirir uma letra própria, espelho grafológico da sua individualidade, eu na verdade te digo que só tem capacidade e moral para criar um ritmo livre quem for capaz de escrever um soneto clássico (QUINTANA, 1983, p.138-139).

Os desenhos e as palavras ali também me acompanhavam tão bem, nas salas e no pátio da Aliança e do curso de inglês. As moças ficaram mais lindas, maiores que as que eu via no colégio, menos distantes, achando-me uma gracinha, eu achando engraçado o jeito maroto de a vida mudar, ora pra pior, ora pra melhorar. Não tardou o coração a me armar seu alçapão: eu descobri que, se as meninas da escola não queriam aquele encabulado de óculos, as mulheres mais velhas dos cursos de línguas achavam tão simplesmente engraçado que me apaixonasse por elas. E de tudo isso versos se faziam, enfeitando meus dias, servindo de boia e até ilha em meio aos meus naufrágios e buscas de tesouros palpáveis e impalpáveis. De uma delas, “leve um fora” poético, que nunca esqueci, o único, por sua insólita e poética natureza, que foi belo. Ela que tanto me ouvia, com tanto carinho, fizera inocentemente que eu confundisse aquela atitude acolhedora com uma recíproca à minha paixão. Daquela convivência guardei a lembrança da sua beleza, da sua ternura, e do texto com que de mim se despedira, *Ausência*, de Vinicius de Moraes (1980, p.99). A aprendizagem do amor é essencial para o coração do poeta, que bem queria traduzir em palavras o que a essência do amor nos faz, nós todos, aprender. E nesta aprendizagem, a ruptura virada em versos me ensinava preciosa lição: tudo pode se tornar poesia. São muitos os afetos que cantam no coração de um só peito.

Ausência

Eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces
 Porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto.
 No entanto a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida
 E eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz.
 Não te quero ter porque em meu ser tudo estaria terminado
 Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados
 Para que eu possa levar uma gota de orvalho nesta terra amaldiçoada
 Que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado.
 Eu deixarei... tu irás e encostarás a tua face em outra face
 Teus dedos enlaçarão outros dedos e tu desabrocharás para a madrugada
 Mas tu não saberás que quem te colheu fui eu, porque eu fui o grande íntimo da noite
 Porque eu encostei minha face na face da noite e ouvi a tua fala amorosa
 Porque meus dedos enlaçaram os dedos da névoa suspensos no espaço
 E eu trouxe até mim a misteriosa essência do teu abandono desordenado.
 Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos
 Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir
 E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas
 Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada.

(MORAES,1980, p.99)

São tão longos quanto ínfimos passado e futuro se pousa no presente a voz da poesia, fazendo serena festa...

Nos primeiros anos meus de estudo na Aliança Francesa, no final da década de 1970, Fortaleza era mais pacata. Os jovens se reuniam nas calçadas para conversar, namorar, contar piadas, cantar, tocar violão, dizer seus poemas. O tempo parecia se dilatar e passar mais devagar. A gente caminhava até a Ponte Metálica, na Praia de Iracema, para ver o sol se pôr. À noite, voltava da casa de meus familiares e amigos a pé, às vezes com o violão, por exemplo do limiar do Centro até à Aldeota, e preferia as ruas secundárias às avenidas, porque eram mais serenas. Digo isso porque a cidade (em) que vivemos também nos forma. “Podemos afirmar que nós somos formados pelas experiências de vida nos lugares e na relação com estes, pelos contatos com as pessoas, pelos eventos e pela afetividade que marcam o vivido nas experiências” (FERREIRA, 2011, P. 75). Conforme esta autora e outros que estudam o tema, um espaço – ao ganhar significado para quem com ele se relaciona – transforma-se em um “lugar” e é também formador de nossa identidade.

Naquela Fortaleza da delicadeza, mais tranquila, eu começava a frequentar a turma da Poranga, nome então dado à travessa Moisés Ferreira, onde fica a casa primeira da minha família paterna, vinda de Cascavel para Fortaleza: os Castro. Quando meu pai, José Franácio de Castro, veio do interior aos 14 anos, pioneiramente, morou em uma pensão na Rua Major Facundo, 590. Depois foi comprada essa casa, pela qual todos nós, dos Castro, passamos. Aos poucos, todos vieram para esta capital à beira-mar, meus avós, meus tios e tias. Em seguida, muitos dos meus tios migraram pra São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda hoje, ali residem minha querida tia Inês e minha prima e tia diletas: Laquinha e tia Esmeralda. Naquela ruazinha, nos reuníamos, minhas primas Marilac (Laquinha), Gigi e Giselle com alguns bons amigos, para tocar violão, cantar, conversar sobre literatura, contar piada, questionar a sociedade – éramos a turma da Poranga. Com Gigi e Giselle, soltei as primeiras vezes a voz, mostrei as primeiras canções (mal) tocadas ao violão, persegui a tonalidade correta – com o diapasão da escuta acolhedora e respeitosa delas, ainda que eu atravessasse o tempo ou desafinasse. Lembro da Giselle rindo, uma festa! E cantando...

Sua voz quando ela canta
me lembra um pássaro mas
não um pássaro cantando:
lembra um pássaro voando

(GULLAR, 1980, p.179)

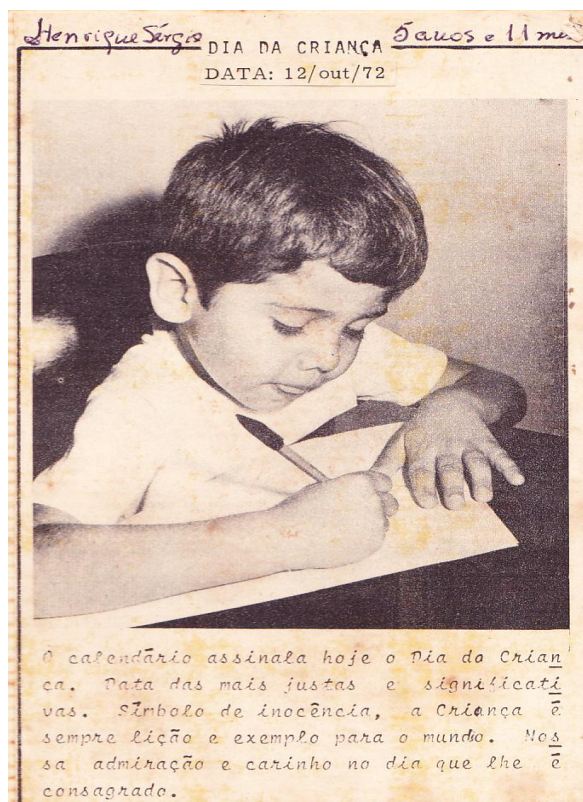
Papai era o homem mais velho entre os irmãos, por isso fora o primeiro da família a vir estudar na capital, no começo e brevemente no Seminário da Prainha²⁶, onde se iniciou em latim; largou este projeto de formação, em verdade do meu avô Francisco Inácio, que sonhava com os filhos, padres e as filhas, freiras. Continuou em seguida seus estudos no Colégio Castelo; cursou Direito na UFC; aprendeu, lecionou e ganhou algum dinheiro com taquigrafia²⁷, transcrevendo as aulas dos professores em uma época em que os livros eram mais raros. A taquigrafia, na verdade, abriu-lhe as portas do mundo do trabalho, primeiro na Câmara Municipal de Fortaleza, depois no Banco do Nordeste. Sua relação com esses sinais me fascinava. Como podia anotar o que era dito no ritmo da fala? Eu sonhava (e sonho) aprender, para captar no ar e pousar no papel as palavras de alguns artistas e mestres que admiro.

Meu pai sempre taquigrafava lembretes, ideias, citações que ouvia, referências que lhe interessassem, pelo gosto de praticar. Meu pai estava aprendendo a fluir quando decidiu estudar e praticar a taquigrafia. No percurso dos taquigramas, tem de relevar detalhes que não são taquigrafados. O taquígrafo não precisa registrar gaguejos, mas as palavras que traduzem a essência do que está sendo dito. Acredito que esta prática tenha influenciado sua caligrafia, fluida, simples, tão distinta da caligrafia bela e rebuscada de minha mãe. Encantavam-me também os diversos lápis, cujas pontas fazia com um estilete – e muita habilidade. Com eles, desenhei ou fiz versos, sentado ao lado dele, em sua mesa de trabalho, em casa ou no escritório do ETENE²⁸, setor do Banco do Nordeste (BNB) em que atuava, situado na Galeria Pedro Borges, onde eu ficava horas imerso nos desenhos ou rabiscando versos enquanto minha mãe fazia compras no centro da cidade, retornando para me buscar na hora de voltar pra casa, mas não sem antes passar no Leão do Sul, na Praça do Ferreira, para merendar um caldo de cana com pastel. Daquelas tardes, uma fotografia publicada no informativo do BNB ficou de lembrança. No recorte a seguir reproduzido se vê anotação com a letra de minha mãe.

²⁶ Naquela época a educação não era ofertada para todos, como se propõe hoje (a despeito da qualidade a aprimorar, sobretudo no que concerne a formação e a valorização dos professores). Isso começou a partir da década de 1960, com o crescimento industrial e a necessidade de mão-de-obra minimamente capacitada. A educação formava os filhos da elite. Uma das formas para os outros jovens terem acesso à educação era vindo morar em casa de parentes com um melhor *status* social ou entrando em seminários, para formação como padres e freiras.

²⁷ Escrita simplificada e abreviada que emprega sinais (taquigramas) que permitem anotar o que é dito na mesma rapidez com que se fala. Também se chama estenografia.

²⁸ ETENE: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste do BNB. O trabalho de meu pai exigia que lesse, escrevesse e viajasse muito.

Imagem 3: Henrique desenhando

Fonte: Arquivo pessoal.

Meu pai estudou inglês, espanhol, latim e francês. Teve também noções de italiano e alemão, meu poliglota silencioso – o mestre da simplicidade. Discreto, tímido, sempre disse ser homem dos bastidores, não da ribalta. Mas quis a vida que fosse ele diversas vezes orador, o provedor de sua família de origem, depois grande patriarca da nossa. Sua palavra e seu silêncio sempre muito diziam e ainda dizem: “O homem tem a obrigação de semear belezas”. Ele me soprou e – repetiu – esse verso recentemente, em um período em que quase não conseguia articular as palavras e ainda se recuperava de um momento pior, durante o qual estive no limiar entre esta e uma dimensão mais sutil, em profundo luto pela desencarnação de minha mãe. Pronunciado durante uma das diárias visitas de João Macedo, seu médico, que também de minha mãe cuidara, aquele verso me devolveu a esperança de o ver recuperado. Com efeito, após meses de tratamento, sua melhora viria a surpreender os médicos e familiares. Este fato se encontra entre uma das mais possantes experiências afetivas que vivenciei durante este percurso de formação. Quando fazia o doutorado sanduíche, retornei duas vezes de Nantes para Fortaleza, a fim de cuidar de meu pai, em novembro e em dezembro de 2010. Havia perdido minha mãe em setembro e temia que ele também partisse.

Pela rede de computadores, vira a que ponto ele chegara. Com seu mote, fizemos um poema, meu pai e eu.

Decência e boniteza: poema a quatro mãos

Na pátria dos afetos, moram alegrias e tristezas.
O rio corre?, não corre, flui – e flui no seu curso.
Corpalma canta, no vento um verso avulso.
“O homem tem a obrigação de semear belezas.”

A boca vive talvez entre sim e não,
A gente oscila entre certeza e incerteza.
“A boca fala do que está cheio o coração.”²⁹
“O homem tem a obrigação de semear belezas.”

A vida passa?, não passa, muda – e muda com a morte.
Deus nos dê Amor e Fé e a fortuna da boa sorte.
O vivente aproveite o ritual, da boa cama à boa mesa.
“O homem tem a obrigação de semear belezas.”

Na lida com a palavra, a *palavramundo* lida, Professor meu.
No silêncio desta linha, meu caminho encontra com o seu.
Para servir versos, bom tempero, tesão e destreza.
“O homem tem a obrigação de semear belezas.”

“Ninguém resiste à bondade”³⁰, caminho de luz da pureza.
A gente nunca sabe aonde vão dar nossos gestos de gentileza.
Paciência com o tempo, alcançar a imensidão passa pelas miudezas...
“O homem tem a obrigação de semear belezas.”

O poliglota silencioso é mestre: ensina sem falar.
Homem dos bastidores reina deixando a ribalta para a princesa.
A palavra sua paira para sempre no ar.
“O homem tem a obrigação de semear belezas.”

Este poema semeado pela última flor do Lácio
brota da minha pena e da alegria de José Franácio:
simplicidade e sabedoria e decência e boniteza.
“O homem tem a obrigação de semear belezas.”

(Henrique S.B. de Castro e José Franácio de Castro)

Mas voltemos à época em que fui adolescente. Outros preciosos detalhes deste período não são somente de beleza feitos. Conforme já disse, comecei a estudar a língua francesa em 1977, no ano seguinte entrei na Aliança Francesa e, no posterior, iniciei os estudos de inglês. Na Poranga, na Aliança, no curso de inglês, convivia com gente mais velha que eu – precoce, em alguns casos era acolhido com carinho, em muitos outros sofria com o preconceito de idade. Nesses sinuosos convívios, descobria outro mundo, via diferente tudo ao meu redor, questionava com essas pessoas o que estava posto: uma sociedade em mutação, com o povo

²⁹ Citação bíblica: Mt. 12, 34.

³⁰ Palavras de sabedoria de Luzia de Freitas Martins Ferreira, *ma belle-mère*.

brasileiro explorado, oprimido e silenciado – era então uma das mais cruéis fases da ditadura militar no Brasil. Ao fazer os estudos secundários, encontrei professores meus com as marcas da tortura pelo corpo e na alma. Assumi no derradeiro ano desse período a liderança estudantil de minha sala, mero ensaio para o que havia de vir. Minha timidez sucumbia diante do apelo da indignação com a realidade ditatorial que começava a desvelar: uma raiva justa, diria Paulo Freire.

Ao entrar na UFC, em 1984, o ANDES, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, era fundado em fecunda efervescência política. Comecei a militar no movimento estudantil universitário. Entrei em contato com os grupos políticos de esquerda atuantes nos centros acadêmicos e no Diretório Central dos Estudantes. Fui presidente do Centro Acadêmico Patativa do Assaré, preconizando uma postura independente dos partidos e o convívio das diferentes tendências no bojo da entidade que nos representava e que devia, sim, enfrentar o despotismo camuflado do novo modelo político que se implantava, também opressor. Tinha ao meu lado Eudenio Bezerra da Silva, companheiro de muitas peijas, forte influência em minha aprendizagem política. Vivenciei confrontos com a polícia, fugíamos para dentro do *campus*. Em meio às passeatas, deitávamos no chão na esperança de, em bloco, escapar aos cassetetes quase tardios que ainda brandiam sua truculência naqueles anos. Naquele momento, eclodiu uma grande greve! A única que fez a UFC suspender um semestre letivo. Descobri que ainda havia gente na clandestinidade, que alguns professores eram perseguidos, outros eram informantes do aparelho repressor. Os dados me espantavam! Como podia tanta gente ter desaparecido, ter sido torturada, ter sido exilada? A anistia era para todos, então, inclusive para quem cometera os bárbaros crimes contra o povo brasileiro?

Muito mais aqui poderia dizer sobre minha formação política, neste trecho do texto da tese, mas contento-me em dizer que minha vida toda é pautada no que aprendi e no que acredito no âmbito da ética e da convivência justa entre os homens. Voltemos aos dias de preparação para o vestibular, que comigo cedo começaram. Na adolescência, devido aos conflitos com minha mãe, de temperamento intenso como o meu, papai me convidou a ir com ele ao trabalho a partir do então 1º ano científico (início do hoje ensino médio). Estudava eu as tardes inteiras em sua sala no Benfica, de frente para a reitoria da UFC, onde eu veria ser gerada e nascer a Rádio Universitária FM. Entretanto, sobre rádio falarei em outro capítulo, bem “antenado”.

Foi mais difícil fazer meus pais, sobretudo mamãe, aceitar minha escolha de fazer Letras do que a escolha em si. Paquerei com a Psicologia, paixão platônica ainda hoje... Mas achava que não poderia me relacionar no cotidiano com as pessoas com quem trabalharia, o

que eu bem queria. Cogitei Jornalismo, mas era ainda a amarga época da ditadura militar no Brasil, embora se anunciasse um tempo de “abertura”, e eu supunha que nunca teria liberdade para atuar e me expressar na qualidade de comunicador. Já apaixonado pela Radiofonia, não suspeitava que uma dia iria aportar nas ondas hertzianas da Universitária FM.

Meu pai sonhou com um filho diplomata, *volontiers, papa*, eu bem queria... se o diplomata representasse seu povo e não seus governos, era o que eu pensava em meio aos anos de chumbo. Minha mãe achava que eu era capaz de exercer profissão de mais prestígio, desnecessário citar quais. Eu contestava que queria ser feliz, fazer o que gostava e que há sempre um lugar pra quem escolhe o que gosta, se consagra ao que faz e tem como guia o coração: Letras!

Primeiros dias no Bosque de Letras. O encontro com Eudenio, Jacqueline Freitas Bezerra e com a Professora Graça, Maria da Graça de Andrade Teixeira. Com ele, Eudenio, o convívio fraterno e a aprendizagem política, a descoberta das entranhas da ditadura; com ela, Jacqueline, o porto seguro em meio à gente que estranhava um francófono fluente fazendo estudos de francês em Letras – uma vez mais eu me deparava com o desafio da interação com colegas de sala.

À exceção desses amigos, a turma de francês em que eu estava me hostilizava porque eu era fluente no idioma, alegavam que se sentiam constrangidos de falar e atribuíam isso à minha presença. Isso me faz recordar Josso (2004) que, para encorajar os participantes de um grupo que trabalha com histórias de vida a falarem um da narrativa do outro, mas que receiam ofender esse outro, ela pontua que aquilo que se diz do relato alheio revela mais de si do que do autor.

Naquele contexto de sala de aula, eu era o outro, eu me sentia o outro, incomodando, desestabilizando, mesmo sem intenção de fazer isso. Um outro que trazia à tona o desconforto que naquelas pessoas havia, que realçava os afetos envolvidos no que há de novo, inédito, inaugural em começar a falar outra língua. O outro, que nos afeta – graças àqueles afetos que em nós falam mais alto. O outro que – conforme for a paisagem interior – nos incomoda e desestabiliza ou nos alegra, nos inspira, nos anima, nos seduz a compartilhar mínimas delícias e o eterno que no amor vive.

Depois da supressão de um semestre, uma vez as aulas retomadas, lembro-me com vivas cores e sons do dia do derradeiro exame da disciplina da Graça. Ela propôs a criação de um texto em que as funções da linguagem de Jakobson³¹ (2001) estivessem todas presentes,

³¹ Conforme Jakobson (2001), cada uma das seis funções da linguagem privilegia um dos aspectos ou fatores constitutivos do ato de comunicação verbal, indicados entre parênteses: a) referencial ou denotativa ou cognitiva

partindo do clássico esquema: ordem estabelecida, perturbação da ordem, restabelecimento da ordem por um herói. Para fecho, sugeri: “E desde esse dia então, um altivo cisne negro desliza solitário pela superfície do lago”. Passei anos querendo saber de onde colhera esta frase, recentemente me revelou que fora ela mesma que a criara. Quanto ao herói, não, não resgatei nenhum em mim, de antigamente, daqueles das historinhas que eu criava ou lia (e ainda leio) – o herói seriam as entranhas da serra que os ambiciosos capitalistas tinham ousado violar. E um “operário da palavra” contava sua história a seu amor de outrora, como enfrentara viver naquele lugar, depois dos dias de íntima poesia compartilhada, antes de sua partida.

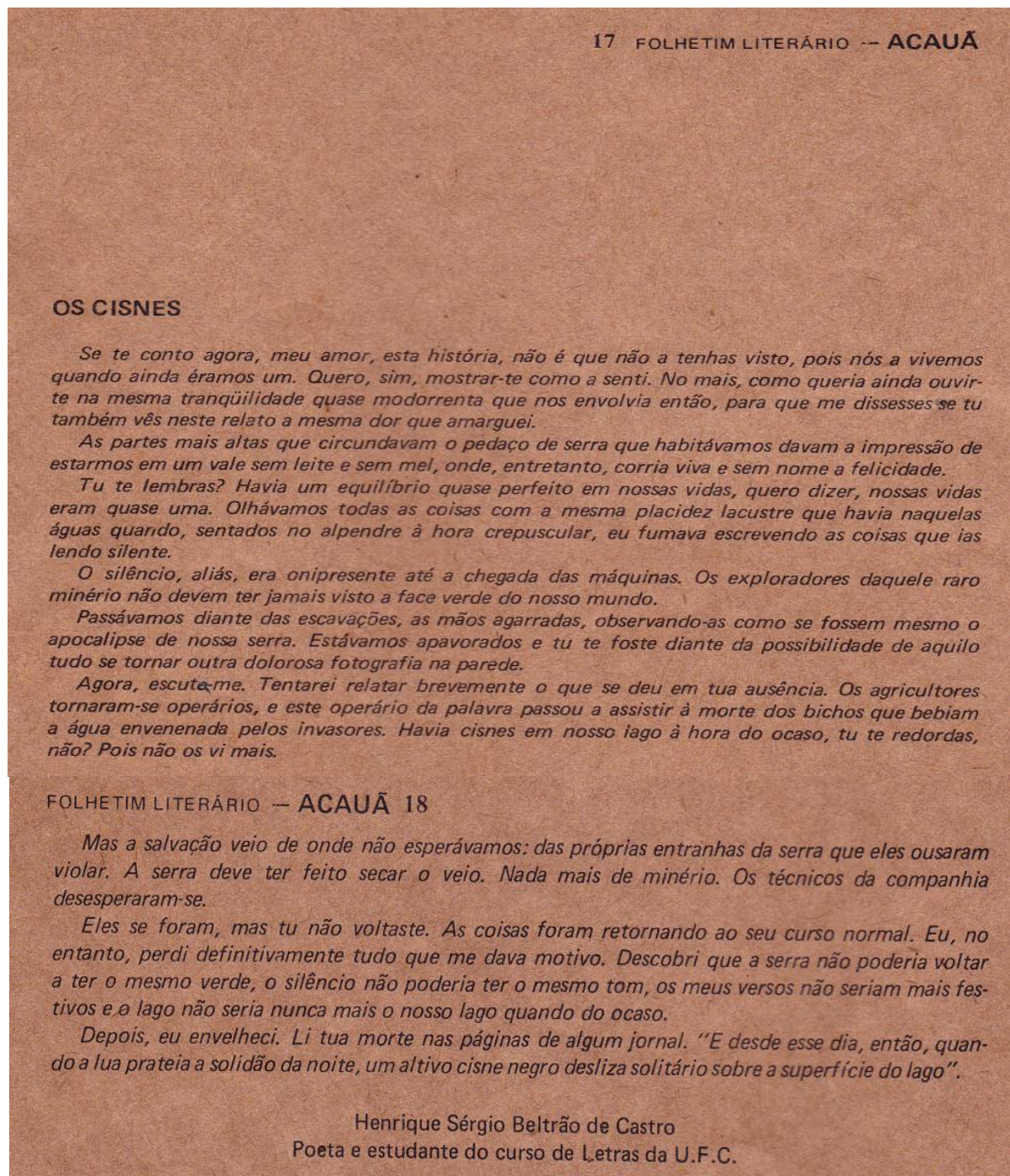
O cenário imaginário era filho das muitas vezes em que estive na serra de Guaramiranga, desde a barriga de minha mãe, em sítios, pousadas, hotéis, casas de amigos. Mas uma memória em especial, plena de afetos, me invadiu ao ler a proposta da questão. Depois de ingressar na Universidade, eu voltara àquela serra aonde não ia havia algum tempo. Chegara à noite, ao descer do ônibus, o breu sereno era tenuemente iluminado por uma lanterna artesanal: uma vela dentro de uma lata. No sítio em que fiquei, nada de luz elétrica. À noite, tremulavam as chamas das lamparinas enquanto aguardávamos a janta se fazer no fogão à lenha. Na manhã seguinte, saí da rede sonolento e, ao chegar ao terreiro, eu me vi imerso no verde que circundava aquela casa mergulhada no ventre da mata. Um alumbramento! Foi a emoção desse êxtase que voltou a mim no instante mesmo em que começou a brotar o conto.

Aos 17 anos, o abraço da Graça, da Poesia, da Graça da Poesia, me envolve no dia luminoso, em meio ao Bosque de Letras da UFC, em que minha mestra me toma em seus braços pra dizer: “Meu filho, eu fiquei tão feliz com o que você escreveu. Você precisa publicar. Você vai publicar”. A sagração do poeta se fez ali. Pela primeira vez, o adolescente que eu era se sentia reconhecido como poeta, naquela manhã de luz, eu me re-conheci poeta. Graça bendita! Aquele foi “o abraço primordial com o qual fui sagrado poeta, da palavra ora cavalo, ora cavaleiro” (Beltrão, 2007, p.98). O texto de fato figurou no Folhetim Literário Acauã, ao lado de versos de poetas que eu já admirava, como Horácio Dídimo, e me trouxe bons comentários de outros, como Adriano Espínola. E até meus 39 anos foi o único texto que publiquei. De certa maneira, até então vivi daquela certeza de quem eu era, na íntima expectativa de que um dia daria à luz os versos em versão impressa em forma de livros meus. Interrogo-me sobre esse longo silêncio – que mudamente me responde.

(contexto), b) emotiva ou expressiva (remetente), c) conativa (destinatário), d) fática (contato), e) metalinguística (código) e f) poética (a própria mensagem).

Chama-se *Os Cisnes*, este conto em prosa poética, texto derradeiro do livro Vermelho (Beltrão, 2007, p.97-98). Aqui apresento a versão original publicada no Folhetim Literário Acauã em 1985 – a que nutriu meu coração de poeta por anos a fio.

Imagem 4: Conto Os Cisnes



Fonte: Arquivo pessoal.

Mais tarde, com uma mestra maior da música cearense, formadora de tantos artistas, Izaíra Silvino, eu fazia outro ritual de iniciação. Ela me recordaria que sou artista, tornaria a me sagrar da arte, desta vez do palco, em um contexto cênico, em meio a um espetáculo na Faculdade de Educação da UFC. Convidado por ela que dizia: “Vou chamar ao palco outro artista”; olhei pra trás, sem acreditar, me perguntando se era mesmo comigo que falava, se era para mim o chamado a subir à cena, olhei pra trás e... revivi o dia do abraço da Graça. Subira ao território sagrado do palco pela primeira vez o poeta – para cantar. Recordo a passagem em que Freire fala do expressivo olhar de reconhecimento de um professor seu, sem palavras, que o reconhecia como alguém de valor. E, sem dizer nada, aquele educador teve o papel marcante na formação do Paulo Freire que conhecemos. Assim foi para mim aquele convite, aquela convocação: a voz da maestrina levava a minha voz a se dar.

Hoje, a cada poema musicado por um parceiro, a cada vez que entro no ar ou piso o palco, mesmo quando elaboro e digito roteiros de um programa na rádio ou de uma apresentação poético-musical, sinto de novo o gosto do poema dado aos outros na porta da escola, o deleite de datilografar versos à máquina de escrever que outros versos me trouxeram à guisa de presente, o abraço da Graça e o convite da Izaíra diante de todos e do que haveria de vir.

E viriam os livros, os poemas deles musicados, mais tarde as músicas gravadas, os convites para fazer letras de música, os encontros coletivos orquestrados nos espetáculos poético-musicais que faço com amigos que pisam o palco ou se espalham pelo público. Alguns deles como lançamentos dos livros, outros em clima de programa radiofônico de auditório, todos com a participação de diversos artistas e com mais de uma linguagem. Sempre com o propósito formador – de incitar e encetar e harmonizar um fazer coletivo com meus pares das artes, bem como de fomentar a interação com o público.

Da radiola ouvida na penumbra do fim de tarde com os primas e os amigos às incursões em fotografia que me aproximaram da Tėti e de outros artistas, vivi muitos encontros, afetos, experiências, mudanças que me (trans)formaram.

Em 2006, aos 39 anos, dois fatos encheram de luz meu coração e minha vida: publiquei meu primeiro livro, o Vermelho (BELTRÃO, 2006), e me casei com minha musa, minha amada, Karla Patrícia Martins Ferreira, psicóloga, pesquisadora e professora. Casamos no dia 13 de maio de 2006, em um ritual espiritual concebido por nós e Zulmira Bomfim, inspirado na Biodança, compartilhado com amigos e familiares, ao ar livre, entre o fim de tarde e a boca da noite, em círculo com os convidados, com música, poesia e dança a nos reunir, todos na grande ciranda de um fragmento da vida que irradia pela eternidade.

O Vermelho veio a público no início de 2006 e esgotou-se em meados do ano seguinte, o que é raro para um livro de poemas, mesmo se considerarmos que a tiragem foi modesta: 500 exemplares. Conteï com minha amiga Fátima Souza, mestre em Literatura, para a revisão dos originais e a apresentação da obra. Fiz diversos espetáculos poético-musicais em espaços públicos (Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, reitoria da UFC, Parque Rio Branco, Centro Cultural Banco do Nordeste...) que muito contribuíram para a divulgação e sobretudo a desafiadora distribuição do livro, a cargo do autor. Deles generosamente participaram muitos amigos artistas: Téti, Rodger, Pedro Rogério, Gigi Castro, Fernando Rosa, Pingo de Fortaleza, Davi Duarte, Marcus Caffé, Rogério Franco, Marta Aurélia... Cito-os, apesar do grande risco de omitir nomes, não somente por gratidão, mas porque a aprendizagem com cada um deles é permeada de muitos e diferentes sentimentos e emoções que me (trans)formaram. Vinicius dizia que “a vida é a arte do encontro” – se me permitem: o encontro é a vida da arte. Entre quem faz e quem ama arte pulsa o diálogo, a geração de sentidos, as diversas leituras, as gestações de mais artes.

A partir dessa época, o poeta que até então se restringira às rodas de amigos e às ondas do rádio, que a público somente trouxera o conto *Os Cisnes*, em 1984, passava a pisar o palco com mais constância, coragem, prazer. A cada apresentação, quanta (trans)formação! Entre um *show* e outro, os poemas foram sendo musicados, alguns deles por mais de um melodista. Este foi um grande presente de ter publicado: fazer parcerias. Cada composição, uma festa em meu coração e um vínculo que se tece no prazer de ver o companheiro de arte como – um parceiro! A companhia em uma jornada faz mais bela a paisagem dos afetos. Como de outra maneira antes dizia, o encontro dá (mais) vida à arte. A música e a poesia têm desde sempre esse namoro entre elas. O ritmo, o som de suas linguagens conversam entre si. Versos e frases melódicas se achegam umas às outras, afeitas ao convívio entre notas e palavras, em meio a suas pausas poético-musicais.

Fiz a segunda edição do Vermelho em 2007, com os créditos dos parceiros: Pedro Rogério, Fernando Rosa, Pingo de Fortaleza, Paulo Branco, Paulo Lopes, Vlademir Rocha, Dumar, Rogério Franco e Isaac Cândido. Passei a participar de programas de rádio e televisão como poeta, um poeta que se atreve a cantar. E novas apresentações aconteceram, com participações desses e de outros artistas: Lúcio Ricardo, Joana Angélica, Piedade Videira... O palco é lugar sagrado – depois de nele iniciado, o ritual de a ele voltar é sempre em mim espera e festa, elaboração e procura, ensaio e estreia, mudança e beleza. Repleto de afetos.

Alguns amigos passaram a me pedir letras ou a me propor melodias. Algumas pessoas que antes não conhecia também, como Marcos Paulo Leão. Entre as parcerias pedidas,

algumas foram perdidas. Mas outras foram gravadas! A primeira por Joana Angélica, em 2008, mesmo ano em que comecei o doutorado, no seu CD Cantando coisas de cá: *Ampulheta (Enquanto a canção finda)*, um tango com melodia de Rogério Franco sobre um poema feito em grupo, com Pingo de Fortaleza, Marques, Alan Mendonça e Dalwton Moura, em um bar do Benfica, a partir uma estratégia de criação em grupo bem conhecida, que uso em sala de aula: uma pessoa escreve um verso, dobra a folha, cobrindo-o e passa ao próximo que faz o mesmo... O fazer coletivo sempre marcou minha caminhada de quem sente no plural. Criar poesia com outras pessoas é um deleite e desafio, que desperta alegria, incerteza, surpresa, prazer e... o inesperado.

Em 2009, com revisão dos originais e apresentação de Fátima Souza e Sarah Diva Ipiranga, publiquei o *Simples*, segundo livro de poemas e composições em parceria. Karla e eu preparávamos a partida para o doutorado sanduíche. No mesmo ano, Pingo gravou uma parceria nossa, uma balada, em uma levada *pop*, *Aproveite o Dia*, no seu CD Prata 950 (PINGO, 2009). O *Simples* (BELTRÃO, 2009), a propósito, trazia os velhos e novos parceiros: Rodrigo Bezerra, Rafael Lima, Alex Costa, Alan Mendonça e Jord Guedes, além de uma versão em francês que fiz para uma composição de Rodger Rogério e Clôdo, *Ponta do Lápis (Crayon)*. Fiz somente um *show* poético-musical com muitos amigos, lançando o *Simples* em novembro, mas em um lugar com que sonhava, o *foyer* do Teatro José de Alencar.

Um ano depois, durante o estágio doutoral em Nantes, Simone Guimarães registrou, com participação especial de Fagner, *A Casa Nossa*, uma canção, melodia de Isaac Cândido sobre poema meu, no disco *Cândidos: Simone Guimarães canta Isaac Cândido* (2010). Entre as muitas profícuas parcerias de Isaac, Simone pinçou também esta, primeira alegria e reconhecimento; entre todas as que ela elencou, Fagner escolheu cantar a nossa, outra alegre honraria. Dois intérpretes de renome nacional cantando meus versos, a animar a esperança de mais longe lançar a semente da palavra.

Em seguida, Wilton Matos (MATOS, 2010) gravou com Lia Veras, em disco coletivo ao vivo, *A Casa é sua, Mandala das Letras*, com melodia dele sobre poema meu e de Alan Mendonça. Esse poema viera no Vermelho, com seis versos sem rimas; Alan acrescentou mais seis, rimando-os; Wilton os fez virarem uma ciranda. Tango, balada, canção, ciranda, samba, maracatu... A diversidade de ritmos e melodias (es)colhidos pelos parceiros fazem musical arco-íris. Alguns dizem que o poema sopra a música que nele pulsa – querem cantar, meus versos em desalinho. Querem ser ditos, pronunciados, levados de cor... As palavras querem descolar e decolar das páginas. A letra quer os fonemas. A poesia quer vir à voz.

Em 2011, foi a vez de Marcos Paulo Leão fazer a gravação também em disco coletivo ao vivo de duas parcerias nossas: *Adeus, Saudade!* e *Nina Futuro*. Eu estava vivendo em Nantes quando ele me enviou a melodia da primeira. Novidades: desta vez, o convite vinha de uma pessoa com quem ainda não tinha amizade, que gostara do que escrevo, e eu, habituado a ter os versos musicados, tinha de voltar a colocar letra em uma composição.

Cada gravação faz girar o disco da imaginação, do prazer, do ideal, do sonho, da realização e da esperança no que faço. Não sei como traduzir em palavras todos os afetos que pulsam desde a inspiração inicial para fazer versos, passando pela parceria feita, até chegar à apresentação ao público, gozo efêmero e inefável, e ao registro em disco, perpetuação do transe inicial, no caminho transmutado em coletivização do que de tão íntimo brotou.

No ar, quando faço os programas *Todos os Sentidos* e *Sem Fronteiras: Plural pela Paz*, por vezes toco as composições nossas em estreito convívio com os poemas meus que também às vezes digo. Sempre é mais fácil mostrar a música e a poesia, a arte e a ciência de outras pessoas. Quando são os frutos de minha sementeira que brotam, a incerteza e o prazer se misturam, a alegria canta, a timidez ressuscita, afetos indizíveis e contraditórios se combinam, mas a coragem devora o medo. E resgato em mim a ousadia que busco inspirar aos estudantes, ouvintes, parceiros e amigos – de ser.

Herói é o que quer ser quem é.

Ortega y Gasset

2.2 Ser poeta – de acordo com os poetas

Dizia eu desde o início da tese que voltaria a Charles Baudelaire e ao albatroz que embaralha em mim os mundos que moram em minha vida e em minha biblioteca. Há tanto a dizer e são tão poucas as palavras! Para os poetas: Quem é (o) poeta? O que é ser poeta? O que é a poesia?

Eis o original do texto tão comentado e, por sabermos que trasladar poemas é ofício altíssimo e difícilíssimo, permitam-me colocar duas das melhores traduções que conheço, por entender que se complementam. A segunda delas é assinada por Jamil Almansur Haddad, a primeira é feita pelo poeta Guilherme de Almeida – “que sabe traduzir até diamantes”³², nas palavras de ninguém menos que Manuel Bandeira na apresentação por ele feita da obra.

³² Bandeira comenta nessa apresentação que ele próprio recusara insistentes pedidos de um editor para que traduzisse *Phèdre*, de Racine. Para encerrar a insistência, citou deste autor um verso dizendo que se alguém o

L'Albatros

Souvent, pour s'amuser, les hommes d'équipage
 Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
 Qui suivent, indolents compagnons de voyage,
 Le navire glissant sur les gouffres amers.

À peine les ont-ils déposés sur les planches,
 Que ces rois de l'azur, maladroits et honteux,
 Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches
 Comme des avirons traîner à côté d'eux.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule !
 Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid !
 L'un agace son bec avec un brûle-gueule,
 L'autre mime, en boitant, l'infirme qui volait !

Le Poète est semblable au prince des nuées
 Qui hante la tempête et se rit de l'archer ;
 Exilé sur le sol au milieu des huées,
 Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.

(BAUDELAIRE, *Les Fleurs du Mal*)

O Albatroz

Às vezes, por prazer, os homens de equipagem
 Pegam um albatroz, enorme ave marinha,
 Que segue, companheiro indolente de viagem,
 O navio que sobre os abismos caminha.

Mal o põem no convés por sobre as pranchas rasas,
 Esse senhor do azul, sem jeito e envergonhado,
 Deixa doridamente as grandes e alvas asas
 Como remos cair e arrastar-se a seu lado.

Que sem graça é o viajor alado sem seu nimbo!
 Ave tão bela, como está cômica e feia!
 Um o irrita chegando ao seu bico um cachimbo,
 Outro põe-se a imitar o enfermo que coxeia!

O Poeta é semelhante ao príncipe da altura
 Que busca a tempestade e ri da flecha no ar;
 Exilado no chão, em meio à corja impura,
 As asas de gigante impedem-no de andar.

(ALMEIDA, 1960, p.28-31)

O Albatroz

Às vezes, por folgar, os homens da equipagem
 Pegam de um albatroz, enorme ave do mar,
 Que segue – companheiro indolente de viagem –
 O navio no abismo amargo a deslizar.

traduzisse, ele faria o resto do trabalho; dizia ele: “Esse verso é um diamante; eu não sei traduzir diamantes”. E acrescenta: “A poesia de Baudelaire (...) está cheia de diamantes”. E assim louva o trabalho de Guilherme de Almeida.

E por sobre o convés, mal estendido apenas,
 O imperador do azul, canhestro e envergonhado,
 Asas que enchem de dó, grandes e de alvas penas,
 Eis que deixa arrastar como remos ao lado.

O alado viajor tomba como num limbo!
 Hoje é cômico e feio, ontem tanto agradava!
 Um ao seu bico leva o irritante cachimbo,
 Outro imita a coxear o enfermo que voava!

O Poeta é semelhante ao príncipe do céu
 Que do arqueiro se ri e da tormenta no ar;
 Exilado na terra e em meio do escarcéu,
 As asas de gigante impedem-no de andar.

(BAUDELAIRE, 1995)

O poeta, “*exilé sur le sol au milieu des huées*”, digamos, “exilado sobre o chão e em meio às vaias”, tenta em vão abrir as gigantescas asas da Poesia. A estranheza que sente responde ao estranhamento em torno de si. O que a outros parece inatingível lhe é cotidiano e o cotidiano lhe é por vezes inatingível. O mestre Baudelaire bem conheceu como poeta maldito o avesso do esfarrapado tecido social. E também a inveja, Píndaro³³; e também a injustiça, Sócrates³⁴. Nesses versos sublimes, Baudelaire denuncia o prazer que o vulgo sente em fazer o mal e, analogicamente, em torturar o poeta, a essa ave comparado.

Essa sensação de ser estranho, de ser estrangeiro, de ser diferente marca meu caminho de encontros feito. E outros poetas marca, não a ferro e brasa, mas a palavra e silêncio.

Quantas vezes surgem versos dos mais extremos sentimentos e emoções! Viram poesia uma raiva, uma alegria, um medo, um amor... Por outro lado, quantas vezes brota um inferno de um detalhe quase à-toa, da loucura por um triz infinita da burocracia, de um problema banal do cotidiano, da sandice de quererem que se faça algo porque todo o mundo faz, de uma exigência absurda, de uma cobrança desmedida, de uma tentativa de enquadramento!

O poeta vive a fundo seu mundo, ainda que o achem esquisito, mas tropeça na calçada tosca do comum. Como no dito popular, que me dizia minha sanfoneira: “engole um boi e se engasga com um mosquito”. Os poetas são malditos e benditos. Esse poema de Baudelaire reúne e representa em seus poucos mas preciosos versos a face e o avesso das folhas escritas pela pluma da vida do artista da palavra. Quantas vezes tudo que ele espera é alçar de novo

³³ Melhor fazer inveja do que pena (PÍNDARO).

³⁴ É melhor sofrer uma injustiça do que praticá-la (SÓCRATES).

voo até as alturas do verbo, até a galáxia da criação, até o tempo sem medida, até a métrica do sutil e do impalpável!

A sensibilidade que inspira trucidada. O bardo maranhense Ferreira Gullar (em filme de Miguel Faria Jr. sobre Vinicius de Moraes, 2005) diz que o poeta faz seus versos para se livrar do que sente. E, rindo, complementa, que ele joga aquilo em ti, leitor. Ao longo deste capítulo, comentarei o que sinto e penso bem como o que sentem e pensam alguns dos principais poetas que me marcaram e marcam acerca do (ser) poeta e da poesia, graças ao convívio com a lira de alguns bardos que em versos revelam sua visão a esse respeito: os cearenses Horácio Dídimo e Patativa do Assaré, o gaúcho Mario Quintana, o mato-grossense Manoel de Barros, o carioca Vinicius de Moraes, o amazonense Thiago de Mello, o português Fernando Pessoa, os franceses Pierre de Ronsard, Charles Baudelaire, Jacques Prévert e o chileno Pablo Neruda.

Por ora, digo simplesmente que estou entre os que dizem que a Poesia faz um chamado, uma escolha. Ela se faz no âmago de quem acolhe o que semeia. Ela vem sem pedir licença.

Cinco razões pelas quais vale a pena ser poeta:

Penso que não tive escolha
Fui escolhido e gostei da escolha
Faço o que sonho
Faço o que gosto
Sou um pouco irresponsável
com os passarinhos, isto seja:
Sou livre
Amo a palavra

(BARROS, 2010)

Por ora, digo simplesmente que a Poesia me chama – e sua chama não admite recusa: há que arder. Esse chamado é alado, antigo, eterno e presente. Desde tempos sem idade, até sempre...

Foi nessa idade que a poesia veio me buscar.
Não sei de onde veio.
Do inverno, de um rio.
Não sei como, nem quando.
Não, não eram vozes.
Não eram palavras. Nem silêncio.
Mas da rua foi convocado.
Dos galhos da noite.
Abruptamente entre outros.
Entre fogos violentos.
Voltando sozinho.
Lá estava eu.
Sem rosto.
E fui tocado.

(NERUDA, no filme de RADFORD, 1

2.2.1 A Poesia, os poemas: amor à palavra

O poema, essa estranha máscara,
mais verdadeira do que a própria face.

Quintana

Inumeráveis bons autores³⁵ discutiram poesia. A eles, peço licença. Hei de lhes passar ao largo. Estas folhas hão de vir das sementes “apalavradas” pelos próprios poetas. Dos (outros e novos) sentidos que eles dão à linguagem – que reinventam, sem reis, luxuriantemente livres.

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.
Há que se dar um gosto incasto aos termos.
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
Talvez corrompê-los até a quimera.
Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.
Não existir mais rei nem regências.
Uma certa luxúria com a liberdade convém.

(BARROS, 2010)

Difícil pensar sobre o poeta, ou tentar apreender o que sente ou diz de si, sem considerar o que os vates falam da própria poesia. Mundo em que vivem, vida que mudam, a poesia traduz o indizível. Ou melhor, diz o intraduzível, pois em silêncio deve permanecer o que nas entrelinhas quer morar.

Vinicius de Moraes, em *Poética (II)* (1980, p.351), toca a questão dos princípios que regem esta arte (sua), deixando aberta a janela do verso vertido para a incerteza: casa ou torre ou templo, ele nos convida a entrar; em nada lembrando casa de ermitão, torre de marfim ou templo de impenetráveis dogmas, mas já tangenciando concretude e transcendência, já transmutando em poética alquimia o próprio espaço e o próprio tempo.

Poética (II)

Com as lágrimas do tempo
E a cal do meu dia
Eu fiz o cimento
Da minha poesia.

E na perspectiva
Da vida futura
Ergui em carne viva
Sua arquitetura.

³⁵ Sem pretender lista exaustiva, torno a sugerir a leitura de Sânzio de Azevedo, Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Afrânio Coutinho, Horácio Dídimo e Massaud Moisés.

Não sei bem se é casa
 Se é torre ou se é templo:
 (Um templo sem Deus.)

Mas é grande e clara
 Pertence ao seu tempo
 – Entrai, irmãos meus!

(MORAES, 1980, p.351)

A poesia tem uma dimensão espiritual. Isso nada tem a ver com nenhuma religião específica, claro, mas com o que é essencial para a humanidade, posto que a espiritualidade faz parte da essência (de cada dia – desde e para sempre). Para alguns, a poesia é um “credo”, nome mesmo de um poema de Elisa Lucinda (2008, p.146):

(...) Porque sou humano e creio no divino da palavra,
 para mim é um oráculo a poesia!
 É meu tarô, meu baralho, meu tricô,
 meu I-Ching, meu dicionário,
 meu cristal clarividente,
 meus búzios, meu copo com água,
 meu conselho, meu colo de avô,
 a explicação ambulante para tudo o que pulsa e arde.
 A poesia é síntese filosófica, fonte de sabedoria,
 e bíblia, dos que, como eu, creem na eternidade do verbo,
 na ressurreição da tarde e na vida bela.
 Amém.

(LUCINDA, 2008, p.146)

Sobre a dimensão espiritual da poesia, muito mais a dizer – e de indizível. Por ora, me contento em amearhar os trechos que espero melhor coser para a tessitura final desta tese. Por ora, me limito a citar meu íntimo apelo e oração, em parte traduzidos em *Poesia nossa de cada dia* (BELTRÃO, 2009, p.37, aqui revisto, com o acréscimo do verbo “haver” em vez do artigo “os” no oitavo verso).

Poesia nossa, que estais em nós,
 pronunciado seja o vosso nome,
 venha a nós o vosso reino,
 sejam feitos vossos versos,
 amanhã e agora qual outrora.

A inspiração nossa de cada dia nos dai hoje.
 Perdoai a nossa parca poética
 assim como nós perdoamos haver poucos leitores.
 Não nos deixeis sem o vosso sopro,
 mas guiai-nos no entusiasmo de criar.

(BELTRÃO, 2009, p.37)

Certo é que ainda pouco vejo e posso dar a ver do que me é que possível alcançar. Mais evidente parece o inatingível, o inefável. Por isso revejo e revisito poemas que li ou fiz, em busca de encontrar e aqui tentar esclarecer como veem o que fazem os que de poesia são feitos, quer queiram ou não, uma vez que o chamado ou a questão essencial – como bem dizia Rilke (1993, p.27) – não admitem negativa; não aceita “não” como resposta a pergunta fundamental para o poeta: “é necessário que eu escreva?”

Muitas vezes o paradoxo experimentado ou pronunciado pelos bardos é surpreendente: no tópico seguinte veremos as reflexões de Quintana e Pessoa sobre o poeta como fingidor ou farsante. Desde a matéria com que trabalha, o terreno é decerto incerto, como na epígrafe deste trecho, em que Quintana aponta que o poema é estranha máscara, posto que mais verdadeira é que a própria face. Revelam-se os vates em suas linhas e nas entrelinhas se ocultam. Não poderia deixar de frisar que, interrogado sobre a ideia de fazer sua autobiografia, Quintana respondeu que todos os poemas são autobiográficos! Neste jogo de luz e sombra, de claro e escuro, de esconde e mostra, sinto eu que quanto mais me exponho, mais guardo de mim. Um meu conterrâneo, escritor maior e mestre da simplicidade, vivencia o contrário disso; na abertura de *O Menino Impossível*, diz Horácio Dídimo.

Para os possíveis leitores

Quem aprender
A ler os meus poemas
Pelo avesso
Verá que o que parece ser o fim
É apenas o começo

E quanto mais eu me escondo
Mais eu apareço

(DÍDIMO, 2010, p.3)

Os poemas vivem na gente, nas coisas, nos fatos, no tempo, no lugar, na efemeridade tão eterna de ser. Por isso, o poeta diz e desdiz sem se contradizer ou pelo menos sem medo da humana e necessária contradição. A propósito, Quintana disse uma vez que quem nunca se contradiz em algum momento está mentindo. Um texto seu se chama: *Contradições?*

...mas o que eles não sabem levar em conta é que o poeta é uma criatura essencialmente dramática, isto é, contraditória, isto é, verdadeira.
E por isso é que o bom de escrever teatro é que se pode dizer, com toda a sinceridade, as coisas mais opostas.
Sim, um autor que nunca se contradiz deve estar mentindo.

(QUINTANA, 2005, p.251)

Com este faz coro outro moderno aedo, de quem é bem conhecido mesmo o apelido de Vina. Ele nos faz ver que poetas convivem com o paradoxo e a contradição.

O material do poeta é a vida, e só a vida, com tudo o que ela tem de sórdido e sublime. Seu instrumento é a palavra. Sua função é a de ser expressão verbal rítmica ao mundo informe de sensações, sentimentos e pressentimentos dos outros com relação a tudo o que existe ou é passível de existência no mundo mágico da imaginação. Seu único dever é fazê-lo da maneira mais bela, simples e comunicativa possível, do contrário ele não será nunca um bom poeta, mas um mero lucubrador de versos. (...)

É que a vida é para todos um fato cotidiano. Ela o é pela dinâmica mesma de suas contradições, pelo equilíbrio mesmo de seus pólos contrários. O homem não poderia viver sob o sentimento permanente dessas contradições e desses contrários, que procura constantemente esquecer para poder mover a máquina do mundo, da qual é o único criador e obreiro, e para não perder a sua razão de ser dentro de uma natureza em que constitui ao mesmo tempo a nota mais bela e a mais desarmoniosa. Ou melhor: para não perder a razão *tout court*.

Mas para o poeta a vida é eterna. Ele vive no vórtice dessas contradições, no eixo desses contrários. (MORAES, *Sobre poesia*, 1980, p.537)

Já em trecho anterior (1.2.5), aquele que ficou conhecido como o Poetinha anunciava:

A vida do poeta tem um ritmo diferente
Ela o conduz errante pelos caminhos, pisando a terra e olhando o céu
Preso, eternamente preso pelos extremos intangíveis.

(MORAES, 1980, p.73)

Parece o poeta conciliar contradições e opostos, ou conviver bem (ou mal?) com não haver como conciliar o que a se contradizer e se opor persiste.

O mestre de Alegrete, além de apontar a contradição inerente ao fazer poético, canta o caráter intrinsecamente autobiográfico dos poemas, as duas facetas reunindo.

O poeta canta a si mesmo
porque nele é que os olhos das amadas
têm esse brilho a um tempo inocente e perverso...

O poeta canta a si mesmo
porque num seu único verso
pende – lúcida, amarga –
uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...

Porque o seu coração é uma porta batendo
a todos os ventos do universo.

Porque além de si mesmo ele não sabe nada
ou que Deus por nascer está tentando agora ansiosamente respirar
neste seu pobre ritmo disperso!

O poeta canta a si mesmo
porque de si mesmo é diverso.

(QUINTANA, 2005, p.488-489)

Intrínseca diversidade, íntima contradição, milenar paradoxo vivem em ser poeta.

Dizia o alegretense serem todos os poemas... de amor, importunado com quem versos
de amor de sua lavra almejava. Fala(,) Mario Quintana.

Se o poeta falar num gato, numa flor,
num vento que anda por descampados e desvios
e nunca chegou à cidade...
se falar numa esquina mal e mal iluminada...
numa antiga sacada... num jogo de dominó...
se falar naqueles obedientes soldadinhos de chumbo que morriam de verdade
se falar na mão decepada no meio de uma escada
de caracol...
Se não falar em nada
e disser simplesmente tralalá... Que importa?
Todos os poemas são de amor!

(QUINTANA, 2005, p.474)

Mais brevemente, o mesmo dizia também ele em (ou de) um *Diálogo Inútil*:

- Mas por que tu não fazes um poema de amor?
- Todos os poemas são de amor.

(QUINTANA, 2005, p.250)

São de amor compartilhado. E amor não pode haver, não pode ser de todo amor, se
não for compartilhado. E o amor com a poesia comunga sua aversão a regulamentos e
dicionários. Conforme a pena de Drummond:

Amor é estado de graça
e com amor não se paga

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Entre amor e palavras, bom recordar que Dídimo nos segreda:

a palavra amor
muda de cor

(DÍDIMO, 2002, p.102)

O que completaria o poeta amazonense Thiago de Mello cantando:

(...) tens de guardar
 dia a dia, mesmo doendo,
 o amor no teu coração:
 sabendo que amor só cresce
 quando se reparte inteiro,
 e se deixa de crescer,
 de ser amor também deixa.

(MELLO, 1986, p.15)

Qual a poesia, o amor muda, cresce, se reparte sendo inteiro, aumenta quando se dá, foge a dicionários e regras, contraria a gramática, convive com contradições e paradoxos bem humanos... e por toda a gente experimentados.

Não há poesia sem partejar. Leitor e poeta são uma díade. Se o dia do diálogo se completa e se inteira, logo dois são. Assim é entre o radialista e o ouvinte, assim é entre quem escreve e quem lê. Por isso, dizem alguns dos que escrevem poesia que são também poetas os que os leem. Em *Os Poemas*, recorda Quintana:

Os poemas são pássaros que chegam
 não se sabe de onde e pousam
 no livro que lêes.
 Quando fechas o livro, eles alçam voo
 como de um alçapão.
 Eles não têm pouso
 nem porto
 alimentam-se um instante em cada par de mãos
 e partem.
 E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
 no maravilhado espanto de saberes
 que o alimento deles já estava em ti...

(QUINTANA, 2005, p.469)

Estavam em ti, leitor, leitora, as mesmas palavras com que o vate vai-te convidar à página, com que o aedo aereamente reúne na terra das folhas futuro, passado e presente, de sementes a frutos, de frutos a sementes, nem sempre cronologicamente, nem sempre logicamente.

Escrevo para esse solitário que me lê, (...) para sentir-me menos só, para senti-lo em minha solidão. Escrever é estender uma mão, abri-la, buscar no vento um amigo capaz de apertá-la. É uma tentativa de criar uma comunidade. E nada mais (PAZ, 1999, p.351).

Eis um pouco como me sinto no momento de irradiação de cada programa diante da multidão de sujeitos dispersos e no próprio momento em que fio e desfio estas linhas em

desalinho que encontrarão abrigo nos olhos de alguns solitários que me leem, no labirinto dos ouvidos solidários que escutam minha voz plasmada na pele desta página. Vejo cada questão que toco ao longo deste texto como uma porta aberta na direção de outras portas abertas... ou a serem abertas...

Horácio Dídimo diz que o poeta é o afinador de palavras... Afinar as palavras para que cantem, como desde muitos séculos, desde quando poesia e música vivem em conjunção, digo, em comunhão, digo, em par. “A poesia é a arte de comunicar a emoção humana pelo verbo musical” (René Waltz, apud Massaud Moisés, 1977). Evito voltar a detalhes bem sabidos da convivência íntima entre as artes em diversas culturas, como a grega e a chinesa.

Mais valioso que escrever é viver a Poesia. Edgar Morin, em *Amour, Poésie, Sagesse* (1997, p.10, tradução minha)³⁶ diz que “O amor faz parte da poesia da vida. A poesia faz parte do amor pela vida. (...) Se a poesia transcende sabedoria e loucura, precisamos aspirar a viver o estado poético, e evitar que a prosa devore nossas vidas, que são necessariamente tecidas de prosa e poesia”.

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível (MORIN apud ANTÔNIO, 2009, p.117).

Severino Antônio (2009), em constelar diálogo com Morin, Bachelard e outras vozes, propõe uma “nova escuta poética da educação e do conhecimento” que inspira minha busca de autoconhecimento, de sentido, de felicidade e de serventia para o estudo que ora gero: “A imagem poética existe sob o signo de um ser novo. Esse ser novo é o homem feliz. A verdadeira poesia é uma função de despertar. O poeta fala no âmago do ser. A poesia é a criação do ser pelas palavras” (BACHELARD apud ANTÔNIO, p.117). Segundo Severino Antônio (2009), essa nova escuta poética da educação e do conhecimento traz várias reações, “como as dos campos de saber, a da subjetividade-objetividade, a do cognitivo-afetivo” (ANTÔNIO, 2009, p.18) e traz também “o engendramento de novos modos de raciocinar, de interpretar e de exprimir o mundo e a nós mesmos” (ANTÔNIO, 2009, p.18). O autor adota o poema como “a metáfora para expressar o novo modo de sentir, de pensar, de conhecer, de educar” (ANTÔNIO, 2009, p.128).

³⁶ *L'amour fait partie de la poésie de la vie. La poésie fait partie de l'amour pour la vie. (...) Si la poésie transcende sagesse et folie, il nous faut aspirer à vivre l'état poétique, et éviter que la prose n'engloutisse nos vies, qui sont nécessairement tissées de prose et de poésie.*

Essa poética revela-se reconhecimento da interdependência e da irmandade de todas as coisas e, assim, em muitos aspectos, constitui-se inseparável de uma nova ética, de reverência pela vida, de renovado amor pela tessitura de vozes que constituem o real. Representa, ainda, uma reeducação da sensibilidade e da inteligência e, reciprocamente, para que floresça, precisa ser alimentada por novos modos de sentir e de pensar (ANTÔNIO, 2009, p.14).

Não havendo fim para a busca artística ou científica, em algum momento parar é preciso (ou necessário, posto que impreciso). Vinicius nos aproxima da poética e das Histórias de Vida e Formação, que querem revisitar passado, para melhor ver presente e bem gerar futuro. Em *Poética (I)*, de novo pela alquimia da palavra transmutando tempo e espaço, o poeta do amor maior dá um laço eterno no infinito, de nós desfeitos e refeitos.

Poética (I)

De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.

A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.

Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem

Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
– Meu tempo é quando.

(MORAES, 1980, p.277)

Em sua “reflexão” sobre poética, Vinicius nos aproxima das Histórias de Vida e Formação (HIVIF): para esta abordagem o tempo faz curva, a gente reúne em si e em seu dizer de si: o passado, o presente, o futuro, não necessariamente nesta ordem.

2.2.2 O Poeta: amante da palavra

Não tenho bens de acontecimentos.
 O que não sei fazer desconto nas palavras.
 Entesouro frases. Por exemplo:
 – Imagens são palavras que nos faltaram.
 – Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.
 – Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.
 Ai frases de pensar!
 Pensar é uma pedreira. Estou sendo.
 Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).
 Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos.
 Outras de palavras.
 Poetas e tontos se compõem com palavras.

Manoel de Barros

“É um poeta!” O que quer dizer quem fala isso de alguém? Se o leitor ouvisse de passagem essa frase em um trecho de conversa, o que suporia que o emissor quis dizer? Mais adiante (em 2.3) comento que, empiricamente, posso afirmar que as imagens acerca do poeta em minha terra variam entre o talentoso, o porta-voz, o sonhador, o ingênuo, o romântico, o sensível, o louco... De fato, tem talento, diz aquilo que a gente bem queria ter dito, sonha, se engana, se apaixona, sente profundamente e endoidece com as agruras do cotidiano e com o enquadramento, que lhe cobram, no contexto social. Mas não pretendo analisar aqui o que o meu povo pensa do poeta, nem adiantar ou resumir o que penso eu.

Proponho-me a visitar os próprios poetas que me formaram, a trazer suas palavras sobre si, ou melhor, sobre quem é (o) poeta, o que é ser poeta. Cada vate vai em busca da Poesia, é certo. Pessoa, em *Autopsicografia*, (1977, p.164-165) diz: “O poeta é um fingidor”. Mas acrescenta logo a seguir: “Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente”. Uma vez mais em contraditórias searas, o poeta vê (e ouve e sente) o avesso das coisas. Com o lusitano faz coro o brasileiro Quintana numa musical analogia em *Os Farsantes*.

Desconfia da tristeza de certos poetas. É uma tristeza profissional e tão suspeita como a exuberante alegria dos coristas.

(QUINTANA, 2005, p.259)

Vindo de um mergulho, durante o trecho anterior desta tese, na polidimensionalidade da visão do poeta acerca de tempo e espaço (ou melhor, além de tempo e espaço), cabe retomar neste percurso o dizer de Quintana:

O poeta é belo como o Taj-Mahal
feito de renda e mármore e serenidade

O poeta é belo como o imprevisto perfil de uma árvore
ao primeiro relâmpago da tempestade

O poeta é belo porque os seus farrapos
são do tecido da eternidade

(QUINTANA, 2005, p.259)

Farrapos que sejam as máscaras e fantasias do poeta, elas são do tecido da eternidade. Ainda que o empatem de andar, são gigantescas as asas das palavras que o erguem no ar – albatrozmente. Ainda que a turba não o compreenda, a exemplo do velho sábio de uma história antiga, ignorado por toda a população de um vilarejo, mantém-se fiel a si; esse sábio, interpelado por um mais exaltado que o enxota, ouve-o dizer: “Vai-te embora, não vês que ninguém aqui te conhece!” Ao que ele responde: “Que importa isso? Eu sei quem eu sou”.

Muito mais a contar desses homens e mulheres que vivem no reino mágico da palavra, da estranha relação consigo, com todos, com tudo... Procuo abrir mão do que a pena não quer dizer, mudada em teclado em que se movem meus dez dedos. Sou de um tempo em que se estudava datilografia, como disse. Isso me deu intimidade com os teclados adotados no Brasil e na França; de um para o outro transito, embora a maioria dos poemas sejam mesmo feitos a mão, como de resto o fazem (ou faziam?) a maioria dos poetas, pela poesia chamados em meio à rua, ao bosque, à praia, onde for. Faz tempo a poesia tem esta mania de ubiquidade... Pouca gente vê. Quase ninguém ouve. Raros sentem. Mas os que mediam sua vinda às letras não se podem negar ao seu ofício, ao seu mister.

As crianças, os poetas, e talvez esses incompreendidos, os loucos, têm uma memória atávica das coisas. Por isso julgam alguns que o seu mundo não é propriamente este. Ah, nem queiras saber... Eles estão neste mundo há mais tempo do que nós!
(QUINTANA, 2005, *Atavismo*, p.575)

As crianças, os loucos, os poetas, decerto os Anjos os protegem, suponho terem por eles infantil, admirável, poética predileção. Bandeira nos segreda uma das fontes dos poetas e como a ela chegam.

Sacha e o Poeta

Quando o poeta aparece,
Sacha levanta os olhos claros,
Onde a surpresa é o sol que vai nascer.

O poeta a seguir diz coisas incríveis,
 Desce ao fogo central da Terra,
 Sobe na ponta mais alta das nuvens,
 Faz gurugutu pif paf,
 Dança de velho,
 Vira Exu.
 Sacha sorri como o primeiro arco-íris.

O poeta estende os braços, Sacha vem com ele.

A serenidade voltou de muito longe.
 Que se passou do outro lado?
 Sacha mediunizada
 – Ah – pá – papapá – papá –
 Transmite em Morse ao poeta
 A última mensagem dos Anjos.

(BANDEIRA, 1977, p.234-235)

Ah, Manuel, então é assim que fazem? Começo a compreender um milésimo de vossa galáxia de mistérios, poetas. Também em meu telhado, Anjos tocam sem fim.

Em cima do meu telhado,
 Pirulin, lulin, lulin,
 Um anjo, todo molhado,
 Soluça no seu flautim.

(QUINTANA, 2005, p.134)

Seria ele, Mario, ou um outro Anjo parecido que te segredou – na língua que somente os bardos e os meninos e os Anjos e os loucos compreendem – a perene existência de Lili?

Lili

Teu riso de vidro
 desce as escadas às cambalhotas
 e nem se quebra,
 Lili
 meu fantasmilha predileto!
 Não que tenhas morrido...
 Quem entra num poema não morre nunca
 (e tu entraste em muitos...)
 Muita gente até me pergunta
 quem és... De tão querida
 és talvez a minha irmã mais velha
 nos tempos em que eu nem havia nascido.
 És a Gabriela, a Liane, a Angelina... sei lá!
 És a Bruna em pequenina
 que eu desejaria acabar de criar.
 Talvez sejas apenas a minha infância!
 E que importa, enfim, se não existes...
 Tu vives tanto, Lili! E obrigado, menina,
 pelos nossos encontros, por esse carinho
 de filha que eu não tive.

(QUINTANA, 2005, p.490-491)

Lili acompanha o poeta de Alegrete em muitas aventuras vestidas de versos. Na epígrafe do livro *Lili Inventa o Mundo*, Mario Quintana faz a poética advertência (cuja frase final me acompanha neste percurso de formação, ela adorna o vermelho travesseiro que ganhei de um casal de amigos ao embarcar para o doutorado sanduíche em Nantes): “As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevisíveis aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. *Uma vida não basta ser vivida: também precisa ser sonhada*” (QUINTANA, 2005, p.937, grifo meu). Por que razão, interroga-se quem cria, seria menos verdadeiro o que invento do que a efêmera e enganosa realidade? Ora, diria Manoel de Barros (2010): “Tudo que eu não invento é falso”. Os poetas têm surpresas de essência e a essência da surpresa; de ver e dizer diferente venho vivendo eu, até no silenciar. “Sonhar é acordar-se para dentro” – diz Quintana (2005, p.944) nesse breve livro mágico.

A maioria dos homens, encarcerados na dimensão racional e prosaica da existência, tão valiosa quanto insuficiente, não sabe sonhar nem viver assim. Vivem apenas meio despertos, não sonham acordados, dormem sem sonhar, comem sem se deleitar e se reproduzem barbaramente. E consideram louco, infantil ou um poeta quem vê e sente mais que o comum. Ora! Há infinita delicadeza a todo momento. “Cabe um poema a cada instante” (BELTRÃO, 2007, p.15), ouço ecoar esse chamado a – com a poesia de um menino – vivenciar o *carpe diem* que Horácio³⁷ cantou, em Epicuro inspirado, e que a mim chegou através de minha mãe, tanto por escrito quanto em seus quotidianos exemplos. “Todas as pessoas grandes foram antes de tudo crianças. (Mas poucas dentre elas se recordam disso.)”³⁸, já bem dizia Saint-Exupéry (1971, na dedicatória, tradução minha). Com o poético tesouro do cancionista brasileiro, diria do menino de outrora no adulto de agora:

Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente

(NASCIMENTO e BRANT)

Esse passado abre o presente para o futuro. Simples. E enigmático. Interrogo a esfinge de meu itinerário de (trans)formação, buscando ler as luzes que me conduziram até aqui e agora para com esse luzeiro reinventado seguir adiante. Era uma vez ontem, hoje e amanhã a

³⁷ Poema citado adiante.

³⁸ *Toutes les grandes personnes ont d'abord été des enfants. (Mais peu d'entre elles s'en souviennent.)*

um só tempo, que faziam de conta que tudo é linear. Pois se o percurso mais curto entre dois pontos é uma linha reta, o poeta francês Jean Tardieu (1981), em *Le Professeur Frœppel*, indaga: “Qual é o mais *longo* caminho de um ponto a um outro?”³⁹ E este poema de um verso, Quintana batiza de *Linha Curva*: “O caminho mais agradável entre dois pontos”. Na poesia, e em narrativas (auto)biográficas, o tempo faz curvas e espirais. Com os afetos.

Lili vive no mundo do faz-de-conta... Faz de conta que isto é um avião. Zzzuuu... Depois aterrisou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc... Entrou pelo túnel, chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilou. E o mocinho? Onde é que está o mocinho? Meu Deus! Onde é que está o mocinho?! No auge da confusão, levaram Lili para a cama, à força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha. (QUINTANA, 2005, p.938)

Mario, Manuel, Sacha, Lili, Petit Prince, Saint-Exupéry, vivem em mim um menino, um anjo, um louco, todinhos dentro de um poeta aprendiz que bem quer ouvir estrelas... E tudo isso de ir em busca de mim, com as plumas (e as asas) dos poetas, meus irmãos maiores, mexe no âmago do ser, nos vãos recônditos de mim, que eu nem sequer suspeitava haver. O tempo passa como o vento, invisíveis e marcantes.

Sopro

O vento passa, não volta jamais.
Uns, ele leva. Outros, ele traz.

(BELTRÃO, 2009, p.86).

Como disse há pouco, conheci ainda menino o *carpe diem*, graças à minha mãe, eterna e tão terna sanfoneira e pianista que continua a tocar dentro de mim. Hoje, com meu pai, José Franácio, o poliglota silencioso, avô de meu filho, Ravi, cada manhã é um presente. Venho aprendendo, Lili, o simples segredo que teu Mario nos revela...

Viver

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.
Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.
Tal e qual vovô.
Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos.

(QUINTANA, 2005, p.942)

³⁹ *Quel est le plus long chemin d'un point à un autre?*

Muitos autores se inspiraram na sabedoria de Epicuro, entre os quais muito me marca Pierre de Ronsard, como se lê neste seu soneto⁴⁰ a Hélène dedicado, a seguir em tradução de Guilherme de Almeida (aqui com a ortografia atualizada).

Quando fores bem velha, à noite, à luz da vela,
 Junto ao fogo do lar, dobando o fio e fiando,
 Dirás, ao recitar meus versos e pasmando:
 “Ronsard me celebrou no tempo em que fui bela”.

E entre as servas então não há de haver aquela,
 Que, já sob o labor do dia dormitando,
 Ao nome de Ronsard não vá logo acordando
 E abençoando o esplendor que o teu nome revela.

Sob a terra eu irei, fantasma silencioso,
 Entre as sombras sem fim procurando repouso;
 E em tua casa irás, velhinha combalida,

Chorando o meu amor e o teu cruel desdém.
 Vive sem esperar pelo dia que vem:
 Colhe hoje, desde já, colhe as rosas da vida.

(ALMEIDA, 1964, p.30-33)

Ronsard fez diversos poemas com esse espírito epicurista. Ao fio do tempo, de geração em geração, de século em século, os poetas conversam entre si, a Poesia lhes passa a palavra. (Isso rima com a perspectiva intergeracional por Martine Lani-Bayle proposta, em *Histórias de Vida e Formação*.) O princípio é simples: aproxima-te daqueles a quem queres te assemelhar e – inversamente – distancia-te daqueles com quem te desagradaria parecer. (Veremos que assim fazem os professores em formação.) Escrevi poemas à maneira dos grandes poetas depois de perceber que eles próprios o faziam e fazem. Notei que conversavam entre si não somente os que de fato e em vida conviviam (como em exemplos que virão mais adiante, entre Bandeira, Quintana e Cecília Meireles), mas também a despeito de distâncias temporais e espaciais. Também passei a me aventurar nesses diálogos com os mestres. E, escrevendo, descobri que as palavras por si e entre si encontram-se: no ato da escrita se inscrevem e se manifestam as relações entre elas.

⁴⁰ *Quand vous serez bien vieille, au soir, à la chandelle, / Assise auprès du feu, dévidant et filant, / Direz, chantant mes vers, en vous émerveillant : / Ronsard me célébrait du temps que j'étais belle. // Lors, vous n'aurez servante oyant telle nouvelle, / Déjà sous le labeur à demi sommeillant, / Qui au bruit de mon nom ne s'aille réveillant, / Bénissant votre nom de louange immortelle. // Je serai sous la terre et fantôme sans os : / Par les ombres myrteux je prendrai mon repos : / Vous serez au foyer une vieille accroupie, // Regrettant mon amour et votre fier dédain. / Vivez, si m'en croyez, n'attendez à demain : / Cueillez dès aujourd'hui les roses de la vie.*

Paráfrase de Ronsard

Foi para vós que ontem colhi, senhora,
Este ramo de flores que ora envio.
Não no houvesse colhido e o vento e o frio
Tê-las-iam crestado antes da aurora.

Meditai nesse exemplo, que se agora
Não sei mais do que o vosso outro macio
Rosto nem boca de melhor feitio,
A tudo a idade altera sem demora.

Senhora, o tempo foge... e o tempo foge...
Com pouco morreremos e amanhã
Já não seremos o que somos hoje...

Por que é que o vosso coração hesita?
O tempo foge... A vida é breve e é vã...
Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.

(BANDEIRA, 1977, p.137)

Em meio a esses poéticos diálogos, o tempo e o espaço parecem abrir os braços em concessões. O convite a bem viver o momento ecoa em meio aos versos avessos a fronteiras de calendários e mapas. Entre os que cantaram a sabedoria de Epicuro, recordo Rafael Sânzio de Azevedo, poeta cearense admirável, mais conhecido como grande estudioso de literatura, destacadamente da teoria do verso e dos literatos do Ceará.

Carpe diem

Para Francisco Carvalho

Daqui a alguns anos,
todas as novidades serão velhas.

E ainda mais tarde, quando os calendários
marcarem outro século,
e quando esse outro século for velho,
lápides testemunharão nossa passagem,
efêmera passagem pelo mundo.

É incrível admitir que este momento,
este instante de agora,
novo, atual, moderno,
será passado um dia...

Os últimos modelos de automóvel
(que já hoje raros chamam de automóvel)
e os mais modernos aviões
(que um dia se chamaram aeroplanos),
tudo será futuramente
atração de museu...

Colhamos (doce ou amargo) o momento presente
antes que ele se torne antigamente...

(AZEVEDO, 1986, p.20)

Esses tantos versos conversam com o mesmo veio de onde brotam as palavras de Horácio, em Epicuro inspiradas. Este diálogo atravessa épocas e lugares, faz espirais das fronteiras e folgado com os limites. Viaja no tempo a sabedoria de viver o instante.

Tu não procures, conhecer não deves, o fim que a mim,
a ti concederam os deuses, ó Leucone, nem experimentes
os números babilônicos. Melhor sofrer o que quer que seja!
Seja muitos invernos, seja o último que Júpiter concedeu,
e que agora o mar Tirreno quebra contra os rochedos,
sê sábia, filtra os vinhos, e pelo curto espaço de tempo
suprime qualquer longa esperança. Enquanto falamos, o tempo invejoso
foge: aproveita o dia, muito pouco crédula no que virá⁴¹.

(HORÁCIO, Ode I, XI)

A vida tantas vezes me desafia, a morte me deseja bom-dia. “A morte grita: Viva! Viva bem” (Beltrão, 2007, p.90). Venho aprendendo a bem viver, sim, com poesia. Eu tenho sentimentos e emoções muito intensos, muito fortes; a sensibilidade à flor da pele. No convívio com o outro, pulsa a descoberta de si: a amada me mostrou algo que de mim nem percebia: afetos são afeitos a ser de versos feitos em mim – frequentemente, quando tenho uma alegria, faço um poema; quando vem a raiva, faço um poema; quando me entristeço, faço um poema; quando chega a saudade, faço um poema; quando sinto amor, faço um poema... Vive em mim o menino de outrora; Saint-Exupéry, eu não me esqueci de mim...

As palavras são meus brinquedos.
A linguagem é meu jardim.
A janela da imaginação dá pro quintal.

(BELTRÃO, 2007, p.23)

Menino se contradiz sem susto, acredita no que cria, transita entre realidade e fantasia. Antes (q.v. 2.2.1), dizia que Vinicius de Moraes e Quintana, entre outros, nos fazem ver que o poeta convive com os paradoxos humanos: “Ele vive no vórtice dessas contradições, no eixo desses contrários” (MORAES,1980, p.537). Parece o poeta harmonizar ou conciliar opostos, ou senão ao menos conseguir conviver com o fato de não haver maneira de conciliar o que persiste em se contradizer e se opor. Menino não tem medo de se contradizer. Menino é todo tempo fiel a si e a sua imaginação. Para bem viver neste mundo da poesia, ou para conviver bem com este mundo (*tout court*), graças à poesia, navegar nas contradições se faz paradoxalmente *rassurant*, isto é, traz segurança, embora não necessariamente tranquilidade

⁴¹ *Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi / Finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios / Tentaris numeros. Ut melius quidquid erit pati! / Seu plures hiemes, seu tribuit Jupiter ultimam, / Quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare / Tyrrhenum, sapias, vina liques et spatio brevi / Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit invida / Aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.*

(em português, *rassurant* se pode traduzir como “tranquilizador”, mas a palavra vem do adjetivo *sûr*: seguro). Há mais, muito mais, além do que se pode dizer do poeta-albatroz de Baudelaire e de outras imagens dos bardos por eles mesmos semeadas. Este mundo me é estranho e de mim escravo. Sob minhas asas, ele se desenha e, nas alturas, indiferente a tempo e espaço, pouco importa a mediocridade que no chão vive, ao compasso das reviravoltas da ampulheta e do folhear do calendário, do oscilar da agulha de uma bússola ou da constância de um lá no diapasão dali.

Vinicius encarna bem o que se imagina dos poetas, apaixonado, irreverente, afeito à mudança, contínua mudança: “Il n’est rien de constant si ce n’est le changement” (Le Bouddha) – “Nada há de constante, senão a mudança” (O Buda). Alguém já disse que ninguém mais que ele viveu como poeta. No filme de Miguel Faria Jr. (2005), os amigos (Bethânia, Tônia Carreiro) dizem da sua capacidade de partir com o mínimo, de escova de dentes numa mão, poemas na outra, pronto, sempre pronto a recomeçar, o que o amor viria decerto a inspirar. Não é à toa que a etimologia aponta “criador” no íntimo mesmo do que quer dizer “poeta”. Em *A Criação na Poesia* (MORAES, 1980, p.126), certo é o que do incerto dizia o então jovem Vina: “O poeta parte no eterno renovamento. Mas seu destino é fugir sempre ao homem que ele traz em si”. Ao que ele próprio em seguida responde, dando voz ao próprio artista da linguagem (MORAES, 1980, p.126): “O poeta: Eu sonho a poesia dos gestos fisionômicos de um anjo!” O que nos remeteria uma vez mais à dimensão espiritual da criação poética, a que anteriormente foi feita alusão.

Mas por ora queria me demorar em mais algumas linhas no amor que tanto inspirava Vinicius e na poesia que o sustentava durante as rupturas. Amar pode ser desafiante, escarpado, abissal. Isso me lembra a frase derradeira de Espinosa (2003, p.388, nas notas da proposição 42, tradução minha): “Mas tudo que é muito precioso é tão difícil quanto raro”⁴². Permitam-me a licença poética de o citar uma vez que se refere não ao amor de um Vinicius por suas amadas, mas à felicidade que, para ele, é a própria virtude e consiste no amor intelectual a Deus. Se o faço é porque condiz com o conselho rilkiano citado a seguir e porque ele foi excelente nos versos de amor, que lhe trouxeram celebridade. Ora, bons versos de amor estão entre os mais difíceis – são preciosos e raros. Rilke (1996) desaconselhava Kappus, o jovem poeta com que se correspondia, a fazer poesias de amor, mas o estimulava a procurar bem viver o amor e a solidão.

⁴² *Mais tout ce qui est très précieux est aussi difficile que rare.*

Sabemos pouca coisa, mas que temos de nos agarrar ao difícil é uma certeza que não nos abandonará. É bom estar só porque a solidão é difícil. O fato de uma coisa ser difícil deve ser um motivo a mais para que seja feita.

Amar também é bom: porque o amor é difícil. O amor de duas criaturas humanas talvez seja a tarefa mais difícil que nos foi imposta, a maior e a última prova, a obra para a qual todas as outras são apenas uma preparação (RILKE, 1996, p.23).

Lani-Bayle (1997) destaca em seus estudos a história de vida genealógica, frisando a importância da formação em seu aspecto intergeracional, o que envolve considerar a transmissão através das gerações por meio de nossos antepassados – e não somente os que conhecemos, nem tampouco apenas os genéticos. A meu ver, de fato, os mais velhos (trans)formam os mais jovens que (trans)formam os mais velhos, em uma contínua relação dialógica de aprendizagem. Não somente Rilke dirigiu-se a um jovem poeta que buscava sua orientação, mas muitos outros bardos ao longo do sinuoso e belo caminho, ora silencioso, ora falante, das escritas do ser humano em poesia. Vinicius de Moraes (1980) também, de maneira digna de nota. E de aplauso, como bem gostava. E nisso remete-se ao fato de que de outra maneira não podia ser (como frisava Rilke, 1993, falando da necessidade de escrever como inelutável para o poeta), viver somente é possível para o poeta se (de) poesia (se) fizer, somente é possível na grande graça do encontro, somente é possível vivendo-se todos os afetos.

Cada poeta é uma coisa em si, mas todos os poetas devem o mesmo à Poesia: a própria vida. Há, o poeta, que queimar-se sempre e causar sempre mal-estar aos que não se queimam. Há que ser o grande ferido, o grande inconformado, o grande pródigo. Há que viver em pranto por dentro e por fora, de alegria ou de sofrimento, e nunca dizer “não” a ninguém, nem mesmo àqueles que optaram pelo não chorar. Há que também não ter o pejo do ridículo, da intriga ou da risota alheia. Quando Gide, ao ver Verlaine bêbado e maltratado, numa rua de Paris, por um grupo de jovens que o perseguiram e caçoavam com empurrões e doestos, contrariou voluntariamente o impulso de socorrê-lo preferindo deixá-lo entregue a um destino que sabia já traçado – que grande página deixou de escrever sobre a covardia humana, sobre o mal da disponibilidade e a tristeza do egoísmo! Verlaine, o pobre Verlaine, talvez dentre os poetas o que mais amou e sofreu...

Você, meu caro Jovem Poeta, que foi dotado de talento e de beleza, não tem o direito de negar-se ao seu martírio. Só ele pode tornar a sua poesia emocionante. Só ele pode salvá-lo do formalismo em que caem os que se recusam a estar sempre despertos. É preciso que todos vejam a luz que seu coração transverbera, mesmo coberto por bons panos. Não negue o seu olhar de poeta aos homens que precisam dele, mesmo tendo o pudor de confessá-lo. Abra a sua camisa e saia para o grande encontro! (MORAES, 1980, p.641)

Sinto que no rumo dos encontros, se tecem achados entre os poetas. Uns viajam pelos versos e entrelinhas no avesso do que escrevem – graças ao que escrevem os outros. Sempre tive o gosto de imaginar os aedos no ar reunidos, os bardos em sua bagunça íntima, os vates

em seus embates – sem vencedor ou vencido. Decerto muitos se encontraram e conviveram, bem ou mal, de amigos como Thiago de Mello e Pablo Neruda a amantes como Verlaine e Rimbaud. Sempre sonhei com a fotografia feita no ano de meu nascimento, 1966, na casa de Rubem Braga, casa-poema, sítio suspenso na urbes, sempre de porta aberta – ali estavam, com o anfitrião e um outro cronista, Paulo Mendes Campos, os poetas Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Mario Quintana! Até hoje e agora mesmo, imagino o que teriam conversado, que versos teriam mostrado à mão escritos⁴³, ou haveriam citado à meia-voz, sem pretensão nem vã análise, por gosto tão somente.

Quisera eu ser ali a formiguinha que atravessa a folha em branco, consigo carregando todo o frêmito da vida, Mario⁴⁴; uma pedra qualquer, Carlos, no meio do caminho do meio; um outro rio a refletir os céus, com uns sapos à beira dele, Manuel; uma efêmera pedra de gelo no uísque que flui, folhas levando, Vina... E assim fluir e viver... poeticamente.

O Rio

Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas nos céus, refleti-las.

Mas se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.

(BANDEIRA, 1977, p.285)

⁴³ A escrita feita à mão tem um valor difícil de analisar, mas eloquente. Sempre gostei de ver os originais de um poeta maior com sua letra. Martine Lani-Bayle (notas de aula), em diversos momentos, nos chamou a atenção sobre a relação íntima entre o corpo e a produção escrita quando se a faz à mão, em uma conexão visceral e direta. Rilke (1996, p.55) copia um soneto do jovem poeta Kappus e envia com o comentário: “Venho agora oferecer-lhe esta cópia, porque sei como é importante e cheio de novas experiências rever um trabalho próprio copiado pela mão de outrem. Leia os versos como se fossem de outra pessoa e no fundo da alma há de sentir como são seus”.

⁴⁴ O Poema: Uma formiguinha atravessa, em diagonal, a página ainda em branco. Mas ele, aquela noite, não escreveu nada. Para quê? Se por ali já haviam passado o frêmito e o mistério da vida... (Quintana, 2005, p.)

Imagem 5: Fotografia dos poetas na casa de Rubem Braga



Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Mario Quintana e Paulo Mendes Campos, 1966, em casa de Rubem Braga.

Fonte: Fotografia publicada em Quintana, 2005, p.42.

Eu dizia dos encontros em meio à correnteza da história e da geografia que permitem diálogos de viva voz (ou não) – entre os que fazem poesia dela sendo feitos. Os poetas cantaram seus pares, em meio à multidão ou imersos na imensidão. Nesses cantares, cabe mais do que eu aqui digo ou do que alcançares. Manuel⁴⁵ desfralda sua bandeira de versos pelos ares.

A Mario Quintana

Meu Quintana, os teus cantares
 não são, Quintana, cantares:
 são, Quintana, quintanares.

Quinta-essência de cantares...
 Insólitos, singulares...
 Cantares? Não! Quintanares!

Quer livres, quer regulares,
 abrem sempre os teus cantares
 como flor de quintanares.

⁴⁵ Poema com que Mario Quintana foi por Manuel Bandeira saudado em sessão da Academia Brasileira de Letras realizada no dia 25 de agosto de 1966 (o mesmo ano da foto citada).

São cantigas sem esgares,
 onde as lágrimas são mares
 de amor, os teus quintanares.
 São feitos esses cantares
 de um tudo-nada: ao falares,
 luzem estrelas e luares.

São para dizer em bares
 como em mansões seculares,
 Quintana, os teus quintanares.

Sim, em bares, onde os pares
 se beijam sem que repares
 que são casais exemplares.

E quer no pudor dos lares,
 quer no horror dos lupanares,
 cheiram sempre os teus cantares

Ao ar dos melhores ares,
 pois são simples, invulgares,
 Quintana, os teus quintanares.

Por isso peço não pares,
 Quintana, nos teus cantares...
 Perdão! Digo quintanares.

(BANDEIRA in QUINTANA, 2005, p.76-77)

Em sua homenagem, Manuel Bandeira, aquele que se dizia poeta menor(!) aponta o poder do estilo do seu amigo e irmão de Letras, aquilo que faz de cada palavra por ele tocada parte de si, inimitável: são insólitos, singulares, simples e invulgares – seus cantares, *pardon*, quintanares. A simplicidade de Quintana é desconcertante. Com poucas linhas, um mundo abrange; com termos comuns, gera o inesperado. Eis a senda dos grandes poetas, sempre a se acharem menores, sim, são menores do que viriam depois a ser, no convívio com o verbo, consigo, com os outros e com o mundo – que leem, Mestre Paulo Freire, e reescrevem.

Entre outros muitos exemplos, também Cecília Meireles com Bandeira e Quintana conversa em seu poema *Quintanares*, trazendo mais encantos dos encontros, uma vez mais com a pluma triscando a transcendência da dimensão espiritual da poética criação.

Quintanares

O Natal foi diferente
 porque o Menino Jesus
 disse à Senhora Sant'Ana:
 “Vovozinha, eu já não gosto
 das canções de antigamente:
 cante as do Mario Quintana!”

Viram-se então os anjinhos
 de livro aberto nas mãos
 deslizar no ouro dos ares.

Estudaram nova solfa
 pelos celestes caminhos
 e ensaiaram quintanares.
 Deixaram cair os versos
 que já sabiam de cor
 pelos telhados das casas.
 E o milagre das cantigas
 foi que até os seres perversos
 amanheceram com asas.

(MEIRELES in QUINTANA, 2005, p.76-77)

O mesmo Mario então homenageado se enche de perplexidade mais tarde pelo fato de os editores lhe pedirem uma “suma” de sua poesia. Pode um poeta sumariar sua obra?

Saberá mesmo um poeta em que consiste essa espécie de força oculta que o faz poetar? Ele não tem culpa de ser poeta; portanto, não tem do que se desculpar ou explicar.

Se eu conheço algum segredo é o da sinceridade, não escrevo uma vírgula que não seja confessional. Esse desejo insopitável de expressar o que tem dentro de si é o mesmo que leva o crente ao confessionário e o incrêdo ao divã do analista. O poeta prescinde de ambas as coisas, e os que não são poetas, mas gostam de poesia, desafogam a si mesmos através dos poemas que leem: porque na verdade vos digo que não é o leitor que descobre o seu poeta, mas o poeta que descobre o seu leitor.
 (QUINTANA, 2005, p.779)

Relaciona-se o confessional acima citado com o caráter autobiográfico desta poética narrativa. E com o que o próprio Quintana diz sobre a natureza autobiográfica dos seus versos: sinceramente réu confesso, réu liberto, pelo livre céu do que confessa em sua poesia, sincera e simples, a velar por ele e por si, a revelar um tanto do cadinho dos dois na alquimia de sentir, balbuciando, gaguejando, solfejando, afinando, improvisando ser.

Ele, que considerava absurdo interpretar um poema⁴⁶, por considerar que o poema já é uma interpretação, dizia de si a cada instante em versos, quintanesca quintessência. E deixava, como outros de sua estirpe, as explicações para quem as cultivava. O mestre Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa já ensinava:

Nunca fui senão uma criança que brincava.
 Fui gentio como o sol e a água,
 De uma religião universal que só os homens não têm.
 Fui feliz porque não pedi cousa nenhuma,
 Nem procurei achar nada,
 Nem achei que houvesse mais explicação
 Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

(PESSOA, 1977, p.236)

⁴⁶ Mas para que interpretarem um poema? Um poema já é uma interpretação (Quintana, 1983, p.82).

Antes, necessário é viver, embora impreciso seja. São os fios de um equilibrista sem rede de segurança as linhas por onde caminham os versos avessos a de todo se revelarem.

O poeta encabulou-se,
equilibrista das coisas mínimas,
entre metáforas raras,
em um barco de dúvidas,
no oceano das incertezas.

O poeta espatifou-se,
sem rede e sem pressa,
em pleno centro de si,
cidade imprecisa,
morada da beleza.

(BELTRÃO, 2009, p.41)

Os versos, grávidos de mistérios, a cada vez que são lidos ou ditos, novamente surpreendem. Somos convidados à interminável viagem de quem faz e de quem gosta de poesia. E os viajores se irmanam entre si durante o percurso e se identificam com o próprio caminho para si, como bem aponta outra artista, também cientista, referência essencial em *Histórias de Vida e Formação*, Marie-Christine Josso (2004): ir ao encontro de si mesmo faz descobrir e compreender que a viagem do viajante e ele mesmo são um só. Embarquemos, pois, nos trilhos dos quintanares com drummoniano maquinista.

III
O melhor de tudo é embarcarmos num poema...
Carlos Drummond, um dia, me pôs de passageiro num poema seu.
Ah, seu Carlos maquinista, até hoje ainda não encontrei palavras para agradecer-lhe...
Mas que longa, longa viagem será!

IV
E das janelas do trenzinho-poema
abanaremos para os brotinhos do futuro.
Ui, como serão os brotinhos do século XXIII, meu Deus do Céu?
Pergunta boba! Em todas as épocas da História
um brotinho é um brotinho é um brotinho...

(QUINTANA, 2005, p.417)

Escuto, enquanto isso, – nos labirintos da memória, não dos ouvidos – o *Trenzinho do Caipira*, de Villa-Lobos, deslizando pela paisagem (dentro) de mim, alheio a tudo, mesmo aos versos de Ferreira Gullar que nele embarcaram. Quintana nos remete a um dos mais célebres versos, escritos por Gertrude Stein, que nunca se destacou como poeta, mas pela sua prosa e por sua habilidade de polemizar: “uma rosa é uma rosa é uma rosa”. Quisera tão somente poder dizer: um poeta é um poeta é um poeta... Mas as rosas que cada um deles semeia são

mais que rosas, Gertrude. Esses jardineiros do impalpável, esses oradores do indizível, esses escritores do inapreensível bem sabem que cultivar outros e novos jardins é necessário, embora preciso. Eu disse “jardineiros”? Se assim forem, o jardim é universal! Ou seriam fazendeiros dos ares? Bandeira assim louva Drummond no poema cujo título é o nome completo do vate de Itabira e no qual brinca com outros títulos de obras deste.

Como é fazendeiro do ar,
O obscuro enigma dos astros
Intui, capta em claro enigma.
Claro, alto e raro. De resto
Ponteia em viola de bolso
Inteiramente à vontade
O poeta diverso e múltiplo
Que é Carlos Drummond de Andrade.

(BANDEIRA, 1977, p.344)

De versos feitos, cantando a si mesmos porque de si mesmos diversos (Quintana, 2005, p.489), os poetas contemplam a poesia que os anima e chama e inflama e transmuta na alquimia da palavra. Seguem viagem, em trem ou nau ou comboio de versos ou alados pelo ar. Vai dentro do peito uma bússola, um sextante, um astrolábio? Uma ampulheta mágica a reverter o tempo? Gira dentro do peito o coração. Mais dizer não é preciso: tantas reflexões e inquietações já foram suscitadas por *Autopsicografia*, de Fernando Pessoa, poema antes *en passant* citado.

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

(PESSOA, 1977, p.164)

O coração guia leme e velame do barco da poética criação. O coração canta. A melodia da letra fonema vira, vibra no ar a musicalidade da poesia de cada instante fugidio e único. Nas músicas brasileiras, muitos trechos se afinam com as reflexões que neste texto

faço. Temos letras de canções que são verdadeiros poemas, ou seja, têm literariedade. Outras, não. Destas, passo ao largo. Algumas delas têm a complexidade de um Chico Buarque, outras são belas porque simples. O poeta persa Khalil Gibran diz algo de essencial para mim, epígrafe do meu segundo livro, *Simples* (2009), aqui com o termo “derradeiro” em vez de “último”: “A simplicidade é o derradeiro degrau da sabedoria”.

É de maneira simples que Eudes Fraga e Eliakin Rufino cantam os bardos na composição *Poeta*, interpretada por Marcus Caffé (2008). Nela aprecio e portanto destaco o fato de que parte de uma imagem do poeta como aquele que canta ou escreve uma canção (portanto não se restringe ao escritor dos livros), aquele que se atreve a convidar o outro a pensar, e chega a uma definição mais ampla, que envolve quem com poesia vive, por exemplo, amando: “Sempre em estado de graça, / Poeta é quem vive amando. / Poeta é aquele que ri / Depois de chorar baixinho”. Veremos logo mais que outros artistas da palavra consideram que quem lê, quem gosta de poesia é também, de certa maneira, poeta.

Poeta é aquele que canta
 E carrega na boca uma flor.
 É aquele que traz na garganta
 Um passarinho cantador.
 Poeta é aquele que escreve
 Uma canção popular.
 É aquele que se atreve
 E manda o povo pensar.
 Poeta é aquele que passa,
 Aquele que segue cantando,
 Sempre em estado de graça,
 Poeta é quem vive amando.
 Poeta é aquele que ri
 Depois de chorar baixinho.
 Sabe bem aonde ir,
 Não sabe é viver sozinho.

(FRAGA e RUFINO in CAFFÉ, 2008)

O estado de graça em que vive o poeta é a inspiração, os cinco sentidos mais o sexto a captarem outra leitura do mundo, com o coração conduzindo os voos e (re)pousos da criação poética. A poesia é necessária; por vezes imprescindível. Ao longo do caminho sinuoso que pela sala de aula, pelo palco e pelo estúdio de rádio vem passando, semeado tenho a ideia de que toda a gente poderia ler e mesmo fazer versos. Não é exigido que se seja cantor para cantarolar ou assobiar uma canção, ninguém precisa ser bailarino para dançar ao som da música, os poemas estão à mão (ou nas mãos, segundo Quintana) de quem quiser... A arte nos aproxima da gente. Caminho de beleza que leva a si. Assim, ou de outra maneira parecida com essa, pensa Quintana, que há de me perdoar se eu estiver errado. Mas bem disseste, ó

poeta, *A Poesia é Necessária* (QUINTANA, 2005, p.253 e p.564). Reviste teu poema entre o Caderno H, de 1973, e A Vaca e o Hipogrifo, de 1977, lapidando-o sem abandonar o que defendias, pelo menos até então. Prefiro, como tu, suponho, a segunda versão. Dou relevo a um detalhe tão fundamental quanto o convite em si para versejar: o bardo gaúcho afirma a seguir que “os simples leitores de poemas (...) são todos eles uns poetas inéditos”.

A poesia é necessária

Título de uma antiga seção do velho Braga na *Manchete*. Pois eu vou mais longe ainda do que ele. Eu acho que todos deveriam fazer versos. Ainda que saiam maus. É preferível, para a alma humana, fazer maus versos a não fazer nenhum. O exercício da arte poética é sempre um esforço de auto-superação e, assim, o refinamento do estilo acaba trazendo a melhoria da alma.

E, mesmo para os simples leitores de poemas, que são todos eles uns poetas inéditos, a poesia é a única novidade possível. Pois tudo já está nas enciclopédias, que só repetem estupidamente, como robôs, o que lhes foi inculcado. Ou embutido. Ah, mas um poema, um poema é outra coisa...

(QUINTANA, 2005, p.253 e p.564)

Outra coisa, sim, Mario. O poeta francês Jean Cocteau teria respondido ao brasileiro Quintana: “– ‘*Eu não sei... é outra coisa.*’ Terminei por compreender que esta outra coisa era, em suma, a melhor definição de poesia”⁴⁷ (PRUVOST, 2008, p.432).

Este é um caminho sem as certezas que vivem no chão. Abrir de asas imensas! Asas abrir, imensidão! No mundo do poeta, pode haver o absurdo e o inefável. A pena interroga aquele que a manipula:

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.

(PESSOA, 1977, p.82)

Ao fim e ao cabo, além, bem além do Bojador e da dor, tudo nunca há de ser dito. O que deixa margem (dos cadernos, dos livros, dos rios, da vida) para os novos poetas. “As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis como se nos pretendem fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou.” RILKE (1996). À maneira da poesia, que tudo não diz, Martine Lani-Bayle aponta que existe nas narrativas (auto)biográficas o que ela chama de *antiracontage*

⁴⁷ “*Je ne sais pas... c'est autre chose.*” *J'ai fini par comprendre que cet autre chose était, somme toute, la meilleure définition de poésie.*

(antinarrativa, LANI-BAYLE, notas de aula) e de *insu* (insciente, LANI-BAYLE, 2008), uma dimensão que ninguém alcança dizer: ou porque não quer, ou porque não consegue, ou porque simplesmente não há palavras para isso (queira ver 6.2).

E à hora crepuscular de cada movimento em que cantar a poesia e o poeta eu tento, à prosaica hora em que os limites destas páginas ou do tempo exigem de mim parar, peço arrego às palavras de Vinicius e rogo-lhes socorro porque de amor pelo meu semelhante transbordo enquanto contemplo o horizonte difuso da poética criação; quero o amparo seu para dizer do convite que a todos se estende, mas que tão poucos alcança, deixando no vento o chamado da poesia; e de *Mensagem à Poesia* então lembro, quando em versos o Poetinha pede perdão à poesia por não poder ir ao seu encontro. Com sua licença, Vinicius, com licença, Poética, e com vosso perdão...

(...) Oh, peçam a ela [a poesia]
 Que me perdoe, ao seu triste e inconstante amigo
 A quem foi dado se perder de amor pelo seu semelhante
 A quem foi dado se perder de amor por uma pequena casa
 Por um jardim de frente, por uma menininha de vermelho
 A quem foi dado se perder de amor pelo direito
 De todos terem uma pequena casa, um jardim de frente
 E uma menininha de vermelho (...)

(MORAES, 1980, p.234)

2.3 Eu faço versos como quem faz perguntas⁴⁸

Eu faço versos como quem faz perguntas – que poema a vida traduz? Ao fio das linhas que tecem este trecho, eu experimento o prazer e o desafio de refletir e sentir um pouco da poesia tal como a gente a vive no Brasil, especialmente em Fortaleza, praiana capital do Ceará, no Nordeste. Eu convido a brevemente compartilhar intuições, dúvidas, incertezas,

⁴⁸ A versão primeira deste tópico (BELTRÃO, 2011), originalmente escrita em francês, foi publicada como ensaio, intitulado *Je fais des vers comme quelqu'un qui pose des questions*, na revista *Cultures & Sociétés* n° 17 (Paris: Ed. Téraèdre, janvier 2011, p. 60-65) no dossiê “*Poètes, vos papiers! La poésie permet-elle de penser le monde autrement?*”, coordenado por Jean-François Gomez. (Ver anexos.)

Escrever este texto teve papel vital no meu percurso durante o doutorado sanduíche. Poucos dias depois da partida de minha mãe, em 09/09/2010, J.-F. Gomez me dizia (correio de 12/09/2010): “*La perte d'une mère est une des aventures les plus puissantes de la vie d'un homme. On sent que tu garderas la fierté que t'as donné cette mère qui restera en toi pour toujours. / A perda de uma mãe é uma das aventuras mais poderosas da vida de um homem. A gente sente que guardará a altivez que te deu essa mãe que ficará em ti para sempre*”. Em seguida (correio de 15/09/2010), convidava-me “*à écrire un témoignage sur ton expérience d'homme de radio etc. dans un texte qui insiste sur le rapport qu'ont les gens de chez toi à la poésie (à mon avis différent de la France) / a escrever um testemunho sobre tua experiência de homem de rádio etc. em um texto que insista sobre a relação que têm as pessoas de tua terra com a poesia (na minha opinião, diferente da França)*”. Ele me recordava que, para mim, (continuar a) escrever é essencial para viver. (Tornarei a citar este episódio.)

impressões de um poeta, professor e homem de rádio que vive no cotidiano – no ar, no palco, em sala de aula – a relação com a poesia que têm as pessoas do meu lugar, os que a escrevem, leem, escutam, cantam...

Falar de poesia suscita mais perguntas do que respostas – por claras razões. Tanto melhor, posto que para um poeta mais valem as questões do que os achados, mais sugerem as inquietações que o vazio, mais contam as dúvidas do que as certezas.

Das Indagações

A resposta certa não importa nada:
o essencial é que as perguntas estejam certas.

(QUINTANA, 2005, p.278)

Falar de poesia me impõe silêncios que compõem pausas musicais. Eu esboço linhas e entrelinhas pensando, claro, nos leitores – de poesia, sobretudo – e sentindo, uma vez mais, o que esta palavra guarda em si de infinito e inefável. Se desabrocharem semântica e etimologia, o sentido de “criação” estará nela sempre presente. O poeta cria o que pode se tornar real ou recria à sua maneira o que a realidade (ou o sonho) lhe revela. Por um lado outro, somente ele pode apreender uma dimensão desta distinta, mais sutil, estranha à maioria dos homens e mulheres que não amam a poesia, sob pretexto de não a compreender, de a considerar inútil ou de a considerar inferior à prosa. Prosaicas, essas pessoas – mas a gente bem precisa de ambas, lembremos uma vez mais que, segundo Edgar Morin (1997, p.41, tradução minha), “o homem habita a Terra poética e prosaicamente ao mesmo tempo”.

Poesia, pra que serve? Pra emocionar e a voz inspirar, pra inquietar e inquietude expressar. Pra despertar a beleza e embalar os sonhos... Pra traduzir o prosaico em sensibilidade. Em seu poema, *o banco do jardim*, Horácio Dídimo (2010)⁴⁹ diz:

ela foi embora
mas as palavras que ela disse ficaram
e conversaram muito tempo ainda

(DÍDIMO, 2010, p.12)

⁴⁹ Na versão original deste texto (BELTRÃO, 2011), traduzi em francês os versos do poeta cearense: *elle s'en est allée / mais les mots qu'elle a dits sont restés / et ils ont conversé très longtemps encore*. Quando preparava o ensaio que deu origem a este tópico (ver nota anterior), recebi em Nantes o poético correio de Horácio Dídimo, que me enviara *O Pequeno Leitor* (DÍDIMO, 2010), onde eu reencontrei esses versos que eu trazia de cor, desde a leitura primeira, no *Folhetim Literário Acauã* (1985, o mesmo em que publiquei *Os Cisnes*) e em *Amor, palavra que muda de cor* (*A palavra e a Palavra*) (DÍDIMO, 2002). As palavras do mestre da simplicidade *conversarão muito tempo ainda...*

Quando se lê um poema, ele conversa muito tempo na gente. Quando se partilha esse poema, ele tece laços. Quando a gente o aprende de cor, guarda um tesouro.

Sem ter à mão nenhum censo, ousaria dizer assim mesmo que os leitores de poesia no Brasil não são dos *mais* numerosos, mas são apaixonados. De fato, o que conta, não é o número de leitores, mas sua qualidade. São os bons leitores que carregam a obra ao longo do tempo – senão, como teriam chegado aos nossos dias os versos escritos no século XVII (quando não havia quase letrados no Brasil), tais como os de Gregório de Matos, conhecido como Boca do Inferno, assim chamado por causa do conteúdo erótico e das críticas – ácidas e sempre atuais – feitas às autoridades políticas e religiosas?

A cada canto um grande conselheiro.
que nos quer governar cabana, e vinha,
não sabem governar sua cozinha,
e podem governar o mundo inteiro.⁵⁰

(MATOS)

Se os editores nesse campo de poemas são raríssimos, em revanche muitos compatriotas meus sabem de cor versos ou mesmo poemas completos de Vinicius de Moraes, Thiago de Mello, Ferreira Gullar, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Patativa do Assaré, entre outros, que eles chamam à baila no momento propício: seja em um baile ou um sarau; seja quando de uma manifestação política, seja como palavras de sabedoria; seja para ilustrar o que dizem, seja para embelezar um gesto. Se não se contam vendas importantes nesse âmbito e se não há bardos em meio aos autores de *best-sellers*, os poetas populares – cantadores, emboladores – continuam fascinando um público entusiasta, versejando de improviso nas feiras e nas praças dos vilarejos e das capitais, sobretudo do Nordeste, acompanhados de suas violas ou pandeiros. E ainda se encontram, na literatura de cordel, publicações bem simples (que animam quem as lê, às vezes, para outros, mais velhos, que não sabem ou não podem mais ler). Ainda há cantorias durante as quais esses poetas populares se juntam para desafios – sobre os mais diversos temas, tanto as tradições e as lendas, quanto a exploração dos operários e camponeses – e isso durante horas encarrilhadas com tiradas de versos improvisados até que um deles não mais consiga o outro acompanhar.

Em meio a esses diversos poetas, Geraldo Amâncio, Lourinaldo Vitorino, Oliveira de Pannels, destacaria o cearense Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré (CARVALHO, 1997), mestre maior da poesia e da simplicidade.

⁵⁰ No ensaio original, traduzi o célebre pioneiro poeta: *Dans chaque coin un très grand conseiller / Veut nous gouverner la maison, et vigne, / Ils ne savent pas gouverner leur cuisine, / Et ils peuvent gouverner le monde entier.*

Eu venho desde menino
 Desde muito pequenino
 Cumprindo o belo destino
 Que me deu Nosso Senhor

Eu nasci pra ser vaqueiro
 Sou mais feliz brasileiro
 Eu num invejo dinheiro
 Nem diploma de dotô

Carrego nesses meus óio
 O sinal do Redentor
 Me tenho nessa parada
 Quanto mais feliz eu vou

Não nasci pra ser guerreiro
 Nem infeliz estrangeiro
 Eu num me entrego ao dinheiro
 Só ao oiá do meu amor⁵¹

(PATATIVA DO ASSARÉ)

Bem verdade, Patativa e outros poetas populares não têm mesmo razão alguma para invejar os que fizeram avançados e longos estudos, para quem os mais caros papéis são com frequência seus títulos; eles têm a maestria da palavra – seu ritmo, sua harmonia, sua métrica, suas rimas, suas possibilidades de improvisação, de expressão do imaginário e de recriação do vivido. Patativa cantou em versos a vida no sertão do Nordeste, a beleza e a miséria que ali existe, as injustiças sociais e a discriminação contra as pessoas simples, sendo um dos representantes da voz do povo brasileiro, sufocada durante os longos anos de ditadura militar (1964 - 1985). Aliás, depois do golpe de estado dos militares, foi em poemas e canções de protesto que vários artistas, tais como Ferreira Gullar e Thiago de Mello ou os compositores Chico Buarque e Gonzaguinha denunciavam – frequentemente em uma linguagem velada, para escapar à censura – a tortura, o exílio, a perseguição e a opressão que nós sofremos.

Em meu país, o poeta oscila qual equilibrista entre as imagens que dele fazem: o talentoso, o porta-voz, o sonhador, o ingênuo, o romântico, o sensível, o louco... Em *Citação*, poema que é uma das epígrafes desta tese, Quintana (2005) escreve:

E melhor se poderia dizer dos poetas o que disse dos ventos Machado de Assis:
 “A dispersão não lhes tira a unidade, nem a inquietude a constância”.⁵²

(QUINTANA, 2005, p.293)

⁵¹ No ensaio original (BELTRÃO, 2011), também Patativa precisei ousar traduzir, mas naquela publicação citei somente este trecho: *Je viens depuis tout petit, / depuis très très très petit, / accomplissant le beau destin / que m'a donné Notre Seigneur (...)/ Moi, je n'envie pas l'argent / ni les diplômes de docteur.*

⁵² Na tradução publicada no ensaio original (BELTRÃO, 2011), assim traduzi: *Et mieux on pourrait dire des poètes ce qu'a dit des vents Machado de Assis : “La dispersion ne leur enlève pas l'unité, ni l'inquiétude la constance”.*

Esse pássaro, a um só tempo exótico e familiar, tem nele o grão da beleza, certamente. Ele responde aos afetos, ou melhor, ele interroga a afetividade humana, seja ela formidável, perturbadora, fascinante, esmagadora, transcendente – seja como for, múltipla. Quem conhece e ama a poesia sabe muito bem que há diversas naturezas de poetas, vários tipos de poemas e que dizer o que é um poeta talvez seja mais complexo que definir o que é a própria poesia. Em todo caso, acredito estarmos de acordo que o poeta é o artista que domina a linguagem pelo ritmo, pela harmonia e pela imagem; o poeta é aquele que vivencia e desperta em outrem a emoção poética. Mas não tenho a intenção de teorizar muito sobre essas questões neste trecho. Preferiria lhes deixar um tiquinho das emoções e dos sentimentos tão intensos que povoam o reino das palavras onde eu vivo.

Para mim, o ideal seria escrever da maneira mais simples, com palavras que tenham o sabor do cotidiano, sem malabarismos linguísticos, como alguém que fala com alguém, como aquele que conta seu dia, pela beleza seduzido.

Simples

Meu ideal seria escrever de maneira bem simples.
Com palavras que têm aquele gostinho de habituais.
Sem sustos gramaticais,
como quem conversa.
Meu ideal seria escrever o gostoso-de-dizer.
Imagens simples: bem-ditas.
Meu ideal seria escrever poesia
como quem conta seu dia
ou declara seu amor.

(BELTRÃO, 2009, p.43)

A palavra quer percorrer os labirintos do ouvido – ela espera na pele do papel pelo olhar que a encantaré, a voz que a pronunciaré.

Palavra Viva

Para o poeta João Alfredo

A palavra ama os labirintos dos ouvidos.

A palavra vive a pulso no papel
à espera do olhar encantado
que a vem despertar.

A palavra paira no ar.

(BELTRÃO, 2007, p.15)

No Ceará, minha terra, eu digo poesia no ar, nos programas Sem Fronteiras: Plural pela Paz e Todos os Sentidos, em uma rádio pública, e nos palcos locais, em apresentações

poético-musicais que faço com outros artistas. É aliás-quase sempre em espaços públicos que viceja a poesia no Brasil, principalmente em centros culturais, mas também em praças e teatros. As iniciativas dos poderes públicos ainda são insuficientes e são alvo de variadas críticas, por serem tímidos seus passos no longo percurso a compartilhar entre os artistas e seus públicos.

Resta a dizer que pululam, em Fortaleza como em outras cidades, gestos espontâneos de indivíduos ou de pequenos grupos que resistem e insistem, não somente difundindo, mas sobretudo vivendo a poesia: os poetas anônimos que publicam seus versos e deambulam pelos espaços públicos, buscando vendê-los a pessoas que por eles sequer se interessam frequentemente; o Templo da Poesia, delicadeza no centro de Fortaleza, onde qualquer pessoa pode apresentar seus poemas, ideia semeada pelo poeta Ítalo Rovere; os saraus Pão e Poesia, durante os quais a atriz e cantora Joana Angélica reúne outros artistas e quem gosta de poesia para compartilhar o pão que ela faz e as poesias que os participantes trazem...

Os que amam a poesia em nossa terra compõem esse coral original no qual os gestos de comunhão fazem ecoar as palavras pronunciadas. Essa gente se reconhece nas ruas, na praia, no sertão, na serra: um olhar, um trecho de Vinicius assobiado, um verso de Patativa dito de cor nos revelam; desvelam nossos silêncios e nossas palavras... Nossos corpos dançam juntos, sedentos de poesia, saciados por nossos encontros, pelas sementes que guardam nelas os mistérios de sempre. E se nós vivemos nos nossos dias em um país que reconquistou a democracia, a liberdade de expressão, a possibilidade de sonhar e de realizar alguns dos sonhos que nos inspiram, sabemos e sentimos ainda e sempre que a poesia e a música, em meio aos gestos humanos grávidos de política, dão voz e asas ao pássaro cujas penas nunca hão de parar de mudar e de nos fazer mudar ao fio dos versos que nos fazem perguntas.

Poeta niversitario,
Poeta de cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia, (...)
Canto o que minha arma sente
E o meu coração incerra,
As coisa de minha terra
E a vida de minha gente.

Patativa do Assaré

3 NO TEMPO DO RÁDIO: SEMPRE

No ar

Para Iara Moura e Lorena Alves.

O rádio acolhe, compartilha, espalha:
as diferenças nos querem unidos.
A multidão dispersa nossa rádio abraça:
sem fronteiras em todos os sentidos.

Henrique Beltrão (2009, p.32)

Tristan Tzara, poeta e ensaísta, romeno e francófono, dizia do rádio: “*ici, la parole se fait dans la bouche*” (TARDIEU, 1969, p.129) – “aqui a palavra se faz dentro da boca”. Assim é. E cada mínimo silêncio – no ar – é eloquente. Cabe tanto segredo e sugestão em alguns segundos sem palavra emitidos pelas ondas hertzianas quanto nas entrelinhas de um poema grávido de metáforas e rimas e assonâncias e... reticências. Por melhor que seja o roteiro, por mais detalhado e bem feito que esteja, é como o plano de aula de um professor experiente, deixa tanta margem para o improvisado, para o inesperado, para o encontro ao vivo que as sementes do que antes se queria podem dar flores e frutos bem diferentes das raízes de onde vieram. A radiofonia vive no campo aberto da oralidade. E a oralidade é afeita ao instante. Camaleonicamente. E feita de quem fala e de com quem se fala. Do diálogo.

A grande graça é o convívio com os ouvintes, através das ondas e em alguns casos em encontros durante algum evento em que me apresento ou a que compareço, e com as outras pessoas dentro dos estúdios: os companheiros de trabalho e os convidados. Quando a luz que indica “no ar” se acende e a vinheta de abertura do programa começa a soar, tudo muda, a gente se transforma, as interações se alteram: pulsa o contato com o outro – e consigo. O bordão de entrada: “É com o coração em serena festa, de corpalma cheio de gratidão, que eu, Henrique Beltrão, uma vez mais trago ao ar...” O nome do programa, o tema, o convidado são anunciados, vêm os poemas, a primeira canção, a entrevista, mais poesia e música, as notícias, as divulgações culturais e... os telefonemas, os contatos pela Internet. “Cada vez que o telefone toca, meu coração se alegra” – é algo que costumo comentar durante a irradiação.

A radiofonia é uma pátria de paixão sem fronteiras – em todos os sentidos. Quase todos os amigos e conhecidos meus que trabalham em rádio não saberiam viver sem ele. Depoimentos escutei de colegas que pagam para ter um espaço em uma emissora privada. Hoje, diversas pessoas e grupos criam suas rádios comunitárias ou na *web*, o que aliás contradiz o mito de que esse meio de comunicação vai acabar. Ora, faz tempo que ele contraria esta crônica de uma morte, por mais anunciada que seja. O rádio ganhou a Internet

como aliada, ao invés de a ela se opor. Os *sites* complementam o trabalho feito em transmissão direta e expandem o alcance das emissoras. Desde muito, os amantes da radiofonia captam sons além dos limites dos países graças às ondas curtas. Nos nossos dias, o ouvinte pode escolher qual emissora de qual lugar do mundo quer ouvir. E reouvir, posto que várias difusões ficam arquivadas e disponíveis.

Pelo seu caráter oral, o rádio se faz íntimo para, por exemplo, pessoas que não leem, ou porque não costumam, ou porque não foram alfabetizadas. É também acessível para os cegos, para os idosos, para as crianças. A gente “vê” e “sente” o que a imaginação cria ao sintonizarmos o aparelho na frequência escolhida. Um radinho a pilha está também ao alcance da maioria, por seu baixo custo. Atualmente, com a tecnologia, as possibilidades se ampliam, uma vez que qualquer telefone celular ou outro desses eletrônicos ultramodernos e portáteis dispõe do acesso às emissoras. E, além de nos acompanhar mundo afora, sendo escutado nos lugares mais remotos, mesmo onde não há rede elétrica, pode estar com o ouvinte durante outras ocupações, enquanto cozinha, dirige um carro, lava a louça... Esse pessoal do rádio pode dizer: “A gente é de casa”.

A Casa

Para Zulmira Bomfim e Karla Martins
Com músicas de Rogério Franco, Paulo Branco e Isaac Cândido

As palavras são meus brinquedos.
A linguagem é meu jardim.
A janela da imaginação dá pro quintal.
A porta da rua vive escancarada.
O muro baixo deixa ver quem passa.
Tem gente que vem pra ficar.

O lugar da panela é no fogão
e o do fogão, no centro da casa,
como o do carinho é na pele nua.

Aqui em casa tem menino em árvore,
casal na cama, amiga na rede.
Tem louça lavada ao som do rádio,
tem silêncio contrito de gratidão.
A casa nossa de cada dia tem coração.

(BELTRÃO, 2007, p.23)⁵³

⁵³ A música feita por Isaac Cândido sobre esse poema foi gravada por Simone Guimarães (2010) com participação de Raimundo Fagner, com o título *A Casa Nossa* no CD *Cândidos: Simone Guimarães canta Isaac Cândido*.

O tempo e a radiofonia têm estreita intimidade: diz-se que o rádio é veloz e efêmero. Velocidade – fala-se muito disso no mundo contemporâneo. A vida moderna se acelerou tanto que agora precisamos ir *rallentando*...

Precioso é o tempo para nada.
Tempo para andar por andar, sem destino...
Tempo para flautear, gosto de todo menino.
(...)

É preciso tempo para brincar com os filhos
e conversar com os amigos
e esquecer o tempo.

(...)

É preciso tempo para tudo.
É precioso o tempo para nada.

(BELTRÃO, 2007, p.50)

A velocidade sempre foi uma característica do rádio. As coberturas jornalísticas radiofônicas dos fatos feitas na hora mesmo em que acontecem e transmitidas ao vivo para o estúdio e dali para os ouvintes em diversos momentos históricos deixaram sua marca. E isso desde seu surgimento até agora. Em entrevista concedida aos 80 anos para a televisão francesa, Gaston Bachelard, o filósofo das ciências e da poesia, declara seu amor ao rádio e fala de sua relação com o mesmo, destacando esse caráter “instantâneo” desse meio de comunicação e confessando que sem ele não podia ficar.

- Quando nós chegamos há pouco, o senhor estava escutando rádio. A atualidade preocupa muito o senhor?
- Ela [*la radio*, sempre feminino em francês] me parece indispensável. Minha filha comprou um transistor para mim e eu escuto todos os *flashes* de sete e meia a nove horas da noite.
- E por quê?
- Porque em três minutos eu tenho a impressão que o mundo gira em torno de mim e que o mundo me traz notícias do universo. É perfeito. Não posso passar sem ele.
- Não necessariamente eventos importantes.
- Ah sim, mas são eventos no momento em que eles se produzem. E sem muitos comentários. Quando eu escuto às vezes os comentários, eles frequentemente me decepcionam. Os fatos me bastam. E depois, eu faço meus pobres comentários à minha maneira⁵⁴ (BACHELARD, www.ina.fr).

⁵⁴ – *Quand nous sommes arrivés tout à l'heure, vous écoutiez la radio. Est-ce que l'actualité vous préoccupe beaucoup ? – Elle [la radio] me semble indispensable. Ma fille m'a acheté un transistor et j'écoute tous les flashes depuis sept heures et demie jusqu'à neuf heures du soir. – Et pourquoi ? – Parce qu'en trois minutes j'ai l'impression que le monde tourne autour de moi et que le monde m'apporte des nouvelles de l'univers). C'est parfait. Je ne peux pas m'en passer. – C'est pas forcément des événements importants... – Eh ben oui, mais c'est des événements au moment où ils se produisent. Et sans beaucoup de commentaires. Quand j'écoute quelquefois des commentaires, ils me déçoivent souvent. Les faits me suffisent. Et puis moi, je fais mes pauvres commentaires à ma façon.*

Costumo dizer no ar que as grandes lições da radiofonia para mim são os encontros e a relação com o tempo. Além da velocidade, a efemeridade é reputada por ser um traço característico do rádio. De fato, durante a irradiação, cada segundo conta. Para dar uma ideia, em uma chamada radiofônica para um evento, por exemplo, artístico, em 30 breves segundos se diz o nome do espetáculo e do artista, as participações especiais, o lugar, a data, o horário e outros detalhes. A emissão como um todo guarda sua unidade, mas o locutor repete qual a emissora e o programa, qual o tema abordado e o entrevistado (se for o caso), porque a qualquer instante um ouvinte pode sintonizar seu aparelho e captar o que vinha sendo difundido. É efêmero todo momento, não somente ali, mas na vida. O “efêmero essencial” (LANI-BAYLE, 2000, p.123) nos anima. Mas a Física revela um poético paradoxo: se a voz no ar passa brevemente pelos labirintos encantados dos ouvidos, as ondas hertzianas são as portadoras eternas desta voz pelo cosmos...

Um dia, eu disse a um amigo físico que as pessoas de rádio eram como efemerópteros que voam somente um dia e desaparecem. “Está errado, me respondeu. Tudo o que existe é destruído pelo tempo. Os monumentos mais belos, os livros, o próprio planeta desaparecerá. Mas vocês, as vozes de rádio, vocês são eternos. As palavras de vocês levadas pelas ondas hertzianas viajarão no universo enquanto ele existir.”

Um instante, imaginei um ouvinte escutando o céu na esperança de nele perceber alguns vocalises de sua locutora velando sobre ele como um anjo.

Felizmente as coisas são mais humanas. Nós compartilhamos o banheiro e a sala de jantar, o quarto de dormir ou o ateliê, nós pegamos a estrada juntos, nos dias de luto como nos de felicidade, e envelhecemos juntos... É um laço familiar livre das obrigações (KRIS, 2005, p.43-44).

A seguir, trago e (re)traço a trajetória autobiográfica minha em que a radiofonia se entremeia à poesia de ser. Depois, comento sobre os programas que faço na Universitária FM. E enfim, abordo o fato de eles constituírem ações extensionistas e o papel que no meu entender cabe à extensão universitária.

3.1 De um radinho vermelho à sintonia da terra

Pelas ondas do rádio

Recebi tua carta
 E achei um barato
 Mas eu ando sem tempo
 Meio atrapalhado
 Você escreve bonito
 Você escreve com graça
 Tanta coisa singela
 Fico encabulado
 (...)
 Mas venci a preguiça
 E a desculpa furada
 E inventei esse jeito
 Resposta cantada
 Você escreve carinhos
 Pela ponta do lápis
 E eu te mando um beijinho
 Pelas ondas do rádio

Kledir Ramil (1991)

Nasci entre a tardinha e a boca da noite, em Fortaleza, no dia 18 de novembro de 1966. Desde eu menino, um radinho toca dentro de mim. Graças à dona Lúcia, lavadeira querida que trabalhava em nossa casa, graças a “seu” Chico, o vigia do terreno (supostamente) baldio ao lado de nossa morada, graças a meus pais que cedo captaram e acolheram meu entusiasmo pelos sons no ar: desde que manifestei fascínio por rádio e, mais tarde, por violão, por um toca-discos, tive a alegre honraria de os receber deles de presente. Ao longo destas próximas páginas, refaço em memória e palavras o percurso que me conduziu de um radinho vermelho da infância até à “sintonia da terra”⁵⁵, irradiada pela Rádio Universitária FM, em Fortaleza.

Minha mãe e meu pai, sempre atentos e carinhosos, vindos de uma viagem ao exterior, acho eu que pela América do Sul, trouxeram para mim o marcante radinho vermelho. Era circular sua forma, inusitada, um lado mais estreito, articulado, o outro mais largo. A parte mais ancha se separava ao meio, ficando ali o alto-falante, aqui o seletor de frequência. Dá vontade de voltar a desenhar... Podia pendurá-lo no pulso, fechado, ou colocá-lo em uma mesa, às vezes em forma de “s” quando totalmente aberto, ou em pé, usando uma das bandas para o sustentar.

Por essa época, comecei minha coleção de discos de vinil aos 12 anos, inicialmente com Chico Buarque (com o disco Chico Buarque, de 1978, em que gravou *Apesar de Você e Cálice*, marcantes canções de protesto contra a ditadura militar). Ganhei uma vitrola portátil

⁵⁵ Lema da emissora.

laranja na qual eu os ouvia com minhas primas e amigos. Era comum irmos uns às casas dos outros para ouvir música e cantar. O violão, um Di Giorgio, também já chegara a minhas mãos e o tocava com elas, na calçada, com a turma da Poranga (ver 2.1), ou em casa, mais tarde na Ponte Metálica ou em bares, como o Cio da Terra. Cheguei a ter uma professora, cantora da noite, que me deu algumas noções, em meia dúzia de aulas, do alto de suas ressacas. Tudo isso era mágico, tão fascinante quanto a Radiofonia.

O rádio não perdia espaço, troando nos aparelhinhos a pilha de “seu” Chico e dona Lúcia, nos aparelhos instalados no carro de meus pais e nos outros em que me ocorria circular, nos ônibus, nos clubes... A Radiofonia beirava a ubiquidade! Fui a Manaus mais tarde, já com meus 15, 16 anos, para comprar um equipamento de som mais possante, um três-em-um: rádio, toca-fitas duplo e toca-discos. Ao pé dele, passei muitos bons momentos, ouvindo ora os discos meus e de meus pais, ora... a Rádio Universitária FM. Fazia gravações de seleções musicais das preferidas dos LP ou de canções anunciadas pelo locutor, a fita cassete pronta a capturar a música no ar, qual alçapão em busca de passarinho – ou melhor, só da voz do passarinho. Por falar deles, foi em casa que ouvi pela primeira vez a voz da Têti cantando *Daniela, Barco de Cristal, Equatorial...*

“Seu” Chico e dona Lúcia não eram os únicos, é certo, outros trabalhadores, sobretudo outros vigias e lavadeiras, tinham e têm o rádio como grande companheiro. Sempre me dei bem com pessoas mais velhas (ou mais novas) que eu e gostava de conversar com quem trabalhava nas redondezas durante seus afazeres ou à noite quando se reuniam nas calçadas, em ambas as situações tantas vezes com fundo musical graças aos receptores à pilha. Mais que os demais, aqueles dois marcaram minha vida: o primeiro encontrei espreitando do alto da Goiabeira Do-lado-de-casa a vida em plena liberdade no terreno vizinho, de propriedade do dono da empresa em frente, onde tinha seu emprego. Descobri que ali “seu” Chico cultivava feijão e morava, em um aposento único e mínimo, com um fogareiro em frente e uma rede dentro, o radinho sempre ao lado, fosse ali ao pé da rede ou em meio ao serão. No primeiro encontro, em um banco de cimento em frente à firma que “pastorava”, pediu-me para ler trechos da Bíblia para ele. Depois, pulando o muro que separava meu cotidiano do dele, pude ver de perto a simplicidade, o estoicismo, a fluidez com que vivia o velho Chico, armado de um pau de jucá e um apito para enfrentar os desafios noturnos de então.

Dona Lúcia e eu, a gente era um chamego só, a gente se gostava; ela tinha um filho da minha idade. Ela, como meu amigo vigia, gostava de conversar, era pessoa de fé e de bem, laboriosa, um tanto frágil, debilitada pelo vício de fumar. E eu vinha prosear com ela enquanto lavava ou engomava a roupa da família ao som das ondas hertzianas que me traziam

músicas diferentes das que ouvia dentro de casa, com o piano materno. Em meio a elas, reconhecia aquelas que minha mãe gostava de levar aos ares quando tocava o acordeom, no jardim de casa, nas folias de Reis e nas festas de São João, São Pedro e Santo Antônio.

No Nordeste brasileiro, esses períodos são momentos mágicos no calendário. Janeiro e junho eram épocas em que as sanfonas de minha mãe e de minha tia Anésia Beltrão faziam cantar e dançar a família e os amigos. As festas eram animadas pelo entusiasmo delas e de todos os Beltrão e Castro.

Em janeiro, os Santos Reis Gaspar, Melquior e Baltazar eram celebrados com alegria, a gente “tirava Reis”: com as sanfoneiras, de casa em casa dos amigos, cantando, a gente pedia acolhida, louvava o dono da casa se recebidos com mesa farta em troca de música e alegria, mas se ele não acendia a luz nem abria as portas, o pessoal, com a licença da expressão, “esculhambava-o” na cantoria.

As festas juninas coincidem com a colheita do milho. As iguarias dele feitas enfeitam as mesas e saciam a meninada e gente grande: pamonha, cuscuz, canjica, mugunzá... Com uma bela fogueira acesa, a gente dançava (e ainda dança) até altas horas. *En avant tous! En arrière!* Ou melhor: “anavantu”, “anarriê”! As quadrilhas improvisadas são mais prazerosas que as ensaiadas. Minha mãe e tia Anésia se alternavam ora “puxando o fole”, ora “gritando a quadrilha” (ou seja, dizendo expressões como as citadas acima, que indicam qual passo fazer). Minha mãe ainda recitava ou até fazia poesia matuta. E estimulava a criançada a aprender.

Imagem 6: Folia de Reis (Meu pai, entre minha mãe e tia Anésia Beltrão, as sanfoneiras)



Fonte: Arquivo pessoal.

Remexendo o belo baú dessas recordações, o sentimento de agora é de saudade, o de então era de alegria. Menino, eu chegava a dormir no carro, janelas abertas, enquanto o forró continuava, ou em meio à ruma de casas visitadas durante a folia de Reis. Terminada uma visita, o dono da casa se juntava aos convivas e seguíamos em busca de outros anfitriões. De vez em quando, imagino minha mãe e minha tia tocando juntas no Céu, com os Reis Magos dançando quadrilha na maior simplicidade.

Voltemos a dona Lúcia e “seu” Chico. Com eles e outras pessoas, comecei a descobrir a graça e a criatividade de uma outra faceta da língua portuguesa: a variante popular. Notava desde então a eloquência deles, o quanto se expressavam bem, quando defendiam suas ideias ou contavam histórias. E como era diferente da maneira como falavam meus pais, sempre zelosos pelo uso da norma culta. Algo me dizia que não eram erradas as variações fonéticas e sintáticas, os termos do vocabulário que me surpreendiam, vindos de outras fontes, nada livrescas. Mais tarde confirmaria minha intuição estudando isso no curso de Letras: Português - Francês da UFC e no mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará - UECE. E descobriria as reflexões de Perini (2007) e Bagno (1999). Perini (2007) me ensinou com um belo exemplo algo essencial: é tão errado usar as variantes coloquiais para fazer um discurso acadêmico, quanto usar a norma culta na hora de namorar!

As falhas da gramática tradicional são, em geral, resumidas em três grandes pontos: sua inconsistência teórica e falta de coerência interna; seu caráter predominantemente normativo; e o enfoque centrado em uma variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com exclusão de todas as outras variantes. (...) a gramática deverá, primeiro, colocar em seu devido lugar as afirmações de cunho normativo: não necessariamente suprimindo-as, mas apresentando o dialeto padrão como uma das possíveis variedades da língua, adequada em certas circunstâncias e inadequada em outras (é tão “incorreto” escrever um tratado de Filosofia no dialeto coloquial quanto namorar utilizando o dialeto padrão). Depois, a gramática deverá descrever pelo menos as principais variantes (regionais, sociais e situacionais) do português brasileiro, abandonando a ficção, cara a alguns, de que o português do Brasil é uma entidade simples e homogênea. Finalmente, e acima de tudo, a gramática deverá ser sistemática, teoricamente consistente e livre de contradições (PERINI, 2007, p.6).

Bagno (1999) também desmente a suposta uniformidade do português brasileiro, belo justamente pela diversidade sua. Critica outros mitos, como o de que dominar o dialeto padrão garantiria ascensão social, o que ele refuta com um argumento simples – se assim fosse, estariam no topo da tal pirâmide social, os professores de português. Bagno (1999) me apontou ainda quando estudante de Letras (e continua a denunciar) os mecanismos de uma das mais poderosas e dissimuladas entre as discriminações: o preconceito linguístico. Pela sua perversa força, calam-se as pessoas de meu povo que ainda acreditam que não sabem falar “direito”, “correto”, e que saber se expressar bem é reservado ao “dotô”. Valei-me, Patativa

do Assaré! Viva a poesia popular, os repentistas, os emboladores, os ambulantes do centro da cidade com seus hipnóticos e persuasivos discursos, os hábeis feirantes que animam o ambiente ao ar livre com seus pregões: “Eu sou é fartoso!”; “Olha o feijão veerde! A cada lata, leva uma mãozada!” Salve, salve, os derradeiros barbeiros, Milton Dias (1982, p.27), que ainda “julgam da sua obrigação entreter o freguês com a conversa, enquanto o atendem, ou durante a espera”. Minha reverência a toda a boa gente simples que considera a boa prosa parte do seu ofício.

Agradeço a vocês, dou graças a cada Chico e a cada Lúcia que me aproximaram do tesouro da oralidade, onde viveria uma vez tendo aportado minha nau no cais com antena da Rádio Universitária FM, em Fortaleza. No ar, ao vivo, não há edição: a voz diz do que se é, em plena autenticidade. Assim é quando vêm os artistas, os cientistas, mas também os líderes comunitários, os agricultores e os pedreiros que cultivam e erguem nossos dias compartilhados. Assim é a cada vez que, no Todos os Sentidos, a gente busca – a equipe e eu – “dar voz às pessoas com deficiência”, mote do programa.

O rádio, em especial feito ao vivo, tem isto de único entre os meios de comunicação: a palavra é de quem a pronuncia. Não há edição no ar, em contato direto com o ouvinte, que colhe o que cada convidado diz no estúdio. Não há mediação entre o que ele fala e o que o outro ouve. O que vai chegar ao destinatário da mensagem não passa pela interpretação ou pela escolha de um trecho por parte do comunicador responsável pela produção radiofônica (repito, quando ao vivo), como no caso do que é impresso ou passa na televisão. A equipe e eu preparamos cada encontro, claro, desde a discussão da pauta. Em seguida, a gente estuda o tema a ser abordado e o que relacionado ao assunto faz(em) a(s) pessoa(s) que convidamos. Um roteiro criado pelos(as) estudantes e revisado por mim dá as diretrizes das questões e reflexões a serem irradiadas. Mas, uma vez os microfones abertos, a inesperada seara da improvisação se abre em grãos inusitados; o diálogo entre os participantes da emissão faz surgirem novas ideias animadas pelos sentimentos e emoções que com elas respiram; a contribuição de cada ouvinte influi nos rumos do que falamos. Quando chega um comentário ou pergunta da audiência, por telefone, correio eletrônico ou mensagem por uma das redes sociais (*Twitter*, *Facebook*), a prioridade lhe é concedida. A colaboração do ouvinte precede o que adio dizer.

Quando volto no tempo nas asas da memória, recordo minha musical e poética formação. Com o radinho vermelho no jardim ou ao pé do aparelho de som em meu quarto, passava horas. Não raro as canções me inspiravam poemas. A efervescência da adolescência exigia concentração. Meus sentimentos e emoções intensos como o temperamento de minha

mãe geravam conflitos entre nós que ela resolvia desde eu menino tocando piano... Criança, eu descia de uma árvore em que me refugiara e ia me chegando à sala em que ela estava, devagarinho, até fazermos as pazes. Às vezes, minha bandeira branca era um poema. Foi no início do ensino secundário (hoje, ensino médio), já pensando em me afastar de qualquer inquietação a fim de me preparar para a posterior formação universitária, que meu pai teve a ideia de me levar com ele todas as tardes para o trabalho.

Ali, na sala de meu pai, encontrei pela primeira vez Sofia Lerche, a professora (e depois amiga) que me orientaria durante o mestrado e que, com sabedoria e delicadeza, me animaria no vir a ser pesquisador. Nesta época, ele era o diretor do CETREDE⁵⁶, que se situa até hoje na avenida da Universidade. Meu melhor amigo, meu mestre maior – sempre tive com papai muita amizade, sempre admirei mais que sua maestria, sua simplicidade – bem sabia o que estava fazendo. Conviver com ele ali era inefável. Ele sempre soube me escutar e, mesmo em silêncio, sempre soube me orientar. Sua sala dava para a reitoria da UFC; ampla, tinha seu birô a um canto, um conjunto de sofá e poltronas para conversas com visitantes ilustres, uma mesa grande para as reuniões formais. Por ali vi passarem de filósofos, como André Haguette, a artistas populares, como Zé Pinto. A esta mesa, eu me sentava, contemplando por uma mágica janela no Benfica os jardins em frente, onde florescia ipês e se balançavam outras árvores, antevendo sem o saber o que viria ao ar. Dali e da avenida em frente, assisti ao surgimento da emissora onde iria atuar um dia: a Rádio Universitária FM 107,9.

Lembro da divulgação da estreia dela feita em “mosquitinhos” no semáforo do cruzamento das avenidas da Universidade e 13 de Maio. Eu me entusiasmei com a novidade. Surgia algo novo, diferente! Em 15 de outubro de 1981, ia ao ar pela primeira vez “a sintonia da terra”, inicialmente instalada dentro da reitoria da UFC para depois, em 1991, conforme informações que constam na página da emissora (www.radiouniversitariafm.com.br), mudar-se para o prédio em que funciona até hoje, na avenida da Universidade, 2910, entre o Museu de Arte da UFC - MAUC e o local atualmente compartilhado entre o CETREDE e a Pró-Reitoria de Extensão da UFC.

Ouvia os artistas cearenses na Rádio Universitária FM. O mundo encantador que já me levava a cruzar oceanos nas ondas curtas que me traziam melodias e vozes de outros continentes agora se aproximava de mim com toda a intimidade naquela frequência modulada. Tocava ali o Quinteto Agreste, que eu acompanhava pelas praças da cidade quando

⁵⁶ CETREDE: Centro de Treinamento e Desenvolvimento. Meu pai ali atuou de 1979 a 1984, período que coincide com o fim dos meus estudos primários e início de meus estudos secundários, nos termos de então.

fazia espetáculos em cima de um caminhão, no contexto de um projeto cultural chamado Luís Assunção. A poesia inigualável de Patativa do Assaré vinha ao ar, me deixando em transe poético. Tėti enchia o meu quarto e a sala de minha casa com suas interpretações de ave-mãe. Começava, sem o saber, a me formar radialista, ouvindo o esmerado trabalho dos produtores e a apresentação ímpar dos locutores. Sobretudo me marcou e marca Marta Aurélia, jornalista, atriz e cantora. Hoje, querida amiga minha. O quanto dessa voz e dessa mulher dissesse pouco seria. Deixo ao silêncio o que indizível é.

Acompanhava o pulsar das ondas hertzianas que tinham o sotaque da minha gente com a alegria de quem se encontra consigo – no outro. O outro. Como anteriormente disse (2.2.1), em cada quotidiana experiência formadora, pulsa a sabedoria freireana: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p.78). Desde esse momento em que se iniciava minha formação radiofônica, sem que eu sequer me desse conta disso, esse outro – que eu atentamente escutava – me convidava ao encontro. Atualmente, diante dos microfones, o outro continua a ser inspiração e, agora, destinatário de minha voz, em que viajam – em forma de palavras ditas – o que sinto e penso. Repito, pois. Pensar no plural e sentir no coletivo são a bússola e a ampolheta que orientam minha práxis na arte radiofônica.

Anos se passaram... Fiz Letras: Português-Francês na UFC. Ingressei com 17 anos em 1984. Primeira aula: com Maria da Graça de Andrade Teixeira, que com seu abraço me sagraria poeta (ver item 2.1). Sobre o percurso meu como educador, falarei mais adiante (ver item 5.1). As amigadas com muita gente diferente (de diversas nacionalidades, faixas etárias e classes sociais), a militância política no movimento estudantil e posteriormente docente, o convívio com papai e a aprendizagem de outros idiomas, em especial a língua e cultura francesas, decerto plantaram a semente da reverência à diversidade de línguas, povos, culturas, religiões e idades que eu adotaria como diretriz do Sem Fronteiras: Plural pela Paz. Eu me inquietava desde então com os preconceitos. O preconceito linguístico, antes citado, me saltava aos olhos. E aos ouvidos. Eu que aprendera a me expressar com todo o rigor formal, mas também a passear em meio à variedade da língua, me indignava com o fato de as pessoas simples que eu admirava acreditarem que falavam “errado”, ou que não sabiam se expressar! Os preconceitos de idade me deixavam pasmo. Eu transitava tão serenamente entre os mais velhos ou entre os mais jovens. Os preconceitos religiosos, esses então escapavam de todo a qualquer razoável tentativa de entender uma humana distorção de sua própria natureza.

Antes de comentar mais a respeito dos programas que hoje faço, permitam-me recordar brevemente como passei de ouvinte a produtor e apresentador de dois programas da

Rádio Universitária FM. Por volta dos meus 20 anos, conheci Pedro Rogério, meu amigo-irmão. Ambos vivíamos o pleno encantamento da descoberta da vida adulta em seu princípio, os amores, os amigos, a música, a poesia, as rodas de violão, as farras, as folias, *les folies...* Têti, antes amorosamente citada, é sua mãe. Rodger Rogério, seu pai, foi a pessoa que deu a ideia – e as boas ideias são mesmo dadas; Sêneca bem diz que “as melhores ideias são propriedade de todos” – de criar a Rádio Universitária. Por volta de 1996, Pedro fazia a produção do programa dominical Sol, Som e Mar. Como tinha a duração de duas horas e meia, ele teve a ideia de inserir músicas cearenses ao final de cada bloco e, posteriormente, de fazer, na derradeira hora de emissão, uma entrevista com um músico... da terra. “A sintonia da terra” abria seus microfones a primeira vez para mim quando Pedro Rogério me convidou para comentar as músicas cearenses e, depois, para entrevistar os convidados. Davam frutos as lições aprendidas com Rodger quando o acompanhávamos ao Musicultura, outro programa da emissora, por ele brilhantemente produzido e apresentado, agora de novo irradiado, com outra roupagem pelo próprio herdeiro dessa tradição, Pedro Rogério. Se considero os locutores e produtores da Rádio Universitária meus mestres da era da escuta, Pedro e Rodger Rogério foram os meus primordiais formadores dentro do estúdio. E no ar.

3.2 No ar, Sem Fronteiras: Plural pela Paz e Todos os Sentidos

Em 28 de junho de 1998, com produção e apresentação de Pedro Rogério e minha, estreava o Sem Fronteiras, desde então cadastrado como ação extensionista sob minha responsabilidade como coordenador, junto à Pró-Reitoria de Extensão da UFC. O bordão de então era a diversidade de línguas, povos e culturas; o Sem Fronteiras era “o programa que fala várias línguas”. No início, era gravado e editado; desde essa época veiculado aos sábados às 14 horas, mas com uma reprise na segunda-feira no mesmo horário, que veio a ser extinta. Programa temático, seu formato já envolvia entrevistas, músicas, poemas, divulgações de eventos culturais, mas obedecia então à escolha de um idioma a partir do qual alguns dos países em que o falam eram enfocados, através de quadros radiofônicos sobre línguas, literatura, história, música e outros tópicos culturais. Na estreia, por exemplo, o francês – por ser minha segunda língua – foi o eixo. Falamos de França e Québec, com professoras intimamente ligadas aos dois países por neles terem vivido, contemplando os temas que acabo de elencar. A ideia era que as línguas nos conduzissem na viagem pelo mundo e através das eras. Era uma vez o tempo em que era assim.

Depois o programa passou a se chamar Sem Fronteiras: Plural pela Paz, continuou a contemplar as línguas, mas ampliou seus horizontes, abolindo de fato fronteiras que restringissem os temas abordados, ao eleger como mote “a reverência poético-radiofônica à diversidade da humanidade, à sua pluralidade de línguas, povos, religiões e idades”. Destaco que sempre fechei o bordão citando a diversidade de idades, o que não me parece ter despertado grande atenção dos ouvintes, embora dizer por último alguma coisa seja um recurso radiofônico para destacá-la. Tenho sempre feito isso por ter vivenciado a experiência do trânsito meu entre gerações com deleite e ter entretanto amargado discriminações de quem tinha mais idade, precoce que era em meu convívio com os outros. Atualmente, refiro-me à diversidade planetária, posto que considero em verdade a diversidade da vida: não somente a pluralidade da humanidade (linguística, cultural, etária, espiritual...), mas a pluralidade de seres vivos, na perspectiva do princípio biocêntrico (Toro, s/d)⁵⁷, que busca superar o ranço antropocêntrico em que ainda se limita a atitude da maioria dos seres humanos. No meu entender, a etimologia do termo “biocêntrico” revela o que ele expressa: no centro do universo está, não a humanidade, mas a vida – à qual todos os seres estão conectados.

Quando Pedro precisou dedicar-se à sua formação acadêmica, passei a produzir e apresentar sozinho o Sem Fronteiras: Plural pela Paz, na mesma época em que gestava a ideia de fazer um programa de rádio para surdos. Pode parecer... absurdo, mas esclareço. Eu fazia, no segundo semestre de 2002, um curso de LIBRAS, oficialmente Língua Brasileira de Sinais – ou Língua de Sinais Brasileira, como preferem alguns, com quem concordo, uma vez que assim se compõe o sintagma equivalente em outros idiomas (Langue des Signes Française, Lengua de Signos Española, *exempli gratia*). Quando menino, fizera judô com um judoca surdo e morava (onde hoje tornei a morar) perto do Instituto Cearense de Educação de Surdos. Ver constantemente, desde pequeno, os surdos sinalizando, me impressionava pela fluência de sua comunicação e pelo fato de que aquela língua – viso-espacial – era diferente das que eu estudava, todas orais: o português e o francês, mais tarde o inglês e o espanhol.

Ao começar a estudar LIBRAS (que ainda não aprendi), vivenciei mais de perto o desafio cotidiano da situação social dos surdos. Se o preconceito linguístico é perversamente eficaz e dissimuladamente camuflado, no caso dos surdos, uma barreira enorme e uma distância abissal se interpõem entre eles e a sociedade, em especial no âmbito dos estudos e do trabalho, mas também do lazer e da própria família. Em diversos casos, são considerados

⁵⁷ O Princípio Biocêntrico põe sua prioridade absoluta nas ações que permitem a conservação e evolução da vida, estimulando a expressão dos instintos e o desenvolvimento afetivo através das protovivências e vivências integradoras (Toro, sem data, p.7).

intelectualmente incapazes. Em outros, chegam a ser ignorados e isolados, inclusive do convívio com outros surdos, necessário por questões linguísticas, afetivas, sociais... E dificilmente a expressão escrita deles na língua materna de seu país é aceita pelos demais falantes alfabetizados no mesmo idioma, principalmente professores de línguas e... empregadores, por peculiaridades que apresentam, como a dificuldade de flexionar os verbos que não têm desinências em LIBRAS ou de adotar conjunções que não existem nesse idioma. Existe, da parte de movimentos organizados pelos surdos e pessoas a eles ligadas, uma maioria bem expressiva que reivindica uma escola pra surdos, proposta contrária à inclusão oficial, como concebida pelo governo, em resposta a outros movimentos organizados por pessoas com deficiência, de uma escola inclusiva para todos. Dar voz no ar àquelas pessoas seria a meta essencial do novo programa.

Com um intérprete presente no estúdio, o surdo pode expressar para os ouvintes da emissora o que pensa, sente e vive. Inspirado pela amplidão do Sem Fronteiras: Plural pela Paz, eu me interroguei por que motivo limitaria aos surdos essa ideia. Por que não contemplar as diversas deficiências? As pessoas com deficiência física, intelectual, sensorial seriam convidadas e, se quisessem, colaboradoras (ouvintes ou convidados que passam a contribuir com a equipe de produção) do Todos os Sentidos desde sua estreia em 8 de janeiro de 2003 com o bordão: “para dar voz às pessoas com deficiência”. Recentemente, por colocar em dúvida se o significado de “dar voz a alguém” (ainda que em rádio) não poderia ser interpretado como algo paternalista, embora essa não seja minha intenção nem minha atitude, passei a adotar: “para levar ao ar a voz das pessoas com deficiência”.

Trabalhar com as pessoas com deficiência me leva justamente a me questionar a cada programa e no dia-a-dia. Certezas são postas em xeque, dúvidas dão bons frutos que adubam a mudança. A própria expressão “pessoas com deficiência” é uma opção em sintonia com o que propõe e adota desde os anos 1990 diversos setores e instituições com elas envolvidos, inclusive o Movimento das Pessoas com Deficiência no Ceará (MPcD), o Movimento Internacional de Pessoas com Deficiência, que têm como eloquente lema “Nada sobre nós sem nós”, e a ONU na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Em textos jurídicos e mesmo em alguns científicos, adota-se em geral “pessoas portadoras de deficiência”. Elas argumentam que não são “portadoras” da deficiência. “Cego”, “surdo”, “pessoa com deficiência motora”, “pessoa com síndrome de Down” são designações aceitas e desejáveis. Os surdos reivindicam que não se diga “surdo-mudo”, mas tão somente “surdo”. E outros termos, que carregam uma carga pejorativa, devem

evidentemente ser abandonados, tais como: “deficiente”, “excepcional”, “inválido”, “aleijado”, “mongoloide”, “retardado”, “ceguinho”, “mudinho”, “surdinho”.

A denominação utilizada para se referir às pessoas com alguma limitação física, mental ou sensorial assume várias formas ao longo dos anos. Utilizavam-se expressões como "inválidos", "incapazes", "excepcionais" e "pessoas deficientes", até que a Constituição de 1988, por influência do Movimento Internacional de Pessoas com Deficiência, incorporou a expressão "pessoa portadora de deficiência", que se aplica na legislação ordinária. Adota-se, hoje, também, a expressão "pessoas com necessidades especiais" ou "pessoa especial". Todas elas demonstram uma transformação de tratamento que vai da invalidez e incapacidade à tentativa de nominar a característica peculiar da pessoa, sem estigmatizá-la. A expressão "pessoa com necessidades especiais" é um gênero que contém as pessoas com deficiência, mas também acolhe os idosos, as gestantes, enfim, qualquer situação que implique tratamento diferenciado. Igualmente se abandona a expressão "pessoa portadora de deficiência" com uma concordância em nível internacional, visto que as deficiências não se portam, estão com a pessoa ou na pessoa, o que tem sido motivo para que se use, mais recentemente, conforme se fez ao longo de todo este texto, a forma "pessoa com deficiência". Esta é a denominação internacionalmente mais freqüente, conforme demonstra Romeu Kazumi Sassaki.

(http://www.mte.gov.br/fisca_trab/inclusao/lei_cotas_2.asp, acesso em 16/11/2011)

Com o tempo, a partir de 2005, outros assuntos relativos à saúde e ao bem-estar passaram a ser também enfocados. Obesos, idosos, hipertensos, todos nós estamos sujeitos a desenvolver uma deficiência – definitiva ou temporária. Além disso, temas outros como acupuntura, meditação, espiritualidade, literatura, música – sempre com as pessoas com deficiência relacionados – passaram a ser foco do Todos os Sentidos, tendo em vista que a arte, a ciência, o lazer, os caminhos de autoconhecimento e dos cuidados consigo a todos interessam e envolvem.

Passaram a participar artistas, como Thiago Sandes, músico que é autista, e Levi Pimenta, pessoa com síndrome de Down que é poeta e brincante de maracatu. Outra colaboradora e ouvinte constante é Mariana Cavalcante, também pessoa com Down, que marcou minha reflexão sobre a educação quando, em resposta a uma pergunta minha no ar sobre a aprendizagem e interação sua na escola, me respondeu: “A escola, Henrique, é a vida. A gente começa a aprender em casa, com a mãe da gente. Os professores também são importantes, mas a gente aprende é na vida”.

Sentidos

Para as pessoas com deficiência. Com música de Rodrigo Bezerra.

I

Eu componho gestos que tu não escutas.
 Eu escrevo letras que tu não sentes.
 Eu digo palavras que tu não degustas.
 Eu cultivo sonhos que tu não entendes.
 Eu desenho melodias que tu não desfrutas.
 Eu colho o fruto filho das tuas sementes.

II

Eu caminho no chão do improvável.
 Eu tanjo as cordas do intocável.
 Eu bailo nas curvas do invisível.
 Eu seduzo, de corpalma sensível.
 Eu acolho o carinho do esquecido.
 Eu colho o afeto do enlouquecido.
 Eu busco os sons silenciados.
 Eu reúno os dons do fragmentado.
 Eu vejo os segredos do escondido.
 Eu cativo as graças da preferida.
 Eu sinto as intenções impronunciadas.
 Eu pressinto a hora da mudança chegada.
 Eu leio mistérios em todos os timbres.
 Eu te desafio a tentar ser simples.

(BELTRÃO, 2009, p.21)

A cada emissão, eu saio transformado. Os afetos, o tempo, os encontros, a poesia, as vozes no ar – quase as posso ver, sinto-as quase a me tocar. Do rádio que ouvia antes de ser comunicador ao rádio que faço, muita coisa mudou no mundo e em mim. Se no Todos os Sentidos, as pessoas com deficiência me surpreendem e ensinam detalhes e profundidades inesperadas, no Sem Fronteiras: Plural pela Paz, o leque da radiofonia se espalha poeticamente, levando-me da arte à ciência, da política à tecnologia, de uma língua a outra, em meio a diversas culturas, em meio a muitas idades. Se em sala de aula e no palco, o comunicador me acompanha, no ar vibra um professor. Em ambos os programas, se o poeta me inspira, se o comunicador me conduz, o educador não me abandona. Comecei a carreira docente em 1987, antes de chegar ao rádio, em 1996. Tudo está visceralmente relacionado – em mim. Além disso, a Rádio Universitária FM é uma emissora educativa, incrustada na UFC. E ali atuo como formador de outros comunicadores, os estudantes de Jornalismo. Com essas pessoas que atuam como assistentes de produção, muito tenho aprendido. Diversos trabalhos apresentados nos Encontros de Extensão da UFC foram premiados na categoria Comunicação. Muitas novidades entram pela janela aberta para o verde onde viceja a juventude. Viva os que virão! Mas sobretudo viva o encontro entre as gerações!

Da emoção de ouvir à emoção de fazer. Sempre ao encontro com o outro vinculado. Para mim, os ouvintes fazem o rádio ter sentidos. Todos.

Rádio Experiência

Caríssimos ouvintes, obrigado
 Pela atenção a mim tão dispensada
 Nossa programação se encerra agora

Mas de teimosa, volta amanhã
 Plateia de meus sonhos, tão amada
 O canto é o chamado pra viver
 Quando o show terminar, levem pra casa
 Não deixem que ele morra por aqui
 Eu quero alegria em cada voz
 Que a antiga espera tenha a sua vez
 E o sonho que carrego em minhas costas
 É o laço de união entre vocês, nós

(TUNAI e NASCIMENTO)

3.3 No ar, pela Rádio Universitária FM, a extensão universitária

Esta discussão [sobre extensão], tomando o homem como seu centro, se prolongará até a realidade, pois que, sem ela, não é possível aquele e, sem ele, a realidade não é possível.

Paulo Freire (1983, p.9)

Jean Tardieu (1969), poeta e estudioso da radiofonia, fez, com a colaboração de outros pesquisadores, *Grandeurs et faiblesses de la radio* (Grandezas e fraquezas do rádio), que tem como subtítulo “ensaio sobre a evolução, o papel criador e o alcance cultural da arte radiofônica na sociedade contemporânea” (Tardieu, 1969). Destaco que o autor considera o tema como “arte radiofônica”; para ele, “o rádio é uma arte original posto que ele possui uma linguagem, uma técnica e meios que lhe são próprios”⁵⁸. Com ele fazem coro outros autores, como Roger Clausse e René Sudre que consideram o rádio como a oitava arte desde o título de obras suas⁵⁹. Para Jean Cocteau, outro poeta que navegou nas ondas hertzianas, o rádio deve elevar-se à altura de encontrar seu estilo em meio ao cinema, ao teatro, ao livro – cabe a quem vive (n)este meio “fazer da Rádio não uma irmã enferma das musas, mas uma musa a mais. Uma musa – e nada mais”⁶⁰ (COCTEAU, 2010, P.13).

Cocteau (2010) faz diversas reflexões envolvendo radiofonia e poesia. Ele convidava quem o ouvia e até agora quem o lê a ir mais longe – para tanto, ondas e versos bem podem nos inspirar em suas infinitas pulsações. Rádio é para ele genial – e traz em si o gérmen dos paradoxos que o gênio traz. E poesia é para ele inútil⁶¹: “Naturalmente, por exemplo, que a

⁵⁸ *La radio est un art original puisqu'elle possède un langage, une technique et des moyens qui lui sont propres* (Tardieu, 1969, p.8).

⁵⁹ Roger Clausse publicou *La radio, huitième art* (1945) e René Sudre, *Le huitième art, mission de la radio* (1945).

⁶⁰ (...) *faire de la Radio non pas une sœur infirme des muses mais une muse de plus. Une muse tout court.*

⁶¹ Para mim, a inutilidade da poesia é aparente, como outros poetas já diziam (MORAES, 1980, p.538, citado em 5.2). Bachelard, em resposta sobre a ideia do senso comum de que a Filosofia é inútil, dizia em entrevista à TV francesa (www.ina.fr), que ela serve para pensar e é de fato inútil para quem não faz questão de pensar de modo original. A poesia é também sem serventia para quem o prosaico basta, para quem não é necessário sentir a sutileza das entrelinhas, nem ler o vulto do inefável, nem conhecer outras manifestações da linguagem humana.

poesia é inútil. Mas ela não é bela porque é inútil. Ela é bela porque é uma língua à parte”⁶² (COCTEAU, 2010, p.17).

Tudo que procede do gênio é sempre considerado como perigoso. Uma invenção genial, como um homem genial. Costuma-se dizer de um homem genial que ele é perigoso. Isso quer dizer que ele tem maus imitadores. Mas não é culpa desse homem genial. Não se pode impedir o gênio, sob pretexto que ele dá livre curso a erros. Tudo que se inventa atualmente é de um domínio genial, obrigatoriamente perigoso, mas não se pode incriminá-lo. Seria ridículo. O rádio é muito ruim se ele correr em todas as casas como água fresca. Ele é muito importante se ele trazer cultura para a casa de pessoas que dela não tinham nenhuma ideia. Tudo isso me parece simples como o dia, mas uns dirão que o rádio é indispensável, outros que ele é nefasto. O rádio não é nem indispensável nem nefasto. É uma invenção de gênio, por consequência uma invenção perigosa⁶³ (COCTEAU, 2010, p.17, tradução minha).

Tardieu (1969) e Cocteau (2010) colocam, portanto, como arte radifônica o que fazem, questionam os papéis de quem faz rádio e do rádio em si, destacando-lhes a relevância e suas sutilezas. Cocteau aborda uma emoção essencial no *métier* de quem fala ao mundo de dentro de um estúdio: *le trac*⁶⁴ – este termo em francês designa o medo ou a angústia que se sente antes de enfrentar o público, velhos conhecidos dos comunicadores e dos artistas, mas também de qualquer pessoa que já experimentou falar diante de uma plateia. É aquele misto de excitação e inquietação, de insegurança e vontade de se lançar que precede a entrada em cena. O fato é que o *trac* faz parte essencial da paisagem dos afetos que envolvem o contato com o público. Sem ele, sons e cores perdem nuances. E aquele que não o sente perdeu talvez também o entusiasmo de interagir com muitos ao mesmo tempo. Cocteau (2010) identifica o *trac* com as emoções essenciais que de uma maneira geral se sente diante do microfone.

O *trac*, ou a emoção, (...) provoca, de fato, a centelha que anima o microfone. Sem esse desassossego, o microfone transmitiria geralmente uma expressão muito segura de si mesma e impávida. Não esqueçamos que o maquinismo, grande conquista

⁶² *Naturellement, par exemple, que la poésie est inutile. Mais elle n'est pas belle parce qu'elle est inutile. Elle est belle parce que c'est une langue à part.*

⁶³ *Tout ce qui relève du génie est toujours considéré comme dangereux. Une invention géniale, comme un homme génial. On a coutume de dire d'un homme génial qu'il est dangereux. Cela veut dire qu'il a de mauvais imitateurs. Mais ce n'est pas la faute de cet homme génial. On ne peut pas empêcher le génie, sous prétexte qu'il donne libre cours à des fautes. Tout ce qui s'invente à l'heure actuelle est d'un domaine génial, obligatoirement dangereux, mais on ne peut pas l'incriminer. Ce serait ridicule. La radio est très mauvaise si elle coule dans toutes les maisons comme une eau tiède. Elle est très importante si elle apporte de la culture chez des gens qui n'en avaient aucune idée. Tout cela me semble simple comme bonjour, mais les uns diront que la radio est indispensable, et les autres qu'elle est néfaste. La radio n'est ni indispensable ni néfaste. C'est une invention du génie, par conséquent une invention dangereuse.*

⁶⁴ A palavra *trac* é mais frequentemente empregada para ser referir à expectativa angustiada que precede o contato com o público, mas pode também reportar-se ao temor que se sente antes de ser submetido a uma prova ou de tomar uma decisão crucial.

moderna, é ao mesmo tempo o pior inimigo do homem em sua expressão individual e sensível. Trata-se de paliá-lo⁶⁵ (COCTEAU, 2010, p.25, tradução minha).

No ar, eu vivo a aventura – deleite e desafio – de reverenciar a diversidade da vida e de compartilhar a palavra com as pessoas com deficiência (PcD). A arte radiofônica enche de cores e sons e outras sensações exuberantes a paisagem dos afetos que inspira minhas quotidianas experiências de formação no ar. O *trac* e a alegria reagem entre si, a raiva contra quem silencia a maioria e o amor ao que faço dão asas ao que digo e ampliam o que escuto. As duas emissões – Sem Fronteiras: Plural pela Paz e Todos os Sentidos – são ações de extensão universitária. Sempre destaco isso durante a irradiação e algumas vezes digo que a extensão é o abraço que a universidade dá na sociedade.

Encontro nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (2004) o eco de atividades ou propostas às minhas semelhantes. Nas linhas desse autor encontro a alusão à diversidade cultural e às pessoas discriminadas, entre as quais se encontram as pessoas com deficiência. Quando ele discute a Universidade do século XXI, comenta as crises institucional, de legitimidade e de hegemonia que ela atravessa. No trecho sobre a extensão universitária, o autor afirma que ela terá em breve um valor muito especial. Ao passo que o capitalismo quer tornar a Universidade pública uma coisa funcional, rentável, mercantil, a serviço do setor privado ou privatizada ela própria, transformando-a em agência de extensão sob seu controle; segundo Boaventura,

a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às actividades de extensão (com implicações no *curriculum* e nas carreiras docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural (SANTOS, 2004, p. 73).

O autor diz que, além de responder às necessidades de destinatários precisos (tais como os movimentos sociais, as comunidades regionais, os governos locais), a extensão universitária deve atuar tendo a sociedade em geral como destinatária e beneficiada – e ele cita o exemplo das atividades culturais no campo das Artes e da Literatura. Boaventura nos adverte sobre os riscos de orientar a extensão adotando os parâmetros do mercado.

⁶⁵ *Le trac, ou l'émotion, (...) déclenche, en effet, l'étincelle qui anime le micro. Sans cet émoi, le micro transmettrait généralement une expression trop sûre d'elle-même et impavide. N'oublions pas que le machinisme, grande conquête moderne, est en même temps le pire ennemi de l'homme dans son expression individuelle et sensible. Il s'agit d'y pallier.*

Para que a extensão cumpra este papel, é preciso evitar que ela seja orientada para actividades rentáveis com o intuito de arrecadar recursos extra-orçamentários (é isto que está a ocorrer no Brasil com muitas das actividades de extensão das fundações das universidades). Nesse caso, estaremos perante uma privatização discreta (ou não tão discreta) da universidade pública. Para evitar isso, as actividades de extensão devem ter como objectivo prioritário, sufragado democraticamente no interior da universidade, o apoio solidário na resolução dos problemas da exclusão e da discriminação sociais e de tal modo que nele se dê voz aos grupos excluídos e discriminados (SANTOS, 2004, p.74).

É justamente no intuito de levar ao ar a voz de um dos grupos mais discriminados que atua o Todos os Sentidos. O Sem Fronteiras: Plural pela Paz, por sua vez, ao se pautar na diversidade, se orienta pela busca de inclusão de todos em um mundo que queremos mais belo, mais justo e mais sensível à beleza.

Não requer nenhum malabarismo estender à pesquisa reflexões similares às que Santos (2004) faz sobre a extensão. Basta considerar dois problemas cruciais: a extrema cobrança de produtividade imposta aos pesquisadores e a prioridade dada (sobretudo em termos de investimentos e difusão) a certas áreas de pesquisa em detrimento de outras. Essa pressão por quantidade, velocidade, publicações e resultados, bem como essa priorização do tecnológico perante as ciências humanas e sociais, são ambas orientadas pela lógica mercadológica. A mesma que transforma em numerário e competição quase tudo que gente faz, dos esportes às artes: no esteio desse pensamento, tudo é negócio e o tempo é tão somente dinheiro. Para ilustrar *en passant* a que ponto chega essa problemática, uma imagem me parece mais eloquente.

Imagem 7: Cartaz

INOVAÇÃO

GOVERNO DO PARANÁ
2008

Faça acontecer, transforme
ciência em negócio.

INOVAÇÃO OLIMPIADA
2011

informações e inscrições:
www.inovacao.usp.br/olimpiada2011

Apoiam esta ideia:

3M
Interfarma
Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa

Dow AgroSciences

natura
bem estar bem

BASF
The Chemical Company

Kraft foods

Clarke, Mosler & Co.
BRASIL

BAYER

Heliar

Cartaz apresentado por Menna durante Seminário de Ciência e Tecnologia, retirado de um mural da USP/Leste, ilustra como a mercantilização da produção acadêmica está cada vez mais explícita e incorporada ao ambiente universitário

Fonte: InformANDES, setembro de 2011.

O foco em uma produtividade quantitativa, em vez – ou melhor – ao invés de qualitativa, tem gerado debates na comunidade acadêmica e suscitado diversas reações. Embora não seja meu propósito aprofundar a discussão dessa questão, interessa-me muito a relação nossa com o tempo, conforme comentei anteriormente, isso é essencial tanto em poesia quanto na radiofonia – e, mais amplamente, de bem viver o tempo carece a transitória existência humana. Por ora contento-me em citar uma das reações mais sensíveis e inteligentes que detectei até agora no âmbito científico – e com a qual faço coro.

Manifesto da ciência lenta

Nós somos cientistas. Não “blogamos”. Não “twittamos”. Nós tomamos nosso tempo.

Não nos entenda mal – nós realmente dizemos sim à ciência acelerada do início do século 21. Dizemos sim ao fluxo constante de publicações avaliadas pelos pares e seu impacto; dizemos sim a blogues de ciência e à necessidade de mídia e avaliação pelos pares; dizemos sim à crescente especialização e diversificação em todas as

disciplinas. Nós também dizemos sim para a investigação de alimentação voltada para cuidados com a saúde e com a prosperidade futura. Todos nós estamos neste jogo, também.

No entanto, sustentamos que isto não pode ser tudo. Ciência precisa de tempo para pensar. Ciência precisa de tempo para ler, e tempo para falhar. A ciência nem sempre sabe exatamente agora o que pode vir a ser. Ciência se desenvolve de maneira instável, com movimentos bruscos e saltos imprevisíveis para a frente – ao mesmo tempo, porém, arrasta-se em uma escala de tempo muito lenta, para a qual deve haver espaço e à qual justiça deve ser feita.

Ciência lenta foi praticamente a única ciência concebível por centenas de anos; hoje, argumentamos, merece renascimento e necessita de proteção. A sociedade deve dar aos cientistas o tempo necessário, mas mais importante, os cientistas devem tomar seu tempo.

Nós realmente precisamos de tempo para pensar. Precisamos de tempo para digerir. Precisamos de tempo para nos entender mal uns aos outros, especialmente quando promovemos o diálogo perdido entre humanidades e ciências naturais. Não podemos continuamente lhes dizer o que significa nossa ciência; o que será bom para isso ou aquilo; porque nós simplesmente não sabemos ainda. Ciência precisa de tempo.

– Apoiem-nos, enquanto pensamos. (<http://www.slow-science.org>, original nos anexos)

Refletindo sobre o rádio na formação humana e sobre o lugar reservado à diversidade da humanidade e às pessoas com deficiência nos programas Sem Fronteiras e Todos os Sentidos, considero o papel do próprio rádio atualmente. Nos dias de hoje, pode-se ter acesso às informações e à cultura de quase todo lugar no planeta. Nós, os apaixonados pela radiofonia, conhecemos essas viagens sem fronteiras em todos os sentidos bem antes da rede mundial de computadores, a Internet. As ondas hertzianas da arte radiofônica sempre foram difundidas, segundo seu comprimento, até os arredores de uma cidade ou além dos limites de um país, as ondas longas e médias sendo mais modestas em seus itinerários. As emissões em ondas curtas permitiram frequentemente (e ainda permitem) aos estudantes de línguas estrangeiras – e mesmo aos falantes nativos que vivem longe de sua pátria – ter contato (como ouvintes, claro) com outros países. O dedo deslizava e desliza até agora sobre o botão de sintonia dos aparelhos de rádio, sempre suavemente, na busca de uma voz compreensível, que fala ou canta... Há agora a possibilidade de procurar as emissoras preferidas ou de descobrir outras através dos computadores conectados entre si mundo afora. Em si, contudo vive a verdadeira busca...

“Não conhecemos nossa própria voz” – diz Jean Tardieu (1969, p.56, tradução minha), poeta que viveu e estudou a radiofonia: “Ela ressoa em nós, quando falamos, de maneira

totalmente diferente de quando a escutamos *do lado de fora*”⁶⁶ (idem). No capítulo *Poésie et Radio*, Tardieu (1969) comenta:

A voz humana! Quanto poder e, ainda hoje, quanto mistério! Do ponto de vista dos grandes mitos da humanidade, ela é portadora do verbo, manifestação soberana do espírito criador. Do ponto de vista psicológico e sociológico, ela é o instrumento da linguagem, a expressão da personalidade e da comunicação entre os homens. Ela começa pelo grito, que nos religa à animalidade, ela termina pelo poema e pelo canto, que nos elevam acima de nós mesmos⁶⁷ (TARDIEU, 1969, p. 54-55)

Eu que faço este percurso de redescoberta de mim (e do outro), não posso me impedir de fazer ressoar a voz humana que envolve corpo, mente e alma a um só tempo. Eis por que sempre convidei os leitores, os ouvintes, os estudantes, o público a escutar rádio – rádios! Eis por que sugiro que desfrutem da música e da poesia, ouvindo e lendo, mas também cantando e fazendo versos. Eis por que convido meus ouvintes a descobrir sua língua e as demais línguas, a poesia da vida, a música que faz dançarem nossos *corpalmes*... Eis por que o Sem Fronteiras: Plural pela Paz reverencia e canta a diversidade: para afinar o coro dos que se irmanam no respeito ao outro. Eis por que o Todos os Sentidos tem como bordão: “para levar ao ar a voz das pessoas com deficiência”. Do grito ao verso dito! A voz de cada convidado ganha os ares até o labirinto dos ouvidos de cada pessoa sintonizada na 107,9 FM. A voz dos ouvintes nos chega pelo telefone, pelo correio eletrônico e, mais recentemente, pelas redes sociais e pelos blogues em construção.

Estou persuadido que a intimidade que o rádio nos abre é única. Qual estudante de francês, qual ouvinte francófono não se emocionou, não aprendeu, não foi mais longe escutando a Radio Québécoise, a Radio Suisse Romande, a Radio France Internationale, entre tantas outras? Quem não se deixou encantar e transportar pelas emissões musicais tão ricas, pelos programas temáticos tão diversificados quanto éticos ou pelo jornalismo independente e crítico da cearense Rádio Universitária FM 107,9?

Duas considerações devem ser feitas a respeito dos detalhes caprichosos e sedutores do rádio: seu público e o papel e poder do comunicador, seja ele radialista ou jornalista ou artista.

⁶⁶ *On ne connaît pas sa propre voix. Elle résonne en nous, quand nous parlons, tout autrement que si nous l'écoutions 'au dehors'* (Jean Tardieu, 1969, p.56) .

⁶⁷ *La voix humaine ! Quelle puissance et, encore aujourd'hui, quel mystère ! Du point de vue des grands mythes de l'humanité, elle est porteuse du verbe, manifestation souveraine de l'esprit créateur. Du point de vue psychologique et sociologique, elle est l'instrument du langage, l'expression de la personnalité et de la communication entre les hommes. Elle commence par le cri, qui nous relie à l'animalité, elle se termine par le poème et par le chant, qui nous élèvent au-dessus de nous-mêmes.*

“Todos juntos e cada um por si” – eis como Jean Tardieu (1969, p.63) caracteriza o público radiofônico, “um público cuja particularidade (...) é de formar uma multidão, mas uma multidão composta de unidades dispersas”⁶⁸ (1969, p.63, tradução minha). Cocteau aborda com outras palavras esse mesmo aspecto do rádio quando diz: “O interesse prodigioso deste estranho veículo é que ele não se dirige às massas, como se pensa, mas a cada pessoa em particular. Nada de mais confidencial que esta máquina, que, de resto, intimida mais que um anfiteatro repleto” (COCTEAU, 2010, p.26, tradução minha)⁶⁹. A arte radiofônica, segundo Tardieu (1969), sobretudo a arte do comunicador (produtor-apresentador) é, por si, um jogo entre “presença” e “ausência”. Como escutar esse público? Como lhe passar a palavra? Ler o correio dos leitores, convidá-los a intervir por telefone, apresentar testemunhos diante do microfone visam “persuadir os que estão à escuta que cada um em particular constitui um interlocutor válido, potencialmente permanente e real”⁷⁰ (TARDIEU, 1969, p.130, tradução minha).

As consequências desse caráter tão particular da interação no campo radiofônico tem evidentemente muita relevância para uma reflexão sobre a formação minha como poeta que atua na qualidade de homem de rádio. Nos momentos primeiros de escrita ou fala, nem o poeta nem o radialista vê seu leitor ou ouvinte, mas ele está presente, ele se pressente. Falar requer escuta de si. No estúdio, atua-se com um alto-falante de retorno. Além dessa audição ao vivo, no calor da hora em que cada sílaba se pronuncia, inúmeras vezes ouvi a gravação dos programas na busca de melhor conhecer e fazer o meu próprio trabalho. Falar requer também a escuta do outro, em dois sentidos: ser escutado por ele e saber escutá-lo. O que digo chega a cada um do público invisível, mas é em parte perceptível em seu retorno, que me chega por outros caminhos: pelo telefone, pelo correio eletrônico, nas visitas dos ouvintes aos estúdios ou em eventos públicos em que nos conhecemos ou reencontramos. A arte radiofônica me faz questionar minha práxis entre deleites e inquietações.

Necessário se faz esclarecer o papel e o poder do comunicador. No meu caso, na Rádio Universitária FM de Fortaleza, eu trabalho com um técnico de áudio, Antônio Carlos Lima, Assis Lima ou José Raimundo Lustosa, e conto com dois estudantes de Jornalismo da UFC como assistentes de produção. Estes recebem bolsas da Pró-Reitoria de Extensão e

⁶⁸ *Tous ensemble et chacun pour soi (...) un public dont la particularité (...) est de former une multitude, mais une multitude composée d'unités dispersées.*

⁶⁹ *L'intérêt prodigieux de cet étrange véhicule, c'est qu'il ne s'adresse pas aux masses, comme on le pense, mais à chaque personne en particulier. Rien de plus confidentiel que cette machine, qui, du reste, intimide davantage qu'un amphithéâtre comble.*

⁷⁰ *(...) persuader ceux qui sont à l'écoute que chacun en particulier constitue un interlocuteur valable, potentiellement permanent et réel.*

temos o compromisso de conjugar ensino, pesquisa e extensão: fazem ali parte essencial de sua formação acadêmica e prática em rádio, desenvolvem – a partir dessa formação, dessa prática e da pesquisa – um artigo completo para apresentar nos Encontros Universitários da UFC (às vezes em outros eventos científicos) e em toda a sua atividade de produção radiofônica estão evidentemente em uma ação extensionista.

Cabe destacar que atuamos na perspectiva apontada por Boaventura de Sousa Santos (2004) para a extensão universitária, como um caminho alternativo ao capitalismo global, na defesa da diversidade cultural e humana, buscando nas emissões dar “o apoio solidário na resolução dos problemas da exclusão e da discriminação sociais e de tal modo que nele se dê voz aos grupos excluídos e discriminados” (SANTOS, 2004, p.74). Para isso, a mim cabem diversos papéis e compromissos: atuo como produtor dos programas, como apresentador deles, como coordenador dos mesmos na qualidade de ações de extensão e como orientador dos estudantes que compõem a equipe.

É necessário levar em conta a afetividade de quem se encontra diante do microfone, lugar onde essa voz traduz o que esta pessoa é enquanto ela exerce seu ofício. É preciso lembrar que toda informação nasce do que Morin (TARDIEU, 1969, p.120) chama “o processo psico-afetivo ligado à comunicação”: “O vivido de cada um transborda a cada instante o repertório de termos objetivos”⁷¹ nos quais tenta se traduzir sua experiência subjetiva. A respeito desse assunto, Dupont e Vaume afirmam (TARDIEU, 1969, 129):

(...) o homem que fala [no rádio] participa da vida dos homens. Sua palavra se inscreve no presente: seu tempo coincide com o tempo mesmo de sua elaboração. Ela não é o resultado acabado de uma práxis, mas práxis ela própria. Melhor! Aquele que fala revela – intencionalmente ou não – seu esforço, todo o seu trabalho e, por isso mesmo, uma parte não negligenciável de sua personalidade⁷².

A voz diz de si, a voz diz quem sou. No meu caso, se participo da vida das pessoas, elas também participam da minha, pelo menos de uma parte considerável de meu viver, não somente quando estou no ar: vários ouvintes vêm à rádio para conhecer a equipe ou vão aos espetáculos poético-musicais que faço – o que altera (a palavra “alterar” cai bem pela sua raiz em “alter”: “outro”) a relação ausência/presença discutida por Tardieu (1969) e citada antes. Entre ouvintes e convidados, muitas amizades venho fazendo. Eu não saberia fazer de outra

⁷¹ *Le vécu de chacun déborde à chaque instant le répertoire de termes objectifs.*

⁷² (...) *l'homme qui parle [à la radio] participe à la vie des hommes. Sa parole s'inscrit dans le présent : son temps coïncide avec le temps même de son élaboration. Elle n'est pas le résultat fini d'une praxis, mais praxis elle-même. Mieux ! Celui qui parle révèle – intentionnellement ou non – son effort, tout son travail et, par là même, une partie non négligeable de sa personnalité.*

maneira. Eu não encarno um papel no ar: sou eu. Permitam-me citar a esse respeito um elogio que tive a alegre honraria de ouvir e de que sempre me lembro quando preciso de um bálsamo em meio às inevitáveis agruras; um ouvinte, tendo me conhecido pessoalmente, me disse: “Mas... você não é um personagem!”

Outro ponto a abordar seria o fato de as pessoas com deficiência terem acesso ao roteiro e, antes de entrar no ar, discutirmos perguntas e detalhes, por exemplo: como me referir à deficiência e apresentar o convidado. Em alguns casos, pontos a serem abordados são por eles sugeridos e perguntas suprimidas por alguma inadequação ou por suscitar algum desconforto. Isso não é habitual nos meios de comunicação e faz, segundo Lucíola Limaverde (2006), nessas entrevistas dialógicas, uma subversão da (suposta) objetividade e neutralidade, preconizadas tradicionalmente na relação entre o comunicador e o entrevistado. Assumo as escolhas e não posso acreditar que neutralidade e objetividade sejam possíveis entre seres que sentem e pensam de maneira singular, um a um. Vivo a poesia dos encontros.

Como disse anteriormente, as emissões radiofônicas que faço na Universitária FM constituem parte essencial do estudo a que ora me consagro: No ar, um poeta. Ali, a cada instante recomeço. A grande lição da radiofonia é o tempo: o tempo radiofônico tem um ritmo diferente, como diferente é o ritmo da vida do poeta, segundo Vinicius de Moraes (1980, p.73, ver 1.2.5) – cada segundo é valioso e o comunicador tem de estar em sintonia com o relógio, e em paz com ele. E consigo.

A cada vez que o Sem Fronteiras: Plural pela Paz e o Todos os Sentidos são irradiados, sempre recorro aos ouvintes suas respectivas propostas de “reverenciar a diversidade da vida” e “levar ao ar a voz das pessoas com deficiência”, bem como o formato temático e poético-musical de ambos. Costumo comentar no ar o relacionamento com o ouvinte e o entusiasmo que gera cada momento de interação, em especial quando um deles liga para participar, fazendo comentários ou perguntas. Sempre cito a lição que a radiofonia me traz quanto à nossa relação com o tempo. Cada minuto, cada segundo conta. Muito pode ser dito e desdito entre uma pulsação e outra do relógio digital que fica diante de meus olhos. Recordo aqui o exemplo anteriormente dado: uma chamada radiofônica em que se divulga um evento, com nome, participantes ou organizadores, objetivo, local, data e horário pode durar tão somente... 30 segundos.

Sempre digo que os programas são um caminho poético-radiofônico através do qual e no qual busco contribuir com a construção de um mundo mais belo e justo, mais sensível à beleza. Note-se que o termo “justo” aponta para a intenção assumida de fazer essas ações extensionistas na perspectiva apontada por Santos (2005), isto é, contra os preconceitos, a

exclusão e a discriminação seja das pessoas com deficiência, seja devido a diferenças linguísticas, culturais ou etárias (a diversidade de línguas, povos, culturas e idades são as mais citadas desde a estreia até hoje). Note-se igualmente que o termo “belo” aponta para a dimensão estética e a expressão “mais sensível à beleza”, para a busca de uma formação da sensibilidade. O poeta, o radialista e o professor constituem meu ser. Se a poesia é quem me inspira, conduz e ampara, minha atuação sempre envolve o comunicador e o educador que sou. A radiofonia nasceu no Brasil com a proposta de educar e tem até hoje um caráter educativo em algumas emissoras públicas, além do jornalístico e do artístico (em particular musical), como é o caso no contexto da Rádio Universitária FM, de Fortaleza. Acredito que as palavras de Izaíra Silvino Moraes a respeito do papel da arte no âmbito educacional poderiam se aplicar ao papel da arte – penso na poesia e na música – no âmbito radiofônico: “Creio que a arte tem função clara na escola e através dela a escola assumirá a responsabilidade prioritária e única de superação do cognitivo pela formação da sensibilidade” (MORAES, 1993, p. 34).

Neste trecho dedicado ao caráter extensionista⁷³ dos programas radiofônicos Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz, Paulo Freire (1983) traz seu contributo, colhido de seu livro *Extensão ou Comunicação?*, originalmente publicado em espanhol em 1968, durante seu exílio no Chile. É importante deixar claro que o pensador enfoca particularmente a extensão agrícola, em um contexto em que os agrônomos educadores querem literalmente: “persuadir as populações rurais a aceitar nossa propaganda e aplicar estas possibilidades [técnicas e econômicas]” (FREIRE, 1983, citando fragmento do texto de Willy Timmer “Planejamento do trabalho de extensão agrícola”, publicado em 1954 pelo Ministério da Agricultura).

Freire (1983) faz uma análise linguística do termo “extensão”, apontando relevantes reflexões. Em sua relação com a forma verbal correspondente, fica claro que quem estende estende algo até alguém, até aquele que recebe o conteúdo pelo outro proposto. Ora, bem sabemos a crítica, essencial no pensamento freireano, feita à mera transmissão de conteúdos. Para esse autor, nas ações extensionistas, nas atividades extramuros em geral (a meu ver inclusive as que envolvem pesquisa e ensino), um sujeito que vive “atrás dos muros” (da Universidade) supõe-se incumbido da missão de levar seus saberes a um outro sujeito, que vive “fora dos muros”.

⁷³ Embora não esteja me referindo a todas as ações da emissora nesta reflexão, friso que a própria Rádio Universitária FM é institucionalmente inserida na UFC como Nuproex - Núcleo de Projetos de Extensão.

Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até “a outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante ao seu mundo (FREIRE, 1983, p.13).

É fundamental destacar este questionamento, uma vez que o Todos os Sentidos pretende “levar ao ar a voz das pessoas com deficiência” e o Sem Fronteiras: Plural pela Paz almeja cultivar o respeito à diversidade da vida e à diversidade humana. Segundo a apresentação da Universitária FM em sua página virtual⁷⁴, a emissora atua “com a intenção de levar a educação não formal e a produção cultural da Universidade à comunidade”. A realização desses programas como ações extensionistas, nessa emissora pública, de caráter também extensionista, ligada à Universidade pública, requer reflexão constante sobre a relação estabelecida no seio da equipe e desta com os convidados, ouvintes e colaboradores.

Esclareço que os colaboradores são, na origem, ouvintes e/ou convidados, destes vindo a se distinguir por criarmos um vínculo em que eles passam a sugerir outros convidados, pautas, músicas e poemas, a encaminhar eventos para difusão e a contribuir com a divulgação das emissões e da emissora. A intenção é deliberada e conscientemente abrir-se à escuta do que diz o outro, para assim compartilharmos saberes e sentires, como no exemplo em que as questões a serem propostas e outros detalhes do roteiro do programa vêm a ser discutidos com as pessoas com deficiência. “Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta” (FREIRE, 1983, p.15).

A própria extensão expressa desde muito sua dificuldade em se definir, tendo sido ou sendo considerada entre os próprios extensionistas como a “prima pobre” em meio ao tripé universitário ensino/pesquisa/extensão. Tem sido feito um esforço no sentido de reequilíbrio dessa configuração, de esclarecimento da identidade e do papel social da extensão, de valorização acadêmica do que fazem os extensionistas, bem como os objetivos que devem orientá-la. Conforme comentei anteriormente, muito resta a questionar e aprimorar para que a extensão universitária atenda aos interesses da sociedade e não do mercado.

Muitas vezes no ar faço perguntas que não são respondidas, muitas vezes a poesia me interroga. Velame e leme conversam com os ventos e as águas: este navegar é impreciso e necessário. Aonde hão de aportar as naus das questões aqui içadas?

Não debes acreditar nas respostas.
As respostas são muitas e a tua pergunta é única e insubstituível.

Quintana, 2005, p.298

⁷⁴ www.radiouniversitariafm.com.br, acesso em 07/09/2011.

4 INTERVALO

Quando a chegada se completa,
a partida se prepara
– porque tudo é passagem.

Imagem 8: Dirlene Marly Beltrão de Castro, minha mãe. Imagem 9: José Franácio de Castro, meu pai.



Fonte: Arquivo pessoal.



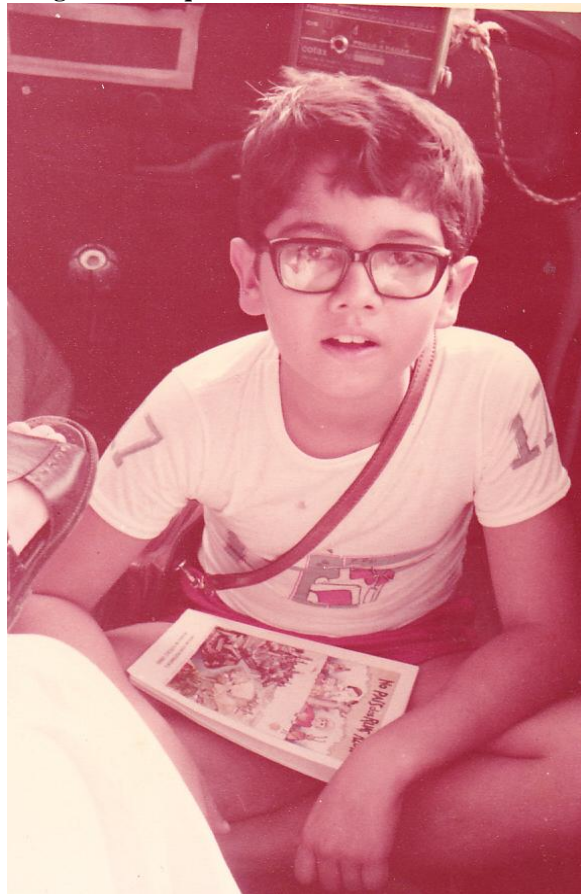
Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 10: Com meus pais, no jardim de casa.



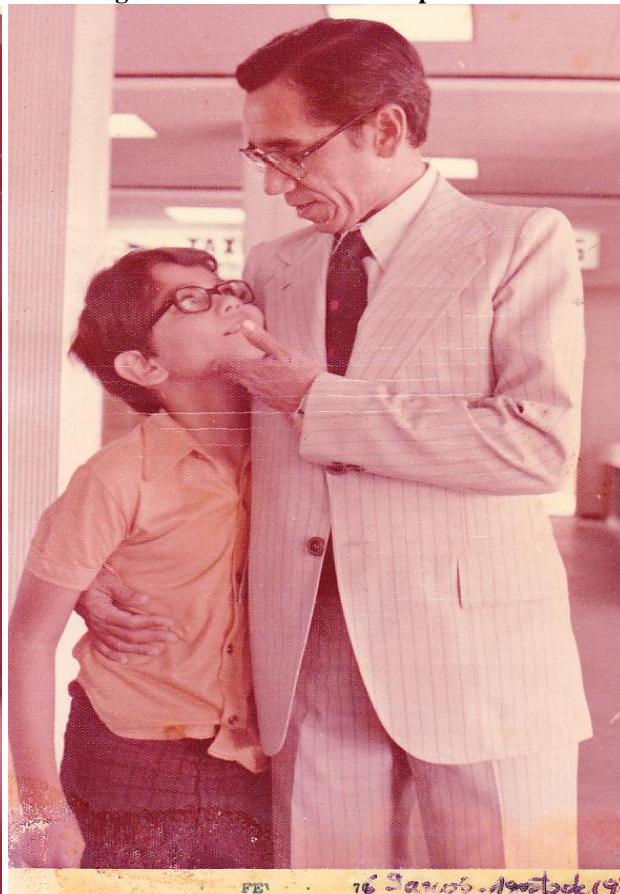
Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 11: Pequeno leitor em trânsito em 1978.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 12: Saudades no aeroporto em 1977.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 13: Com minha irmã Clarissa, imerso nas letras.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 14: Minha mãe : cores vivas, sons alados.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 15: Com meu pai e meu filho, Ravi.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 16: Karla Martins, minha mãe, eu e a leitura de quadrinhos.



Fonte: Arquivo pessoal.

5 ITINERÁRIOS EM EDUCAÇÃO E PESQUISA

*Le voyageur et le voyage
composent un seul paysage.
Le voyageur est son voyage.*

O viajante e a viagem
compõem uma só paisagem.
O viajante é a sua viagem.

Beltrão (2009, p.94)

Com o fio destas linhas, venho tecendo um percurso de estudo autobiográfico que perscruta as experiências afetivas formadoras de mim na práxis poética, docente e radiofônica. Desde o início, tenho me deixado levar pelas palavras, com a razão e a afetividade entrelaçadas. Querem ser à maneira de uma tríade a me conduzir nos itinerários em educação e pesquisa.

No tópico de abertura deste capítulo, farei a parte autobiográfica relacionada ao percurso meu de (trans)formação como educador e pesquisador: nela, o professor narra o trajeto desde o poeta vermelho até o simples narrador de si – isto se fará considerando os mestres marcantes, a iniciação como professor, a docência na UFC, os estudantes e a arte de aprender juntos, o mestrado, o doutorado e o doutorado sanduíche. No outro tópico do mesmo capítulo, exponho as leituras de Freire e Larrosa, a fim de situar a mim e ao leitor em meio às reflexões que me orientam nos campos de estudos sobre educação e formação.

5.1 Um formador em (trans)formação

Educar é educar-se na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem
– por isso sabem algo e podem assim chegar a saber mais –
em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem,
para estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem,
possam igualmente saber mais.

Paulo Freire (1996)

Na jornada em palavras feita neste trecho autobiográfico dedicado ao caminho meu de (trans)formação como educador e pesquisador, desde a criança afeitada aos versos até o narrador de versos feito, contemplo entre linhas detalhes de mim: o menino poeta, o jovem no Bosque de Letras, a descoberta da sala de aula da perspectiva do educador; a trajetória docente de formação de mim e do outro (na Aliança Francesa, na Escola Técnica, na UFC...); a história de um poeta devorado pelo mestrando (em) que ele (se re)virou; o casamento com uma musa

pesquisadora; o doutorado e o convívio com o Prof. Botelho na UFC, o doutorado sanduíche e o convívio com a Profa. Martine Lani-Bayle e a equipe do Transform’, na Université de Nantes, as notas de aula em forma de poema, que Martine descobriu e me encorajou a ler em público. Sou o vermelho em busca do simples no efêmero essencial...

Quisera ouvir-te, leitor, mestre das palavras que lês. Monsieur Michel de Montaigne, o criador do ensaio, em sua filosofia da educação nos encorajava a fazer o que desejamos em busca de nos formarmos: “Eu coloquei todos os meus esforços em formar minha vida, eis meu ofício e minha obra” (PRUVOST, 2008, p.548)⁷⁵. Tenho escrito ensaios, não artigos científicos, isso por razões simples que tentarei elucidar brevemente para quem me lê. Primeiro: o ensaio permite mais liberdade na exposição das ideias e na estrutura do texto; penso poder me aproximar mais do leitor no ensaio do que no artigo (e mais ainda em um poema ou em um breve verso avulso). Segundo: a palavra “ensaio” fala por si da preparação e repetição e elaboração de um ato que adiante se quer consumir. Ensaio como artista, ensaio como radialista, antes de entrar no palco ou no ar – assim como todos os meus pares. Sim, ensaiamos de diferentes maneiras, às vezes intimamente, mas ensaiamos o que vamos dizer ou cantar no ar ou em cena. Esta tese-poema, por tanto e com tudo (*sic*), é um longo ensaio – estou ora a me preparar para outras horas de aurorar.

Montaigne nos convida a fazer o que desejamos no percurso de formação de si, o que estou buscando fazer, e, sinceramente, se a letra aparece firme, confesso, é que não escrevi à mão, com aquela pluma que ele mergulhava no tinteiro antes de deitar palavras aladas nas páginas feitas do seu caminho de viajor, mas com este teclado mais preciso; sai pronta a letra ainda que venham a tremer as mãos na emoção de compartilhar emoção. Estou sentindo o frêmito de me dizer em palavras, de buscar os itinerários que me trouxeram até mim, os momentos de agora e aqui vividos e o que há de vir neste encontro comigo e com o outro.

Ser vermelhamente poeta para sentir a verdade da busca de saber dizer de mim como simples narrador de si – e neste trajeto ler e reescrever a (trans)formação minha como educador e pesquisador. Assim sigo. Surpreendo-me nos labirintos meus. Com o coração, eu vivo; “o *corpalma* sempre pensando no coletivo, sentindo no plural”, como digo no ar. Às vezes, erguendo pedra por pétala na construção do caminho. Às vezes acolhendo a mim, às vezes o outro, às vezes colhendo o instante; por mais distante que me pareça poder entender, sempre é possível sentir – a mim, o outro e o instante.

⁷⁵ *J’ai mis tous mes efforts à former ma vie, voilà mon métier et mon ouvrage.*

5.1.1 Os mestres

Minha formação docente principia na admiração e no afeto que em mim despertaram algumas professoras e alguns professores meus. Meus mestres primeiros: meus pais. Ambos educadores de ordem maior: ele em sua serenidade, ela em sua vibração. Embora minha mãe tenha feito o curso pedagógico da Escola Normal de Fortaleza e meu pai tenha dado aulas de taquigrafia, nenhum dos dois quis se dedicar ao magistério. Falo dos educadores que me deram amor e me legaram valores e princípios que são faróis em meu trajeto. E falo das diversas vezes em que orientaram meus estudos, tiraram minhas dúvidas, acompanharam minhas hesitações, encorajaram minhas descobertas, acolheram meus erros com sábia reorientação, me convidaram a ir até os livros, discos e pessoas que me enriqueceriam.

A gente se faz educador antes de mais nada no convívio com os que nos educam e conosco se (re)educam. E a gente busca se assemelhar àqueles que nos encantam, assim como evita repetir as atitudes daqueles que nos despertam medo, raiva ou outro afeto desagradável. Diversas pesquisas apontam essa tendência entre os educadores, de se formarem essencialmente no convívio com seus próprios professores, entre elas, a de Maria Isabel da Cunha (1999), que aponta justamente que nos espelhamos nos mestres admirados e nos distanciamos do que faziam os que nos desgostavam, e a que fiz durante o mestrado (Castro, 2002). “A relação com os alunos e o gosto de ensinar se encontram entre as características de bons professores, bem como a ideia de bom professor envolve a capacidade de este se mostrar próximo, do ponto de vista afetivo” (CASTRO, 2002, p.121) .O gosto pelo que fazem, a relação entre motivação e boas relações do ponto de vista afetivo são alguns dos exemplos de aspectos destacados. “É importante a constatação de que os atuais professores são muito influenciados pelos antigos em seu fazer pedagógico e, por certo, podem influenciar os futuros professores” (CASTRO, 2002, p.19).

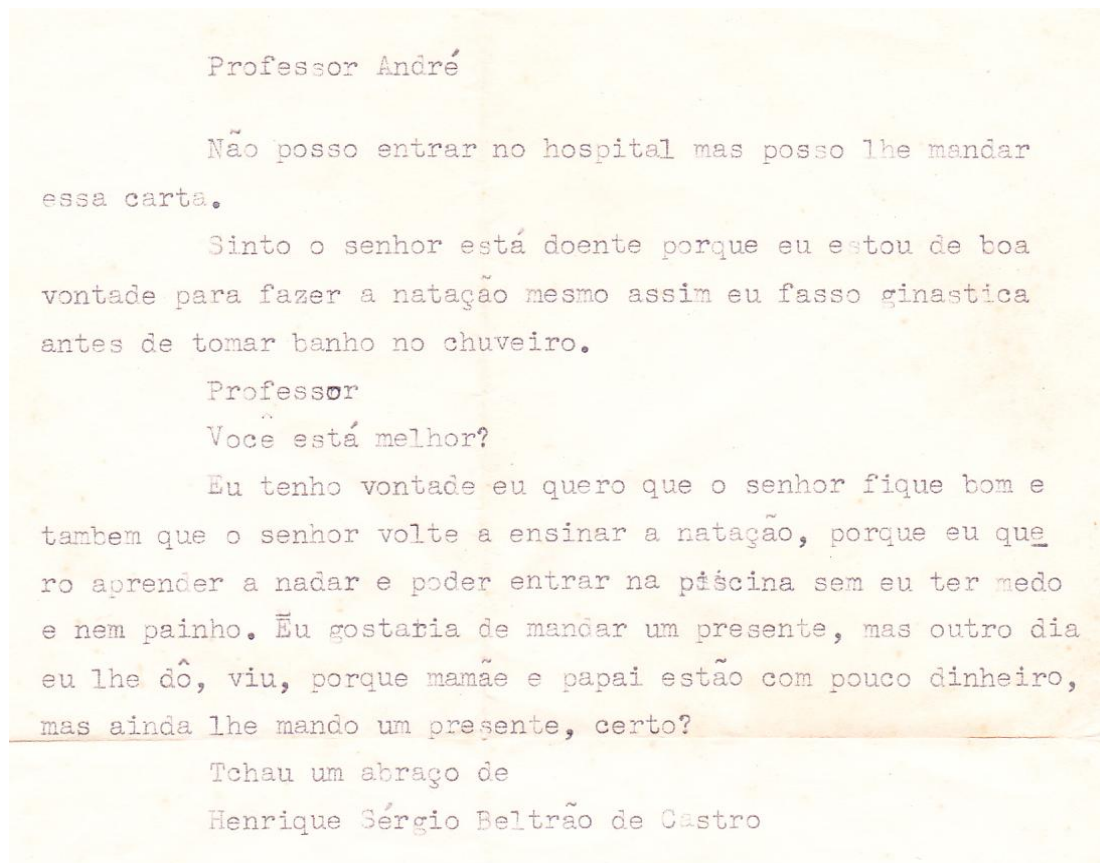
Assim como no caso da radiofonia, considero que minha iniciação docente se deu sem que eu o soubesse, no encanto com os mestres. Das mais longínquas lembranças, me vem a imagem da Teca, que lecionava no meu colégio e me encantava, mas não foi minha professora. Meu contato com ela se dava na hora do recreio e em comemorações familiares, uma vez que ela se tornou amiga de minha mãe.

Lembro do professor André Fovtsky, que me ensinou a nadar. Casado com dona Luísa, tinham uma filha Nádia, também educadora. Era uma família de russos, amigos de meus pais. Além deles, meus pais tinham grande amizade com outros estrangeiros, um casal de alemães, tio Helmut e tia Frieda Scholz (meus pais nos acostumavam a chamar de “tios”

seus amigos mais íntimos). Com essas pessoas, fiz algumas das primeiras descobertas que me levariam a sonhar com um mundo sem fronteiras, plural pela paz, em todos os sentidos. As duas famílias tinham vindo se refugiar no Brasil, em Fortaleza, deixando para trás seus países de origem – em ambos os casos por conflitos políticos, de tendências opostas aliás, em ambos os casos totalitários, que geraram dores, mortes, prisões e exílios. Com eles, descobri também idiomas que nunca viria a estudar: o russo e o alemão. Mas ouvi-los conversar entre si, ver os livros, receber as cartas e os presentinhos de Natal (sempre tão exóticos para mim: bonecos, bibelôs, *souvenirs* de além-mar) quando meus tios Helmut e Frieda retornaram para a Alemanha, tudo isso me marcou com muitos sons e cores. Com aromas e sabores também: nas casas de ambas as famílias, a gente sempre degustava iguarias que traduziam para o meu paladar de menino *gourmet et gourmand* (guloso) os segredos de outros mundos além de minha terra.

Comentei anteriormente que meus pais me incentivaram a ler e escrever, assim como me encorajavam no contato com o que de bom quisesse descobrir, da máquina de escrever ao violão. Um exemplo disso é uma carta feita para o professor André quando estive doente. A iniciativa de escrever e os bons votos podem ter sido sugestões de meus pais, mas o comentário sobre uma suposta falta de recursos para comprar um presente para ele decerto brotou da espontaneidade de um menino. A vontade de nadar é declarada no texto – e traria bons resultados: depois de ter aprendido, passava horas na piscina ou no mar. Os erros de português me permitem constatar que fui eu mesmo que datilografei a missiva, ainda pequeno, provavelmente por volta dos 9 anos. É digno de nota (alta?) a relação desde já afetosamente cultivada com os professores. Sempre gostei de me achegar aos mestres e, quando fluía, de ser amigo deles.

Imagem 17: Carta ao professor André Fovtsky



Fonte: Arquivo pessoal.

O Oriente também cedo me chegou. Na adolescência, através da macrobiótica que cheguei a fazer e da descoberta do I Ching. Mas bem antes, aos 9 anos, em 1976, comecei a praticar judô com o Mestre Jorge Leandro na Academia Gautama (que ainda existe). Rememoro que o *sensei* (“mestre”, em japonês) sempre conversava conosco, principalmente no início da aula. Sentávamos em *seizã*⁷⁶ e ele falava da história do judô e da ética do judoca. Recordo com vivos sons e cores seus relatos e orientações (voltados para o Oriente, aqui cai bem o termo). Lembro dos sete rolamentos, do quimono, do cheiro do dojô e dos rituais ao entrar ou sair, das saudações ao mestre e ao adversário, que precediam e seguiam os combates corpo-a-corpo, em pé ou no chão.

Uma imagem fundamental, segundo meu professor, teria inspirado o Mestre Jigoro Kano a criar essa arte marcial: contemplando a neve cair, observou que os galhos mais fortes, espessos e rígidos suportavam grande quantidade de neve, mas alguns acabavam por se quebrar – ao passo que os galhos mais finos e flexíveis curvavam-se sob o peso da neve, deixando-a tombar no solo. Bela metáfora! E que inspiraria diversos golpes. Imaginar a neve

⁷⁶ O judoca ajoelha com as pernas juntas e, em seguida, senta sobre os calcanhares.

que até então eu nunca vira, o Mestre Jigoro Kano em um longínquo Japão, tudo aquilo me fascinava. Tal como as lições do Mestre Jorge Leandro, pra mim valiosas. Saber manter-se sobre sua base, em equilíbrio, e ao mesmo tempo ser flexível, saber fluir... Exercitar o autodomínio e a serenidade. Aprender a usar a força do adversário contra ele mesmo e a procurar derrubar ou imobilizar o outro, evitando machucá-lo. Quanto à queda, este é um gesto essencial na prática do judô. A primeira coisa que a gente aprende é a cair. Mais tarde um pouco, aprenderia um provérbio japonês: “Viver é cair sete vezes – e se levantar oito”.

Outra janela para o mundo foi a francofonia. Conforme citei anteriormente (ver 2.1), na minha formação linguística, é primordial a contribuição dos educadores, franceses e brasileiros francófonos, que me motivaram a compreender e praticar a concatenação e coesão do discurso de forma cartesiana, tanto oralmente quanto por escrito, bem ao gosto e à maneira da expressão em língua francesa. Desde essa época, com meu pai sobretudo, costumava consultar não somente as fontes em língua portuguesa, mas também em francês, espanhol e inglês, idiomas que tive a oportunidade de estudar.

No colégio em que estudei, além do Professor César, de francês, marcaram-me na mesma época, aos 10 anos, na 5^a. série, momento de passagem para o “primeiro grau maior”, duas professoras: Eudismar e Ivonilde, de português e de matemática, aquela por contar histórias que nos hipnotizavam a cada aula, esta porque cantava enquanto fazíamos os exercícios, sustentando e mostrando em sua prática que faz bem estudar ouvindo música suave, o que faço até hoje.

No curso de Letras, além da professora Graça, que me sagrou poeta, muito me marcaram mestres com os quais não cursei nenhuma disciplina, mas cujas palestras e publicações me encantavam: o contista Moreira Campos e o poeta Horácio Dídimo. Cheguei a frequentar algumas aulas de Moreira Campos sem ser seu aluno quando soube que se aposentaria no semestre seguinte. Estudei com a professora Conceição Moreira, afetuosa e acolhedora, senhora dos segredos para motivar os estudantes no rumo das descobertas. Além deles, Rogério Bessa, músico e linguista, com quem me iniciei nas disciplinas de Linguística e fiz meus tímidos primeiros passos no Núcleo de Pesquisa e Especialização em Linguística - NUPEL da UFC como bolsista de iniciação à pesquisa, da qual me afastei até a época do mestrado, preferindo me consagrar à prática docente e procurando continuar meus estudos autodidaticamente e no convívio com outros professores.

Izaíra Silvino, musicista, regente e educadora que me sagrou artista no palco, também muito me enriqueceu na época em que com ela fiz a disciplina de Didática do Ensino Superior, logo após o ingresso meu como docente na UFC em 1994. A mestra da música sabe

como encantar as pessoas e fazer delas cantar a beleza que têm. Como uma das atividades, propunha que os estudantes, todos professores da Universidade, dessem aulas que avaliávamos coletivamente e sobre as quais ela nos dava precioso comentário escrito.

Izaíra nos convidava com sua práxis a nos conhecermos, a si mesmos e uns aos outros, bem como a nos reconhecemos como educadores e seres humanos, pelos dois motivos eternos aprendizes. E, para começar, desde a primeira aula, a mestra aprendia os nomes de todos nós e queria saber quem éramos e o que sentíamos. Em suas palavras, em momento no qual comenta alguns detalhes de seu Método de Improvisação, que não prescindia do planejamento, mas criava espaço de constante criação no convívio verdadeiro e sincero entre todos os que com ela estudavam:

Nunca iniciei um curso, uma atividade pedagógica, com qualquer classe, qualquer que fosse o número de alunos, sem, antes, saber algo sobre a vida de cada aluno. Os anseios, os sonhos, as alegrias, as angústias que os levaram a estar naquela classe, naquele tempo espaço preciso. E nunca iniciei qualquer atividade pedagógica sem antes saber chamar cada aluno pelo nome que o afirmava como uma pessoa única, ali presente, naquele agora (SILVINO, 2007, p.263).

No mestrado (CASTRO, 2002), pude constatar que a aprendizagem dos nomes e a busca de conhecer os estudantes, de ter com eles uma interação prazerosa, são fatores favoráveis à interação e ao processo formativo. Esses aspectos merecem ser discutidos e valorizados na formação docente.

Penso que uma atitude afetivamente mais próxima e uma postura democrática serem adotadas pelos professores favorece a interação e a aprendizagem. Para isso, é importante conhecer os alunos pelo nome e saber deles o que o próprio cotidiano de sala de aula leva a descobrir no ensino de língua estrangeira (LE): identidade, gostos, hábitos, opiniões... O fato de que os conteúdos e objetivos específicos desse âmbito de ensino envolvem a comunicação entre os indivíduos e a abordagem de informações pessoais possibilita que os alunos e professores tenham mais oportunidade de se conhecer, o que a meu ver deve ser considerado de maneira consciente pelos envolvidos a fim de favorecer a interação entre eles (CASTRO, 2002, p.121).

Com Izaíra, encontrara nova fundamentação: nela encontrava o respaldo para a importância que eu atribuía à prática de tentar aprender todos os nomes e conhecer o melhor possível os estudantes. Com ela, constatara que meu questionamento sobre a postura do professor em nada era descabida, como pretendiam alguns colegas. Eu acreditava que o encontro em sala de aula se dava permeado de afetos, de descoberta mútua, de convivência – confortável ou não, inclusive. A suposta neutralidade, preconizada tradicionalmente nos contatos profissionais em sala de aula (como no estúdio de rádio), não me parecia possível. O que faria da inquietação e da ternura? O que faria da empatia, da amizade? E das asperezas no

contato? Eu queria bem, eu quero bem aos estudantes. “Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la” (FREIRE, 1996, p.141). No cotidiano com Izaíra, vi que fazia sentido sentir tantos afetos. E correr o risco de me envolver afetivamente com quem compartilhava a construção de saberes e... sentires.

Eu, professora, eles alunos, nós pessoas, gente, fazendo o mundo. Nossas relações eram pessoais, na medida de nossos momentos. Para que nosso tempo fosse único e inigualável. Nossas ações em sala de aula, todas as ações, eram públicas para nós.

Exercícios de ser gente. Onde o diálogo, o respeito pela opinião alheia, a divergência exposta sem medo, o debate, a busca por novas opções, a mania de sistematizar e refletir nossas ocorrências e sentimentos por escrito, a busca de significados para nossos momentos relacionados aos momentos do mundo vivido, a exposição de nós mesmos (e de nossas preocupações, grandezas e não saberes), o exercício de transformação do vivido em expressões artísticas, a fruição da arte existente na cidade, a oferta de momentos artísticos para toda a Faculdade (...).

Tudo, numa grande ciranda, dançando nossa vontade de fazer de nosso tempo de aprendizagem um tempo real e nosso, verdadeiro e vivo, o conteúdo principal de nossos momentos de estudo. (...)

Como professora, procurava fazer com que cada aula fosse única (SILVINO, 2007, p. 264).

E eram, Izaíra, únicas: singulares e plurais a um só tempo. Porque você bem sabe que cada pessoa e cada instante de vida de cada criatura é dádiva divina, inédita e irrepitível. Tenho eu, amiga e mestra minha, procurado dar o melhor de mim a cada encontro como os estudantes, como cantei no poema *A Última Aula* (que citarei na íntegra mais adiante):

Fazer toda aula como se fosse a última...
Fazer tudo assim, como a última vez,
com o Amor de quem se sabe passageiro.

(BELTRÃO, 2007, p.88)

Nesta passagem da tese em que recordo meus professores, inspiração essencial em minha formação docente, faltarão por ora os orientadores de mestrado e doutorado – somente mais adiante comentarei sobre a aprendizagem com eles compartilhada. Sinto que, antes de comentar sobre a assunção da identidade de pesquisador, preciso contar o que a precedeu, por escolha minha: a prática educativa. De educar a mim e ao outros.

5.1.2 O professor entra em cena

A descoberta da sala de aula da perspectiva do educador se deu antes mesmo de terminar o curso de Letras. Em 1986, ensinei inglês em um pequeno colégio particular e, em 1988, lecionei português em uma grande escola privada. Trabalhei também como revisor, tradutor, intérprete e mestre-de-cerimônias. Dei aulas particulares a indivíduos e pequenos grupos, atuei em diversas instituições como docente, ministrei cursos em várias circunstâncias, mas os ambientes mais relevantes para mim como educador foram a Aliança Francesa de Fortaleza, a Escola Técnica (hoje IFCE), a UFC e o INSA de Lyon.

Em agosto de 1987, iniciava-se oficialmente minha carreira docente, com carteira assinada. Com 20 anos, um ano antes de me formar, comecei a dar aulas na Aliança Francesa de Fortaleza, onde estudara e onde muito aprendi como educador, a despeito dos salários sempre e até hoje aviltantes, o que, aliás não era nem é exclusividade dessa instituição, no caso da carreira docente. Na Aliança, me apresentei junto com minha amiga Ticiania Telles Melo, para dar aulas onde havíamos irmanamente compartilhado cinco anos de estudo. Atuamos ali com Jacqueline Freitas Bezerra; juntos, sonhamos em chegar à Universidade, em voltar ao Bosque de Letras da UFC; os três até hoje trabalhamos em união, formando professores de francês no curso em que estudamos.

A Aliança Francesa de Fortaleza também me trouxe outro amigo-irmão: Enrique Sanchez-Albarracin. Com este xará, tenho muito em comum além do nome: somos ambos poetas, tocamos violão, temos a mesma idade, o mesmo signo chinês, a mesma postura política, de esquerda, somos professores universitários, ensinamos língua estrangeira, ele, o espanhol na França; eu, o francês no Brasil... Compartilhamos o mesmo sonho de um mundo mais belo e justo, mais sensível à beleza, e cultivamos o jardim de nossos dias com nossas musas, colhendo cada instante de vida e de encontro com poética inspiração.

A amizade entre duas pessoas é, a meu ver e sentir, uma das experiências afetivas (trans)formadoras mais belas e marcantes. Com Enrique, pude fazer prosa e poesia, poemas e contos, a quatro mãos, na época em que passei uma temporada em sua casa em Fortaleza. Além de ampulheta e bússola, um diapasão! Escrever com alguém é uma parceria das mais íntimas, requer confiança mútua, mas sobretudo exige afinar as palavras juntos.

O Afinador de Palavras

quero passar um dia bem azul
polindo velhas palavras
até que elas brilhem como o sol

(DÍDIMO, 2010b, p.19)

Poemas e canções – nossos e dos autores que ambos admiramos ou que fomos apresentando um ao outro – enfeitaram cada encontro em Fortaleza, minha cidade, em Rosas, na Espanha, e em Lyon, sua cidade natal, na França. Com ele, pude trocar impressões sobre nossas culturas em um clima de intimidade que permite revelar ou descobrir o que às vezes não se vê ou não se fala de sua própria gente, sua maneira de ser, seu *modus vivendi*. A política e a poesia, a cultura e a educação, as viagens e o cotidiano, a escrita e a docência, a pesquisa e a busca de si – diversos temas viraram versos ou conversas ou correspondências nossas. Com um relevante detalhe: ora em francês, ora em português, às vezes em espanhol. Enrique tem as línguas francesa e espanhola como línguas maternas, uma vez que é francês, *lyonnais*, de hispânica origem, como o sobrenome deixa perceber. Ele fala e escreve fluentemente meu idioma materno e ambos temos vívido prazer em falar idiomas estrangeiros. E em transitar entre eles. E em meio a seus povos e culturas. Sem fronteiras, com todos os sentidos atentos, pluralmente.

Com Enrique e família, muito especialmente com Carole, sua esposa, também professora universitária, aprendi e continuo aprendendo muito. A sensibilidade, o carinho, a visão ampla de mundo de Carole são dádivas no convívio. E sua voz também. Cantar. Cantar juntos. Eis um dos prazeres cultivados em família, sempre com a participação alegre, sincera, entusiasta e acolhedora de Albert, pai de Carole, outro amigo querido. Boa parte do que somos, o princípio mas também o aprofundamento de nossa (trans)formação ao longo da vida se dá no âmbito familiar; este é um dos motivos pelos quais ter vínculos de amizade que chegam a ser como familiares me parece tão importante. No seio desse encontro com eles, mais profundo, mais íntimo, pude alcançar mais de sua cultura, mas também mais de mim mesmo. Olhar para o outro nos chama a atenção sobre miudezas da gente – conviver com o outro, afeiçoar-se ao outro, querer bem e dar de si e (a)colher o outro faz leva bem mais longe o conhecimento de si mesmo.

Com outra família vivi e vivo isto de ser de casa, de ser acolhido como se ali em meio a ela tivesse nascido. Desde que minha mãe começou a desenvolver problemas de saúde, a partir de 1985, Tėti me recebeu como um dos seus. Para mim, ela é meio amiga, meio mãe. A ela, como a meus pais, peço a bênção – gesto espiritual que muito prezo. Com seu filho, Pedro, como disse, eu me irmanei. Com ele aprendi muito de música e rádio, assim como compartilhei o pouco que sei de língua e literatura.

Ser cuidado na doença, amparado na tristeza, orientado na música, acolhido nas comemorações mais íntimas, tudo isso deu novo alento ao meu viver, em momentos em que o

lume tremulava em meio ao vendaval. Téli, grande dama da canção cearense, trabalhou como produtora na Rádio Universitária. Daniela e Flávia, minhas “irmãs”, ambas cantam. Júlia, minha “sobrinha”, também já revela seu talento como percussionista e cantora. A casa “da gente” sempre foi frequentada por grandes nomes do cenário musical cearense: de Petrúcio Maia a Nilton Fiore. Era e é a típica casa de artistas. E se comento com tão vivos sons e cores é que aquele ambiente era e é inspirador e formador para mim. Diversas experiências afetivas (trans)formadoras tive ali, tanto em momentos de beleza quanto em tempos de desafio. A escuta atenta, carinhosamente crítica e acolhedora da Téli, do Rodger Rogério e de outros era formador e consagrador para mim.

Retornemos aos lugares de minha atuação docente institucional, propriamente dita, além da Aliança Francesa, passei por outros estabelecimentos de ensino privados, lecionando francês, inglês e português, sempre espantado com as péssimas condições oferecidas aos professores, mas sempre entusiasmado pela relação vivenciada com os estudantes. Somente conheci um ambiente mais salutar do ponto de vista formador, político, salarial e infraestrutural quando fiz o concurso para a então Escola Técnica Federal do Ceará (hoje IFCE), em 1990, mesmo ano em que nasceu Ravi, meu filho: dois presentes da generosidade da vida, duas experiências afetivamente marcantes e (trans)formadoras. Ali e com ele, muito aprendi.

Desde miudinho, o Ravi sempre me surpreendeu. Desde cedo muito me ensinou com seus comentários inteligentes, sua fina sensibilidade e seu carinho. Com ele, venho cultivando a amizade que o poliglota silencioso me ensinou ser o caminho mais belo para a compartilhada aprendizagem entre pai e filho. Recordo que algumas vezes Ravi chegou a ir comigo para a sala de aula, o “laboratório”⁷⁷ de francês do curso de Turismo, ainda tão pequeno que passava entre minhas pernas quando se encabulava com o entusiasmo das estudantes que o achavam uma gracinha. (Somente agora, relendo estas linhas, noto a relação deste fato com o de ter ido tantas vezes ao birô de trabalho de meu pai. Ravi teve mais fortuna que eu na acolhida!)

Também com meu filho aprofundi o aprendizado – iniciado com meu pai, continuado com amigas e amigos mais velhos que eu – de que as diferenças de idade pouco dizem dos vínculos afetivos e do que aprender podem as pessoas entre si. Formar-se pode bem ter momentos de decantação solitária, mas a semente da formação é solidária – e partejar o conhecimento e a sabedoria se faz a dois ou com muitos. Vivera eu o desafio de enfrentar o

⁷⁷ Na verdade, não era um laboratório no sentido clássico, com cabines de áudio individuais. Sobre esse lugar, comentarei logo mais.

preconceito de idade quando ingressara na Aliança Francesa como estudante, então com 11 anos, e quando começara a sair e viajar sozinho. Bem sabia que a fronteira etária é ilusória na amizade e no amor. Isso depois e até hoje me permitiria ter delicada e profunda relação com os estudantes, mas não somente com eles, também com amigos outros, bem mais experientes que eu, como o poeta e médico Luiz Teixeira com quem compartilho o interesse por política e o entusiasmado encanto por filosofia e poesia.

Sobre o período como docente no curso de Turismo na Escola Técnica, cabe aqui tecer outros comentários. Um fato crucial foi ter de escolher entre as aprovações nesse concurso e na seleção para um mestrado em Letras na UECE. Ambos eram à tarde, ambos exigiam dedicação exclusiva. E eu queria mais era trabalhar, me afirmar como professor, caminhar com minhas pernas, voar com minhas linguísticas e poéticas asas.

Tornar-me um professor concursado da rede federal de ensino me trouxe finalmente a possibilidade de viver às minhas custas, sem depender do sustento de meus pais – que bem queriam continuar a me apoiar. Ser *servidor público* – esta expressão tem desde sempre para mim, amante das palavras, claro significado: o de ser alguém que tem a profissão e o compromisso de *servir o povo*, a minha gente, o povo brasileiro. Nesse contexto, formar jovens que utilizariam a línguas francesa no seu trabalho conferia outro significado à minha atuação – o papel social era bem mais relevante e perceptível do que na época em que, para me manter, lecionava em escolas privadas e dava aulas particulares para gente abonada que queria passear em Paris.

O ambiente da Escola Técnica era fascinante. A começar pelo pátio: ali sempre havia gente indo ou vindo da biblioteca, nadando, tocando violão, namorando... Eu me sentia em casa, em meio às artes e aos espetáculos de teatro e dança, aos esportes, aos encontros. Participei dos movimentos políticos. Fiz um semestre de teatro na Casa de Artes, para tentar aprimorar o uso da linguagem teatral nas encenações feitas pelos estudantes e, acho eu, para descobrir que ator eu não seria.

Outro lugar de sonho (realizado) era o laboratório de francês – como disse, não havia ali cabines de áudio. Era uma sala climatizada, muito ampla, com biblioteca e discoteca dentro dela, colunas pelo meio, inusitadas, um sonho para quem ensina língua estrangeira: podia abrir a estante e o material ali estava. Havia uma boa mesa de som, com toca-disco em vinil, com gravadores tanto de fita de rolo quanto de fita cassete. As dimensões do lugar permitiam trabalhos em equipe e apresentações dos diálogos que os estudantes criavam e encenavam. Permitiam que eu tocasse violão com eles. E que convivêssemos à vontade. Por prazer. Prazer em conhecer.

Os lugares plenos de beleza e ricos de encontros se multiplicavam. O curso de Turismo propunha viagens como estágios de formação, das quais cedo quis participar. Os estudantes tinham de apresentar as cidades visitadas, sua história, seus pontos turísticos, em francês e inglês. Dessas aventuras, a que mais me marca foi a vez em que subi a serra de Guaramiranga com uma turma novata. Tendo descoberto que, no primeiro semestre de estudos, não havia os tais estágios, este pessoal cismou de partir por conta própria. E precisavam de um adulto, alguém maior de idade, que assumisse a responsabilidade. Vieram falar com aquele professor magro, cabeludo, que gostava de arte... Hoje me divirto lembrando o semblante de alguns pais ao virem me confiar seus filhos, surpresos que eu fosse tão jovem e – por que não dizer – tão diferente do que suponho que esperavam.

A aventura foi mágica. As meninas e os meninos cuidaram de tudo, do ônibus à hospedagem, passando pelo roteiro da viagem. Embarquei confiante e sereno – e vivi alguns dos mais belos dias de minha vida. Lembro de todos instalados em uma escola, colchões pelo chão. Recordo os desabafos e conflitos, as músicas e danças, os debates em comunhão... Como o combustível do ônibus era contado, para o trajeto de ida e volta, os estudantes arranjaram um pau-de-arara para percorrermos a serra em suas sinuosas curvas. Na volta para Fortaleza, violão dentro do ônibus, a turma toda cantando Legião Urbana, *Por enquanto*, do Renato Russo:

Mudaram as estações e nada mudou
 Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
 Está tudo assim tão diferente
 (...)
 Mesmo com tantos motivos
 pra deixar tudo como está
 nem desistir, nem tentar
 Agora tanto faz
 Estamos indo de volta pra casa

Na verdade, muito mudáramos, todos ali. E a volta pra casa seria mais longa do que o previsto, porque, numa aventura assim, não poderia faltar uma derradeira surpresa: o ônibus deu o prego... Lembro de outra viagem, desta feita a Flecheiras, em que ele preferiu atolar... Mesmo as desventuras daqueles dias tinham pra mim (e a meu ver para meus companheiros de jornada) belos significados.

A Escola Técnica era poética. Amei e fui amado. Assumi plenamente meus sonhos de fazeres docentes. Mesmo a surpresa dos colegas professores com aquilo que achavam esquisito (talvez porque inovador) era menos agressiva do que mais tarde seria na UFC. Com os estudantes, cantei ao som de discos de vinil ou do violão meu e dos alunos que tocavam,

compartilhamos poemas e textos literários, turísticos, publicitários, jornalísticos, encenamos situações que eles viveriam nos hotéis, nas agências de viagem, nos passeios com turistas... Experimentamos. Descobrimos. Inventamos e reinventamos. Hoje, a cada vez que os encontro ou deles me lembro, sinto saudade e gratidão. Amigos tenho desde ali, um deles como irmão: Vlademir Rocha, hoje professor do IFCE.

5.1.3 De volta ao Bosque de Letras da UFC

A Escola Técnica foi para mim lugar de muita beleza e aprendizagem de 1990 a 1994, quando vim a passar em outro concurso, desta vez para atuar no curso de Letras da UFC, na formação de professores de línguas. Ao ingressar na Universidade, o semestre tinha começado e as turmas haviam sido todas distribuídas. Por outro lado, as turmas da Escola tinham ficado descobertas. Solicitei à administração das duas instituições terminar o período letivo no curso de Turismo. Em uma dessas turmas, viria a conhecer Karla Martins, menina bela e tímida, com quem pouco pude conviver na época, amada musa minha com quem viria a me casar ao nos reencontrarmos dez anos depois.

Da UFC, muito poderia dizer. Economizo nas tintas, talvez? Para começar, tenho de dizer claramente que é a realização de um sonho muito acalentado isto de trabalhar no mesmo curso em que estudei, de ter podido voltar pra ficar no Bosque de Letras, de poder atuar na formação de outros professores, ao lado de gente que admiro. Para tudo resumir e anunciar, diria que tem sido belo e prazeroso conviver com os estudantes e a maioria dos professores, mas tem também sido desafiante, às vezes insuportável ter de conviver com alguns colegas.

Passar a formar professores, atuar com aqueles que no futuro viriam a ser justamente outros colegas, me deu a mais gostosa das oportunidades de refletir, viver e sentir a práxis docente. Se aprendera com meus mestres, todo o tempo e cuidado tenho dedicado a fazer o melhor possível pelos futuros educadores – no presente. O significado de minha atuação ganha a partir de então muito mais espaço em meu peito: sempre me senti trabalhando junto aos meus pares, em caminho de mútua (trans)formação. Nos dias de hoje, muitas dessas pessoas já se tornaram companheiros de profissão – e eu nunca deixei de me espantar com a atitude de alguns colegas da universidade que parecem nem sequer suspeitar que aqueles estudantes serão em breve também professores e pesquisadores. E o que me causa essa impressão não é senão sua arrogância, sua pretensão de neutralidade, sua estúpida impressão de serem superiores, uma “elite intelectual” besta o suficiente para se superestimar.

O judô me ensinara que, uma vez no dojô, não podia subestimar nem superestimar o adversário. Nem a mim. Cairia sete vezes, diante do autoritarismo de um, diante do meu desconhecimento das regras acadêmicas, diante da burocracia de outro, diante da rubra gana e do vermelho arroubo meu em busca de fazer a meu modo, diante da maledicência e inveja de uns, diante da passividade ignorante de outros, diante do poderio dos cargos exercidos por outrem a me atravancar o caminho com leis fabricadas ao bel prazer daqueles a quem elas interessavam. Mas me levantei oito vezes. Qual o poeta passarinho...

Poeminho do contra

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

(QUINTANA, 1983, p.28)

Rememoro momentos de grande exercício interior para mim. Momentos em que a afetividade à flor da pele, a arte ou a busca por uma ordem mais justa me levaram a entrar em confronto com alguns colegas. E se os retomo aqui é por deles precisar para ilustrar – nesta tese a respeito de experiências afetivas formadoras de mim – o avesso do prazer que sinto em, sendo quem eu sou, atuar onde atuo.

Uma vez, voltei ao Bosque de Letras em que discursara quando estudante, de novo subi em um banco, desta feita como professor, porque os estudantes haviam reagido ao autoritarismo da colega que governava um feudo, perdão, que geria um setor da Universidade – e eu temia que sofressem represálias, como acabou ocorrendo. Há quem facilmente esqueça quão quente o sangue corre nas veias por volta dos 20 anos.

Em outras ocasiões, durante quatro anos, percorri corredores universitários daqui e de além-mar, tentando contribuir com a construção de um acordo que chegou a ser firmado, mas nunca decolou por preconceito, pelo fato de ser oriundo da iniciativa e das interações entre professores de línguas – e isso apesar de conferir aos setores tecnológicos prioridade como de praxe, em detrimento dos investimentos na área linguística – embora seja o óbvio ululante que é imprescindível a pluralidade de idiomas nos diálogos internacionais e na própria pesquisa e difusão tecnológica.

Diversas vezes foi a palavra meu abrigo ao longo da vida. Não poderia ser diferente na Universidade. A poesia e a oratória várias vezes me ampararam. Perante uma colega que esbravejara com seus pares, expulsando-nos de uma sala que suzeranamente outra colega lhe

emprestara, eu respondi com um texto, espalhado pelo Bosque de Letras e perdido com o tempo. Anos depois, conheci uma moça, Rildete Ribeiro, que o guardara com zelo.

Unidade

Nada existe isolado; tudo se relaciona com tudo.

Anaxágoras

Destinados a vivermos juntos, nenhum de nós pode exigir de alguém que o ame, mas deve exigir que o respeite.

A convivência é uma arte e a linguagem, seara de Letras, “uma fonte de mal-entendidos”. Para o que a palavra planta torto, ao silêncio e ao Tempo cabe o trabalho de preparar a própria palavra para ceifar e tornar a plantar.

Todos erramos. E erraremos ainda. Juntos nos aprimoramos... para não errarmos demais. Assim, mesmo quando falhar um de nós, precisamos nos entender. Para isso, faz-se necessário saber calar e escutar e de novo falar.

É preciso tato (e visão e olfato e os outros sentidos mais o sexto) para palmilhar o terreno da mútua compreensão. É preciso fazer a travessia do mundo impreciso da humanidade.

No mais, a universidade, como o universo, é de todos nós. Cada canto e cada desencanto são nossos. Toda a paz e o inevitável conflito são nossos. Coisas de gente! Somos, por ora, seres humanos – simplesmente. Ao mesmo tempo – belo mistério! – somos mais, bem mais...porque somos Um.

Tudo vibra e tudo pulsa nesta esferinha dialética. Estamos todos conectados pela mesma teia quântica. Irmanemo-nos, pois, e se amar não pudermos, respeitemos a diferença... Mais: reverenciemos a diversidade que tece a delicada unidade do todo de que somos parte (BELTRÃO).

Em outros muitos momentos, a palavra, a escrita, a poesia vieram em meu socorro. O simples fato de ser afetuoso com os estudantes conturba(va) alguns de meus colegas. A atitude de adotar atividades artísticas ou incorporar a linguagem artística em algumas práticas pedagógicas eram (e por vezes ainda são) mal vistas. O gesto de ir para a sala de aula com o violão gerava críticas, questionamentos, comparações com colegas que supostamente não levavam a Universidade a sério por serem artistas! Uma vez mais, sei bem que não sou o único. Izaíra Silvino (2007, p.257) registra alguns exemplos de falas estapafúrdias que a arte pode em alguns acadêmicos suscitar, como sugerir que as aulas de música podem ser dadas debaixo das mangueiras para liberar as salas para disciplinas (termo caduco, este!) mais importantes, ou como declarar que a arte estimula exatamente... a indisciplina, ou esta outra: “Professora, aqui é uma universidade, um lugar sério, que diabo a senhora pensa que está fazendo? Estou aqui, vizinho, dando uma aula séria e a senhora, aqui, cantando?” A esse respeito (ou desrespeito), comenta a autora (SILVINO, 2007, p.258):

O espaço, físico e de sociabilidade, do ensino da arte ou para o entendimento de uma outra lógica de ensino e de visão de mundo, ou para o exercício de outras maneiras de saber no corpo e pela prática do corpo a partir de novos (?) conhecimentos, não foi, ainda, digerido por parte da nossa comunidade acadêmica. E como tudo é segmentado, separado em tipos de sistemas quase que feudais (ou em tipo de sistema de seminários religiosos), baseado, no mais das vezes, em regras já mortas, o artista-professor, o professor-artista sofre na pele uma questão pedagógica que, mesmo discutida, não é sentida como uma questão acadêmica, no todo da comunidade. O ensino e a prática da arte, por conta disto, fica em segundo plano, como se na academia ouvesse uma hierarquia dos saberes, e alguns deles fossem de segunda categoria, podendo ser deixado para depois (SILVINO, 2007, p.258).

Em muitas das situações por mim vivenciadas, respondi intimamente, sem alarde, mas com arte. Foi o caso na época em que um lugar onde atuava sofria o jugo militaresco de uma colega despótica. Fiz um texto que viria depois a publicar no Vermelho.

Em busca do caminho da aurora

Passam os dias saudosos de auroras serenas, dentro de um tempo de escuridão. O fio da fraternidade, tênue, oscila sem tocar todos... porque restam aqueles que anoitecem os encontros e amargam as esperas, que dividem e afastam, que não encontram amor nem acreditam nas pessoas... Eles têm mofado os gestos de ternura e em seu lugar fincaram rimas duras.

Todos, o tempo depura. Ao final teremos passado como os dias sem auroras serenas. Sequer deixaremos duradouras saudades. Tudo o quanto parece relevante, definitivo será memória ou esquecimento até se desfazer quem lembre ou olvide.

Deixo por ora que as palavras orvalhem a folha. Sou assim, que assim seja. Trago na alma um gosto pela claridão. Vim do ventre da hora para o anúncio da palavra, teia e tecido do encontro com os outros. Sei pouco, sinto muito. Sinto tudo em tantos tons! Penso no plural, reverencio a diversidade e encaro a diferença como qualidade intrínseca de cada ser.

Sigo meu caminho do modo como aprendi: de bem comigo, de mãos dadas com os meus semelhantes, tão diferentes entre si! Ando e assobio e me refaço porque me acolho. E muito embora eu me ame assim como eu sou, cuido em vir revolvendo a terra em mim; deixo-me fluir à maneira da água, mas me cultivo qual jardineiro de si mesmo. Eu sou desta minha vida, somos jardim encantado e secreto, aberto às artes e às festas, à fé e à amizade, ao cálido amor feito na alta madrugada, à palavra e ao silêncio.

Deixa que anoiteçam os teus olhos de espanto. Cuida dessas horas que não voltam mais. Ao final de contas terás feito grande quantidade de coisas e acumulado numerosas exigências, mutilações, regras, disputas, comparações que deverão se acomodar na estreiteza de teu peito. Vejo que vazam inverno e deserto de teu semblante entristecido. Se contemplares um tanto do que fizeste, espero que algum orgulho residual possa te servir de alento em meio ao desafeto. Lembra que não há pílulas sinceras nem teorias que nos deem colo. A ti e aos teus parece natural cobrar, competir, apartar. Parece natural o dedo em riste, o cenho franzido, a pele despida de carinho. Ampara-te no que ainda puderes recomeçar. E olha como as coisas não dependem de ti e seguem indiferentes a te demorares – em solidão – pelo caminho (BELTRÃO, 2007, p.92-93).

Se respondo com poesia e prosa poética a esses fatos, é que penso e sinto que essas palavras podem melhor que outras dar a conhecer o que julgo essencial neste questionamento. E se rememoro estes acontecimentos, à guisa de exemplos, não tenho a intenção de tão simplesmente desabafar, mas de refletir sobre experiências afetivas formadoras que não foram prazerosas e apontar o quão absurdo pode ser o contexto de atuação para quem faz arte ou considera a docência em sua dimensão estética ou com arte faz suas aulas. A ameaça que supõem pairar sobre si não corresponde ao que de fato acontece, o que não quer dizer que os artistas atuantes na Universidade (pelo menos alguns deles) não tenham intenção de alterar o curso das coisas, mexer nas concepções de prioridades, na visão que se tem da arte e dos próprios artistas. Um dos temores tem a ver com o fato de as artes expressarem a afetividade das pessoas. Gente séria prioriza a racionalidade. Gente que pinta o sete, canta em outras tonalidades, dança novos sons, pronuncia palavras dissonantes do coro do enquadramento – essa gente leva a sério a brincadeira.

Para encerrar esta passagem, difícil, mas necessária, lanço mão de mais um poema. Ele nasceu pelo avesso do que senti. Um dia, deixando o Bosque de Letras, em um período muito áspero, por alguns instantes, eu perdi a esperança no que faço: me deu vontade, uma imensa e intensa vontade de desistir de tudo! De deixar a Universidade, de abandonar o curso de Letras e a formação de professores, de tirar os programas do ar e me afastar da formação radiofônica de futuros colegas, enfim, de buscar recomeçar em outro lugar, onde seria talvez mais bem acolhido e mais feliz. Ao imaginar o gesto consumado – porque em meu peito de poeta, o imaginado se avizinha do real – eu senti a profunda tristeza que, antes de qualquer pessoa, me invadiria... e esboçou-se em mim a maneira obscura com que esse desgosto se propagaria entre as pessoas a quem quero bem. Então, veio o contrário disso tudo, em um jorro, como uma mensagem para amigos poetas e um poeta célebre que em mim me respondiam diante de meu desânimo – antecipadamente.

Recado para o poeta

Para Enrique Sánchez, Horácio Dídimo e Luiz Teixeira.
Para Vinicius de Moraes.

Amigas, digam ao poeta que eu não perdi a esperança.
Por gentileza, digam-lhe que continuo cantando a beleza.
Digam, sim, digam também cantando que ainda sou criança.
Lembrem ao poeta que ele me faz falta... Não, não,
falem que tenho saudades. Não há falta na lembrança.
Murmurem em segredo pelo caminho a minha canção.
Peçam-lhe que me escreva uns versos bem simples
e que ele cuide em enviar, para de cor eu os trazer.

Contem ao velho bardo que tenho afinado o violão,
pronto a novas músicas – o rumo é o do coração.

Confessem que têm se preocupado comigo,
 mas não exagerem, não assustem o meu amigo.
 Podem revelar que trago este desconforto no peito,
 que aos dias íngremes de hoje não sou nada afeito.
 Se quiserem, falem mal da gente sombria da academia,
 porém não esqueçam os raros mas veros bons afetos
 que lá cultivei nas sendas de luz e dor que percorria.

Ensinem-lhe o meu novo endereço, a porta está aberta.
 Ainda que não me visite, seu correio virá à minha procura
 e nos novos versos seus, eu sei que relerei na certa
 a mesma palavra leve e morna que desde sempre cura.
 Evitem detalhes mais mórbidos da gente torpe e egoísta,
 digam talvez um tanto das agruras desta vida de artista.
 Entretanto principalmente digam do que cultivo em meu jardim.
 Falem do bom aroma do fumo e dos filhos em torno de mim.
 Comentem sobre o gelado da cerveja e o tempero da cozinha.
 Segredem os detalhes da biblioteca que ele de longe adivinha.
 Recordem com ele dias de palco, estúdio, sala de aula, camarim.

Deem notícias da terna eterna companheira, a bela musa minha.
 Mostrem-lhe o Vermelho, meu livro primeiro, meu filho dileto.
 Confessem que se admiram por eu fazer curvo o caminho reto.
 Sobretudo, amigas, digam ao poeta que eu não perdi a esperança
 e continuo com vocês desfrutando da vida a sua sutil e intensa dança.

(BELTRÃO, 2009, p.27-28)

A gente se forma na alegria e na tristeza, com amor e com raiva, com gozo e dor, com o medo e com a coragem, na adversidade e em meio aos deleites. Claro que os bons afetos e as boas lembranças de aprendizagem bem vividas são mais belas e agradáveis. Mas são inevitáveis os conflitos, as decepções, os deslizos, os desgostos – há que viver com eles, ou melhor, há que apreender o que a sombra nos traz para aprender, mas sobretudo incorporar o que a luz nos dá a sentir e saber.

5.1.4 Os estudantes e a arte de aprender juntos

No caminho de formação docente, experiências afetivas de muita beleza sempre permearam o frutuoso convívio com os estudantes. Não que tenha inexistido problemas e confrontos, mas não é deles que me lembro, tampouco foram eles mais numerosos do que os bons encontros, os momentos colhidos juntos.

Uma atitude dialógica, de proximidade, de quem quer bem – sem dúvida impõe desafios. Tantas vezes me vi exposto. Tantas vezes me deparei com os próprios limites. Tantas vezes assumi o risco de tentar apesar de tudo. E, sinceramente, no mais dessas vezes os revezes saíram de longe perdendo para a alegria, a afeição, a delícia de compartilhar a construção de saberes e sentires.

Com os estudantes, aprendi e continuo aprendendo. Com tantos deles, cultivo até hoje a amizade, a despeito do curso do tempo. No contato íntimo com os alunos particulares, no começo da carreira, quando ia à casa deles ou eles vinham à minha. Na concepção de cada aula, a individualidade era (e ainda é para mim) sempre um parâmetro de orientação: de que gosta(m), de que não gosta(m), como prefere(m) se expressar, o que lhe(s) traz motivação, qual arte mais o(s) encanta?... Desde as primeiras aulas, na antiga sede da Aliança Francesa de Fortaleza, no centro da cidade, desenvolvi vínculos de afeição e muitas vezes de amizade com os estudantes. Em meio a eles, alguém sempre se aproxima mais. E encontra o coração feito jardim aberto às presenças benfazejas.

Cabe destacar o delicado aprendizado com as crianças. Criei um curso de francês para elas. Sentava-me no chão e recriava minha pedagógica realidade a partir do inesperado que cada criaturinha daquelas me trazia. O lúdico e a arte não encontravam resistência, por motivos óbvios. Acho que era Chaplin quem dizia que não há melhor público nem crítico mais sincero que um menino. A avaliação que faziam do que iam aprendendo, espontânea como as críticas a algumas atividades propostas ou posturas minhas, foi valiosa para mim. E ainda o é.

Na Aliança, mas também na Escola Técnica e na UFC, a adoção de atividades artísticas – com o intuito de nos motivar, de dar vazão à expressão dos afetos, de acessar outras dimensões linguísticas – a mim parece ter sempre favorecido nossas interações, tantos sua fluidez quanto a boa qualidade delas. Diria Elvis Matos (2002, p.59.): “as atividades artísticas podem desencadear um processo de auto-conhecimento: auto-mineração do precioso ouro dos sentimentos: diamantes emotivos”.

Maria Isabel da Cunha (1999) já dizia que os estudantes gostam dos professores que se mostram próximos, do ponto de vista afetivo.

(...) quando os alunos verbalizam o porquê da escolha do professor [que consideram bom], enfatizam os aspectos afetivos.

Entre as expressões usadas estão “é amigo”, “compreensivo”, “é gente como a gente”, “se preocupa comigo”, “é disponível mesmo fora da sala de aula”, “coloca-se na posição do aluno”, “é honesto nas observações”, “é justo” etc. Essas expressões evidenciam que a ideia de BOM PROFESSOR presente hoje nos alunos de 2º e 3º graus passa, sem dúvida, pela capacidade que o professor tem de se mostrar próximo, do ponto de vista afetivo (CUNHA, 1999, p.69-70, grifo da autora).

Desde o início da caminhada em educação (em 1987), sempre usei a Poesia, a Música e o Rádio⁷⁸ com a intenção de nos motivar, aos estudantes e a mim, de favorecer a interação em sala de aula e de criar um ambiente acolhedor para a manifestação e a vivência consciente das emoções e dos sentimentos presentes nessa situação. A pesquisa que fiz durante o mestrado (CASTRO, 2002) me indicou que as atividades interativas (trabalhos em grupo, atividades lúdicas, atividades artísticas) proporcionam prazer, motivam a aprendizagem. Continuo procurando adotá-las constantemente e não para “quebrar a rotina”. Os desenhos no quadro me auxiliam a explicar o vocabulário. Crio personagens, como Chico Tripa, Brigulina, o Professor, Isabelle, com os quais invento histórias que ilustram o que estamos estudando. Trago jogos diversos, como o canadense *Brin de Jasette* (jogo de perguntas muito popular que anima a conversação nos encontros sociais), o *Scrabble* (palavras cruzadas em tabuleiro). Procuo diversificar os gêneros textuais. Transito entre o literário, o jornalístico, o científico, o publicitário... Procuo motivar os estudantes a buscarem textos de que gostem, a proporem temas, a fazerem de apresentações curtas a aulas completas, de breves linhas de improviso a reflexões escritas sobre o que construímos juntos.

Chegar ao Bosque de Letras com meu violão foi por vezes o suficiente para causar estupor ou gracejos, críticas veladas ou declaradas. Aquilo não parecia sério – levantava muita poeira, deslocava o mofo. Algumas práticas, tão emboloradas quanto autoritárias, são abaladas tão simplesmente pela manifestação de algo diferente. Diversas vezes os colegas me advertiram que priorizasse os conteúdos, que tivesse cuidado para os estudantes “não confundirem as coisas”, que evitasse inclusive ter muita proximidade com eles. Para esses profissionais, lugar de aluno é no silêncio mesmo. Ou pedindo a palavra para dar a resposta certa e precisa, tão esperada pelo inquisidor. Mesmo os abraços sinceros, os beijos carinhosos, as declarações de amor, de amizade, de admiração incomodam. Os estudantes, por outro lado, quase sempre se mostraram acolhedores e entusiasmados com a abordagem pedagógica que impregna meu fazer docente: a de ser quem sou, não um personagem, de viver com poesia cada instante nosso, de compartilhar o que sabemos, sentimos e vivenciamos, de assumir os caminhos e descaminhos de nossa humanidade, deveras humana, deveras *hermana*.

A atitude de me questionar, penso eu, também tem favorecido a sinceridade e a profundidade das relações estabelecidas, especialmente na Escola Técnica e na UFC em que a

⁷⁸ Em sala de aula: leitura, audição, compreensão e criação de poemas e outros textos; audição e interpretação de músicas e de emissões radiofônicas; encenação de diálogos criados pelos estudantes, simulando situações reais; exibição e discussão de filmes; apreciação de fotografias; uso de desenho para ilustrar explicações ou narrativas.

superação da adolescência e a assunção da vida adulta por parte dos estudantes requer cuidado com os mínimos gestos, com os valores realçados, com as atitudes preñhes de postura ética.

Assisti a tantos *exposés* (apresentações orais de um tema) preparados por meus alunos, a tantas aulas, a tantas encenações de diálogos, tantas canções interpretadas, tantos poemas lidos e comentados, tantos jogos em seu entusiasmo, tantas hesitações, tantos erros, tantas quedas, tantos soerguimentos, tantos alçar-voos, tanta transcendência do amudado aprendizado das regras... Com eles e elas, estudantes, descobri como sou pouco, mas quão imenso é o que juntos podemos fazer.

Outro aspecto deveras relevante em minha práxis docente é o fato de que, no caso de línguas estrangeiras, os conteúdos comunicativos nos levam a falar de nós mesmos (CASTRO, 2002). Pelo que me conste, nem mesmo em língua materna, temos de nos voltar tanto para o que pensamos e sentimos e vivemos. Os estudantes e professores de línguas estrangeiras têm de conversar e escrever sobre si mesmos, se apresentarem, descreverem os membros da família ou amigos ou uma pessoa conhecida que admiram, têm de contar lembranças de infância e de outros momentos importantes, de expor projetos para o futuro, de descer aos detalhes do que fazem pela manhã ao levantar, têm de emitir opiniões e debater assuntos polêmicos, como a pena de morte e a eutanásia, têm de falar dos sentimentos e emoções que vivenciaram em diversas circunstâncias... Esse contexto, necessário à aprendizagem de uma outra língua, diferente da(s) que já falamos, é propício para a vivência dos afetos, para o estreitamento dos vínculos entre os envolvidos, para a interação, para o conhecimento mútuo. Não conheço outra disciplina que exija que se fale tanto de si e que se conheça um tanto do outro. E isso não acontece sem que se transcenda, ainda que discreta e inconscientemente, a cisão entre razão e afetividade.

Com os estudantes, em sala de aula e fora dela tenho sempre convivido. Nas aulas, como disse, a arte se faz presente, ora como manifestação artística que apreciamos e com que aprendemos, ora como linguagem adotada para trabalhar os conteúdos e buscar novos caminhos, mais belos, para chegar aos objetivos. O desenho então é, por exemplo, como citei, usado para explicar alguns termos, para criar historietas na lousa, para trazer personagens que invento e com os quais literalmente ilustro o que digo. O violão anima as aulas em que estudamos e cantamos canções. O rádio marca presença com trechos de programas culturais ou de entrevistas ou noticiários ou publicitários que revelam aspectos culturais e linguísticos a que nos dedicamos. A fotografia, as artes plásticas, as histórias em quadrinhos, os jogos... de cada fonte, tanta riqueza, tanta aprendizagem compartilhada. Diálogos são criados e encenados pelos estudantes. Eles são convidados a propor textos e atividades dessas

naturezas. Procuo ouvir, incentivar, orientar, me aquietar, deixar acontecer... Sempre convido os estudantes a refletir sobre as aulas, a ver como (futuros) professores cada instante nosso.

Destaquei há pouco que no estudo de línguas estrangeiras (LE) (CASTRO, 2002), a gente é levado a falar de si, de seu dia, de lembranças, de projetos pro futuro, de opiniões sobre vários assuntos – talvez seja mesmo a disciplina em que mais as pessoas têm de conversar sobre si mesmas. Ora, fazer isso com arte é em todo contexto motivador. No âmbito da formação de professores de LE, estar consciente disso é essencial, mesmo que seja pra aprender também os limites para essas conversas sobre si. A mim interessa mais como encorajar para que aconteça.

No contexto da tese, esse aspecto é importante em minha atuação como professor-poeta-comunicador que usa arte para construir experiências afetivas (trans)formadoras. E levar esta reflexão para a sala de aula é também essencial, ou seja, é o caminho da partilha: passar a levar para os estudantes esse conjunto: que em LE se fala de si, que a arte pode contribuir, que as experiências afetivas (trans)formadoras devem ser discutidas na formação de professores de LE – e isso passa pelo desafio de conseguir falar delas, trazê-las à consciência e ao debate, dizer delas em LE, tanto que às vezes os estudantes recorrem às vezes à língua materna. Em LE, se fala de si mas isso não é discutido na formação, a não ser no sentido de fornecer os elementos lingüísticos e limitar a invasão da privacidade; ora, de freios, estamos bem servidos.

Em meio às memórias de tanto vivido que não alcanço aqui relatar ou que as palavras mesmas se negam a expressar, recordo um poema que muito diz de tudo, entre mim e os estudantes. Este nasceu de um dia em que me imaginei, me vi e senti no futuro, bem velhinho, pronto a me aposentar, prestes a sair de cena. Fui até o dia em que daria a aula derradeira nos versos de um poema escrito em 1999 e dedicado “aos meus alunos de hoje e outrora, em verdade os de sempre”.

A Última Aula

A minha vida é toda pautada na palavra e na interação com o outro.

Quantos cursos, quantas aulas assim começaram ou se encerraram!
Tantas citações e provérbios e poemas copieei na lousa,
coloquei nas provas e exercícios! Tantas lições!
O tempo todo eu quis aprender o que estive ensinando...
O Tempo, aliás, é mesmo o maior mestre: o eterno habita o instante.
É vital colher cada instante. Fazer toda aula como se fosse a última...
Fazer tudo assim, como a última vez, com o Amor de quem se sabe passageiro.

Muitos mestres e mensagens voltam à baila em meu peito de poeta e professor.
 Vejo a sala de aula a me acolher amiga.
 Olho minhas alunas e meus alunos com ternura e serenidade.
 Sei que eles irão além desta vivência
 e guardo deles as mais delicadas e intensas lembranças.
 Alegro-me em recordar que também vai inscrita uma parte de mim neles,
 porque somos todos Um.

Tenho aprendido com eles a ser aprendiz para sempre.
 Tenho visto e sentido como é belo cada um de nós:
 que milagre cada ser humano em sua aprendizagem e imperfeição!
 Infinita caminhada conjunta tecemos em nosso dia-a-dia...

Aprendi que sou pouco e pequeno.
 Aprendi também que o que tenho de extraordinário é ser filho de Deus,
 herdeiro da luz, como todos os meus iguais.
 Entendi que amar se aprende amando
 e que o verdadeiro Amor a si e aos outros é dádiva atemporal.

Entro em sala para esta última aula.
 Vejo meus companheiros e companheiras de viagem.
 Procuo as palavras mais poéticas e percebo que o silêncio traz
 sem alvoroço nem engano a mensagem maior, a da Voz Interior.
 Não sou eu que deixarei o derradeiro conselho.

Esta é a hora humilde e altruísta de sair de cena.
 Mas posso lhes falar do que sinto e penso,
 de como tenho aprendido a viver bem e a morrer um pouco a todo momento.
 Quero lhes dizer que houve outros alunos e outras alunas que amei e ainda amo.
 Vejo neles vocês e sinto em vocês a presença deles.
 Vim me despedir dizendo que no coração vocês ficam.
 Para além dos nossos nomes e papéis, algo maior nos une. Isso me conforta.

A vida é um milagre. A morte é uma bênção para desfrutarmos do milagre.
 A morte nos grita: Viva! Viva bem.

O segredo não está nos livros. Os Iluminados não vivem por nós nossa vida.
 O maior mistério é que não há mistério algum.
 E esse não haver é o que há envolto na magia que a gente cria.

Olho os rostos todos ao meu redor. Sinto-me acolhido.
 Encaro vocês como meus pares.
 E preciso dizer bem alto que sou muito grato a todos com quem tenho convivido.
 E a Deus, sobretudo. Em tudo e em todos. Como quer que O compreendam.

Vou dizer a que vim. Sim, estou aqui para dar a última aula.
 São dadas as aulas, já perceberam, eu sei.
 São dadas porque ninguém compra nem vende este tesouro
 que é a interação, flor do humano convívio.

Eu que creio que vimos ao mundo aprender
 e que aprendemos a metade nos conhecendo e outra metade com os outros,
 eu que faço versos, eu que amo meus Amigos e minhas Amigas,
 eu que nem sei como concluir este poema,
 eu quero deixar tudo continuar seu caminho, o texto, a aula, cada um de vocês.

Espero encontrá-los com paz, amor, fé e saúde.
 Espero que as adversidades fortaleçam a todos.
 E que, a exemplo do bambu, saibamos mudar sempre e ser flexíveis na ventania.

Eu vivo no colo do Tempo.
 No mais, amante da palavra,
 escuto falar
 o silêncio...

(BELTRÃO, 2007, p.88-91)

5.1.5 O mestrado: um poeta no reino da pesquisa

Nesse ambiente fértil, semeio encontros. E colho cantos sem conta, encantos tantos! Com meus pares, estudantes e professores, assim como encontro outros ouvintes de rádio, como eu, em meu radiofônico convívio com os ouvintes da Rádio Universitária e com os outros comunicadores. Talvez por isso, dei durante tanto tempo mais importância ao cotidiano, aos estudos para aplicação em sala de aula (e no ar) do que à retomada de uma pós-graduação. Certo que outros fatores influenciaram para que dar aula me seduzisse mais que retomar os estudos em um contexto formal, como minha dedicação à prática da arte radiofônica, à música e à poesia por meio de saraus íntimos ou espetáculos públicos. Mas decerto que o dia chegaria. O chamado viria. Dizem que aparece o mestre quando o aprendiz está pronto.

Um dia me chegou o convite do Prof. Pedro Henrique Lima Praxedes, com quem estudara inglês. Atuava então no Curso de Mestrado em Linguística Aplicada (CMLA), da UECE. Meu querido professor bem soube despertar meu interesse. Fiz a seleção, convivi com professores formidáveis, como Kanavilil Rajagopalan, José Pinheiro de Sousa e Iúta Lerche. Mas o maior prazer foi reencontrar ali Sofia Lerche Vieira, que eu conhecera e admirara de passagem quando ia estudar com meu pai em seu escritório no CETREDE. Para usar um lugar-comum, “eu lembro como se fosse hoje” de tanto detalhe! Na primeira aula, ela falou da grande quantidade de orientandos que já tinha. E eu resolvi arriscar e perguntei se não haveria lugar para mais um. Ela sorriu e disse que podíamos conversar. Coração de quem gosta do que faz tem espaço.

Lembro do jardim amplo e vibrando de tão verde, tão cheio de vida e beleza. E de Sofia dizendo que era ali que eu ia ser orientado. Epicuro, encontrei outro jardim. Recordo a primeira orientação, eu completamente alheado, tão perdido quanto vivente. A professora me escutava e digitava ao mesmo tempo, eu sem entender bem por quê. Ao fim de algum tempo, ela imprimiu o que escrevera: trechos do que eu dissera – a partir dos quais ela me fez garimpar o que queria de fato estudar. A interação entre professores e estudantes dos cursos

de Letras da UECE e da UFC. Ali, a importância de saber e dizer os nomes dos estudantes, os frutos da adoção de atividades artísticas, as imagens que tinham de si e do outro vieram à tona, embora de maneira ainda inicial para a reflexão que viria mais tarde. A dissertação se intitulou *Interação no ensino-aprendizagem de língua estrangeira em Letras: a (in)definição revelada*. Defendi-a perante uma banca composta por professores que admirara, bem escolhidos, posto que um da área linguística, Prof. Luciano Pontes e a outra, das áreas de Psicologia e Educação, Ana Maria Iório Dias. E ambos semearam riquezas para entesourar o texto derradeiro.

Do convívio com Sofia Lerche, lembro de uma passagem que sempre me volta à memória quando penso em fazer ciência, em investigação científica. De maneira bem-humorada e descontraída, como permitiam nossos vínculos de afeto, respeito e confiança mútuos, eu disse à orientadora o seguinte a respeito de minhas atividades e motivações: “A poesia é minha amada, meu amor desde sempre e para sempre. A educação é minha esposa, ela que me acolhe, me ampara e literalmente me sustenta – em Letras. A radiofonia é minha amante, ela me faz feliz a cada encontro. A pesquisa, bem, a pesquisa é minha amiga, uma amiga muito querida, de que gosto e a que me confio, mas uma amiga”. Ao que sabiamente a professora respondeu: “Pois você vai ter de ir para a cama com a pesquisa”. Além de bom humor e pensamento rápido, tinha razão. Ela me mostrou que, para ser pesquisador, é necessário dormir e acordar pensando no que se procura, é preciso sentir visceralmente o valor dessa busca, é preciso dar de si – para se encontrar.

A Sofia Lerche, coube me sagrar pesquisador. Recordo que, durante o mestrado, minha sábia e sensível orientadora comentou que o mais difícil fora conduzirmos este poeta a assumir a postura de um cientista. Ao logarmos nosso intento, o poeta sumira; escondera-se minha escrita poética nas linhas de um texto preciso, cartesianamente articulado e deveras objetivo. Esclareço que isso se deu por responsabilidade minha. Diante de tantas novas aprendizagens, de tantas regras rígidas, de tanta necessidade de rigor científico, escrever quadrado foi uma rede de segurança e uma boia de salvação. Para minha alegria, a dissertação foi aprovada: *magna cum laudem*. Chegar até ali muito me custou, não tanto pelo esforço para fazer um texto enxuto, enxutíssimo, diria, mas por ter de calar o que de melhor em mim havia: o poeta que até então em quase absoluto silêncio vivia.

Minhas namoradas, paqueras, minhas amadas amigas e meus amigos, meus familiares, meus ouvintes e estudantes sabiam que eu sou poeta, mas pouco viam do que eu escrevia. Às vezes dizia algum poema meu no ar, mas até hoje é mais fácil dizer os versos alheios que os que fio. Às musas, mostrava-os, é certo. E em ocasiões festivas. Ou logo que os escrevia, a

quem comigo estivesse. Ou quando transbordava a emoção. Mas não havia ainda publicado nenhum livro.

Eis a breve história de um poeta devorado pelo mestrando (em) que ele (se re)virou. A experiência de calar naquela escrita minha poesia erigiu em mim uma convicção: somente faria doutorado se encontrasse um lugar e um orientador que acolhessem minha maneira de ser e, portanto, de escrever – a mesma que minha orientadora primeira lamentara que eu calasse. Tive a alegria de encontrar uma trilha na Faculdade de Educação da UFC, junto ao sábio e sereno Professor Luiz Botelho e, depois, durante o doutorado sanduíche, na Université de Nantes, junto aos colegas do grupo de pesquisa 'Transform' e à minha coorientadora, professora Martine Lani-Bayle.

5.1.6 O doutorado e o doutorado sanduíche

Entre o mestrado e o doutorado, estreou o programa Todos os Sentidos e foram publicadas duas edições do meu primeiro livro, o Vermelho (BELTRÃO, 2006, 2007). Antes do sanduíche na França, fiz o segundo, o Simples (BELTRÃO, 2009). Muitos espetáculos poético-musicais e muitas parcerias surgiram, algumas gravadas. E eu me casei com uma musa pesquisadora, com a qual tenho compartilhado estes estudos e os dela, Karla Patrícia Martins Ferreira – aquela menina que conhecera na Escola Técnica, recém-chegada do Piauí, dele trazendo, a firmeza do chão, a claridade do sol e a fluidez das águas do Rio Parnaíba, o Velho Monge, e de seus abundantes e profundos mananciais subterrâneos. Agora era psicóloga e professora. Sempre simples. A minha amada, minha sertaneja, a quem o semiárido anima em suas buscas dialógicas, é simples como o vento.

É claro que te acho linda
Em ti bendigo o amor das coisas simples
(MORAES, 1980, p.352)

Casamos no dia 13 de maio de 2006, em um fim de tarde ao ar livre, a céu aberto, em que dançamos a vida, com os amigos e amigas, com o pessoal das artes e da Biodança, com os familiares e os Anjos. Compartilhar o caminho com ela é inefável e ao mesmo tempo em boas horas polvilhado de versos.

Sobre as experiências afetivas (trans)formadoras, preciso ainda mais dizer sobre a convivência com os orientadores, Luiz Botelho e Martine Lani-Bayle, e sobre os vívidos dias

vividos em Nantes, na França, durante o estágio doutoral, mais deliciosamente batizado pela CAPES como doutorado sanduíche. Este doutoramento é evidentemente caminho de formação, o que talvez não seja evidente é que os afetos envolvidos pulsam em cada letra de toda linha que escrevo e em cada silêncio de toda entrelinha que não diviso. A ventura de haver cruzado os caminhos de dois pesquisadores que são também artistas decerto influenciou enormemente para que viessem à tona tantos saberes e sentires. Precisava disso, o poeta que precede, anima, inspira e entusiasma o educador e o comunicador que sou.

Desde a orientação primeira, o Professor Botelho, em sua serenidade, apontou-me o rumo de além-mar. Suas palavras iniciais – ou melhor, para mim primordiais – foram para me dizer que ia estudar fora. E cedo vi que encontrara o orientador que esperava. Não tardou para que ele me indagasse sobre o rádio; o que fizera dele que não se encontrava em minha busca de meu percurso formativo. Eu achava tantos caminhos, tentara abraçar tantas dimensões quando ainda olhava para o papel da arte e da afetividade na formação docente, na relação entre estudantes e professores, como objeto de estudo, que julgara perigoso acrescentar a radiofonia. E assim outros muitos momentos se sucederam, em que sua visão ampla e simples do mundo, que alcança lonjuras, me fizeram ler o que eu antes sequer via e antecipar ou resgatar pérolas de minha caminhada.

O mestre me mostrou que afastar-me seria uma maneira de me ver, a mim e ao que vivo e vivi, de outra perspectiva – e com outro olhar. De fato, o estranhamento e o deleite de conviver com outra gente e degustar outro cotidiano foram preciosos portais para mim mesmo. Morar um ano na França ou na Suíça ou no Québec era sonho antigo. Ao longo de toda a minha formação, aprendera a falar francês no Brasil, fora poucas vezes e ficara por pouco tempo em solos francófonos, se considerarmos a relevância do idioma em minha vida e há quantos é minha segunda língua. A primeira vez, em 1989, como bolsista do governo francês, para um estágio de aperfeiçoamento, na qualidade de jovem professor da língua de Molière; fiquei por dois meses, em Paris, Vichy (onde estudei, no CAVILAM⁷⁹) e viajando por algumas cidades francesas e europeias: Lyon, Caen, Nice, Amsterdam, Génève (Genebra), Barcelona... A segunda, em 1997, para fazer um curso de produção de vídeos pedagógicos na Université de Poitiers com o cabo-verdiano Carlos Barbosa (no OAVUP⁸⁰), uma vez mais

⁷⁹ CAVILAM: Hoje a sigla designa o Centre d'Approches Vivantes des Langues et des Médias, no período do estágio chamava-se Centre Audio-Visuel de Langues Modernes, ligado às Universités de Clermont-Ferrand, França (www.cavilam.com/fr).

⁸⁰ OAVUP: Na época do estágio, a sigla designava o Office Audio-Visuel de l'Université de Poitiers, França, setor hoje chamado I-MEDIAS - Centre de ressources multimédias (www.univ-poitiers.fr).

como bolsista do governo francês. Na ocasião, voltei à Espanha a convite de Enrique Sánchez e fiquei ao todo um mês na Europa.

A terceira e a quarta vez foram muito marcantes para minha atuação e formação docente: fui dar aulas de francês nos cursos de verão e de inverno do INSA⁸¹ de Lyon, respectivamente de julho a agosto de 2004 e em fevereiro de 2005. Ensinar francês na França, uma experiência consagrada e transformadora, plena de afetos intensos, do temor de falhar ou não ser aceito pelos estudantes (pelo fato de ser um estrangeiro em meio a professores nativos) ao gozo de conseguir e deleitar-me no convívio com eles e minhas colegas de *métier*, especialmente Anne Lhopital, a responsável pelo Service de Français. Ao final do primeiro mês de curso, a amizade entre a gente iniciando, comentei com Anne sobre os meus receios antes de chegar a Lyon. Lembro dos seus olhos claros de espanto a me dizer: “*Mais... tu es bilingue!*” Uma vez mais o outro me trazia a consciência mais desvelada de mim mesmo. Falava francês desde menino, sabia-me bilíngue, mas ali eu senti visceralmente – não que os dois idiomas eram minhas línguas – mas que eu sou das duas línguas. Estava aprendendo que mais coragem tem quem supera o medo do quem não o sente.

Ao todo, somando a duração das quatro ocasiões, uns seis meses estive fora do meu país. Queria mais. Queria ver passarem as quatro estações, conviver com as pessoas, incorporar o trivial; ir à padaria, à feira, aos piqueniques, às casas das pessoas, aos espetáculos, ao dia-a-dia... Nantes! Queria esfregar as costas dos dias na barriga das horas; degustar detalhes nas ruas do Bouffay, bairro medieval; contemplar a paisagem da janela do *tramway*, à beira dos rios. Morávamos ao lado de La Sèvre, afluente de La Loire, que corria também nas redondezas, pertinho de casa. Nantes fica no oeste da França, na região Loire-Atlantique, mas a maioria se sente da Bretagne: nas entradas da cidade, a placa é bilíngue, em francês e bretão (hoje pouco falado) – Nantes / Naoned. Fizemos, Karla Martins e eu, um diálogo entre suas fotografias e palavras minhas que publicamos na *Para Mamíferos* em 2011 e assim principia: “Nantes em seu aconchego me diz: pouco conhece a França quem só conhece Paris. Os amigos andam desconfiados de que eu estou apaixonado por ela” (BELTRÃO e MARTINS, 2011, p.11). E mais adiante: “Nantes nossa de cada dia! Quem diria, quem diria que eu viria a me sentir em casa em outro lugar, além de minha Fortaleza, além do nosso Ceará” (BELTRÃO e MARTINS, 2011, p.12). Inúmeras folhas em branco nunca diriam do colorido intraduzível da mudança das estações, dos amigos que fizemos, das

⁸¹ INSA: Institut National des Sciences Appliquées é uma das Grandes Escolas, instituições de ensino superior francesas. A rede do INSA tem estabelecimentos em Lyon, Rennes, Rouen, Strasbourg e Toulouse (www.insa-france.fr e www.insa-lyon.fr).

caminhadas ao longo do rio Sèvre, das bicicletas contentes com as ciclovias, do verde que ganha a cidade, dos sabores compartilhados em clima de descoberta, dos aromas, tudo tão arredo a ser dito em palavras... *Je ne saurai pas traduire tout ce que j'ai vécu chez moi, comme francophone. Je vous parle d'amour. D'aimer une langue, voici de quoi je vous parle* (Eu não saberei traduzir tudo o que eu vivi em casa, como francófono. Eu vos falo de amor. De amar uma língua, eis de que eu vos falo).

Aprendi de mim que sinto de maneira sutilmente diferente as coisas, as pessoas, os outros seres, o tempo, conforme fale ou leia ou escreva ou escute a língua portuguesa ou a francesa. Eis aí algo difícil de esmiuçar em palavras. Seja metade silêncio então. Mas viver e pensar e interagir e sonhar e sentir em minha outra língua e em outro país é mágico. É formador e transformador, inelutavelmente. Essa experiência ganhou em sentidos na medida em que a compartilhei com minha amada, a cada instante, e com meu filho, Ravi, durante três meses. Falávamos e falamos ainda francês entre nós. No Brasil, de vez em quando, mas todos os dias. Na França, todo o tempo, seguindo à risca o conselho certo e sereno de meu pai: que não falasse português com eles, para que ficássemos completamente imersos no idioma do lugar, na cultura do lugar, dos comportamentos sociais aos trejeitos dos corpos, das palavras coloquiais às entonações mais sutis.

Na nossa chegada, fomos acolhidos por Jean-François Quimerç'h com um abraço à brasileira e dois cachecóis para enfrentar o fim do inverno francês. Foi um abrir de portas e janelas ser recebido por alguém que conhece bem nossa cultura, entendeu boa parte de nossas idiossincrasias, nos apresentou a outras pessoas que também nos acolheram, brasileiras e francesas, de alguma maneira ligadas à AFBN⁸² – Association des Amitiés Franco-Brésiliennes de Nantes/Associação das Amizades Franco-Brasileiras de Nantes, por ele presidida. Além dos dias compartilhados, dos inúmeros momentos que esta tese não comportaria, esse doce convívio culminaria com um *show* poético-musical que fiz com participação de Joana Angélica, grande amiga nossa, e de Carina Furusho, que conhecera na nossa nova cidade.

Houve então, *comme d'habitude*, outros artistas no palco, mas esta apresentação disse muitas coisas novas ao meu coração: pela primeira vez fazia um espetáculo inteiro sem nenhum músico me acompanhando, somente voz e violão. Como não sou um instrumentista profissional, sempre conto com um violonista, um percussionista, outros músicos. Sustentar nas cordas do meu pinho o fio de todas as músicas foi um desafio prazeroso de superar.

⁸² <http://afbn.free.fr/afbnbresilnantes.fr/>

Também pela primeira vez me apresentava no exterior, um público diferente da minha gente. Se por um lado não estava em uma seara conhecida como a do Ceará, por outro me regalei com a acolhida atenta dos franceses e dos brasileiros que ali encontrei, bem como com a dos amigos de diversas nacionalidades que Nantes, cosmopolita, nos trouxera. Somente depois do retorno ao Brasil, ao me apresentar de novo sozinho com meu violão, percebi o quanto mudara. Estava tocando um pouco melhor, é certo, mas sobretudo estava em paz com o tanto que toco.

Na França, passei a escrever sempre em língua francesa, salvo no caso de cartões postais e mensagens eletrônicas para amigos brasileiros. E isso tomou desde a lista da feira até as anotações feitas às pressas, desde os poemas até os ensaios científicos, desde as notas de aula até os versos em que elas se tornavam! A orientadora, Martine Lani-Bayle, descobriu e me encorajou a ler em público o que escrevia em sala de aula. A princípio, temi que os demais estudantes me julgassem louco ou extravagante, nem sei como dizer. Mas a acolhida me estimulou a assumir novos riscos. Captava palavras no ar, ideias que borboleteavam, nas aulas de mestrado, nas palestras da professora, nos seminários do grupo de pesquisa, nos encontros com outros professores a quem nos apresentava, a Karla e a mim... Trechos do que diziam ou liam os estudantes dos ateliês de escrita feitos por Martine em Nantes e em Saint Brévin viravam a pele e a carne do que eu revolvía e devolvía em forma de texto poético.

Borboletra

Para Sofia Lerche. Com música de Alex Costa.

A letra é uma lagarta suspensa no papel.
 Secreta sílabas e tece um fio à guisa de linha.
 Brota a crisálida de palavras em espera.
 O poema se faz de borboleta.

(BELTRÃO, 2009, p.72)

Dali nasceram amizades e correspondências que continuam seu curso de encantos e encontros graças às palavras que atravessam tempo e espaço sem cerimônia. Os colegas do grupo de pesquisa, o Transform', e os autores admirados a quem Martine nos apresentou, a mim e a Karla, foram inspiradores e transformadores em nossa aprendizagem plena de bons afetos. Tivemos a bela oportunidade de encontrar Gaston Pineau e sua esposa, Françoise, ao lado do Jardin des Plantes de Nantes. Foi enriquecedor conhecer esse nome incontornável pra quem trabalha com Histórias de Vida e Formação, mas sobretudo ser tão bem acolhido,

encetar uma correspondência, ainda que espaçada, bem mais descontraída do que anteriormente, ao tentarmos nos orientar para a temporada na França.

Outra presença absolutamente (trans)formadora foi André de Peretti, artista e educador, que deixa lembrança e mudança em quem cruza seu caminho, desde os tempos em que respondia com poesia e teatro ao cotidiano no cativo dos campos de concentração nazistas, animando os companheiros, entre eles o pai de nossa coorientadora. Do alto de seus noventa e tantos anos, é capaz de nos animar dias a fio em busca conjunta sobre os meandros e mistérios do ser educador.

Além desses cavalheiros da formação humana, Karla e eu pudemos conhecer Edgar Morin, Boris Cyrulnik e Jean-François Gomez. Jean-François veio ao primeiro seminário do Transform' de que participamos, logo ao chegarmos, em uma fazenda em Le Pellerin, perto de Nantes. Encontro marcante, entre reflexões científicas e versos durante o dia, com violão e acordeom à noite. Morin, quando participou da Université d'Été em Poitiers, acabara de chegar de Fortaleza (onde meu pai, muitos anos antes, fora seu intérprete). Ao saber de onde vínhamos, fez questão de conversarmos, ora em português, ora em francês. Embora tenhamos passado pouco tempo juntos, o contato com eles, ouvi-los de perto, com um grupo ou na intimidade, *en petit comité* ou *tête à tête*, ser por eles cuidadosamente escutados deixou na gente sementes de *ser mais* (como bem diria Paulo Freire, muito admirado por todos eles).

A Jean-François Gomez, serei sempre grato pela sua boa palavra na hora em que acabara de terrenamente me despedir de minha mãe, durante minha estada no exterior. Estava abalado – e sobretudo silenciado – logo depois de sua partida. Foi quando Jean-François Gomez me lançou o chamado da escrita. Seu convite me recordou firme e afetuosamente que minha vida é escrever, que eu precisava retomar a pluma, *coûte que coûte*, quando me propôs fazer um ensaio (BELTRÃO, 2011), que adaptei para esta tese, sobre como a poesia é vivida em minha terra (queira ver 2.3 e a nota no princípio do trecho). Ora, é fácil deduzir, embora difícil de explicar, o quanto mexeu comigo e me ensinou, naquelas circunstâncias, escrever sobre a relação de minha gente com a poesia, proposta por ele feita, no contexto de um dossiê com o seguinte tema: “*Poètes, vos papiers! La poésie permet-elle de penser le monde autrement?*” – “Poetas, seus papeis! A poesia permite pensar o mundo de outra maneira?” Em francês, o título (inspirado por na canção estupenda de Léo Ferré, *Poètes, vos papiers*, ver anexos) faz a meu ver um jogo de palavras, uma vez que “*papiers*” quer dizer documentos, mas também “papéis”, no sentido de folhas, nas quais se escrevem os poemas. Em português, esta acepção em mim dialogava com a possibilidade da palavra “papéis” remeter ao lugar social dos poetas... Voltei às palavras. E a mim, para seguir em frente, elaborando o luto em

meio às linhas, para sempre conectado com minha mestra primeira, a sanfoneira e pianista que continua tocando dentro de mim.

Com esse luto, outros precisei elaborar. Durante a formação na Europa, em trânsito, viajando, ou no cotidiano *nantais*, vivi várias mortes de gente querida. Soube da partida de um amigo músico francês, que adorava tocar música brasileira, Jean-Michel Bonnet, de Poitiers. E de outro amigo músico, este cearense, o exímio e criativo percussionista Alex Hollanda. E de outro conterrâneo amigo meu, de poesia feito, fã de Quintana e Manoel de Barros, Lucio Flavio Chaves Holanda. E de mais um amigo muito estimado, João Paulo Gósson, este um companheiro da Rádio Universitária, apaixonado por roque e *reggae*, sobre os quais apresentava programas da emissora, por ele criados. Todos esses habitantes eternos do continente da sensibilidade que nos une me ensinaram uma infinidade de coisas enquanto convivemos e com sua partida.

Conviver com a morte, longe de casa, durante um dos tempos de maior beleza, de mais aprendizagem, dos mais sonhados e esperados, me fez sentir mais cada instante, valorizar mais cada ínfimo detalhe. A morte me levou a recordar passadas estações. A morte me lembrou de mim mesmo a dizer que a morte diz pra bem viver a vida. Dos poetas a me dizerem do inefável. De várias aprendizagens espirituais. De Epicuro a dizer que nada há a temer na morte. De Espinosa a dizer que com um afeto somente outro afeto mais forte pode: “um sentimento não pode ser contrariado ou suprimido exceto por um sentimento contrário e mais forte do que o sentimento que necessita ser contrariado” (SPINOZA, 1954, p.275; parte IV, proposição 7, tradução minha)⁸³.

Poemas escrevi em resposta. Pelo telefone e via Internet disse meus versos para minha mãe. Pedi a amigos médicos que viessem cuidar dela, como Luiz Teixeira, que me comunicava os detalhes todos os dias por Skype. Pedi a amigos artistas que viessem cantar e tocar pra ela, ou melhor, com ela, pois claro que ela se animava toda e entrava na dança. Assim fizeram Joana Angélica, Pingo de Fortaleza, Adelson Viana. A beleza de transcender o singular é poder se sentir no plural. “Eu” desfaz seus nós para o laço verdadeiro da unidade entre todos nós.

Do que aprendi e vivi com meus pais é feita a semente da poesia em mim. O amor deles me fez assim. Ao deixar o Brasil, sabia da gravidade do caso de minha mãe. Estava na França, fazendo doutorado sanduíche, quando sonhei pressentindo a partida de minha mãe, abraçado a ela acompanhando-a em uma travessia. A distância física era desafio que somente

⁸³ *Un sentiment ne peut être contrarié ou supprimé que par un sentiment contraire et plus fort que le sentiment à contrarier.*

era possível de enfrentar porque a consciência estava serena com a memória da vida inteira de amoroso convívio e a vívida sensação de presença constante, via versos enviados e ditos ao vivo, pelo telefone e pelo computador. Naqueles dias, me dei conta da imensidão do tesouro que deles herdara desde quando comigo sonhavam, antes de eu aqui ser.

O Tesouro

Há uma herança em mim, que Deus me disse.
Silenciosa, eu nem sabia.
Sentia, talvez, mas sentir é incerto.
São valores inolvidáveis.
São riquezas indelévels.
São segredos inefáveis.
Eu os ganhei faz tempo
– me foi dado cultivá-los.
É um tesouro tão raro!

Depois da partida de meus pais
será como antes da minha chegada.

Há uma herança em mim, que Deus me disse.
Musical, eu nem ouvia.
Escutava, às vezes, mas sozinho é deserto.
São compassos indescontáveis.
São tons transpronunciáveis.
São melodias incantáveis.
Eu recebi tudo faz tempo
– me foi dado cultivar-me.
É um tesouro tão raro!

Depois da vida de meus pais
será como antes da minha chegada.

Há uma herança em mim, que Deus me disse.
Poética, isso eu sabia.
Sentia, muitas vezes, grávido de mim decerto.
São palavras descontroláveis.
São rimas desrimáveis.
São ritmos inimagináveis.
Eu vivo isso desde outras eras
– era uma vez a vez de vocês.
A todos é dada a palavra.

Desde as vidas de meus pais,
se encontram nossas partidas e chegadas...

(BELTRÃO)

A arte é caminho de transcendência. A arte é transformadora. A arte reúne razão e afetividade, corpo e espírito, indivíduo e coletividade, tempo e espaço. A arte é a nau de minha viagem.

E a viagem de que falava, ou melhor, o tempo vivido noutra lugar me levou a ver meu lugar com outro tempo. A me re-conhecer. Do cotidiano em Nantes às incertezas dos deslocamentos para outros países. Do arraigar-se ainda que transitoriamente ao trânsito por diferentes cidades com suas gentes e sua originalidade. As viagens compartilhadas com Karla foram ora somente nossas, ora com meu filho Ravi, ora feitas com outras pessoas amigas, queridas – a cada uma tanta emoção e sentimento, tanta mudança de si mais que de ambiente e contexto, tanta experiência afetiva (trans)formadora inenarrável. Deixemos espaço para o silêncio. E voltemos. Sim, cheguemos ao momento da volta pra casa.

Eu temia meu retorno tanto quanto eu temera minha partida; ambos pertenciam ao desconhecido e ao imprevisto. O que me tinha sido familiar me era agora desconhecido; a única coisa que havia mudado era eu... Eu voltava com “nada” a transmitir de minha experiência. Graças à compreensão de minha viagem, eu encontrei em mim confiança suficiente para cumprir as necessárias – e difíceis – separações com minhas antigas estruturas de vida, agora desprovidas de sentido... Eu voltava da viagem para começar uma outra⁸⁴ (GILGAMESH apud MORIN 2003, p.44, tradução minha).

Voltar é longo... Na verdade, ninguém retorna ao lugar de onde partiu, uma vez que o lugar é outro e renovado retorna o viajor. O tempo tudo muda. A distância também. Longe da origem, a pessoa se revê, se relê. Ao ver o outro, ao viver em outro contexto, a gente se (trans)forma. A gente se re-conhece. Transcende o “arroz-com-feijão”, degusta melhor beijos e abraços. Brinco com a metáfora que remete ao prato básico do meu Brasil para, por outro lado, ilustrar que no contato com o diferente, a gente se reconhece, por exemplo: ao saber que não é comum se abraçar na França ou que ali não se come arroz e feijão todo dia – isso leva a pensar que, na nossa cultura, a gente se abraça e come arroz e feijão todo dia.

No caminho para casa, as cores, sons, olores, sensações e sabores da paisagem interior se alteram. Alter... O outro que agora sou se depara com o que eu era. Com delicadeza, desembarquei em Fortaleza. O que antes era familiar havia se modificado. O conhecido era agora um tanto desconhecido. O previsível sabia a imprevisto. A incerteza surpreendia as certezas, sempre insuficientes. Ora, eu aprendera que “o conhecimento é uma navegação em um oceano de incertezas entre arquipélagos de certezas” (MORIN, 1999, p.94, tradução

⁸⁴ *Je redoutais mon retour autant que j'avais redouté mon départ ; tous deux appartenait à l'inconnu et à l'imprévu. Ce qui m'avait été familier m'était à présent inconnu ; la seule chose qui avait changé, c'était moi... Je rentrai avec “rien” à transmettre de mon expérience. Grâce à la compréhension de mon voyage, je trouvai en moi la confiance suffisante pour accomplir les nécessaires – et difficiles – séparations d'avec mes anciennes structures de vie, à présent dépourvues de sens... Je rentrai du voyage pour en entreprendre un autre.*

minha)⁸⁵. *Il faut “s’attendre à l’inattendu”* (MORIN, 1999, p.87) – é preciso “esperar o inesperado”. Para ilustrar seu pensamento, Edgar Morin (1999, p.87, tradução minha) sabiamente cita o poeta grego Eurípedes: “Os deuses criam-nos muitas surpresas: o esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho”⁸⁶.

O poeta encabulou-se,
equilibrista das coisas mínimas,
entre metáforas raras,
em um barco de dúvidas,
no oceano das incertezas.

O poeta espatifou-se,
sem rede e sem pressa,
em pleno centro de si,
cidade imprecisa,
morada da beleza.

(BELTRÃO, 2009, p.41)

Retomar o cotidiano foi para mim mais íngreme pelo fato de que eu nem sequer podia reassumir alguns de meus antigos hábitos e atividades. Não podia retomar os espetáculos poético-musicais que faço. Tinha de me dar à tese. Na verdade, não podia sequer frequentar os espetáculos, ainda que dos amigos. A propósito, dos amigos continuaria a sentir saudades, apesar da proximidade física. Não podia retornar ao seu aconchegante convívio.

Voltei a dar aula, uma vez que, no caso de quem faz sua pesquisa de doutorado no Ceará, o “afastamento” (ou “flexibilização de carga horária”) concedido pela UFC é na verdade uma mera redução de carga horária, embora os gestores da instituição saibam que se precisa de dedicação exclusiva para fazer um doutoramento. Por outro lado, na mesma situação, ou seja, a de um docente que decide fazer a pós-graduação em sua terra, o financiamento é negado por todas as agências de fomento à pesquisa: CNPq, CAPES e FUNCAP. Duplamente prejudicado, como no início dos meus estudos, eu precisava me concentrar na concepção e escrita deste texto. Voltei também a fazer os programas de rádio, estes já haviam permanecido no ar graças a reprises que com um ano de antecedência, preparando o estágio doutoral no exterior, eu começara a fazer. Precisava voltar ao ar. Uma vez mais a força veio do que sinto: não fora encontrar tanto prazer no convívio com os estudantes e ouvintes, seria inconciliável o esgarçar do tempo entre esta escrita e as outras atividades como educador e comunicador.

⁸⁵ *La connaissance est une navigation dans un océan d’incertitudes travers des archipels de certitudes.*

⁸⁶ *Les dieux nous créent bien des surprises : l’attendu ne s’accomplit pas, et à l’inattendu un dieu ouvre la voie.*

Retomar o dia-a-dia em Fortaleza foi igualmente escarpado porque agora via de maneira diferente a mim, meu lugar, minha gente. Tinha sede de ir ao encontro das pessoas, de palmilhar cada recanto da minha cidade, de subir de novo a serra de Guaramiranga, de me banhar outra vez nos “verdes mares bravios”... Mas não somente eu não podia mergulhar na cotidianidade das coisas por ter de me dedicar à tese, como algumas delas me causavam agora mais estranheza. O telefonema ou a mensagem eletrônica que o destinatário deixa sem resposta; o encontro marcado a que se falta sem cerimônia; a “fila” surrealista em caracol que quase ninguém entende ou respeita; a banalização da violência e a aceitação da indiferença; o vale-tudo do trânsito desumano e desumanizador; a miséria aceita como vontade divina; a mania de endeusar aquilo e aqueles que vêm do exterior ao mesmo tempo em que se fala mal do Brasil e de nosso povo (na terceira pessoa, como se dele não fizessemos parte), a despeito do reconhecimento internacional acerca das qualidades da nação e das melhoras concretizadas, sobretudo depois de termos tido Lula como presidente – tudo isso passou a me incomodar muito mais.

Todavia nem as ocupações, nem as saudades, nem as vontades, nem o estranhamento podiam me deter por muito tempo... Era o que eu esperava de mim. Acontece que nada, quase nada é como a gente espera, bem diziam um certo Eurípedes, um certo Edgar. Caí em um precipício dentro de mim.

Não sei a cor do perdão
 Nem o peso da pedra do sacrifício
 Só sei que quando estou só
 Sinto na pele que meu abrigo pode ser o precipício
 Não sei quem chora por mim
 Quem inocentemente me condena
 E olhando a cara fria do silêncio
 Tudo que faltar a gente inventa
 Voz pra cantar, corda de aço,
 corda de aço desfiada,
 minha vida só é vida porque sei
 que ela vai ser sempre apaixonada.

(FAGNER)

É preciso ter paciência consigo. A ansiedade por vezes atropela a paciência. Um tempo de silêncio em minha pena. Um tempo de desencontro e desamparo e desespero. Recordo a sábia resposta de meu orientador, o professor Botelho, dizendo-me para me escutar e acolher, para me conceder tempo para tornar a me situar, para reunir força e leveza a fim de me alçar da profundidade abissal em que eu fora lançado. Em mim ecoavam leituras feitas com

meus pais: “Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu” (Ecl. 3,1).

De dentro de mim, devagar fui lagartamente rastejando, fui configurando do verde devorado vorazmente uma delicada crisálida, fui maturando na solidão mesmo na companhia de gente estimada, fui rompendo a casca para voltar a borboletear pelos jardins de mim e de casa.

Estudo

O poema se faz em meio à busca de si mesmo do poeta rarefeito.
Cada palavra pousa em silêncio ou decola exasperada.
Debulha os significados em meio ao que sentires, leitor, ao teu jeito.
Abraça estes versos querendo ser lidos, leitora amada.

Eu preciso do poema para voar,
para respirar, para aprender a passar.
Pássaros e peixes habitam nosso jardim suspenso na imensidão.
Tu e eu contemplamos o que ninguém espera e tudo que há.

Vem comigo, voo contigo, consigo aos poucos ser pólen em vão.
Lagartas e borboletas, abelhas e folhas ao vento, sem palavras.
Água na terra, carinho na pele, ampulheta, voz e violão.

(BELTRÃO, 2009, p.20, com música de Pingo)

A novidade vivia em mim. Eu mudara. Cada experiência afetiva (trans)formadora ao longo do meu caminho alterara meu jeito mesmo de caminhar. Depois de meu retorno ao Brasil, eu descobrira, ou melhor, eu uma vez mais recordara que a gente pouco domina o desenrolar dos acontecimentos, a interação entre as pessoas, o fluxo das coisas. É preciso aprender consigo e com o outro e com o mundo a fluir, a deixar fluir – e a receber tudo como se fosse um presente. É preciso aprender a caminhar sempre com todos – e em paz consigo. A avançar dois passos e a recuar um passo, como na *Procissão do Cotidiano*, marcha de um povo andino que inspirou *Caminhando Sempre*, bela canção de Arlindo Araújo e Mário Mesquita, interpretada pelo Quinteto Agreste (2004), lição para mim essencial neste me redescobrir, tanto na partida, nas idas e vindas quanto neste retorno ao lar, “caminhando sempre, mas avançando devagar”.

Caminhando sempre

Nessa vida vou
Caminhando os passos
Desse meu caminho
Não estou sozinho
E vou construindo
Um rastro de esperança
Avistando no horizonte
O que o coração deseja

O que a mão silenciosa
Ainda não alcança

Nesse meu caminho
Dou dois passos, vou em frente
Volto um passo para trás
Avançando dois, recuando um
Avançando dois, recuando um
Avançando dois, recuando um
Mas seguindo sempre

No caminhar cotidiano
Não se fica no mesmo lugar
Quem não anda estaciona
Não avança, quem não sabe recuar
Por isso mesmo
É que vou no passo
Dessa marcha lenta
Sempre a avançar
Caminhando sempre
Mas avançando devagar

(ARAÚJO e MESQUITA in QUINTETO AGRESTE, 2004)

5.2 A poesia das experiências afetivas (trans)formadoras: uma maneira de ler o mundo

Apenas seja a sincera expressão de si mesmo.

Ângelo Alexandre

Jorge Larrosa (1998), com as danças, piruetas e mascaradas de sua pedagogia profana⁸⁷, me traz mais inquietações que certezas, uma miríade de perguntas alvissareiras que me instigam, diante de uma imensidade sem respostas. Nada mais essencial para quem caminha sobre a corda bamba – sem rede de segurança – do que oscilar, oscilar com o longo bastão a dar equilíbrio nas mãos, única maneira de não se atirar no precipício do picadeiro pleno de riscos do circo da ciência. Larrosa (1998, p.9), filósofo da educação, me recorda uma citação antiga, do príncipe dos poetas gregos, Píndaro, por mim conhecida em francês: “*Homme, deviens ce que tu es*” – “Homem, torna-te o que tu és” (ele traduz desta maneira: “Chega a ser o que és”). Para o pensador espanhol (LARROSA, 1998, p.10), “o eu que importa é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está para ser realizado, mas para ser conquistado; não está para ser explorado, mas para ser criado”. Com a palavra, a poesia, através da simplicidade desconcertante de Cecília Meireles.

⁸⁷ Referência à obra citada: Pedagogia profana – danças, piruetas e mascaradas (LARROSA, 1998).

Reinvenção

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só – no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.

Só – na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

(MEIRELES, 1987, p.195)

Constato, com espanto, que o caminho para si é “mais” inédito do que supunha quando vivia o prazer e o desafio de fazer versos sem me interrogar como a eles cheguei e por que motivo não posso viver sem poesia e para que pode servir – aos outros – eu buscar nesta tese compreender ao menos alguns fragmentos das experiências afetivas (trans)formadoras deste percurso que continua, para mim, até sempre. De bom grado, Cecília, quero me sentir recebido e dado, mas não sozinho, nem na treva. Necessito da Poesia, luz que me conduz. E de companhia como a tua. Preciso (agora) desta solidão para escrever, mas ela é habitada por ti e por todos os que li e leio, os poetas sobretudo. Em minha voz, vivem arpejos de outras vossas vozes. Em minha releitura, pulsam as leituras feitas pelos mestres com quem convivi física ou espiritualmente, dialogando ao vivo ou com as linhas por eles escritas. O itinerário do buscador em História de Vida e Formação passa, poeta, pela constante reinvenção de si.

Rememoro um verso que trago sempre comigo, feito ao voltar (mudado) da primeira vez em que fui estudar na França, em 1989:

Continuo o mesmo: sempre outro.

(BELTRÃO)

Procuro, da pele ao miolo de mim, quem sou – através deste trajeto de pesquisa autobiográfica em busca das experiências formadoras imersas em meus afetos tão intensos que acabaram por fazer de mim poeta – em permanente mudança. Larrosa (1998, p.12) faz “um convite à recuperação da inocência da experiência: a experiência entendida como uma expedição em que se pode escutar o ‘inaudito’ e em que se pode ler o não-lido, isso é, romper com os sistemas de educação que dão o mundo já interpretado, já configurado de uma determinada maneira, já lido e, portanto, ilegível”.

No campo do pensamento pedagógico, Larrosa propõe a díade experiência/sentido em vez de prática, embora evidentemente reconheça que a educação é também uma prática. Discutindo, em entrevista⁸⁸, como se vincula a experiência com Literatura, Filosofia e Educação, Larrosa afirma que pensou um dia que os filósofos, quaisquer que sejam suas teorias, poderiam se dividir em três grupos: os que leem somente filosofia, os que leem romances e os que leem poesia. Os primeiros fariam uma filosofia mais sistêmica, mais especulativa, enquanto que os leitores de romances – por ele preferidos – captariam aspectos existenciais mais sutis, que têm relação com a textura da vida. Para ele, diz bem-humoradamente, a vida parece mais com os romances do que com os livros de teoria da educação. Quanto aos que leem poesia, comenta também com bom humor, estes estariam loucos porque a poesia não teria nada a ver com o relato, e os seres humanos sensatos seriam criaturas que relatam. Mas, Jorge, a poesia pode narrar, ou por outra via: a narrativa pode ser poética.

Discutindo a leitura (e uma atualização da perspectiva pedagógica da leitura), Larrosa (1998, p.12-14) aponta uma constante tentativa de controle pedagógico da leitura ao longo da história humana. Esse filósofo da educação aponta que toda a tradição pedagógica humanística, desde a Paideia, pode ser vista como “uma relação ‘formativa e humanizante’ com os livros canônicos que constituem o depósito espiritual de uma comunidade humana” (LARROSA, 1998, p.13). A Literatura estaria na tradição humanística relacionada com a

⁸⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=4G-pI12-zSE> acesso em 20/09/2011: parte 1 de vídeo do Instituto Nacional de Formación Docente, ligado ao Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia da Argentina, com entrevista feita em Mar del Plata em 19 de setembro de 2007.

perfeição moral do indivíduo e da sociedade, mas ao mesmo tempo seria para os humanistas ambígua. A Literatura teria de ser expulsa ou mantida sob rigoroso julgo; para ilustrar cita a expulsão platônica dos poetas⁸⁹ como um exemplo primeiro disso. Para ele, a ambiguidade moral da Literatura vem sendo “resolvida” não mediante uma expulsão do livro, mas através da seleção dos textos considerados bons e da tutela pedagógica que assegure a “boa” leitura. A essa altura, Larrosa (1998, p.14) propõe repensar “a ideia de formação em relação com a leitura ou (...) a ideia da leitura como experiência de formação e de transformação”.

A ideia tradicional de formação tem duas faces. Formar significa, de um lado, dar forma e desenvolver um conjunto de disposições preexistentes. Por outro, levar o homem até a “conformidade” em relação a um modelo ideal do que é “ser humano” que foi fixado e assegurado de antemão. Minha aposta seria pensar a formação sem ter uma ideia “pré-escrita” de seu desenvolvimento nem um modelo normativo de sua realização. Algo assim como um devir plural e criativo, sem padrão nem projeto, sem uma ideia prescritiva de seu itinerário e sem uma ideia normativa, autoritária e excludente de seu resultado, disso a que os clássicos chamavam “humanidade” ou “ser plenamente humano”. E creio que uma prática da leitura como acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura rumo ao desconhecido e como produção infinita de sentido poderia contribuir para esse pensamento aberto sobre a formação (LARROSA, 1998, p.14).

Essas reflexões de Larrosa (1998) sobre a leitura como experiência de formação e transformação me recordam outras, suas e de Martine Lani-Bayle (2008). Larrosa (1996) coloca a experiência como o que nos toca o coração – “recordar” seria “trazer de volta ao coração”. A experiência seria não o que acontece, mas o que *nos* acontece. Na perspectiva de Lani-Bayle (2008, p.303), a que voltarei no tópico sobre Histórias de Vida e Formação (6.2), o caminho percorrido no campo da função formadora da narrativa passa por três etapas, que nem são cronológicas nem hierarquizadas, mas entrelaçadas: os fatos em si – que eu relato; o que os fatos me causaram ou causam – o que eu explico; o que eu faço com o que os fatos me causaram ou causam – sobre o que reflito e como ajo. Por isso, nesta busca autobiográfica, o que me interessa mais é o que subjaz ou emerge do que vivi e vivo. E a palavra, em especial a palavra poética, é meu caminho para mim.

⁸⁹ Platão expulsa o poeta da cidade porque a concebe de modo orgânico: todos têm de ter uma função. Ele critica Homero, que inicia a *Ilíada* com a fúria de Aquiles, de quem foi tirada Briséia, sua escrava e amante. Aquiles se nega a combater, sua recusa ameaça a vitória almejada pelos gregos. Ora, para Platão, o indivíduo deve submeter-se ao coletivo e a razão deve preponderar. O poeta coloca um modelo por ele considerado egoísta e destemperado, de alguém que se deixa levar pela raiva, portanto sem que a razão exerça o controle sobre as emoções (o que, pra Espinosa, é descabido, uma vez que afirma que somente um afeto à razão amalgamado pode com outro afeto). O poeta propõe portanto um exemplo de alguém movido pelas paixões, que põe o particular acima do coletivo. Não está então se pautando no mundo das ideias (universais), na razão e na contemplação, como preconizava Platão.

Larrosa, em outro momento da entrevista⁹⁰ anteriormente citada, responde à pergunta sobre quais sentidos trazem as viagens que realiza com estudantes. Ele comenta que lhes propõe ir para uma cidade de que nada tenham ouvido dizer e da qual de preferência não falem a língua para tentar ler essa cidade sem que ninguém a explique para eles: aponta então que essa é a ideia existencial de experiência como de aventura espiritual, que comprometa o corpo e a alma, bem como o pensamento – a que eu acrescentaria os sentimentos e emoções. Ao fim da viagem, Larrosa não pergunta sobre a experiência vivida por cada um – porque é de cada um. Isso me lembra Daniel Pennac (1992) que propõe os “direitos imprescritíveis do leitor”:

- 1) O direito de não ler.
- 2) O direito de pular páginas.
- 3) O direito de não terminar um livro.
- 4) O direito de reler.
- 5) O direito de ler o que quer que seja.
- 6) O direito ao bovarysme (doença textualmente transmissível).
- 7) O direito de ler onde for.
- 8) O direito de colher aqui e acolá.
- 9) O direito de ler em voz alta.
- 10) O direito de nos calarmos.⁹¹

(PENNAC, 1992, p.162, tradução minha)

Esses direitos todos, em sua suma simplicidade e no que trazem de inesperado, deixam clara a perspectiva de absoluta liberdade no modo como Pennac vê a leitura, que rima com o que propõe Larrosa. Quanto ao derradeiro direito, note-se, primeiramente, que é o único em que uma personalização se evidencia pela presença do pronome “nos” (e, na tradução em português, da flexão verbal, que não ocorre em francês) – essa pronominalização tem aqui a mesma relevância por ela expressa em “o que nos acontece”. Vejam que o autor poderia ter optado por dizer: “o direito de se calar” (*“le droit de se taire”*). Com este detalhe linguístico, a subjetividade se explicita; do ponto de vista do conteúdo, o próprio silêncio então proposto marca o exercício dessa subjetividade na plenitude da liberdade interior. Em segundo lugar, o que é mais relevante, esse escritor destaca (ao desenvolver em capítulos esses direitos) que os raros adultos que lhe deram livros a ler sempre se apagaram diante desses livros e sempre evitaram lhe perguntar o que ele havia compreendido deles (PENNAC, 1992, p.197-198),

⁹⁰ http://www.youtube.com/watch?v=0ewaQ6_kfds acesso em 20 e 21/09/2011: parte 2 de vídeo do Instituto Nacional de Formación Docente, ligado ao Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia da Argentina, com entrevista feita em Mar del Plata em 19 de setembro de 2007.

⁹¹ 1) *Le droit de ne pas lire.* 2) *Le droit de sauter des pages.* 3) *Le droit de ne pas finir un livre.* 4) *Le droit de relire.* 5) *Le droit de lire n'importe quoi.* 6) *Le droit au bovarysme (maladie textuellement transmissible).* 7) *Le droit de lire n'importe où.* 8) *Le droit de grappiller.* 9) *Le droit de lire à haute voix.* 10) *Le droit de nous taire.*

como Jorge Larrosa evita indagar sobre a experiência da viagem de cada um. “O tempo de ler, como o tempo de amar, dilata o tempo de viver” (PENNAC, 1992, p.137)⁹² e é íntimo e inefável, muito embora nos esforcemos no contexto escolar para interpretar canonicamente os textos e dar a resposta esperada pelo professor. Sem dúvida, na poesia isso se evidencia. A relação entre o leitor e o poema é da ordem do intraduzível e das profundezas da (inter)subjetividade.

Entre os adultos que lhe deram livros a ler, Pennac (1992) refere-se a pessoas próximas, bem como professores que lhe ofertavam esses textos sem propor questionamentos, sem supor que os estudantes os conheciam, ou melhor, os “entendiam” – ou seja, deles tinham uma leitura prévia em conformidade com a interpretação, digamos, “oficial”. Quando alguém de que a gente gosta nos oferece uma leitura, diz ele, a gente busca inicialmente a pessoa querida nas linhas até que o ato de ler nos envolve e nos leva. Com o passar dos anos, a simples evocação do que foi lido pode trazer de volta a lembrança daquela pessoa, “então alguns títulos tornam-se novamente rostos” (PENNAC, 1992, p.35). Entre eles, Daniel Pennac cita Pierre Dumayet, jornalista francês que atuou em rádio e em televisão, tendo feito de 1953 a 1968 talvez o mais longo programa da televisão de seu país: *Lectures pour tous* – em português, *Leituras para todos*, título eloquente por si, sobretudo por seus plurais que fazem um duo aberto pro muito. Pennac (1992, p.96) diz que amar é dar aquilo que preferimos àqueles que preferimos, o que esclarece por que ele se sentia entre os preferidos ou os estimados por Dumayet, o que nos remete à freireana afirmação de que “ensinar exige querer bem aos estudantes” (FREIRE, 2007, p.141).

Assim [lembro] de Pierre Dumayet, de sua visão, de sua voz, de seus silêncios, que, no *Leituras para todos* de minha infância, diziam todo seu respeito pelo leitor que, graças a ele, eu ia me tornar. Assim [lembro] desse professor, cuja paixão pelos livros sabia encontrar toda a paciência e nos dar até a ilusão do amor. Precisava que ele nos preferisse – ou que nos estimasse – a nós outros, seus alunos, para nos dar a ler o que lhe era mais querido! (PENNAC, 1992, p.97, tradução e grifo meus)⁹³

Quando Larrosa cita o poeta Píndaro, que convida, ou melhor, que exorta os homens a se tornarem o que são, ele está comentando a primeira parte de seu livro *Pedagogia Profana* (1998), intitulada: “Como se chega a ser o que se é”. O caminho para si é de cada um, claro. Mas alguns elementos podem ser talvez tomados como influências universais, por exemplo:

⁹² *Le temps de lire, comme le temps d'aimer, dilate le temps de vivre.*

⁹³ *Ainsi de Pierre Dumayet, de son regard, de sa voix, de ses silences, qui, dans le Lectures pour tous de mon enfance, disaient tout son respect du lecteur que, grâce à lui, j'allais devenir. Ainsi de ce professeur, dont la passion des livres savait trouver toutes les patiences et nous donner même l'illusion de l'amour. Fallait-il qu'il nous préfère – ou qu'il nous estime – nous autres ses élèves, pour nous donner à lire ce qui lui était le plus cher!*

a(s) língua(s) que falamos, a(s) cultura(s) em que vivemos, as pessoas com quem convivemos. Um outro é a relação da gente com o belo, a dimensão estética da natureza humana. Baudelaire (que, sabe-se, buscava dissociar a estética da ética e da moral) afirma em um texto (Baudelaire, 2010) no qual aborda o belo, a moda e a felicidade, que a maneira como concebemos ou vemos o belo nos delinea e que, nesse trajeto nosso, contam os grandes artistas, mas também os artistas menores.

(...) Por felicidade se apresentam de tempos em tempos cavaleiros andantes, críticos, amadores, curiosos que afirmam que nem tudo está em Rafael, que nem tudo está em Racine, que os *poetae minores* tem algo de bom, de sólido, de delicioso; e, enfim, que por amar tanto a beleza geral, que é expressa pelos poetas e artistas clássicos, não se está menos errado em negligenciar a beleza particular, a beleza de circunstância e o traço de costumes. (...) A ideia que o homem faz do belo se imprime em todo seu vestuário, amarrota ou entesa sua roupa, arredonda ou alinha seu gesto, e até mesmo penetra sutilmente, com o tempo, os traços de seu semblante. O homem acaba por se assemelhar ao que ele queria ser (BAUDELAIRE, 2010, p.52-53, tradução minha)⁹⁴.

O convívio cotidiano com a poesia é uma contemplação ativa do belo. “Contemplação” porque o espírito mesmo do poeta se espanta e se encanta com o belo, alcança um êxtase ou transe contemplativo; “ativa” porque esse êxtase o leva, ou melhor, exige dele a criação; “belo” como tudo aquilo que desperta a fruição estética. Como diria Rilke (1993, p.27), o poeta não poderia fazer de outra maneira, precisa ontologicamente de escrever – disso depende o seu viver. Aqui intervém outra questão, essencial nesse fazer(-se) poético: a própria poesia, pátria linguística da licença poética, da transcendência, da transgressão, da metáfora, do ritmo, enfim, de tudo que faz a textura mesma da poética de cada artista da linguagem. O poeta vive (n)o mundo da palavra de um maneira inusual para a maioria, donde as diversas imagens que dele se faz. O poeta alça voos no reino da linguagem e é visto como “o louco”, “o sonhador”, “o ingênuo”, “o que se ocupa com coisas desimportantes”, enfim, o que vive e sobretudo diz coisas inusitadas de maneira inusitada, fato que desperta admiração ou ódio, conforme a situação, o assunto, o contexto sócio-histórico e, sobretudo, conforme as idiosincrasias de quem o louva ou apedreja. Quintana

⁹⁴ (...) *Par bonheur se présentent de temps en temps des redresseurs de torts, des critiques, des amateurs, des curieux qui affirment que tout n'est pas dans Raphaël, que tout n'est pas dans Racine, que les poetae minores ont du bon, du solide et du délicieux ; et, enfin, que pour tant aimer la beauté générale, qui est exprimée par les poètes et les artistes classiques, on n'en a pas moins tort de négliger la beauté particulière, la beauté de circonstance et le trait de mœurs. (...) L'idée que l'homme se fait du beau s'imprime dans tout son ajustement, chiffonne ou raidit son habit, arrondit ou aligne son geste, et même pénètre subtilement, à la longue, les traits de son visage. L'homme finit par ressembler à ce qu'il voudrait être.*

talvez diria que de poesia, vai ele vestido, com um farrapo da eternidade ou mascarado com o poema, sim, com o poema, mais verdadeiro que a própria face...

Se uma vez mais o bardo gaúcho vem em meu socorro acerca de um ponto da reflexão (emocionada), a um outro já me conduz. Sobre aquele ponto de que falava, fica dito que a verdade do poeta tem a ver com a sua poesia, ou mais exatamente, com a Poesia: a sua, a que leu, a que lê, a que compartilha, a que o anima e entusiasma a ser, a se tornar o que é, a chegar a ser o que é. E, em ilustre companhia, passemos ao seguinte: o vate de Alegrete tinha lá suas ideias sobre a formação e a educação humanas. O que diz neste texto de um só verso de um dos meus livros preferidos, Caderno H (QUINTANA, 1983), me leva a ler aqui a ideia antes comentada por um Larrosa, um Pennac, sobre a liberdade, a plena liberdade a que aspiram como leitores e que a outros de nós sugerem, longe das interpretações já postas.

Educação

O mais difícil, mesmo, é a arte de desler.

(QUINTANA, 1983, p.59)

É, entre outros motivos, por esse poder de emocionar e dizer tanto com tão poucas palavras, que eu comentava em outro momento (queira ver 2.3: Eu faço versos como quem faz perguntas) que quando a gente lê um poema, ele dialoga longamente com a gente; quando a gente o compartilha, vínculos se fiam; quando a gente o aprende de cor, guarda um tesouro – impalpável, mas também imensurável. Um soneto cabe bem na memória, um poema de um ou dois versos, então, melhor ainda se encaixa na lembrança e cai bem em meio ou ao fim de algo de marcante que se queira dizer. São grãos de poesia com que se semeiam encontros.

Fazer este estudo sobre minha formação como poeta – um poeta que atua em rádio, em cena, em aula – me leva a desler muito do que em mim a leitura construiu ao reler o que outrora me formou e que ora de renovada maneira leio. E me traz os pensamentos por vezes surpreendentes dos poetas e filósofos e educadores, tal como a proposta de Larrosa (1998), antes citada, de pensar a formação sem dela adotar uma concepção “pré-escrita” de seu desenrolar, nem normas claras para ela, “como um devir plural e criativo, sem padrão nem projeto”, no qual “uma prática da leitura como acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura rumo ao desconhecido e como produção infinita de sentido poderia contribuir” (LARROSA, 1998, p.14).

Chegar a ser poeta, Larrosa, é bem assim, um constante devir plural e criativo em que a leitura e a escrita (!) são uma mesma aventura rumo a uma infinidade de sentidos. Porque o

fato é que não existem cursos de formação de poetas. Pode-se fazer um curso para ser ator, músico, desenhista, pintor, bailarino, mas não para ser poeta. Eu fiz Letras: Português - Francês e suas respectivas literaturas. E escolhi esse caminho porque sabia que poderia passar a vida estudando línguas e literatura, disso não me cansaria. Sabia e sentia meu amor ao reino da palavra. Mas, embora haja vários escritores em Letras, não é propósito curricular formá-los. Faz-se ali formação de professores de língua materna, de línguas estrangeiras e de literatura. No caso de um bacharelado, podem ser formados intérpretes, tradutores, revisores, mas não escritores. De ambos saem linguistas, mas não existe a pretensão deliberada e declarada de formar poetas (nem contistas, nem romancistas...). Mesmo nas disciplinas de compreensão e produção de textos, priorizam-se artigos científicos (quase nunca ensaios), trabalha-se a leitura de diversos gêneros textuais, leem-se e analisam-se poemas, mas o que se requer dos estudantes quanto à escrita é a realização de trabalhos monográficos, dissertativos, algumas vezes narrativas, mas certamente não é usual que um professor peça que façam poemas. E se o tentar estou seguro que muita gente dirá: “não sou poeta, não sei fazer poemas” – e voltará aos braços mais seguros e familiares da prosa. Empiricamente pude confirmar.

Outro motivo me levou a escolher Letras. Queria encontrar uma profissão que tivesse relação com a poesia, com a leitura e a escrita de textos, com as línguas (a vernacular e as estrangeiras), com reflexões linguísticas e literárias, que me desse prazer e em que convivesse com outras pessoas. Ora, um ator, um músico ou um bailarino podem viver da arte, embora seja muito desafiante. Mas um poeta... Um poeta dificilmente pode “ganhar a vida” com seus versos. Sim, me ocorre o caso dos cantadores que vivem de cantar seus repentes, de alguns deles aliás, posto que o grande Patativa do Assaré, por bom exemplo, era agricultor e da lida com a terra provinha seu sustento. Outros aedos célebres tinham outra profissão para prover suas necessidades. (Eu disse “outra”? E ser poeta é uma profissão? Músico, ator, sim, mas chega a me soar inusitado pensar “poeta” como uma “profissão”...) Queria então fazer um trajeto de estudos em que me deleitasse e que me conduzisse a ter uma profissão em que o dom da palavra desse seus frutos. Depois, com uma formação de nível médio em produção e locução radiofônicas, tornei-me radialista profissional, confirmando minha conexão com um outro *métier* em que a palavra é essencial. Mas voltemos à subsistência de algumas celebridades entre os bardos: Pessoa trabalhava para escritórios comerciais como correspondente estrangeiro, Drummond era funcionário público, Thiago de Mello é médico, Vinicius foi diplomata... Este último dizia:

(...) individualmente, o poeta é, ai dele, um ser em constante busca de absoluto e, socialmente, um permanente revoltado. Daí não haver por que estranhar o fato de ser a poesia, para efeitos domésticos, a filha pobre na família das artes, e um elemento da perturbação da ordem dentro da sociedade tal como é constituída.

Diz-se que o poeta é um criador, ou melhor, um estruturador de línguas e, sendo assim, de civilizações. Homero, Virgílio, Dante, Chaucer, Shakespeare, Camões, os poetas anônimos do *Cantar de Mio Cid* vivem à base dessas afirmações. Pode ser. Mas para o burguês comum a poesia não é coisa que se possa trocar usualmente por dinheiro, pendurar na parede como um quadro, colocar num jardim como uma escultura, pôr num toca-discos como uma sinfonia, transportar para a tela como um conto, uma novela ou um romance, nem encenar, como um roteiro cinematográfico, um balé ou uma peça de teatro. Modigliani – que se fosse vivo seria multimilionário como Picasso – podia, na época em que morria de fome, trocar uma tela por um prato de comida: muitos artistas plásticos o fizeram antes e depois dele. Mas eu acho difícil que um poeta possa jamais conseguir o seu filé em troca de um soneto ou uma balada. Por isso me parece que a maior beleza dessa arte modesta e heroica seja a sua aparente inutilidade. Isso dá ao verdadeiro poeta forças para jamais se comprometer com os donos da vida. Seu único patrão é a própria vida: a vida dos homens em sua longa luta contra a natureza e contra si mesmos para se realizarem em amor e tranquilidade (MORAES, *Sobre Poesia*, 1980, p.537-538, grifo meu).

Vinicius ilustra genialmente o desafio do poeta em sua relação com os bens materiais. Esta peleja para sustentar o ofício de escrever – com o qual se sustentar é em geral impossível – se estende a outros escritores, como o célebre romancista francês Gustave Flaubert (2003) que, em carta ao Conde René de Maricourt, aponta com clareza que da pluma somente se vive exercendo com ela outras atividades.

Nós somos operários de luxo. Ora, ninguém é rico o suficiente para nos pagar. Quando se quer ganhar dinheiro com sua pluma, é necessário fazer jornalismo, novela ou teatro. La *Bovary* me rendeu... 300 francos, que eu PAGUEI, e deles nunca tocarei em um centavo. Eu chego atualmente a poder pagar meu papel, mas não as compras, as viagens e os livros que meu trabalho requer de mim; e, no fundo, eu acho isso bom (ou faço de conta que acho isso bom), pois eu não vejo a relação que há entre uma moeda de cinco francos e uma ideia. É preciso amar a Arte pela Arte mesma; de outra maneira, a mais ínfima profissão é preferível⁹⁵ (FLAUBERT, 2003, p.320, XIV, 04-01-1867, tradução minha, grifo do autor em “paguei”).

O ensaísta, romancista e dramaturgo francês Honoré de Balzac também concordou de antemão com o Poetinha, um século antes dele. “Tendes o estofó de três poetas; mas, antes de haver manifestado, tendes seis vezes o tempo de morrer de fome, se contaís com os produtos de vossa poesia para viver”⁹⁶ (PRUVOST, 2008, p.433). Modigliani viveu o desafio da miséria. Picasso, quando já célebre, pagou contas com desenhos. De minha parte, a primeira

⁹⁵ *Nous sommes des ouvriers de luxe. Or, personne n'est assez riche pour nous payer. Quand on veut gagner de l'argent avec sa plume, il faut faire du journalisme, du feuilleton ou du théâtre. La Bovary m'a rapporté... 300 francs, que j'AI PAYÉS, et je n'en toucherai jamais un centime. J'arrive actuellement à pouvoir payer mon papier, mais non les courses, les voyages et les livres que mon travail me demande ; et, au fond, je trouve cela bien (ou je fais semblant de le trouver bien), car je ne vois pas le rapport qu'il y a entre une pièce de cinq francs et une idée. Il faut aimer l'Art pour l'Art lui-même ; autrement, le moindre métier vaut mieux.*

⁹⁶ *Vous avez l'étoffe de trois poètes; mais, avant d'avoir percé, vous avez six fois le temps de mourir de faim, si vous comptez sur les produits de votre poésie pour vivre.*

descoberta acerca de mim – de minha natureza, de minha identidade – foi que sou poeta. Menino, fazia poemas que me faziam. Cedo compreendi entretanto que seria difícil, não, impossível viver de rimas e versos brancos, de métrica e versos livres, de sonetos ainda que com versos alexandrinos. Foi então que busquei o caminho das Letras (queira ver 2.1).

Mas, enfim, como se chega a ser poeta? Diria Jacques Prévert que não é de propósito. Esse artista francês, poeta e roteirista de cinema, que teve vários poemas musicados e gravados, fazia poesia com palavras simples, o que encanta(va) uns e desgosta(va) outros. Em um trecho do programa televisivo *Le Sel de la Semaine* (O Sal da Semana), de 21 de junho de 1966, critica tanto a visão de grandeza quanto a de pequenez que se tem em torno da figura de um poeta, tantas vezes visto como um mero sonhador, segundo ele.

A poesia está por toda parte (...) um pouco em qualquer lugar, e não especialmente escrita. (...) As pessoas gostam de uma certa poesia ou não e lhe dizem: “O senhor é um poeta popular, o senhor é um grande poeta ou um pequeno poeta”. É sempre a grandeza! A grandeza, a grandeza, a grandeza... (...) Então isso não me interessa muito. Não foi de propósito que eu fiz poemas. Um diz: “É um poeta”. O outro diz: “Não é um poeta”. O que espera que isso me cause? (trecho do programa *Le Sel de la Semaine* de 21 de junho de 1966, no disco 3 de Inventaire Jacques Prévert : chansons, poèmes & vidéo, PRÉVERT, 2007)⁹⁷.

De fato, não foi de propósito que comecei a fazer versos, mas por um imperativo interior, por um chamado da poesia, por precisar das palavras para ser. Porém cabe confessar que, uma vez me dando paulatinamente conta disso (como relatei antes, em um primeiro momento com a redação afixada pela professora no flanelógrafo da entrada do colégio, em seguida com o poema que me fez ganhar a primeira máquina de escrever, depois com o abraço da Graça me estimulando a publicar e com o convite da Izaíra para subir ao palco), busquei ler e escrever com o interesse de aprender mais sobre poética: ritmo, metrificacão... Busquei conhecer meu ofício no convívio com meus pares, ao vivo no caso de alguns, através dos livros na maioria dos casos. Esse percurso de experiências formadoras é subjetivo e individual pela própria natureza da poesia e dos poetas. Ah, se houvesse regras, manuais, guias, como seria seguro – e pobre e desinteressante. Henry Suhamy (1988, p.36) cita um trecho de um ensaio de Maiakovski intitulado *Como fazer versos*, publicado em seu livro *Vers et proses choisis* (Versos e prosas escolhidos): “Repito novamente e de maneira categórica: não dou nenhuma regra que faça de um homem um poeta, que faça com que um homem se

⁹⁷ *La poésie est partout (...), un peu n'importe où, et pas spécialement écrite. (...) Les gens aiment telle poésie ou pas et on vous dit : vous êtes poète populaire, vous êtes grand poète ou petit poète. C'est toujours la grandeur ! La grandeur, la grandeur, la grandeur... Alors ça ne m'intéresse pas beaucoup. Je n'ai pas fait exprès de faire des poèmes. L'un dit : C'est un poète. L'autre dit : Ce n'est pas un poète. Qu'est-ce que vous voulez que ça me fasse ?*

ponha a fazer versos. Tais regras não existem. É justamente o homem que cria regras poéticas que é chamado poeta”.

Ao longo destas folhas escritas, tenho procurado inventar ampulheta e bússola que me orientem no tempo e espaço poéticos, em busca de ler e reescrever as experiências afetivas formadoras de mim. E, por pouco ou arriscado que seja, tenho procurado expor a sincera expressão de mim mesmo, com o intuito de ir do singular ao plural neste percurso de encontro comigo e com o outro. No livro *Poesia comprometida com a minha e a tua vida*, o bardo do Amazonas, Thiago de Mello bem diz:

Para os que virão

Como sei pouco, e sou pouco,
faço o pouco que me cabe
me dando inteiro.
Sabendo que não vou ver
o homem que quero ser.

Já sofri o suficiente
para não enganar a ninguém:
principalmente aos que sofrem
na própria vida, a garra
da opressão, e nem sabem.

Não, não tenho o sol escondido
no meu bolso de palavras.
Sou simplesmente um homem
para quem já a primeira
e desolada pessoa
do singular – foi deixando,
devagar, sofredamente,
de ser, para transformar-se
– muito mais sofredamente –
na primeira e profunda pessoa
do plural.

Não importa que doa: é tempo
de avançar de mão dada
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar
o verbo amar.

É tempo sobretudo
de deixar de ser apenas
a solitária vanguarda
de nós mesmos.
Se trata de ir ao encontro.
(Dura no peito, arde a límpida
verdade dos nossos erros.)
Se trata de abrir o rumo.

Os que virão, serão povo,
e saber serão, lutando.

(MELLO, 1986, p.11)

6 PARA CONTEMPLAR O CAMINHO OU O CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO

Caminhante, são tuas pegadas
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se o caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar para trás,
vê-se a trilha que jamais
há de se tornar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
apenas sulcos no mar.

Antonio Machado (tradução minha)⁹⁸

A abordagem (auto)biográfica requer constantemente teoria e metodologia amalgamadas. A teoria é a contemplação do que se busca, ou melhor, é a maneira como a gente contempla esta procura. A metodologia é caminhar, é como se faz para buscar. De minha parte, caminho contemplando a paisagem que o caminhar vai desenhando.

No primeiro tópico deste capítulo, apresento a concepção espinosiana de afetividade conforme Sawaia (2000) e Damásio (2004). Em seguida, no segundo tópico, discorro sobre Histórias de Vida e Formação, pautado em Josso (1991, 2004), Pineau (1993) e sobretudo Lani-Bayle (1997, 2006, 2008), bem como na Carta ética da Associação Internacional de Histórias de Vida e Formação e Pesquisa Biográfica em Educação (2002).

6.1 Afetividade: as Emoções e os Sentimentos – o coração do percurso de formação

Por mais que me procure, antes de tudo ser feito,
eu era amor. Só isso encontro.

Cecília Meireles (1987, p.223)

Espinosa designava como afetos: as pulsões e as motivações, as emoções e os sentimentos humanos. A alegria e a tristeza são dois conceitos essenciais em sua busca de compreender os seres humanos e sugerir caminhos para a vida ser mais bem vivida. Para Damásio (2004) e Sawaia (2000), em Espinosa inspirados, a afetividade humana concerne todos os sentimentos e todas as emoções. Segundo Damásio (2004), não há dicotomia entre

⁹⁸ Caminante, son tus huellas / el camino, y nada más; / caminante, no hay camino, / se hace camino al andar. / Al andar se hace camino, / y al volver la vista atrás / se ve la senda que nunca / se ha de volver a pisar. / Caminante, no hay camino, / sino estelas en la mar.

razão e afetividade. De acordo com Sawaia (2000, p.2), a afetividade é “a tonalidade, a cor emocional que marca a existência do ser humano e é vivida como emoções e sentimentos”.

Para este estudo, a afetividade é definida como todos os sentimentos e emoções que constituem um aspecto essencial da natureza humana e que marcam nossa vida.

Destaco que a concepção aqui adotada difere do que o senso comum entende como afetividade, quando associa o termo tão somente a “ser afetuoso”, “ser afetivo”, “sentir afeição/afeto”. Esclareço que a amizade ou o amor que se tem por alguém ou o amor que tenho pela poesia e pelo rádio são alguns dos sentimentos contemplados neste estudo, têm nele destaque, embora a eles não se restrinja. A esse respeito, para Espinosa, “o nosso bem resulta especialmente da amizade que nos liga a outros seres humanos e às vantagens que assim resultam para a sociedade” (Espinosa apud Damásio, 2004, p.185).

Com esta consideração teria concordado um outro grande sábio, que o precedeu, o mestre Epicuro, o pensador que em seu jardim compartilhava o prazer de filosofar e de cultivar amizade: “De todos os bens que a sabedoria proporciona ao homem para torná-lo feliz, não existe um maior que a amizade. É nela que o homem, limitado como é por sua natureza, encontra a certeza e o seu apoio” (ÉPICURE, 2000, p.82, tradução minha)⁹⁹. Seu pensamento me faz pensar no *conatus* proposto por Espinosa, quando Epicuro aponta que o homem busca o prazer e se afasta da dor. A propósito, a meu ver, têm-se confundido com um hedonismo extremo o que preconiza a sabedoria de Epicuro, algo de que preciso discordar (a exemplo de outros que me precederam), uma vez que esse sábio tão benquisto pelos seus discípulos/amigos – além de valorizar a filosofia, a liberdade, a amizade e a arte como os deleites mais altos e o caminho da felicidade – não propõe uma entrega desregrada aos prazeres, mas degustá-los de maneira moderada em busca da tranquilidade e de uma vida simples, o que outras palavras suas bem mostram: “A quem o pouco não basta, nada basta”¹⁰⁰ e “Nada é bastante ao homem para quem tudo é demasiado pouco”¹⁰¹. Quanto ao cuidado com o bem-estar do outro, também considerado por Espinosa, Epicuro diz: “O prazer de fazer o bem, é maior do que recebê-lo”.

A afetividade não é devidamente considerada na formação humana. Poderia citar como exemplo o contexto de formação de professores de línguas estrangeiras, em que pude verificar, no caso dos cursos de Letras da UFC e da UECE, que somente o aspecto cognitivo é contemplado: o domínio do idioma, de conceitos pedagógicos e de abordagens didáticas, o

⁹⁹ *De tous les biens que la sagesse procure à l'homme pour le rendre heureux, il n'en est point de plus grand que l'amitié. C'est en elle que l'homme, borné comme il l'est par sa nature, trouve la sûreté et son appui.*

¹⁰⁰ *Celui qui ne sait pas se contenter de peu ne sera jamais content de rien.*

¹⁰¹ *Rien ne peut suffire à celui qui considère comme étant peu de chose ce qui est suffisant.*

que é indiscutivelmente imprescindível, mas não considera o que sentem os estudantes (CASTRO, 2002). O que é feito da vergonha de falar e da alegria de conseguir se expressar? O que é feito do medo de errar e da admiração que se sente pelas línguas ou culturas estudadas? O mesmo penso ocorrer em outros campos da formação humana. A dimensão cognitiva é priorizada: esta é indispensável, mas não alcança a dimensão subjetiva e afetiva dos estudantes e seus formadores. Paulo Freire diz que é preciso abandonar a separação entre a docência e a afetividade: “Ensinar exige querer bem aos educandos (...) Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos (...) A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (FREIRE, 2007, p.141). Conforme Karla Patrícia Martins Ferreira,

Essa percepção está de acordo com a perspectiva de educação dialógica de Paulo Freire, segundo a qual devemos estar atentos à complexidade humana, à não dicotomia entre o afetivo e o cognitivo. Freire (1997) defendia a importância de compreendermos o humano em sua unicidade, sem separar o cognitivo do emocional e sem apartá-lo do contexto histórico e social no qual se encontra. Apresentava uma postura amorosa nas relações, defendendo que, para falar de amor em educação, precisamos de coragem! (FERREIRA, 2011, p.84)

Dizia o poeta Horácio: “Aquele que começou está na metade da obra: ouse saber!”¹⁰² *Sapere aude*: com essas palavras nos exorta Kant. Além de ousar saber, digo eu que é imprescindível ousar sentir. Justamente com coragem, afirma Paulo Freire:

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anti-científico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional (FREIRE, 1997, p.8).

Se, por um lado, a afetividade não é devidamente considerada na formação humana, por outro, é preciso ser cauteloso e assumir uma atitude crítica para realizar um estudo sobre o assunto. Sawaia (2000) adverte claramente sobre os riscos de estudar os temas que estão na moda. A autora critica a exploração das emoções e dos sentimentos, ou seja, a utilização distorcida dos afetos e dos estudos a respeito deles: “O que está ocorrendo não é o interesse por uma dimensão humana, até então abafada pelo triunfo da razão iluminista, mas a exploração da emoção e sua subordinação aos interesses, exclusivamente, econômicos. O que

¹⁰² *Dimidium facti qui coepit habet: sapere aude* (HORÁCIO, livro 1, carta 2, verso 40).

não é novidade” (Sawaia, 2000, p.8). A autora cita como exemplos desse uso torpe dos afetos, a manipulação da felicidade como compensação e a ênfase no amor como justificativa de qualquer desejo banal.

Sawaia aprofunda essa reflexão, o que me inspira nesta busca crítica de minha formação como poeta que é radialista e educador, em que considero os afetos nesse percurso envolvidos.

A gestão pós-moderna descobriu a chamada inteligência emocional. Peritos em afetividade criam conhecimentos, receituários e tecnologias de rápida aplicação para manipular e regular sentimentos. Cursos para empresários sensíveis e estressados surgem com velocidade espantosa, ensinando que o chefe emocionalmente inteligente evita atritos pessoais e passa aos trabalhadores a sensação de que são amados e reconhecidos, ao que se pode completar, embora mal remunerados. Nesses cursos, emoções ditas femininas e, portanto, circunscritas à esfera privada são carregadas para fins capitalistas e transformadas em fórmula de sucesso como as expressões, atualmente, corriqueiras nos setores de recursos humanos “dedicação afetiva”, “trabalho amoroso”, “sensibilidade feminina” (SAWAIA, 2000, p.09).

A mim apraz relacionar o que dizem artistas e cientistas. No cancionário cearense, uma música de Ednardo (1977) faz a mesma denúncia – e cita, além da manipulação dos afetos, o tempo, que interessa na abordagem intergeracional de Histórias de Vida (LANI-BAYLE, 1997, 2008).

Receita da Felicidade

Ultimamente ando às vezes preocupado
Vendo a cara tão risonha das crianças
Nas fotos dos anúncios
Nos cartazes das paredes
Dando ideia que algo vai acontecer
É receita certa pra sensibilizar
Pra esconder, pra mentir ou pra vender
Veja as caras tão risonhas
Tão lindinhas, tão risonhas
Nos jornais, nas paredes, nas tevês

Eu não gosto destes dedos que me apontam
Eu não gosto destas frases que me dizem:
“O futuro deles está nas suas mãos...”
Pois é, seu Zé, sei não!

Não me esqueço que algum dia fui risonho
Co'a carinha bonitinha pra valer
Quem guardou o meu futuro?
Quem guardou o meu futuro?
Quem guardou o meu futuro – me dê!

(EDNARDO, 1977)

A partir da contribuição de Sawaia (2000), penso que é necessário os pesquisadores que estudam a afetividade se oporem às formulas feitas, do tipo “o importante é ser feliz”,

“tudo por amor”, colocando questões contra-hegemônicas, isto quer dizer que “não podemos nos iludir com a ênfase no sujeito autônomo e feliz” (SAWAIA, 2000, p.10). Em consonância com a autora, penso que as pesquisas sobre afetividade devem se fazer “na contramão da ênfase em seu caráter de negatividade, de anomia inquietante que perturba a razão e, portanto, de variável a ser controlada” (SAWAIA, 2000, p.13). As investigações científicas reafirmam sua importância na vida humana, mas no meu entender devem contradizer essas duas visões: a que sugere que a afetividade conturba a razão, mas também a que a apresenta como uma solução extraordinária para a busca humana, como um paliativo ou uma panaceia em uma sociedade que exclui uns e desumaniza os outros, o que remete à compreensão de afetividade que tem o senso comum, antes citada. Ver assim é distorcer e explorar tortuosamente a afetividade. Não basta estudar as emoções e sentimentos, é mister ir além da dicotomia razão/afetividade com uma postura crítica sobre o tema.

Repito os termos porque ecoar neste caso é necessário: a *distorção* e a *exploração* da afetividade é de tal sorte que, embora seja de fato essencial ser feliz e amar o que se faz, dizer isso tornou-se complicado diante do uso dessas mesmas essências para dissipar o que elas dizem. Reafirmo, entretanto, que considero que o amor ao que faço foi e é essencial entre as experiências afetivas (trans)formadoras que me fazem quem sou.

Sawaia (2000, p.4-5) reconhece diversos avanços das Ciências Humanas, mas aponta que “estas conquistas não foram ainda capazes de provocar uma revolução na ontologia e na epistemologia cindidora do sujeito em subjetividade e objetividade”. O objetivo do trabalho de Sawaia (2000, p.2) é, adotando a afetividade como ponto de observação e a ética como farol, “colaborar com a compreensão do processo de reprodução da desigualdade social e da dominação para aprimorar a práxis emancipadora” a fim de chegar a uma síntese dialética que supere a oposição entre objetividade e subjetividade. Central em sua busca é o sujeito em sua relação com a sociedade, em que ela aponta, de um lado, a submissão a forças escravizadoras e, de outro, a resistência com que o sujeito procura recusar o que dele quiseram fazer. Isso condiz com o que diz Josso (2004, p.58-59) a respeito do intuito do trabalho com Histórias de Vida e Formação: “transformar a vida socioculturalmente programada em obra inédita a construir”. Também está em consonância com que Lani-Bayle (2006, p.36; 2008, p.303), inspirada em Sartre, indica como o percurso para se fazer pesquisa autobiográfica: considerar os fatos primeiramente, analisar o que os fatos causam ao sujeito para chegar ao que ele, o sujeito, faz do que esses fatos lhe causam.

Sawaia (2000, p.5) considera que “a afetividade é perigosa porque está associada à individualidade, à criatividade e ao incontrolável”, daí porque tantos outros autores a colocam

como algo a ser controlado. Para Sawaia, entretanto, a afetividade é uma dimensão essencial da ação transformadora,

(...) um ponto onde se cruzam todos os outros, um ponto de transmutação do social e do psicológico, que permite, nas análises das questões sociais, pensar o homem “a priori”, sem negar sua condição sociohistórica ou enaltecer o voluntarismo e o livre arbítrio. Uma categoria com potencialidade transdisciplinar, que não precisa recorrer a colas gramaticais para designar ao mesmo tempo objetividade/subjetividade, mente e corpo, razão e emoção como, por exemplo, a palavra grega *To Kalón* que significa simultaneamente a beleza e a virtude (SAWAIA, 2000, p.6).

O fato é que o sistema excludente da sociedade capitalista, de maneira perversamente inteligente, absorve os conceitos e propostas revolucionários para os “digerir” e transformar a fim de os devolver para o consumo geral de tal maneira que uma vez mais o legitimem. A exploração da afetividade com fins econômicos, denunciada anteriormente, se estende a outros âmbitos, como nos discursos e estudos sobre a paz, o meio ambiente e – o que me interessa mais vivamente – as pessoas com deficiência. Está igualmente na moda tudo isso, o que faz opressores acusarem lideranças políticas e categorias profissionais de perturbarem a paz ao exercerem seu direito de greve, o que faz empresas e governos criminosos apresentarem como grandes avanços ambientais iniciativas em verdade prejudiciais para o meio ambiente, o que faz diversas instituições e vários dirigentes ostentarem uma suposta inclusão das pessoas com deficiência enquanto constroem rampas inadequadas, de fachada, ou as contratam para cargos inexpressivos, tão somente para atender à exigência legal¹⁰³, como no caso dos surdos que atuam como empacotadores em supermercados.

Enfim, o perigo de se trabalhar com conceitos em moda é que eles podem ser devorados pela lógica do lucro que não distingue ideias, técnicas e pessoas, de tal forma que a intenção em defender a individualidade, a comunidade e a responsabilidade de cada um acaba se tornando argumento legitimador da proposta neoliberal de transferir as políticas públicas às mãos da sociedade civil, convencendo-a de que não se deve esperar que o Estado resolva os problemas sociais sozinho (SAWAIA, 2000, p.8).

Por isso, conforme dito antes, concordo com a autora que é uma ilusão nos contentarmos com o destaque no sujeito autônomo e feliz – e que as pesquisas sobre afetividade devem se contrapor à perspectiva negativa que dela se faz, como perturbadora da razão e variável que teria de ser controlada. Isso leva Sawaia (2000, p.14) a optar por “rotular a afetividade de ético-política para reforçar seu caráter de categoria analítico-valorativa”. A

¹⁰³ O artigo 93 da Lei de Cotas (Lei nº 8.213/91) determina que as empresas que têm de 100 a 200 funcionários devem reservar 2% de suas vagas para pessoas com deficiência; de 201 a 500, 3%; entre 501 e mil empregados, 4%; com 1.001 ou mais, devem manter 5%.

intenção de unir o afeto à ética somente é possível em uma ontologia que supere as concepções cindidas; essa ontologia, de acordo com ela, nos é proposta por Espinosa. A autora diz que ele foi o derradeiro filósofo que pensou o homem *a priori*, sem se preocupar com a origem da sociedade, propondo, ao invés da renúncia, o desejo de ser feliz, e ao invés do contrato social, o consenso. Ele construiu uma teoria que conduz à compreensão de problemas políticos, realçando a dimensão interior na libertação humana, questionando o livre arbítrio e sem descambar para o solipsismo. “Por afeto, ele entende as afecções do corpo pelas quais a potência de agir é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afecções na mente” (SAWAIA, 2000, p.15). A autora esclarece que potência de ação “é a capacidade de ser afetado e afetar o outro num processo de possibilidades infinitas de composição da vida. (...) É a unidade do corpo e da mente configurando uma força que vem da alegria de saber-se causa de meus afetos e senhor de minhas percepções e ações” (SAWAIA, 2000, p.19).

Espinosa afirma que desejamos o que é bom e que o bom é imanente por ser comandado pelo desejo de ser feliz, o que leva o homem a valorizar o que o contenta, por aumentar seu poder de afetar os outros e de ser afetado no *conatus*, esforço inerente a todo ser vivo de se preservar e de buscar, além da sobrevivência, o bem-estar. O sábio busca conviver com seus afetos, não viver sem eles. E, para o filósofo de Amsterdam, somente um afeto à razão amalgamado pode com outro afeto, não cabendo à razão isoladamente controlá-los. “É impulsionado pelos afetos e pelas paixões que o julgamento pode decidir que um determinado comportamento corresponde ao bem e que determinada ação deve ser evitada” (ESPINOSA na parte IV de Ética apud SAWAIA, 2000, p.16). Segundo ele, há dois tipos de salvação da escravidão: a do ignorante, pela obediência, e a do sábio, pelo conhecimento. A primeira é mediada pela religião e pelo Estado, a outra por meio da “razão livre, da alegria de pensar sem submissão a qualquer poder constituído e pela decisão de afastar tudo quanto nos causa medo e tristeza. Dessa forma, Espinosa relaciona autonomia e alegria de viver, intelecto e afeto, físico e psíquico” (CHAUÍ, 1995, p.12). A voz da poesia responde, com a simplicidade de Cecília, cujo nome quer dizer “simples”.

Liberdade – essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!

(MEIRELES, 1987, p.452)

No pensamento espinosiano, a salvação é destinada a poucos, interior e pessoal, alcançada pela força do sujeito que é a força do amor intelectual e que existe somente na relação amorosa com o outro e, plenamente, com Deus tanto afetiva quanto intelectualmente. “Conhecer é saber como agir e o agir adequado é a máxima felicidade” (Espinosa no livro *V da Ética* apud Sawaia, 2000, p.18). O neurocientista Damásio (2004, p.163) afirma que estudos recentes indicam que o uso de estratégias de cooperação social ativam regiões cerebrais associadas à liberação de dopamina e aos comportamentos de prazer, o que confirma o pensamento de Espinosa: “a virtude é a sua própria recompensa”. Mais adiante, Damásio (2004, p.188), inspirado nas palavras do sábio, volta ao ponto, dizendo que Espinosa considera que a felicidade é a capacidade que temos de nos libertarmos das emoções negativas e da tirania: “A felicidade não é uma recompensa da virtude: a felicidade é a virtude em si mesma”. Esse autor revela ainda que guardara anos uma citação do filósofo que o inspirou a regressar aos estudos de sua obra no livro *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*: “O primeiro fundamento da virtude é o esforço (*conatum*) de preservar o *self* individual, e a felicidade consiste na capacidade humana de preservar o *self*”¹⁰⁴ (ESPINOSA apud DAMÁSIO, 2004, p.183).

Conforme Damásio (2004, p. 184), Espinosa faz a transferência de um *self* pessoal para todos os *selves* apoiando-se em fatos biológicos: “A realidade biológica da autopreservação leva à virtude porque, na nossa necessidade irreprimível de nos mantermos a nós mesmos, necessitamos ajudar os outros a se manterem a si mesmos”. Uma vez mais em mim ressoam correspondências literárias na poética prosa deste trecho de José J. Veiga (1972) em *Sombras de Reis Barbudos*: “Todos falam de felicidade, todos buscam a felicidade, mas poucos se preocupam com a felicidade alheia. É um erro porque a felicidade de um depende da felicidade de todos, quando mais não seja pela beleza do espetáculo”. A essas palavras, Espinosa talvez respondesse com uma citação que com gosto repito: “o nosso bem resulta especialmente da amizade que nos liga a outros seres humanos e às vantagens que assim resultam para a sociedade” (ESPINOSA apud DAMÁSIO, 2004, p.185). E Thiago de Mello entraria no diálogo com seus versos.

É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral.
É preciso aprender essa lição todos os dias
e sair pelas ruas cantando e repartindo
a esperança, a mão cristalina, a fronte fraternal.

(MELLO, 2003, p.17)

¹⁰⁴ (...) *virtutis fundamentum esse ip sum conatum proprium esse conservandi, et felicitatem in eo consistere, quod homo suum esse conservare potest.*

Mas cabe aqui tornar ao fundamento primeiro da vida, segundo Espinosa, à luz do estudo damasiano. Segundo o neurocientista, o esforço homeostático tem como finalidade produzir um estado de vida melhor do que neutro, o que chamaríamos de “bem-estar”; esses processos homeostáticos governam a vida, a cada instante, em cada célula humana. Essa busca contínua de um estado de vida equilibrado é definidor em nossa existência. A isso, Espinosa chama a essência fundamental e primeira do nosso viver, “uma realidade que ele descreve como o esforço implacável da autopreservação presente em qualquer ser” (Damásio, 2004, p.43), mesmo nos seres unicelulares, em uma pipeta ou em uma lâmina de microscópio. A esse esforço, o filósofo chama *conatus*, vocábulo latino que pode querer dizer “esforço”, “tendência” ou “tentativa”. Nas palavras de Espinosa citadas por Damásio (2004, p.44), colhidas das proposições VI, VII e VIII da *Ética*, Parte III: “cada coisa, na medida de seu poder, esforça-se por perseverar no seu ser”, “o esforço através do qual cada coisa tende a perseverar no seu ser nada mais é do que a essência dessa coisa”. Para o neurocientista, o *conatus* são as disposições presentes em circuitos cerebrais que levam a buscar, além da sobrevivência, o bem-estar.

Na contramão da potência de ação citada por Sawaia, as pessoas invadidas, por exemplo, pela tristeza, são apartadas de seu *conatus*, de sua tendência natural para a autopreservação. A ela tornando, no fio destas linhas, ela nos recorda que os afetos estão imbricados com consciência, identidade, valores (SAWAIA, 2000).

No medo, condensam-se todos os possíveis perigos, meus e de minha família, presentes, passados, bem como os futuros, sem rosto, que nos angustiam. Passado, presente e futuro transsubstancializam-se nas emoções. As variações revelam que as emoções são biológicas, sociais e situacionais, portanto variam não só historicamente, mas cotidianamente, segundo a posição social das pessoas e a vivência particular de cada uma (SAWAIA, 2000, p.23-24).

O medo e a tristeza marcam o caminho de vários familiares meus. O medo e a raiva marcam meu próprio percurso nesta vida. Aprendi com o tempo o valor de os sentir e o papel que têm. Em seu retorno a Ítaca, Ulisses ensina ao filho a importância de saber ter raiva – onde, quando, contra quem. Damásio (2004, p.47-48) lembra que, ao longo da evolução, o medo e a raiva salvaram numerosas vidas e conosco continuam porque desempenham papel valioso em certas circunstâncias.

O amor e a amizade também marcam o poético caminho meu. Enquanto escrevo pairam em mim recordações, reflexões atuais, conjecturas acerca do futuro. A história de cada

um e sua formação reúnem esses três momentos: outrora, agora e porvir. Espinosa diz que “o homem é afetado pelo mesmo sentimento de alegria e de tristeza pela imagem de uma coisa passada ou futura e por uma imagem de uma coisa presente” (SPINOZA, 1954, parte III, proposição XVIII, tradução minha)¹⁰⁵. Martine Lani-Bayle destaca a relevância da relação intergeracional e temporal na formação e nas narrativas (auto)biográficas. Citei anteriormente o que aqui retomo: “Eu lembro – e nunca o farei o suficiente, rechacem suas estéreis nostalgias – : trata-se de *remontar* o passado, certamente, mas como uma *mola*, para melhor se impulsionar para adiante (LANI-BAYLE, 1997, p.16, tradução minha).

Damásio (2004, p.11) explicita que a relação íntima entre pensar, emocionar-se e sentir não permite estabelecer uma ordem exata entre os três. E nos esclarece que os seres humanos conscientes da relação entre certos objetivos e certos afetos podem esforçar-se, de livre e espontânea vontade, para melhor lidar com o que sentem: “Graças ao controle da nossa interação com os objetos que causam as emoções, conseguimos exercer algum controle sobre o nosso processo de vida e conseguimos levar o nosso organismo a um estado maior de harmonia tal como Espinosa desejava” (DAMÁSIO, 2004, p.60). Ao que ele acrescenta logo adiante: “É isso afinal que fazemos quando escolhemos o que lemos, aonde vamos e de quem somos amigos” (DAMÁSIO, 2004, p.60).

Uma vez mais a literatura estabelece em mim poético diálogo com a ciência. Recordo Daniel Pennac (1992), em sua reflexão sobre a leitura, cujas primeiras linhas dizem: “O verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que ele compartilha com alguns verbos: o verbo “amar”... o verbo “sonhar”... A gente pode sempre tentar, claro. Tentem: “Ame-me!” “Sonhe!” “Leia!” “Leia!” (PENNAC, 1992, p.13)¹⁰⁶.

Decerto, nada nem ninguém nos obriga a amar, ler ou sonhar. Mas lemos, amamos e sonhamos, conforme nossas preferências, nossa história, nossa vida cotidiana, nosso almejado futuro; lemos o mundo antes das palavras e continuamos a ler as palavras (FREIRE, 2008) reescrevendo o mundo. E do que tenho feito, ler e escrever me são imprescindíveis, são para mim vitais; dos afetos que me animam, amar é essencial: “Amar é, finalmente, fazer dádivas de nossas preferências àqueles que nós preferimos. E essas partilhas povoam a invisível cidadela de nossa liberdade. Nós somos habitados por livros e amigos” (Pennac, 1992,

¹⁰⁵ *L’homme est affecté du même sentiment de joie et de tristesse par l’image d’une chose passée ou future et par l’image d’une chose présente.*

¹⁰⁶ *Le verbe lire ne supporte pas l’impératif. Aversion qu’il partage avec quelques autres: le verbe “aimer”... le verbe “rêver”... On peut toujours essayer, bien sûr. Allez-y : “Aime-moi!” “Rêve!” “Lis!” “Lis!”*

p.96)¹⁰⁷. Aqui ecoa a sábia poesia de Cecília Meireles a nos dizer do alimento de nossos sonhos, a liberdade, que ninguém explica, embora todos entendam. Aqui ecoa o pensamento de Espinosa a nos convidar à aventura de vivenciar a decisão de afastar tudo aquilo que em nós desperta medo e tristeza, revelando a unidade entre autonomia e alegria de viver, entre pensar e sentir, entre matéria e espírito e o prazer de pensar sem nos submetemos a nenhum poder constituído: “cada um pense o que quiser e diga o que pense” (ESPINOSA apud DAMÁSIO, 2004, p.24).

Espinosa reconhece que as artes são importantes para a nossa felicidade (Damásio, 2004, p.276) e Damásio aponta que a arte tem, bem como a ciência, relevante papel na “homeostasia social” (Damásio, 2004, p.179) e que a nossa vida deve ser “regulada” (palavra sua), não somente por nossos desejos e sentimentos, mas pelo nosso cuidado com os desejos e sentimentos dos outros. O autor diz ainda da ligação triangular entre certos tipos de música, sentimentos de tristeza e alegria, sensações corporais de arrepio. Espinosa relaciona a essência do *conatus* com a noção de que os danos causados a outros causam danos a si próprio, bem como com a noção de que o bem-estar de cada pessoa tem intrínseca relação com o bem-estar coletivo.

O esforço e a tentativa de viver numa concordância pacífica com outros são uma extensão do esforço e tentativa de preservar o próprio self. Os contratos sociais e políticos são extensões do mandato biológico pessoal. Somos estruturados biologicamente de uma certa forma, inclinados a sobreviver agradavelmente em vez de sobreviver com dor, e dessa necessidade provém uma certa forma de contrato social, e é curioso pensar que a tendência natural da procura da concordância social foi incorporada nas nossas características biológicas, pelo menos em parte, devido ao sucesso evolucionário das populações cujos cérebros aperfeiçoaram comportamentos cooperativos (DAMÁSIO, 2004, p.186).

Ainda conforme o neurocientista, o altruísmo não é uma exclusividade humana, o que ele ilustra com experiências científicas e o que o senso comum facilmente identifica no comportamento dos golfinhos, elefantes, cachorros – além dos primatas. Ele comenta com bom humor que, como se não bastasse Copérnico ter nos dito que não estamos no centro do universo e que Darwin nos tivesse informado nossas origens (segundo ele, “humildes”), descobrimos que mesmo no campo da ética, “temos predecessores e somos descendentes” (Damásio, 2004, p.173), o que há de ser de grande valia para os estudos sobre o princípio e a educação biocêntricos.

¹⁰⁷ *Aimer c'est, finalement, faire don de nos préférences à ceux que nous préférons. Et ces partages peuplent l'invisible citadelle de notre liberté. Nous sommes habités de livres et d'amis.*

“Os sentimentos traduzem o estado da vida na linguagem do espírito” (DAMÁSIO, 2004, p.91). E isso perpassa literalmente cada célula nossa a cada instante: cada célula de um organismo individual é, ela mesma, um organismo individual com data de nascimento, ciclo de vida e momento para a morte, devendo velar pela sua vida e buscando seu bem-estar (DAMÁSIO, 2004, p.139), para mim, conforme a própria sabedoria da natureza. É essa sabedoria da natureza que produz na gente analgesia diante da dor, velocidade diante do perigo, superação de nossas habituais habilidades. Damásio (2004, p.124) cita o exemplo de pessoas que têm costume de falar em público, como os artistas, e que, se vendo obrigados a atuar estando doentes, vivenciaram o surpreendente e súbito desaparecimento de sintomas físicos no instante em que pisam o palco.

A cada vez que este poeta entra no ar ou no palco, vivo a poesia de ser e de me encontrar com o outro, público – presente ou invisível – ouvinte com quem dialogo; a cada vez que enfrento a pálida página a ser escrita, as vozes dos poetas que me formaram fazem em mim coro sutil e essencial que inspira minha própria voz em busca do leitor que haverá de colher as linhas com que fio fragilidade e fortaleza, desafio e beleza de viver.

Eis ao longo destas linhas a tentativa de esclarecer como contemplo a afetividade neste estudo em que procuro meus percursos formadores como poeta, comunicador e educador. A busca de bem-estar e de liberdade, o encontro com o outro animam meu caminhar. A tentativa de conviver bem com os afetos me inspira e me faz escrever. Eu tenho sentimentos e emoções muito intensos, muito fortes. A sensibilidade minha é à flor da pele. Eu, como disse, quando algo desperta alegria, faço um poema. Quando enfrento uma tristeza, faço um poema. Quando tenho raiva, faço um poema. Quando sinto amor, faço um poema.

Muito além dos poemas escritos, para mim, a poesia está em tudo: em todas as artes, o que é evidente, mas também em todos os momentos, em todos os lugares, em todas as emoções e em todos os sentimentos. Existe poesia na música, na dança, nas artes plásticas, os artistas bem sabem. Existe igualmente poesia no pôr-do-sol, na aurora, no luar, nos animais, nas plantas, na chuva, no mar... nas pessoas, em cada pessoa. Existe também poesia nos momentos de desafio, de luto, de doença, de dor em que a gente tem de se recriar. Assim como os poemas tocam todos os temas, a vida faz poesia a cada instante de dor e deleite, de formação e transformação. Cada gesto humano (de beleza) tem poesia. A poesia é um caminho de autoconhecimento e o autoconhecimento é um caminho poético.

Neste estradar, o amor me conduz a cada passo, o amor me faz alado, ensaiar os voos de um albatroz. O amor me dá voz. Minha formação espiritual decerto consolidou a presença do amor com que meus pais me geraram e criaram; encontro agora nos estudos espinosianos a

presença primordial do amor, embora de outra maneira definido. Para meus pais, cristãos católicos, essencial é o amor a Deus e ao próximo, de acordo com os ensinamentos e o exemplo de Jesus. Parece-me incontornável abordar a questão aqui.

O sistema de Espinosa inclui Deus, mas não um Deus providente concebido à imagem dos homens. Deus é a origem de tudo que está perante nossos sentidos, uma substância sem causa, eterna, e com atributos infinitos. Mas Deus é também tudo quanto há. Deus é a natureza, e a sua manifestação mais evidente são as suas criaturas vivas. Essas ideias são expressas num espinosismo bem conhecido, a expressão *Deus sive Natura – Deus ou Natureza*. Deus não se revelou aos seres humanos da maneira apresentada na Bíblia. Não é possível rezar ou suplicar ao Deus de Espinosa. Não há que ter medo desse Deus porque ele não distribui castigos. Nem há que fazer nenhum esforço para dele obter recompensas porque também não distribui recompensas. A única coisa a temer é o nosso próprio comportamento. Quando somos menos amáveis para os outros, punimo-nos a nós próprios, nesse exato momento, e negamo-nos a oportunidade de atingir a paz interior e a felicidade, nesse exato momento. Quando amamos os outros, temos uma boa probabilidade de atingir a paz interior e a felicidade, nesse exato momento. Nesse sistema, as nossas ações não devem visar o agrado de Deus, mas sim conformar-se com a natureza de Deus. Quando agimos de acordo com a natureza de Deus, produzimos felicidade e produzimos uma espécie de salvação. *Agora* (DAMÁSIO, 2004, p.286, grifo do autor).

A concepção do sábio filósofo me faz recordar de pronto a perspectiva do Taoísmo, que questiona: se Deus é justo, infinitamente justo, porque atenderia as preces de uns e não de outros, ou melhor, por que velaria por quem ora mais do que por quem não crê? Espinosa nos fala do *amor intellectualis Dei*: o amor “intelectual” a Deus. Percebe-se a influência cristã em sua perspectiva, conforme Damásio (2004).

No sistema de Espinosa, o *amor intellectualis Dei* só pode florescer num indivíduo que se comporte de acordo com o exemplo de Cristo, incondicionalmente respeitador e amante do outro, cheio de caridade para com todos, modesto na sua aparência, consciente da condição transitória do indivíduo relativamente à escala do universo. Espinosa passou ao lado da cristandade, mas incorporou a ideia de Cristo no seu sistema (DAMÁSIO, 2004, p.335).

Relevante me parece destacar o seguinte: “Espinosa não tinha fé num Deus providente ou na vida eterna, mas nunca fez pouco da fé dos outros. Com efeito, Espinosa foi extremamente cuidadoso com a fé daqueles que tinham pouca educação. As suas discussões sobre religião confinavam-se aos colegas intelectuais” (DAMÁSIO, 2004, p.334). Fico inclinado a recordar o que significam as palavras “poeta” e “poesia”. “Poeta” quer dizer “aquele que cria” e “poesia” quer dizer “criação”. Quisera poder dizer a Espinosa que, para mim, Deus é o Poeta Maior. Se eu tivesse a chance de dizer a Espinosa que, para mim, Deus é o Poeta Maior, certamente ele respeitaria minha opinião. E talvez fizesse, acerca do que penso e sinto, alguma consideração bem sua, que a esta tese incorporaria.

Embora em concepções distintas, o amor tudo perpassa, da poesia de Drummond à biologia de Maturana (2005), sem esquecer a amorosidade de Freire (2007, p.141), que preconiza que querer bem aos educandos é necessário para educar. Como disse anteriormente (ver 2.2.1), não pode haver amor se não for compartilhado, se não for dado de graça. Goethe admirava isso na obra espinosiana: a ideia essencial de dar amor sem pedir para ser amado (DAMÁSIO, 2004, p.288). Retomo versos de Drummond, em *As Sem-Razões do Amor*, desta feita com o poema completo:

Eu te amo porque te amo.
 Não precisas ser amante,
 E nem sempre sabes sê-lo.
 Eu te amo porque te amo.
 Amor é estado de graça
 E com amor não se paga.

Amor é dado de graça
 É semeado no vento,
 Na cachoeira, no eclipse.
 Amor foge a dicionários
 E a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
 Bastante ou demais a mim.
 Porque amor não se troca,
 Não se conjuga nem se ama.
 Porque amor é amor a nada,
 Feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
 E da morte vencedor,
 Por mais que o matem (e matam)
 A cada instante de amor.

(DRUMMOND)

O poeta mineiro fala aqui do amor entre os amantes. Essencial. Não concordo com tudo que diz, mas isso é irrelevante. Também não concordo com tudo que dizem outros autores aqui citados. De mim mesmo posso vir a discordar à medida que o tempo passa. Não acredito que a gente ame porque não ama “bastante ou demais” a si mesmo. Penso que o amor próprio é condição *sine qua non* para amar o outro, como irmão ou como amante, como parente ou como amigo. Mas o que quis nos versos destacar foi o mais: que a gente ama verdadeiramente quando ama independente do que sente o outro; o amor não é uma troca, embora se faça na interação e no convívio humanos; e que é equivocado crer no provérbio “amor com amor se paga”. O imensurável é também inefável, ao fim de contas; do amor

poderia dizer o que diz do Tao o sábio taoísta Lao-Tsé quando afirma no primeiríssimo verso do Tao Te King que aquele de que se fala não é o verdadeiro Tao:

O Tao que buscamos perceber não é o próprio Tao;
o nome que lhe queremos dar não é o seu nome adequado.¹⁰⁸

(LAO-TSEU, 1967, p.11, tradução minha)

O biólogo chileno Humberto Maturana (2005, p.23) afirma categoricamente: “A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Sei que o que digo pode chocar, mas insisto, é o amor. Não estou falando com base no cristianismo”. Ele aprofunda a questão.

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto.

Num sentido estrito, nós seres humanos nos originamos no amor e somos dependentes dele. Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: os seres humanos somos filhos do amor.

Na verdade, eu diria que 99% das enfermidades humanas têm a ver com a negação do amor. Não estou falando como cristão – não me importa o que tenha dito o Papa, não estou repetindo o que ele disse. Estou falando com base na biologia (MATURANA, 2005, p.25).

Quer adotemos a perspectiva filosófica de Espinosa, quer escolhamos a abordagem biológica ou neurocientífica de Maturana ou Damásio, quer enveredemos pela concepção psicológica de Sawaia, quer nos inspiremos nos poetas, quer aceitemos a interpretação cristã, o amor é soberano; o ser humano é um ser amoroso.

Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

(MELLO, *Os estatutos do homem*, 2003, p.27)

A poesia, minha companhia, é minha estrela guia. Drummond diria...

¹⁰⁸ *Le Tao qu'on tente de saisir n'est pas le Tao lui-même ;
le nom qu'on veut lui Donner n'est pas son nom adéquat.*

Amar

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma infinita ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na secura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

(DRUMMOND, 1977, p.247)

Sentir vem por si – ousar dizer do que sinto, eu preciso. E nesta tese. Preciso ousar falar de amor sem temer que isso seja considerado piegas ou anticientífico, quero fazer ecoar a freireana lição (anteriormente citada) de que aprendemos com o corpo, com os sentimentos, com as emoções e com a razão, mas jamais com esta isoladamente (FREIRE, 1997, p. 08). Melhor que eu, do amor diria Horácio Dídimo (1991):

O Amor

O amor é mesmo um dom inestimável,
ou talvez seja um sonho indestrutível;
não há mal que não seja reparável,
não há bem que não seja irresistível.

Nossa vida é, contudo, imprevisível,
o clamor da justiça, inadiável,
o espaço da esperança, indivisível,
o horizonte da fé, inabalável.

A dor que não desiste é invisível,
o momento da flor é imutável,
a cantiga do sapo, intraduzível.

Sei que o torturador é implacável,
mas além das fronteiras do impossível
o amor é como um sol interminável.

(DÍDIMO, 1991, p.9)

6.2 Histórias de Vida e Formação: sobre uma narrativa autobiográfica poética

J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans.
Eu tenho mais recordações do que se tivesse mil anos.

Baudelaire

Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe;
mas principal quero contar é o que eu não sei se sei,
e que pode ser que o senhor saiba.

João Guimarães Rosa

A abordagem Histórias de Vida e Formação (HIVIF) abre campo de vastidão em pesquisa e (auto)formação, em que esta narrativa autobiográfica se torna possível e revela o que fui, transforma o que sou, bem como me deixa entrever o que sou capaz de vir a ser. Do encontro entre o outrora, o agora e o porvir se tecem os relatos de si neste âmbito de estudos. Há que ousar saber de si – e ousar se sentir. Rememoro o que dizia o poeta Píndaro: “o dia precedente é o mestre do dia seguinte” – e a ponte entre os dois se faz hoje. Este percurso de pesquisa meu precisa de fazer poética esta narrativa autobiográfica. Recordo uma vez mais que, durante o mestrado, a orientadora, Sofia Lerche, disse que o mais difícil fora levarmos este poeta a adotar a postura de um pesquisador. Quando conseguimos, o poeta desaparecera; camuflara-se minha escrita poética nas linhas de um texto seco, direto e preciso, cartesianamente articulado e deveras objetivo. *Merci, Monsieur Descartes!* Essencial em minha formação, aquela aprendizagem me fez procurar transcender os lineares caminhos e encontrar a abordagem que ora e doravante adoto, o que faço assumindo conscientemente o risco de procurar contribuir com uma prosa poética e com versos que vivem em mim para “a dimensão ‘estética’ da formação-pesquisa-intervenção em história de vida”, citada na Carta ética da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação e Pesquisa Biográfica em Educação (Carta da ASIHVIF, 2002, item 5: *Ouvertures/Aberturas*, tradução minha, queira ver o original nos anexos).

A Carta da ASIHVIF enuncia princípios que orientam os pesquisadores, sem ser um instrumento de normalização das práticas adotadas por eles: “Trata-se de uma abordagem que

coloca no centro o sujeito narrador, na qualidade daquele que define seu objeto de busca e desenvolve um projeto de compreensão de si por si e pela mediação de outro” (Carta da ASIHVIF, 2002, item 2.1, tradução minha). A emancipação pessoal e social do sujeito é visada. De acordo com o documento, “emancipação” é compreendida como a ação que tende a substituir uma relação de submissão com os outros por uma relação de igualdade. A partir de seu percurso de vida, o sujeito dispõe dos meios para uma tomada de consciência crítica e reflexiva, com vistas a se colocar como ator – eu diria “autor” – social em um projeto de ação mais lúcido e pertinente (Carta da ASIHVIF, 2002, item 2.2). A ASIHVIF recusa a cisão entre teoria e prática. Ela aponta uma relação dialética em que as teorias interrogam as práticas e vice-versa. Ela espera que dessa postura nasça uma renovação simultânea no campo de pesquisa, formação e intervenção e no campo da teorização, especialmente na formação de adultos (Carta da ASIHIF, 2002, item 2.5).

A relação entre o que pensamos e sentimos é essencial em um estudo autobiográfico: “A razão decifra o enigma, o coração participa do mistério” (HAGUETTE, 1995, p.29). Martine Lani-Bayle, cientista e escritora, autora de obras fundamentais no campo da pesquisa em Histórias de Vida e Formação, publicou também romances. Talvez por ser também ficcionista, sua escrita seja tão fluida e seu convite à busca tão amplo. Com afetividade e cognição em harmonia: assim sugere ela que se componham os textos acadêmicos. “Nenhum texto se presta a ser lido se ele é percebido como desafetado, isto é, não investido por seu autor. Em toda forma de escrita, *a afetividade é absolutamente tão necessária e atuante quanto as funções intelectuais* (que aliás não se manifestam isoladamente) e isso tanto para aquele que escreve quanto para aquele que lê” (LANI-BAYLE, 2006b, p.48-49, grifo da autora, tradução minha)¹⁰⁹. Penso que o ato de escrever – e ainda mais em uma narrativa autobiográfica (poética) – é revelador e criador, ou seja, nos mostra parte do que podemos alcançar no conhecimento de si e das experiências de formação, ao mesmo tempo nos forma e transforma à medida em que nos conduz à criação de um novo caminho a partir desse autoconhecimento: “a escrita é formadora” (LANI-BAYLE, 2006b, p.27). A fala também é reveladora e, a meu ver, formadora. Em outro momento (queira ver item 3.3), citei: “Aquele que fala [no rádio] revela – intencionalmente ou não – seu esforço, todo o seu trabalho e, por isso mesmo, uma parte não negligenciável de sua personalidade” (TARDIEU, 1969, p.129). Lani-Bayle (1997, p.66, tradução minha) afirma algo que com essa colocação se afina:

¹⁰⁹ *Aucun texte ne se prête à être lu s'il est ressenti comme désaffecté, c'est-à-dire non investi par son auteur. Dans toute forme d'écriture, l'affectivité est tout autant nécessaire et agissante que les fonctions intellectuelles (qui d'ailleurs ne se déploient jamais isolément) et ceci tant pour celui qui écrit que pour celui qui lit.*

“Quando falo e quando escrevo (querendo-o ou não, sentindo-o ou não), quando eu me transmuta em autor das frases que articulo, que componho, é a minha história, e através dela, eu que, por meio de trechos que se conjugam, se desenvolve/me desenvolvo e se expõe/me exponho”¹¹⁰. A autora destaca a experiência – não-formal e emocional – e a possibilidade gerada por essa abordagem de reinterpretar continuamente o que se faz da própria vida.

O lugar preponderante destinado ao não-formal mostra que são as pessoas que oferecem umas às outras seu próprio ensinamento através da cotidianidade de sua existência. É então a experiência que é a fonte dessas situações de formação e que contribui para mudá-las, e mesmo torná-las melhores. E, nesse contexto, é a experiência emocional que provoca mais mudanças na personalidade, permitindo adotar atitudes cada vez mais independentes (LANI-BAYLE, 2006, p.62, tradução minha)¹¹¹.

A autora destaca a compreensão sartriana “do que fazemos do que os outros fazem de nós” (LANI-BAYLE, 2006, p.36). Existe em sua concepção da abordagem três etapas que estão entrelaçadas, mas não são cronológicas ou hierarquizadas (LANI-BAYLE, 2006 e 2008):

- os fatos: eu relato o que aconteceu, o que é captado do mundo, em um movimento que viria do exterior para o interior do sujeito;
- o que isso me causou e/ou me causa: eu explico o que me tocou ou toca, eu busco o que sinto e penso a partir do acontecimento, em um movimento de duas mãos entre o interior e o exterior do sujeito;
- o que faço com isso: eu reflito, aqui no sentido de me formar e me transformar a partir da reflexão e da ação em um movimento que viria do interior para o exterior do sujeito.

Diz a autora sobre a função formadora da narrativa:

Essa potencialidade formadora, entretanto, não se origina de uma narrativa simples, natural: é necessário, com base num dizer que “relataria” apenas o que se produziu em nossa vida, evidenciar vínculos com o que é evocado, transformar esses dizeres em informações, as quais vão “informar” sobre essas evocações e “formar” tanto o narrador como os ouvintes.

Informar. É isso que os *fatos* evocados podem nos ensinar, e isso é a base: nós anotamos e registramos. De qualquer modo, temos necessidade disso. Porém, esses

¹¹⁰ *Quand je parle et quand j'écris (que je le veuille, que je le sente ou non), quand je me transmute en auteur des phrases que j'articule, que je compose, c'est mon histoire, et à travers elle, moi qui, par bribes se conjuguant, se (me) déroule dans mon texte et s'(m')expose.*

¹¹¹ *La place prépondérante accordée au non-formel montre que ce sont les personnes qui se dispensent leur propre enseignement à travers la quotidienneté de leur existence. C'est donc l'expérience qui est la source de ces situations de formation et qui contribue à les changer, voire à les rendre meilleures. Et dans ce cadre, c'est l'expérience émotionnelle qui provoque le plus de changements dans la personnalité, permettant d'adopter des attitudes de plus en plus indépendantes.*

fatos nada significam, se estiverem isolados da pessoa que narra, desencarnados. A construção de saberes não pode se satisfazer dessa primeira etapa. De posse dessas bases iniciais, convém buscar o que os fatos evocados *fizeram* ao narrador (ou seja, “a narrativa de experiência” decorre desses fatos evocados e deixa surgir o “experenciado”, resultante das provas atravessadas tal como foram relatadas). Em seguida, é necessário tentar tomar consciência do que o narrador fez de tudo isso (ou seja, a “narrativa de formação”, que se pode extrair do nível precedente).

Considerando-se bem e para ir da informação à instrução, trata-se de transformar, via narrativa e a formação por ela promovida, o material bruto, insignificante, isoladamente, numa empresa de sentido, via a consideração e o entrecruzamento com o experenciado (LANI-BAYLE, 2008, p.303, original em português, grifo meu).

São diretrizes valiosas que nos trazem a Carta da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação e Pesquisa Biográfica em Educação - ASIHVIF e a obra de Lani-Bayle, a me orientarem. Mas não há mapa preciso do percurso a seguir na busca de si. Nem no relato de si. Poderia talvez aplicar às narrativas em pesquisa (auto)biográfica o que bem-humoradamente dizia o romancista inglês Somerset Maugham: “Existem três regras para escrever uma história. Infelizmente ninguém sabe quais são”. Ao que eu responderia, com poesia.

Preciso do impreciso:
 desdizer o indizível,
 colher um favo do inefável,
 semear o impensável,
 sensível,
 provável.

(BELTRÃO)

Josso, artista plástica e cientista, afirma que a abordagem de HIVIF visa “desencadear um processo de reflexão sobre a formação de ‘cada um’ e ‘a’ formação” (JOSSO, 2004, p.119), indo do singular ao plural. Segundo a autora:

Na nossa perspectiva de formação, não poderia haver um código construído *a priori* que servisse para interpretar as biografias educativas: é necessário clarificar o questionamento que cada narrativa tenta responder. Cada narrativa traz um esclarecimento particular ao conceito de processo de formação (JOSSO, 2004, p.120).

De acordo com Josso (2004, p.80), é preciso estar “conscientemente atento” ao seu próprio processo. A meu ver, olhar-se e olhar o outro, escutar-se e escutar o outro, considerar as emoções e os sentimentos vividos durante a formação conduzem a uma consciência mais despertada sobre seu percurso. Para mim, algo essencial diz Josso (2004, p.58-59, grifo da autora): “*transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir,*

guiada por um aumento de lucidez, tal é o objetivo central que oferece a transformação da abordagem Histórias de Vida”.

Enfim, para Josso (2004, p.88), as buscas que orientam nossos itinerários e nossas escolhas ao longo da vida são as buscas de si e de nós, de felicidade, de conhecimento e de sentido. A busca de si é então o convite intrínseco do caminho de quem aprende a aprender consigo. A abordagem Histórias de Vida é a ocasião de se fazer conhecer “um sujeito empenhado com lucidez na procura de uma arte de viver, a que nós chamamos *busca de sabedoria de vida*” (JOSSO, 2004, p.103). (Recordo, *en passant*, que anteriormente comentei sobre a busca de felicidade à luz de Espinosa e sobre a busca de sentido à luz de Larrosa.)

Nesta jornada autobiográfica, recordo mais outros versos, que me acompanham desde o princípio do caminho de formação doutoral, colhidos do meu livro primeiro.

Queria mudar o mundo.

Quero mudar a mim.

E ecoar.

(BELTRÃO, 2007, p.52)

Outro pesquisador que marca minha aprendizagem nessa abordagem é Gaston Pineau. Ele aponta nitidamente a abertura da abordagem História de Vida para a fala e para o rádio (entre outras mídias), o que inspira este estudo, por claras razões e declaradas paixões. De acordo com Pineau e Jean-Louis Le Grand (1993),

a história de vida é definida aqui como busca e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, ela engaja um processo de expressão da experiência. Essa definição bem específica estende triplamente o território das “escritas do eu”. Primeiramente, ela o alarga fora do espaço da “grafia”, não se detendo nos meios escritos (biografia, autobiografia, diário, memorial) mas a ele integrando a fala, quer dizer, a dimensão da comunicação oral da vida. Ela o abre igualmente a outras mídias – fotografia, teatro, rádio, vídeo, cinema, televisão, internet – cuja utilização atual multiplica as possibilidades naturais da expressão. Enfim, ela o faz sair do espaço de conotação interior do eu, ela engaja um “ser-juntos”. (...) Mais além das definições literárias e disciplinares, a história de vida é assim abordada como prática autopoiética, isto é, que trabalha a produzir ela mesma sua própria identidade em movimento e a agir em consequência¹¹² (PINEAU e LE GRAND, 1993, p.3-4, tradução e grifos meus)

¹¹² *L’histoire de vie est définie ici comme recherche et construction de sens à partir de faits temporels personnels, elle engage un processus d’expression de l’expérience. Cette définition bien spécifique étend triplement le territoire des “écritures du moi”. Elle l’élargit d’abord, hors de l’espace de la “graphie”, en ne s’arrêtant pas aux moyens écrits (biographie, autobiographie, journal, mémoire) mais y intégrant la parole, c’est-à-dire la dimension de la communication orale de la vie. Elle l’ouvre également à d’autres médias – photo, théâtre, radio, vidéo, cine, télé, internet – dont l’utilisation actuelle démultiplie les possibilités naturelles d’expression. Enfin, elle le fait sortir de l’espace à connotation intérieure du moi, elle engage un “être-ensemble”. (...) Au-delà des définitions littéraires ou disciplinaires, l’histoire de vie est ainsi abordée comme pratique autopoiétique, c’est-à-dire qui travaille à produire elle-même sa propre identité en mouvement et à agir en conséquence.*

Pineau e Le Grand (1993) comentam que, sendo a história de vida uma prática autopoietica, era de se supor que os viventes não esperariam a aparição do termo para exercê-la. Antes dos gregos, já teria sido experimentada. Com os socráticos, a experiência biográfica se tornaria uma prática pedagógico-filosófica importante para a tentativa de responder ao preceito do Oráculo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo e tu conhecerás o universo e os deuses”. Não me dedicarei à análise da evolução das narrativas biográficas ao longo da história da humanidade, nem ao relato do desenvolvimento da abordagem (auto)biográfica. Outros autores o fizeram com excelência, entre os quais indicaria os que citei aqui: Lani-Bayle, Pineau e Josso.

Pineau e Le Grand (1993, p.37), como outros, esclarecem que a abordagem em questão não se restringe a um método, ela vem questionar as diferentes ciências humanas em um sentido epistemológico, ou seja, em seus próprios fundamentos. Esses autores (Pineau e Le Grand, 1993, p.66-67) alertam para o fato de que as histórias de vida, dependendo da condição social de seu exercício, podem ser usadas tanto como potentes técnicas para a submissão dos sujeitos pelos poderes epistemocráticos, quanto como potentes meios de autonomização desses sujeitos pela conjugação pessoal do que os constitui, o que inaugura uma epistemodemocracia. Lani-Bayle (2006, p.52) também chama a atenção para os riscos de uma epistemocracia e aponta que o “conflito sócio-cognitivo” deve caminhar para a composição de uma “cooperação sócio-cognitiva”.

Lani-Bayle faz algumas advertências. Ela comenta que Pineau afirma que as práticas biográficas entraram tardiamente e “de contrabando”¹¹³ no seio das ciências sociais (LANI-BAYLE, 2008, p.298). Em seguida, ela destaca que é necessário distingui-las e distanciá-las das abordagens com objetivo abertamente terapêutico. Sua fecundidade heurística têm possibilitado sua legitimação nas Ciências Humanas, mas a fronteira com as técnicas terapêuticas deve ser demarcada.

Como modalidade de expressão, as “histórias de vida” não são recentes. (...) a abordagem assim nomeada, apesar de sua designação simples e facilmente compreensível, evoca uma prática particular que foi introduzida tardiamente e “de contrabando”, como sempre afirma Gaston Pineau, no seio das ciências sociais. Mesmo não sendo facilmente reconhecidas por sua validade científica enquanto pesquisa, elas foram propostas na formação de adultos em virtude de seu efeito formativo abertamente terapêutico (LANI-BAYLE, 2008, p.298).

Outro cuidado urgente é o que a autora aponta quanto ao uso de maneira perniciosa da vida privada na mídia, na publicidade, na política. Assim como os afetos têm sofrido

¹¹³ Pineau (1993, p.55), a propósito, cita que teria sido Bourdieu que saudara a chegada das histórias de vida às ciências sociais como “uma dessas noções do senso comum que entraram de contrabando no universo douto”.

exploração com fins mercadológicos, conforme denunciado por Sawaia (2000, ver item 6.1), relatos pessoais têm sido explorados para iludir ou persuadir pessoas, para elevar o nível quantitativo da audiência (em detrimento do nível qualitativo), como no exemplo de indivíduos que ligam para programas televisivos ou a eles comparecem para contar problemas e experiências traumáticas a fim de pedir a intervenção do apresentador ou do público, em alguns casos culminando com conflitos transmitidos ao vivo. A esse tipo de atitude contrapõe-se a postura adotada pelo Sem Fronteiras: Plural pela Paz e sobretudo pelo Todos os Sentidos, que atua com as pessoas com deficiência, o que requer uma atitude ética bem definida. Em ambos, o relato biográfico sobre a formação dos convidados é adotado com frequência, em geral como ponto de partida da conversa-entrevista. Para isso, é feita uma discussão prévia com o(s) participante(s) e à nossa produção não interessa bisbilhotar detalhes para provocar a audiência.

Os pesquisadores-práticos organizaram-se em redes desde 1983. No plano internacional, a ASIHVIF foi criada, em 1991, em torno de uma carta que define o quadro e os limites dos procedimentos a serem adotados em pesquisa-formação. Desde então, essa corrente se propaga cada vez mais, infelizmente, de forma, muitas vezes, anárquica e sem as mínimas precauções de base quando se toca, nas e pelas práticas sociais e públicas, na vida privada das pessoas.

No entanto, sua legitimidade, no âmbito das Ciências Humanas, parece hoje reconhecida, uma vez que seus procedimentos mostraram sua fecundidade heurística. Mas, ainda assim, ela coloca a questão de seu uso na formação em diferentes idades e de suas fronteiras com as técnicas terapêuticas. Nos planos político e midiático, ela necessita também de parâmetros, numa época em que testemunhos, injunções de memória e de narrativas constituem-se, ao mesmo tempo, uma banalidade e uma necessidade, quaisquer que sejam as circunstâncias reflexivas que possam acompanhá-las (sobretudo fora delas), e até na “telinha” televisiva (LANI-BAYLE, 2008, p.300).

Lani-Bayle (2008, p.301) relata que em seu percurso como psicóloga, as crianças foram seus principais mestres. Com elas, passou a questionar a tentativa de se lhes ocultar acontecimentos e de lhes impor “interdições de saber”. Evidentemente também não se pode lhes inculcar uma “interdição de esquecer”. Mas, sim, se deve buscar uma “visão policrônica transversal”, que permita desvelar sua história, nem proibindo nem impondo uma memória escolhida ou transformada. Esses saberes a respeito de si estão muitas vezes no âmbito do que ela chama de “*insu*”, em francês: não sabidos, não conhecidos, na tradução feita para esta publicação por Carvalho Lopes, “*inscientes*” (LANI-BAYLE, 2008).

Esse saber *insciente* é o que se sabe sem saber, o que se sabe sendo proibido saber ou, simplesmente, faltam palavras ou ocasiões para dizê-lo. O insciente é o que se sabe para além ou aquém das palavras para dizê-lo. Pois quando vivemos algo, isso se inscreve dentro de nós. Não se tem forçosamente os meios para recuperá-lo pela

linguagem, para contar e assim poder (re)apresentá-lo, torná-lo pensável, mas isso continua no nosso interior. Diante dessa constatação, o insciente é um saber que não se sabe (ainda), porque não tem o direito de se conhecer ou, simplesmente, porque não teve ainda a ocasião de se expressar como tal. Isso constitui nosso estoque potencial, nosso alforje, aquilo de que não se tem (ainda) forçosamente consciência, que não foi explicitado com palavras. (...)

O insciente acontece porque aprendemos muitas coisas a cada segundo de nossa vida, sem nos darmos conta disso. Ele começa desde o nascimento, mesmo antes (...) É isso que torna importante que tenhamos intermediários confiáveis à nossa disposição (humanos e/ou materiais), para ter acesso ao que foi vivido por nós mesmos, desde os primeiros períodos de nossa existência e até de nossa pré-existência (LANI-BAYLE, 2008, p.301-302).

Essa busca de intermediários materiais confiáveis foi o que me levou a conversar diversas vezes com meu pai e a escolher alguns textos, anteriormente apresentados e discutidos, para constarem nesta tese: os poemas *A Criança*, feito aos 9 anos, *Ecos de voz cansada*, feito aos 14 anos, e *Os Cisnes*, primeiro texto publicado, um conto em prosa poética feito aos 17 anos.

Ter a possibilidade de descobrir e de se autorizar a pôr em palavras fragmentos inscientes deixa entrever dimensões bastante fabulosas: há *em nós* um mundo muito mais importante do que se pode crer, habitado por um amontoado de histórias latentes, implícitas. Desenvolvê-las dá relevo à existência, diferente da linearidade do aqui e agora, e que nos escapa cada vez que avançamos. Sua expressão manifesta é quando uma narrativa, assim desencadeada, conduz a uma exclamação de surpresa: “eu conto isso e eu nem mesmo sabia que eu sabia!”

Tudo isso me levou a conceber o *insciente* como algo anterior à “relação com o saber”, como seu crisol, aquilo que nos permite construí-lo. Fazer aparecer essas potencialidades, ligá-las ao que se produziu antes do tempo da narrativa, articulando-as, é o que nutre a função potencialmente formadora da narrativa biográfica (LANI-BAYLE, 2008, p.302).

O papel de meu pai girando a manivela do gramofone no começo do século XX para meu avô Chico Inácio estudar francês tem relação com o que Martine Lani-Bayle (1997) propõe: a história de vida intergeracional – trata-se de escrever a respeito de si considerando seus antepassados, não somente genéticos. “Nossa história posta em palavras (...) se inicia antes de nós: quando narramos, começamos geralmente por esse antes, e são esses antes-de-nós-mesmos que constituem nosso pré-texto” (LANI-BAYLE, 2008, p.305). Martine Lani-Bayle (idem, ibidem) lança mão de uma figuração proposta por Elisabeth Heutte em seus trabalhos de doutorado na Université de Nantes:

A dimensão intergeracional pode ser mais bem compreendida com a ajuda dessa imagem: um avô põe seu neto no colo e começa a lhe contar: “Meu avô me disse que o pai dele...”

Considerando uma distância padrão de trinta anos entre as gerações, essa fala tão simples faz existir no menino e tornar familiar a presença de uma pessoa nascida um século e meio antes dela.

Recolhendo seixos e cinzas, deixados pelos antepassados – face aparente da transmissão –, e duplicando esse trabalho por um efeito de eco, que por si só pode dar novamente carne ao esqueleto, incompleto, exumado, graças a alguns vestígios restantes, é possível realizar, pela escrita, o que chamei de “parto ao reverso”, ou seja, dar à luz às pessoas das quais descendemos (LANI-BAYLE, 2008, p.306).

Essa colocação de Martine à anterior conjugada me faz lembrar sua proposta de uma “maiêutica do insciente” – o que fala por si depois do que foi dito, fiado a partir do tecido de seu pensamento. “Hoje, o sentido é pensado residir em cada um, por pouco que ele tenha a possibilidade e se dê os meios de o decodificar, o que corresponde a uma verdadeira *maiêutica do insciente*. A prática de histórias de vida é disso um revelador pertinente” (LANI-BAYLE, 1997, p.13, grifo da autora).

Vendo o trajeto feito e o que ora vivo, penso no que virá: a publicação deste texto a fim de o compartilhar, a criação de um grupo de pesquisa, a realização de estudos biográficos com outras pessoas, um reencontro com os colegas do Transform’ e com os amigos de Nantes, novos ensaios, poemas, programas no ar... Buscar contemplar seu passado, em fina sintonia com o presente e antenado com o futuro – eis o que se tece em narrativas autobiográficas. “É como num carro, para avançar com um mínimo de segurança, nós precisamos olhar o que se passa atrás, justamente por onde já passamos” (LANI-BAYLE, 2008, p.310). Recordo Martine fazendo essa analogia enquanto dirigia pelas estradas mais bucólicas da França, entre Nantes e Angoulême, para uma pausa de repouso – ou teria sido entre Nantes e Poitiers, para um congresso? O lugar me escapa e minhas palavras não traduzirão o que vivi, mas me lembro claramente dela brincando com a imagem, me fazendo comparar o espaço do presente percebido dentro do automóvel, em nossa conversa, pouco perceptível em seus detalhes por ela, que dirigia, à amplitude do para-brisa frontal aberto para o que havia de vir, e à diminuta dimensão dos espelhos retrovisores, se aos dois outros comparados. Grande mesmo é o futuro. Rememoro que, além do espaço, Martine comentava o tempo que a cada um se dedicava, enquanto conduzia o veículo pelas curvas repletas de flores que ela colhia no início da primavera. O que vem pela frente mais ocupava a motorista, que tinha de consultar brevemente os espelhos. E ao presente permanecia conectada. Os dias com ela compartilhados me ensinaram muito mais do que tudo que li.

Aprendi, *gamine*¹¹⁴, *pardon*, Martine, o que bem dizes: “o amanhã ainda não está escrito, se ele mantém ligação com o ontem, não se trata de um inelutável condicionamento, ainda menos de uma fatalidade” (LANI-BAYLE, 2008, p.310). A mim volta uma citação de Chico Xavier: “Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode recomeçar agora e fazer um novo fim”.

Sim, Martine, como você diz, se muitos passados são dolorosos, tentar se ver livre deles não muda o que passou. E as palavras não podem fazer isso, embora poderosas. Mas podem com seu poder – e repito o termo de propósito – mudar a relação com o que passou, agora e doravante. Tu me disseste que somos feitos do que fazemos, somos os frutos de nossa obra – e não mais, ou não somente, ou não principalmente do que nos fez. Somos o que de nós fazemos e refazemos, ou indiferentes ao que ocorre, ou cientes do que nos acontece para que nós aconteçamos do fim ao princípio do saber de si, em si sentindo-se.

¹¹⁴ Um dos primeiros poemas que fiz durante as aulas da Profa. Martine Lani-Bayle falava dela e tinha como título *Gamine* (Menina). Como digo nos agradecimentos, seu sincero entusiasmo em acolher o outro revela a *gamine* que nela vive. A palavra rima com seu nome. Em outros poemas e em nossa correspondência, é assim que de vez em quando a chamo.

7 ENCERRAMENTO: A (RE)LEITURA DA AUTOBIOGRAFIA DE UM POETA – A (TRANS)FORMAÇÃO NA POESIA DOS ENCONTROS NO AR, NO PALCO, NA SALA DE AULA

Escrever nem uma coisa nem outra
 – A fim de dizer todas
 Ou, pelo menos, nenhuma.
 Assim,
 Ao poeta faz bem
 Desexplicar
 – Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.

Manoel de Barros (2010)

Estas linhas compõem gestos de alguém que recomeça mais uma vez sua busca de Poesia na aventura humana de construir conhecimentos. Estas derradeiras páginas são filhas das reflexões elaboradas e dos sentimentos e emoções vividos durante a escrita feita a partir desta viagem ao mesmo tempo apaziguadora e inquietante da busca de si – a pesquisa-formação autobiográfica.

Estou atracado no porto da tese,
 as velas recolhidas,
 a âncora firme, a corda fluida,
 a pluma virada em teclado
 sempre singrando as linhas.

Prestes a partir.

O fim sabe a recomeço, a chegada tem gosto pela partida. Contemplo as folhas que se foram, com palavras encarrilhadas em espiral, sedentas de dizerem o que alcançam, cientes do tanto que lhes escapa, ciosas de serem sinceras.

É com minhas mais caras impressões estéticas que eu quis lutar aqui, esforçando-me para levar aos últimos e mais cruéis limites minha sinceridade intelectual¹¹⁵ (Marcel PROUST, no prefácio da Bible d'Amiens, de RUSKIN).

A ampulheta tem a silhueta das horas para seduzir o tempo. E agora a peneira do instante de encerramento deste estudo pautado em uma narrativa autobiográfica poética requer que eu amealhe em algumas páginas o que tiver encontrado ao longo desta longa busca de compreender melhor o percurso meu, as experiências afetivas (trans)formadoras que me fizeram ser poeta, radialista, educador. Sou um poeta que atua no ar, no palco, na sala de aula, no campo da pesquisa com o intuito e a intuição de compartilhar com os outros a vida, com

¹¹⁵ *C'est avec mes plus chères impressions esthétiques que j'ai voulu lutter ici, tâchant de pousser jusqu'à ses dernières et plus cruelles limites la sincérité intellectuelle.*

tudo que fazemos, no rumo de construirmos juntos um mundo mais belo, mais justo, mais sensível à beleza – e para todos.

Entre as primeiras coisas que me ocorrem pronunciar neste princípio da despedida deste momento de escrita, se encontram a certeza dos limites e imperfeição deste trabalho e a gratidão que sinto pelo que fui capaz de fazer graças a tanta gente que li, ouvi ou com que convivi. Tenho por um lado a consciência de ter me dado inteiro ao que fiz e por outro a clareza de que agora ainda não me é dado perceber as lacunas e deslizes do que está aqui posto em letras. Ciência principia de uma questão de pesquisa e nos traz algumas respostas, mas também dúvidas – que não são senão novas questões. Não pretendo ter feito senão mais que um braço de rio que busca ontologicamente outros rios e mares. Estou de coração aberto à escuta do que vier a dizer quem me ler.

Nesta pesquisa autobiográfica, prestes à conclusão deste texto, cheguei ao presente. Eu disse “presente”? No tempo do leitor, este instante meu já será passado. A poesia transcende tempo e espaço. Aprendi com ela a ficar e passar... A abordagem Histórias de Vida vai além do *carpe diem* tão essencial para mim – ela faz curvas na linearidade do tempo e nos contornos dos lugares, indo além do aqui e agora que nos escapa a cada segundo...

Passado: imperfeito ou mais que perfeito!
 Presente: futuro passado...
 Futuro: antigo presente do passado.

(BELTRÃO)

No momento em que se avizinha o encerramento desta tese pautada em uma abordagem autobiográfica de pesquisa, gostaria de destacar o que o leitor/a leitora já pôde compreender: a busca empreendida por quem escolhe o caminho teórico-metodológico de Histórias de Vida almeja compreender a formação humana, relacionando passado, presente e futuro, a partir da narrativa do que viveu(viveram) e vive(m) o(s) sujeito(s) que o estudo concerne. Não se trata portanto de fazer a biografia de alguém famoso para narrar seus feitos, o que tem lá seu lugar e interesse em um outro contexto, mais possivelmente não acadêmico. A meu ver, pode ser enriquecedor conhecer detalhes da trajetória de personagens que admiramos, que marcaram a humanidade em algum âmbito: das Artes, da Ciência, da Filosofia, da Espiritualidade, dos Esportes... Não estou entre aqueles que consideram que, quando a gente tem fome, pouco importa a vida do padeiro. Gosto, por exemplo, de saber do convívio entre alguns de meus poetas diletos e bem queria participar desses encontros, ainda que seja pelo relato deles.

Josso (2004, p.58-59) muito bem resume o que se almeja na perspectiva aqui adotada quando diz que o objetivo primordial da abordagem Histórias de Vida é transformar em uma obra inédita, lucidamente construída, a vida que foi programada pela sociedade e pela cultura. E nos adverte que, na busca de si, viagem e viajante são um só. Recordemos que esta abordagem têm a experiência como um princípio formador. Pineau e Le Grand (1993, p.3-4, tradução minha) definem História de Vida “como busca e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, ela engaja um processo de expressão da experiência”. Desde então, esses autores apontam que isso alcança não somente os meios escritos, mas também a oralidade; estende-se a outras mídias, como o rádio; transcende a conotação de um eu interior por requerer um “ser-juntos”. A palavra é metade de quem a pronuncia, metade de quem a escuta; metade de quem a escreve, metade de quem a lê – em pesquisa autobiográfica, no ar, no palco, em sala de aula, alhures... Lani-Bayle (2006) frisa o valor da experiência, sobretudo emocional, conforme esta citação que ora retomo.

O lugar preponderante destinado ao não-formal mostra que são as pessoas que oferecem umas às outras seu próprio ensinamento através da cotidianidade de sua existência. É então a experiência que é a fonte dessas situações de formação e que contribui para mudá-las, e mesmo torná-las melhores. E, nesse contexto, é a experiência emocional que provoca mais mudanças na personalidade, permitindo adotar atitudes cada vez mais independentes (LANI-BAYLE, 2006, p.62, tradução minha).

A este valor central atribuído à experiência, acrescento a contribuição de Larrosa (1998, p.12), em sua reflexão sobre a formação humana, em que faz “um convite à recuperação da inocência da experiência”, entendendo-a como uma expedição no rumo de escutar o inaudito, ler o não-lido, rompendo com “os sistemas de educação que dão o mundo já interpretado, já configurado de uma determinada maneira, já lido e, portanto, ilegível”.

Lani-Bayle (2006b, p.48, tradução minha) afirma que “nenhum texto se presta a ser lido se ele é percebido como desafetado” – e destaca que tanto para quem lê como para quem escreve a afetividade é tão necessária quanto o intelecto e não se manifestam isoladamente. Reafirmo o que disse: Penso que o ato de escrever – e ainda mais uma narrativa autobiográfica (poética) – é revelador e criador, ou seja, nos mostra parte do que podemos alcançar no conhecimento de si e das experiências de formação, ao mesmo tempo nos forma e transforma à medida em que nos conduz à criação de um novo caminho a partir desse autoconhecimento. Em consonância com Lani-Bayle (1997, p.66) e Tardieu (1969, p.129), além da escrita, digo que a fala – especialmente no rádio e em sala de aula – é formadora e reveladora da história e da personalidade de quem se expressa.

Realço que, nos programas de rádio que faço, o Sem Fronteiras: Plural pela Paz e o Todos os Sentidos, o relato biográfico sobre a formação dos convidados é adotado especialmente como ponto de partida da conversa-entrevista, o que requer uma postura ética bem definida. Essencial é uma discussão prévia com o(s) participante(s) que esclareça para a equipe e para o(s) convidado(s) o intuito de falar sobre a experiência vivida por cada um e os limites para isso. Também para o ouvinte deve ficar nítido que os fatos relatados visam o aprofundamento da reflexão e não elevar os níveis de audiência com o que mais bem faz perpetuando-se como algo de foro íntimo.

Todavia, outro tipo de uso da biografia e de detalhes da vida pessoal tem sido feito de diversas maneiras, absolutamente lastimáveis. Em certos programas de rádio e televisão, em algumas publicações impressas, em determinadas páginas da rede mundial de computadores, a intimidade de muita gente tem sido torpemente exposta. Há casos em que, para fazer proselitismo religioso, é dada a falsa impressão de que o participante de um programa radiofônico ou televisivo, ao falar de seus problemas, será escutado e achará para eles alívio ou mesmo uma solução definitiva. Ouvintes opinam abundantemente uns sobre os dilemas dos outros, emitem pareceres, dão sugestões, fazem julgamentos de valor... Em outros contextos, são incitados conflitos ao vivo entre gente que nutre desafetos mútuos. Diversos indivíduos escrevem, telefonam ou comparecem a estúdios de rádio ou tevê para que se explorem sordidamente seus afetos e suas relações, suas vivências e seus desabafos. Textos vazios são publicados em livros e revistas. Oco é o que é inútil ao bem. Ora, tudo isso ilude todos os envolvidos: os que se mostram, os que assistem ou leem. E o intuito é tão somente vender mais, atingir picos de audiência, provocar comoção descarrilada. Minúcias das experiências sexuais de pessoas conhecidas nada podem acrescentar a outras, por exemplo. Chorar diante das câmeras ou dos microfones em nada altera a realidade experimentada, a não ser pelo fato de inutilmente difundi-la. O mais preocupante, entretanto: esse tipo de informação deixa de ser inútil para ser literalmente prejudicial. É perverso o dano que causa, repito, explorar sordidamente a vida dos indivíduos, seus dilemas, suas relações, seus afetos.

A propósito dos afetos, também é preciso cultivar uma atitude crítica e cidadã a respeito da abordagem deles. Faço coro com Sawaia (2000), que nos adverte que está acontecendo atualmente em diversos contextos não um interesse por uma dimensão humana, antes negada pela preponderância da razão iluminista, mas a muito vil exploração dos sentimentos e das emoções, subordinando-os a interesses meramente econômicos. Diversas propagandas de escolas privadas que cobram valores exorbitantes dos pais dos alunos e pagam salários vergonhosos aos educadores apresentam estes estabelecimentos como lugares

onde “o importante é ser feliz” e onde a prioridade é fazer amigos (se fosse verdade, daria apoio). Sawaia (2000) critica também outras questões que merecem ser retomadas. Gestores manipulam os afetos simulando lhes atribuir importância. Certos especialistas em afetividade criam “receitas” e “treinamentos” para “controlar” o que se sente. São propostos cursos que sugerem que as empresas e sobretudo as pessoas que exercem cargos que envolvem chefiar, coordenar, supervisionar outras devem procurar dar a impressão, ou melhor, a ilusão de que estas são “amadas” (que heresia!) – embora mal pagas, sem perspectivas de melhoras, sem horizontes de prazer e beleza. Com fins capitalistas, são criadas “fórmulas de sucesso” a serem adotadas nos setores de recursos humanos, para fazer crer que as instituições se voltam para o bem-estar de quem nelas atua, para que se sintam queridos e contentes, para tentar convencer os assalariados que têm de “trabalhar com amor”, “ter sensibilidade com os clientes”, “acreditar no que fazem”, em suma, permitir que seus afetos sirvam à geração de lucros e miragens.

Espero que os pesquisadores que se interessam pela afetividade e pelas histórias de vida consigam paulatinamente evidenciar que a busca da ciência é de engrandecimento da humanidade. Procurar superar a dicotomia razão/afetividade aponta para uma concepção do ser humano em sua totalidade, contextualizado sociohistoricamente. É necessário dar o devido valor ao que sentimos enquanto pensamos, posto que um não ocorre sem o outro. E basta de fingir que nada nos emociona ou sentimos enquanto aprendemos ou nos comunicamos no cotidiano ou através das mídias.

O sábio busca conviver com seus afetos, não viver sem eles, diria Espinosa. Considerar a afetividade na formação humana a mim parece essencial, seja na formação de professores ou de comunicadores, seja – me arrisco a dizer – em outras áreas. Trazer à tona o que se sente. Interrogar-se como lidar com o que emociona. Ser sincero consigo e com o outro. Admitir que pensar e sentir estão juntos. No caso dos comunicadores, por exemplo, é imprescindível que se discuta e se busque formas de conviver com o *trac*, aquela expectativa ansiosa que precede o contato com o público. No caso dos professores de línguas estrangeiras, um exemplo fundamental seria os docentes em formação ou em sua prática atentarem para a vergonha de tentar e a alegria de conseguir se expressar.

Entre as experiências afetivas (trans)formadoras, sobressaem-se a amizade e o amor ao que faço. Na minha trajetória, essas experiências – as primordiais – se deram com as pessoas que amo, meus pais, meu filho, minha amada, minhas amigas e meus amigos, com os professores e estudantes, com colegas e ouvintes de rádio, com os poetas, compositores e intérpretes diletos, com parceiros de composição e de palco, da pesquisa e da educação. Os

afetos meus mais marcantes têm sido o amor, a alegria, o medo e a raiva. Entre o *carpe diem* e o trajeto intergeracional em Histórias de Vida proposto por Martine Lani-Bayle (1997, 2006, 2008), posto que “hoje, o sentido é pensado residir em cada um” (LANI-BAYLE, 1997, p.13), este texto tece poética e científica resposta à busca nesta escrita de mim em sintonia com o outro. E o passado abre o presente pro futuro...

Em meu caminhar, encontrei como lugares de formação de si: a casa de meus pais, a minha e as de amigos; a cidade, com suas ruas, praças, praias, bares, espaços culturais; a escola e as universidades. Como lugares de formação do outro (e de si): a sala de aula, o palco, o estúdio de rádio. As expressões de si deram asas ao que penso e sinto em vivas cores e sons nos poemas e canções, nos livros Vermelho e Simples, nos programas radiofônicos Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz, bem como nesta tese-poema.

No ar, no palco ou em sala de aula, os afetos sempre falaram alto. Poemas e canções permeiam os programas, as aulas e as apresentações em cena, dando vozes e asas ao que no coração e no *corpalma* trago pulsante. No ensino de francês, na formação de professores, o próprio contexto que, pelos conteúdos envolvidos, leva a falar de si (apresentar-se, narrar, dar opinião, recordar, planejar...) e as atividades artísticas¹¹⁶ têm favorecido a expressão da afetividade e o compartilhamento do que sentimos ao nos envolvermos uns com os outros e com o que juntos aprendemos. E os passos vão abrindo inéditos caminhos.

Penso nos dias que virão... De volta ao ar, ao palco, à sala de aula, novos momentos, outros encontros. Bem quero que ganhe a estrada o que ora escrevo. E que esta aprendizagem (que continua) possa ser compartilhada. Aquele radialista que fui tem agora outros ares. Aquele poeta que flui quer agora outros mares. Aquele professor quer voltar ao Bosque de Letras para falar da abordagem biográfica, dos frutos filhos da busca, de rádio, de formação. A pesquisa conjugou com beleza tudo que faço e vivo no encontro com o outro neste mundo que muda um pouco a cada gesto da gente.

Em meus mestres e nos estudantes, encontrei e encontro a inspiração para ser educador. O gosto de aprender é que nunca acaba... Quanto mais a gente estuda, mais longe vê, melhor percebe a imensidão por descobrir. Quero aprimorar a arte de compartilhar saberes e sentires, de aprendermos juntos. Dar aulas dá asas – a si e a quem se encontra. Dar aulas no lugar em que me formei é uma alegre honraria. E isso se faz com os afetos todos que me habitam e animam a cada instante de interação. No ambiente de formação de outros

¹¹⁶ Leitura, audição, compreensão e criação de poemas e outros textos; audição e interpretação de músicas e de emissões radiofônicas; encenação de diálogos criados pelos estudantes, simulando situações reais; exibição e discussão de filmes; apreciação de fotografias; uso de desenho para ilustrar explicações ou narrativas...

professores de (francês) língua estrangeira, os conteúdos (como destaquei há pouco) levam a falar de si, despertam sentimentos e emoções, o que bem desejo levar os estudantes e os colegas a considerarem. Almejo continuar a adotar as artes e as mídias para favorecer a interação e a aprendizagem, bem como para criar um contexto acolhedor para manifestarmos e vivermos conscientemente o que sentimos enquanto aprendemos. Novas experiências afetivas (trans)formadoras não de pulsar, agora com a incorporação do que este estudo me deu descobrir. Espero que os grãos de formação que debulho com futuros professores e comunicadores possam nos levar a ser quem somos, a perceber que sentimos e pensamos com o corpo inteiro, que trazemos em nós a história de nossa vida que vamos escrevendo.

A escrita forma. Escrever é se transformar. A realização deste percurso de pesquisa culmina com esta escrita que dá à luz as experiências afetivas (trans)formadoras vividas. O poeta se calara em mim outrora, reivindicava cantar. Eu me devia isso. Eu disso precisava. A poetas maiores pedi arrego para tentar nos ler, a nós, das palavras. E nas trilhas das letras, muitas vezes me inquietei sobre como seria lido o que ora escrevo. Encorajei-me no convívio com os orientadores, artistas que fazem ciência, cientistas que fazem arte. Agradeço por cada gesto de acolhida, pelos oportunos e cuidadosos silêncios tão inspiradores, pela escuta e pela leitura sempre tão sinceras, nobremente críticas. E enquanto narrava e analisava, recordei a autocrítica feita por Lejeune (2008, p.86-102) sobre a definição primeira que propusera para a autobiografia em que figurava “narrativa retrospectiva em prosa” (LEJEUNE, 2008, p.14). Que heresia, mais tarde ele mesmo diria.

Só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feito.

(BARROS, 2010)

Um poeta é um ser feito de palavras – e afeito aos segredos e silêncios que nelas habitam. Ainda que não alcançasse tudo dizer, com poesia tinha de tentar pronunciar minha contribuição, por mínima que fosse, à seara das narrativas biográficas, ao campo das pesquisas sobre afetividade, ao mar das ondas do rádio, ao plantio e colheita da educação.

Algumas sementes colhi com os bons ventos que levaram a jangada desta tese ao alto-mar da Poesia. Perguntava-me pra que serve ela. Pra emocionar e a voz inspirar, pra expressar desassossegos e sussurrar segredos. inquietar e inquietude expressar. Pra aninhar os sonhos e espalhar a beleza... Para o prosaico converter-se em sensibilidade.

Dizia-me do que no alforje da memória e do coração pode caber da lira dos grandes: Quando se lê um poema, ele fica conversando na gente. Quando se compartilha poesia, ela se renova na gente. Quando se aprendem versos de cor, boa fortuna!

E me alegrava com o contraponto do que lamento pode provocar: haver poucos que leem poesia. Ora, são os bons leitores que carregam a obra ao longo do tempo – senão, como teriam chegado aos nossos dias os versos escritos ao longo da história da humanidade ou do povo brasileiro, ao longo das quais a maioria não era letrada?

E admitia sinceramente que dizer o que é um poeta talvez seja mais complexo que conceituar o que é a própria poesia. Os que fazem poesia são dela feitos. São tantos! Quando muito, posso dizer de mim. Ser poeta é um quotidiano convívio com a poesia – o que leva a uma contemplação ativa do belo: o “belo” aqui entendido como tudo aquilo que desperta a fruição estética; “contemplação” porque o bardo se espanta e se encanta com a beleza e chega a um transe ou êxtase contemplativo; “ativa” porque esse êxtase exige dele a criação. A meu ver, aquilo que a outros parece inatingível é quotidiano para o poeta, em contrapartida o quotidiano, o banal, o óbvio, o que se veste de lógico podem parecer inatingível para ele – que vive no eixo dos contrários, que parece conciliar contradições, transitar entre opostos ou pelo menos conviver ontologicamente, seja bem ou mal, com aquilo que persiste a se contradizer na humana condição. Para mim, chegar a ser poeta é um constante devir criativo e (trans)formador, singular e plural ao mesmo tempo, em que leitura e escrita são uma mesma aventura rumo a uma infinidade de sentidos.

São horas que se encadeiam, fiando os dias, que fazem cirandas tocando as estações, compondo anos, enquanto a gente faz um trabalho desta natureza. O texto às vezes silencia, às vezes se derrama. Ora é necessário ter paciência consigo e se afastar, retornar às leituras, em alguns momentos esquecer tudo e fazer nada – nada! Ora é preciso levantar no meio da noite para esboçar uma ideia que borboleteia na mente, alegremente fugidia, antes que se vá. É uma solidão acompanhada por uma vida inteirinha, a escrita de uma autobiografia. A saudade dos amigos, dos hábitos quotidianos, os mais mundanos, os mais simples, tudo mexe com a gente quando se remexe dentro de si. Voltam boas e más recordações. Vêm bons e maus sonhos. E no presente ecoa sempre: preciso escrever.

Aprendi com os mais vividos que uma tese é sempre um trabalho coletivo: alguns vêm para iluminar, amparar, inspirar, orientar; outros, sem fazer nada, só em não atrapalhar, já dão grande ajuda; e há aqueles que, sem o saber, pelos problemas que causam, acabam por nos desafiar a seguir adiante, dando pelo avesso sua contribuição. A vida não faz uma pausa enquanto alguém faz uma tese (ou outro trabalho que envolva tudo de si). A morte também

não. Despedi-me de minha mãe, Dirlene Marly, e de diversos amigos enquanto estudava em Nantes – um da poesia, um da música, um do rádio, um da França: Lucio Flávio Chaves, Alex Hollanda, João Paulo Gósson, Jean-Michel Bonnet. Vocês todos estão aqui comigo. E a saudade virou verbo.

A saudade é uma esperança pelo avesso”.

(BELTRÃO, 2009, p.34)

Escrever faz ouvir constelações de afetos quando se ama, Bilac. Senti medo de não chegar ao centenário ritual da defesa: pública e perante os pares. Senti júbilo ao lapidar um parágrafo, ao colher uma imagem, ao descobrir uma citação. Tive raiva ao me deparar com a ignorância de outros pesquisadores que, presos em seus laboratoriais conceitos, em sua ortodoxia científica, na exatidão de seus números, nos resultados tão palpáveis de seus feudos, me interrogavam se um percurso autobiográfico poderia dar uma tese.

A ira, o temor, a alegria marcaram estas folhas como a minha vida. Mas foi o amor que me trouxe até aqui. Ele me envolveu em seus braços e me emprestou suas asas. O que me sustentou à beira do precipício, fazendo-me transpor os abismos do desânimo, da angústia, da ansiedade e dos lutos, foi o amor pelas pessoas e das pessoas: meus pais, meu filho, a companheira, os amigos e amigas, os meus mestres da Terra e do Céu. Foi o amor ao rádio e à sala de aula, de outrora, de agora e por vir, que me inspirou a pelejar comigo mesmo. Foi o amor aos ouvintes e aos estudantes que me fez remexer os meandros e desvãos dos vínculos que nos unem. Foi o amor à palavra que me fez dar à luz estas frases. Foi o amor à poesia – foi o amor à poesia que me fez assim.

E advirto: há que ser senhor de uma certeza para navegar entre sílabas – o reino da linguagem é vivo. As palavras têm consigo seus caprichos e entre si suas afinidades e dissonâncias. É preciso saber que nem sempre quem escreve decide.

On n'écrit pas ce qu'on veut.

Não se escreve o que se quer.

(FLAUBERT)

Se cada instante pode gerar prosa ou poesia, o silêncio está na essência do que é dito. As palavras são como as notas quando fazem melodias: gostam de soar, mas precisam de pausas musicais. São senhoras de si. E precisam ser seduzidas sem alarde. Elas fazem

cirandas e mandalas, convidam a entrar na roda quem as ama, estendendo-lhe suas mãos ora letras, ora fonemas.

Mandala das Letras

Cabe um poema a cada instante.
A ponta da pena se faz tinta.
Em versos que aproximam o distante,
se abrange a vida que não finda...

Cada letra tem seus caprichos.
Uma a uma pousam no papel,
de arraias e arreios andarilhos,
serenando aquarelas num dossel...

Alheias e senhoras dos sentidos
em ciranda, tecendo mandalas,
são asas e ventos, ventre e umbigo,
sempre ficando e arrumando as malas...

(BELTRÃO e MENDONÇA, com música de Wilton MATOS)¹¹⁷

O Escriba Sentado (Museu do Louvre) atravessa o tempo, ele senta bem na eternidade do instante fugidio e luzidio por si. Eis uma imagem cara ao mestre que me orientou durante este estudo, o professor Botelho. Ele me recordou os escribas de diversos tempos e lugares. E que, entre as tecnologias, o livro é uma das mais revolucionárias e (trans)formadoras na História de Vida da Humanidade. E para que melhor lesse a mim, minha gente, minha formação, ele me disse para partir. Fui me encontrar longe do meu lugar. E vim me reencontrar ao retornar.

Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo

(MAGRÃO e SÁ in NASCIMENTO, 1982)

Degustar exóticas iguarias realça o sabor da comidinha lá de casa. É bom sair de si para vir ter consigo mesmo. A quem queira experimentar o doutorado sanduíche, eu tenho a

¹¹⁷ O poema se encontra no livro *Simples* (BELTRÃO, 2009, p.59) e a composição foi gravada no disco coletivo *A casa é sua* (2010), nas vozes de Wilton Matos e Lia Veras.

dizer que vá! E me permitam estender isso mais além. A quem fizer pesquisa, desde a iniciação, o trabalho de campo alimenta o trabalho consigo. E se o campo for interior, destino de viajor! Partir é preciso. A quem fizer uma busca através de narrativas biográficas, para as quais a sua própria história de vida é demandada¹¹⁸, sugiro alçar voo. Ver-se de outras perspectivas, viajar torna possível. A quem fizer arte, também sugiro ir além de seu lugar, ainda que, como eu, prefira sempre voltar. E voltar pra ficar – até de novo partir, pra voltar.

Vivendo em Nantes, na França, pude me dizer em minha língua “paterna”, o francês herdado do meu pai, a quem meu avô o legou, a meu filho ofertado. Conviver com um grupo de pesquisa como o Transform’ faz ver que as relações humanas dão flores e frutos e borboletas e passarinhos, se boas raízes querem mais que espinhos. Boas noitadas com queijos e vinho compartilhados deixaram memórias no paladar. Mas encontrei mais vertigem nas múltiplas atividades da orientadora, Martine Lani-Bayle, incansável *gamine* a compor desde ateliês de escrita com pessoas aposentadas que fazem a Université Permanente até encontros com celebridades do mundo acadêmico que admiro, passando por seminários do grupo de pesquisa feitos em uma atmosfera convivial durante fins de semana no campo (no sentido literal e de pesquisa), conferências nos mais diversos contextos, intervenções nos mais variadas circunstâncias acadêmicas, como nos encontros entre colegas universitários que cultivam distâncias abissais entre o que “supremamente” fazem e o que os outros “reles mortais” alcançam.

A simplicidade. O que mais aprendi com Botelho e Martine foi o valor da simplicidade. Foi o quanto é desimportante toda a pompa de todos os mais elevados círculos de ilusão desmedida e de pretensão incomensurável. Pouco sabemos. Mas queremos saberes. E semeamos encontros. Saber de seus limites alarga seu alcance. Os mestres, os verdadeiros mestres sabem e sentem que há sempre mais a saber e sentir.

Freire (1996) faz eco com a lição de Sócrates quando diz que é por saber que pouco sabem que os professores podem saber mais e levar os que pensam não saber a descobrirem que sabem também um pouco que lhes permite mais saber. Freire (1996, 2005) bem nos anunciava que a incompletude humana é seu caminho para *ser mais*. Quisera mostrar ao mestre as palavras de Manoel Barros, este menino do sempre.

¹¹⁸ Do item 4. 2. da carta ética da ASIHVIF: A Associação pede que o futuro formador faça ele mesmo a experiência de uma abordagem autobiográfica (tradução minha) / *L'Association demande que le futur formateur ait lui-même fait l'expérience d'une démarche autobiographique.*

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
 Nesse ponto sou abastado.
 Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
 que puxa válvulas, que olha o relógio,
 que compra pão às 6 horas da tarde,
 que vai lá fora, que aponta lápis,
 que vê a uva etc. etc.

Perdoai,
 mas eu preciso ser Outros.
 Eu penso renovar o homem usando borboletas.

(BARROS, 2010)

A cada vez que este poeta entra em sala de aula, no ar ou no palco, vivo a poesia de ser e de me encontrar com o outro, público – presente ou invisível – ouvinte com quem dialogo; a cada vez que enfrento a pálida página a ser escrita, as vozes dos poetas que me formaram fazem em mim coro sutil e essencial que inspira minha própria voz em busca do leitor que haverá de colher as linhas com que fio fragilidade e fortaleza, desafio e beleza de viver. Com o leitor, sou mútuo. Com os outros, sou muitos.

Caminhos do coração

Há muito tempo que eu saí de casa
 Há muito tempo que eu caí na estrada
 Há muito tempo que eu estou na vida
 Foi assim que eu quis e assim eu sou feliz
 Principalmente por poder voltar
 A todos os lugares onde já cheguei
 Pois lá deixei um prato de comida
 Um abraço amigo, um canto pra dormir e sonhar
 E aprendi que se depende sempre
 De tanta, muita, diferente gente
 Toda pessoa sempre é as marcas
 Das lições diárias de outras tantas pessoas
 E é tão bonito quando a gente entende
 Que a gente é tanta gente aonde quer que a gente vá
 E é tão bonito quando a gente sente
 Que nunca está sozinho por mais que pense estar
 É tão bonito quando a gente pisa firme
 Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
 É tão bonito quando a gente vai à vida
 Nos caminhos onde bate bem mais forte o coração

(GONZAGUINHA)

Diz um filósofo que “a razão decifra o enigma, o coração participa do mistério” (Haguette, 1995, p.29). O mistério participa ao coração que às vezes a razão não decifra o enigma, caro mestre Haguette. E a teia universal entre o que se pensa e sente, de Espinosa a Damásio, de Epicuro a Ronsard, entre Filosofia e Poesia, entre Arte e Ciência, reúne tudo e todos no cósmico encontro em meio a tempo e espaço, para e desde sempre. Tudo é um – Anaxágoras, um outro filósofo, já dizia que nada existe isolado – tudo participa de tudo, tudo se relaciona com tudo.

Ó Poesia, não me deixes sozinho neste instante em que preciso me despedir de me dizer, procurando a cada toque dos dedos no teclado ou do lápis no papel, deixar de mim algo que posso a outra pessoa servir. Por que, indaga-se quem cria, seria menos verdadeiro o que invento do que a efêmera e enganosa realidade? “A verdade do mundo poético não tem de dar satisfações à verdade do mundo real” (QUINTANA, 1983, p.77). Os que fazem poesia dela sendo feitos bem sabem da transcendência da dimensão espiritual da poética criação.

Penso, e mais outros poetas também, que toda a gente poderia ler e mesmo fazer versos. Que toda gente deve ter acesso às artes todas, para desfrutar delas ou fazê-las. Assim como quem assobia ou rabisca, abram-se as solenes portas do reino da arte, que não haja pontes levadiças ou calabouços para que as pessoas experimentem, ensaiem, se arrisquem, se deleitem, se encontrem, se espalhem, se descubram. Isso nem de longe quer dizer que a vida, a educação, a comunicação só existem com arte, mas quer dizer que com arte são bem mais belas. Quero ver ruirem as torres de marfim e o lugar de longínqua distinção conferida ao ser artista.

Quero a delícia, o deleite de que vaze poesia entre os desvios das entrelinhas. Avizinha-se a linha derradeira. De novo lateja a dúvida sobre a serventia do que tanto dei de mim para fazer. Convido então a seguir, que levem disto consigo o que aqui os convidar. De meus, eis agradecimentos. Deixa no ar...

Rádio Experiência

Caríssimos ouvintes, obrigado
 Pela atenção a mim tão dispensada
 Nossa programação se encerra agora
 Mas de teimosa, volta amanhã
 Plateia de meus sonhos, tão amada
 O canto é o chamado pra viver
 Quando o show terminar, levem pra casa
 Não deixem que ele morra por aqui
 Eu quero alegria em cada voz

Que a antiga espera tenha a sua vez
 E o sonho que carrego em minhas costas
 É o laço de união entre vocês, nós

(TUNAI e NASCIMENTO)

Quer contemple a arte, quer considere a ciência, de um Rilke a uma Lani-Bayle, muitos me dirão que as coisas não são todas dizíveis. Muito mais há de inenarrável. Mais soa o impronunciável. Um favo do inefável quis abelhamente colher. Em meio ao tempo, voejar... De novo graças ao inédito, com música e poesia, cantando e calando me vou...

Futuro Antigo

Sou este instante feito em versos.
 Sou o inverso deste instante.
 Tomo o meu rumo, eu me disperso,
 levanto a vela, leve, adiante...

Vem comigo, minha amiga.
 Coisa antiga é o futuro.
 Tudo vive no presente
 deste verbo que é a gente.

Contemplo o tempo em tua graça.
 Contemplo o tempo que passa.
 Tudo aqui é tão miúdo.
 Tudo parece absurdo.

Vem comigo, minha amiga.
 Coisa antiga é o futuro.
 Tudo vive no presente
 deste verbo que é a gente.

Quero o princípio desta hora
 que escorre pela ampulheta.
 Dentro de mim o mundo mora:
 sou um grão deste planeta.

(BELTRÃO, letra e música)

Dos ancestrais aos descendentes se faz a história de cada ser humano. Pai, o senhor é o princípio de um eterno poema. Mãe, a senhora é uma infinita melodia viajando pelo cosmos. Amorosa composição.

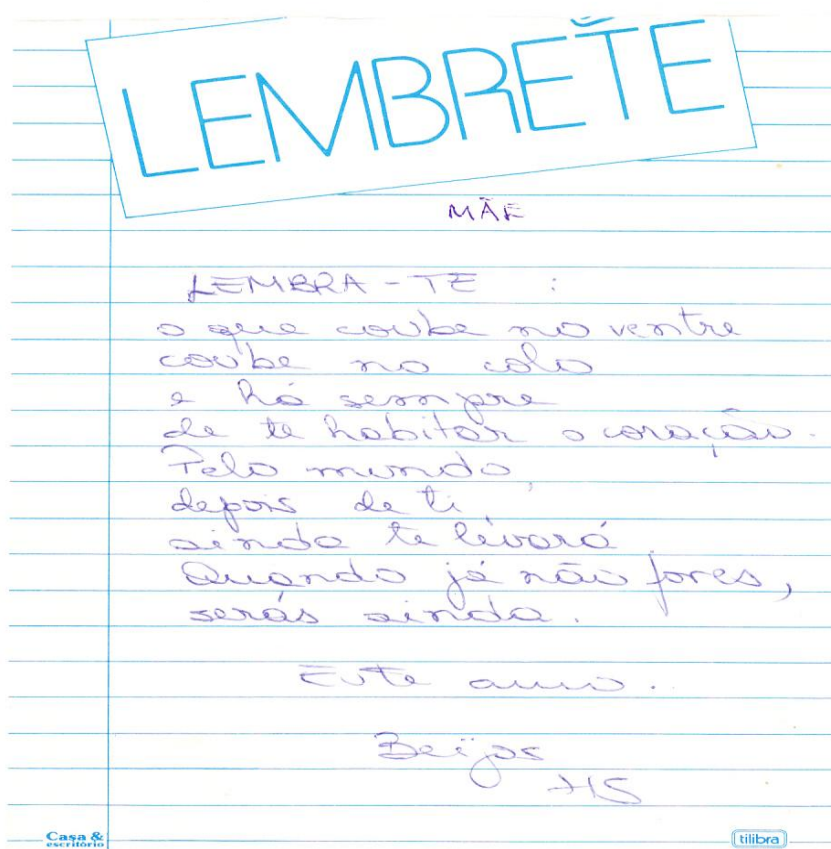
Há um tempo de silêncio.
De mais nada dizer – até outra estação de falar.
Pois que ecoe: há um tempo de silêncio...

Ângelo Alexandre

Imagem 18: Poema-bilhete para meu pai e poema-lembrete para minha mãe

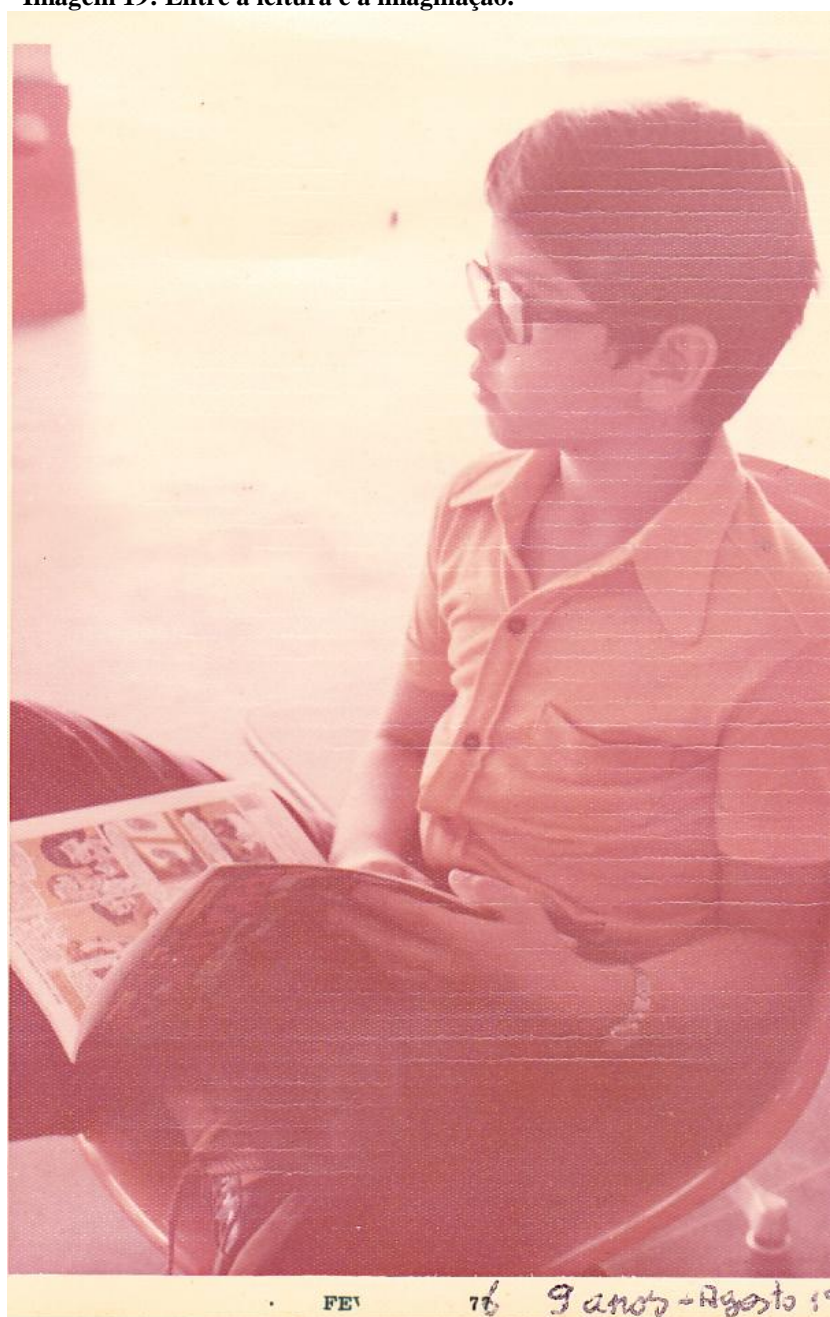
José Francisco de Castro

PAI é o princípio do Poema. E a Palavra se faz pessoa. Assim fez o senhor com a gente. Seus gestos, seu silêncio ensinam sem falar. O senhor nos fez alados - porque livres. Consoando ou à tênue distância, eu trago o senhor sempre comigo. PAI, bendito abrigo ser seu Amigo. Eu te amo. A bênção! Henrique.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 19: Entre a leitura e a imaginação.



Fonte: Arquivo pessoal.

8 VINHETA DE ENCERRAMENTO: LETRAS E MÚSICAS – AS REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme de. **Flores das “Flores do Mal” de Baudelaire**. Tradução de Guilherme de Almeida. Apresentação de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1960.

ANTÔNIO, Severino. 2009. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: Diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes**. São Paulo: Paulus.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. **Canto Efêmero**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. **Para uma teoria do verso**. Fortaleza: Edições UFC, 1997.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BARROS, Manoel de. **Manoel de Barros: poesia completa**. Rio de Janeiro: Leya, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Tradução, posfácio e notas de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

BAUDELAIRE, Charles. **L’art romantique**. Paris: Nabu Press, 2010.

BELTRÃO, Henrique. **Vermelho**. Fortaleza: Expressão, 2006.

BELTRÃO, Henrique. **Vermelho**. 2^a. edição. Fortaleza: Expressão, 2007.

BELTRÃO, Henrique. **Simples**. Fortaleza: Expressão, 2009.

BELTRÃO, Henrique. Je fais des vers comme quelqu’un qui pose des questions. In **Cultures & Sociétés** n° 17, p.60-65, dossiê “Poètes, vos papiers! La poésie permet-elle de penser le monde autrement?”, coordenado por Jean-François Gomez. Paris: Ed. Téraèdre, janeiro 2011.

BELTRÃO-DE-CASTRO, Henrique. Un poète à l’antenne: l’affectivité dans un parcours de recherche autobiographique. In **Chemins de formation au fil du temps** n° 16. Direção científica de Martine Lani-Bayle. Paris: Ed. Téraèdre, octobre 2011.

BELTRÃO, Henrique e MARTINS, Karla. Notre Nantes, La Loire et ma Sèvre. In **Para Mamíferos** n°3, ano 3. Fortaleza: Expressão, 2011.

BUARQUE, Chico. **Chico Buarque** (LP). Rio de Janeiro: Philips, 1978.

CAFFÉ, Marcus. **Déjà vu** (CD). Fortaleza: IV Edital de Incentivo às Artes/2007 – SECULT-CE, 2008.

CARVALHO, Gilmar. **Patativa do Assaré**: antologia poética. Fortaleza : Ed. Democrito Rocha, 1997.

CASTRO, Henrique S. Be. Os Cisnes. In **Folhetim Literário Acauã**. Fortaleza: Cocobó, 1985.

CASTRO, Henrique S. B. **Interação no ensino-aprendizagem de língua estrangeira em Letras**: a (in)definição revelada. 2002. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada – CMLA). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2002.

CASTRO, Henrique S. B. de & FERREIRA, Karla P. M. Paulo Freire e a Ética da Afetividade. In FIGUEIREDO, João B. A. & SILVA, Maria E. H. (org). **Formação Humana e Dialogicidade em Paulo Freire II**: reflexões e possibilidades em movimento. Coleção Diálogos Intempestivos, n° 70. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COCTEAU, Jean. **Jean Cocteau et la radio**. Cahiers Jean Cocteau 8. Paris: Non Lieu/Comité Jean Cocteau, 2010.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1999.

DAMÁSIO, Antonio. 2004. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras.

DIAS, Milton. **A capitoa**. Fortaleza: UFC, 1982.

DÍDIMO, Horácio. **A Nave de Prata**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1991.

DÍDIMO, Horácio. **A palavra e a Palavra**. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

DÍDIMO, Horácio. **O Menino Impossível**. Fortaleza: Littere Editora, 2010a.

DÍDIMO, Horácio. **O Pequeno Leitor**. Fortaleza: Littere Editora, 2010b.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Obra Completa: Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1984.

EDNARDO. **O azul e o encarnado** (LP). Rio de Janeiro: RCA, 1977.

ÉPICURE. **Lettres et maximes**. Paris: Librio, 2000.

FARIA Jr. Miguel. **Vinicius: Quem pagará o enterro e as flores se eu me morrer de amores?** (DVD). Rio de Janeiro: Paramount, 2005.

FERREIRA, Karla P. Martins. **A formação de sentido e o sentido de vida: o Círculo Ecobiográfico com educadores e as experiências afetivas formadoras em sua relação com o semiárido cearense**. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Fedral do Ceará, Fortaleza, 2011.

FLAUBERT, Gustave. **Correspondance: année 1867**. Rouen: Ed. Girard et Leclerc, 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2008.

GULLAR, Ferreira. **Toda Poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

GUIMARÃES, Simone. **Cândidos**: Simone Guimarães canta Isaac Cândido (CD). Fortaleza: Independente, 2010

HAGUETTE, André. **Filosofia?** É só filosofar. Fortaleza: GeoStudio, 1995.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2001.

JOANA ANGÉLICA. **Cantando coisas de cá** (CD). Fortaleza: Independente, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Cheminer vers soi**. Lausanne: L'âge d'homme, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KRISS. **La sagesse d'une femme de radio**. Paris: L'oeil neuf/France Inter, 2005.

LANI-BAYLE, Martine. **L'histoire de vie généalogique**: d'Œdipe à Hermès. Paris: L'Harmattan, 1997.

LANI-BAYLE, Martine. **L'Île**. Saint-Bonnet les Oules / Saint Etienne: Bucdom, 2000.

LANI-BAYLE, Martine. **Taire et transmettre**. Les histoires de vie au risque de l'impensable. Lyon: Chronique Sociale, 2006.

LANI-BAYLE, Martine. **Ecrire une recherche, mémoire ou thèse**. Lyon: Chronique Sociale, 2006b.

LANI-BAYLE, Martine. Histórias de vida: transmissão geracional e formação. In PASSEGGI, M. C. (org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFNR e São Paulo: Paulus, 2008.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LARROSA, Jorge. **Entrevista com Jorge Larrosa.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4G-pI12-zSE>>. Acesso em: 20 de set. de 2011.

LAO-TSEU. **Tao-tö king.** Traduzido do chinês para o francês por Liou Kia-hway. Paris: Gallimard, 1967.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMAVERDE, Lucíola. Entrevista dialógica: a subversão da objetividade. Anais. **XV Encontro de Extensão.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2006.

LUCINDA, Elisa. **A poesia do encontro:** Elisa Lucinda, Rubem Alves. Campinas: Papirus 7 Mares, 2008.

MATOS, Elvis de Azevedo. **O artista, o educador, a arte e a educação:** um mergulho nas águas da Pedagogia Waldorf em busca de um sentido poético para a formação docente, ou artifícios às artimanhas. 2002. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

MATOS, Wilton, BELTRÃO, Henrique e MENDONÇA, Alan. Mandala das Letras. Intérpretes: Lia Veras e Wilton Matos. In **A casa é sua** (CD). Fortaleza : Radiadora Cultural, 2010.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética.** Rio de Janeiro: Aguilar, 1987.

MELLO, Thiago de. **Poesia comprometida com a minha e a tua vida:** pequena história natural do homem no fim que vem vindo do século vinte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro mas eu canto –** porque a manhã vai chegar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Poética.** São Paulo: Melhoramentos, 1977.

MORAES, Maria Izaíra Silvino. **Arte no processo de formação do educador:** estratégias de aquisição e experiência compartilhada da sensibilidade artística e de linguagem musical ou um passeio coletivo. 1993. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1993.

MORAES, Vinicius de. **Vinicius de Moraes: poesia completa e prosa em um volume.** Rio de Janeiro : Nova Aguillar, 1980.

MORIN, Edgar. **Amour, poésie, sagesse.** Paris: Seuil, 1997.

MORIN, Edgar; MOTTA, Raúl; CIURANA, Émilio-Roger. **Éduquer pour l'ère planétaire: la pensée complexe comme méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaines.** Paris: Balland, 2003.

MORIN, Edgar. **Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur.** Paris: Seuil, 1999.

MOURA, Iara Gomes de. **Mídia, deficiência e inclusão: o caso do programa radiofônico Todos os Sentidos.** 2010. Monografia. (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

NASCIMENTO, Milton. **Caçador de mim** (LP). Rio de Janeiro: Ariola, 1982.

NERUDA, Pablo. **Obras completas.** 2 vols. Buenos Aires: Losada, 1967.

PAZ, Octavio. **Miscelánea.** Primeros escritos. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português.** Série Princípios n° 18. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2007.

PESSOA, Fernando. **Obra poética.** Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1980.

PINEAU, Gaston e LE GRAND, Jean Louis. **Les histoires de vie.** Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

PINGO DE FORTALEZA e BELTRÃO, Henrique. **Aproveite o dia in PINGO DE FORTALEZA. Prata 950** (CD). Fortaleza: Independente, 2008.

PRÉVERT, Jacques. **Inventaire Jacques Prévert: chansons, poèmes & vidéo** (CD). Compilação de Fabienne Nourbat. Produção de Jacques Canetti. Paris: Canetti, 2007.

PRUVOST, Jean. **Citations de la langue française: dictionnaire Bordas poche.** Paris : Bordas/Sejer, 2008.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

QUINTANA, Mario. **Caderno H**. Porto Alegre: Globo, 1983.

QUINTETO AGRESTE. **Caminhando Sempre** (CD). Fortaleza: independente, 2004.

RAMIL, Kledir. **Kledir ao vivo** (CD). 1991.

RILKE, Rainer Maria. **Lettres à un jeune poète**. Paris: Gallimard, 1993.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta** (tradução de Paulo Rónai). **A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke** (tradução de Cecília Meireles). Rio de Janeiro: Globo, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SAWAIA, Bader Burihan. **Por que investigo a afetividade**. Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de professor titular de Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC, 2000.

SILVINO, Izaíra. **...ah, se eu tivesse asas...** Fortaleza: Expressão, 2007.

SPINOZA. **L'Éthique**. Traduction et introduction de Roland Caillois. Paris: Gallimard, 1954.

SUHAMY, Henry. **A Poética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

TARDIEU, Jean. **Grandeurs et faiblesses de la radio**. Paris : UNESCO, 1969.

TARDIEU, Jean. **Jean Tardieu, un poète**. Paris: Gallimard, 1981.

TORO, Rolando. **Educación Biocéntrica**. Santiago: International Biocentric Foudation, sem data.

VEIGA, José J. **Sombras de Reis Barbudos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

PÁGINAS CONSULTADAS

http://afbn.free.fr/afbnbresilnantes.fr_/

www.alliancefr.org

www.aliancafrancesabrasil.com.br

www.cavilam.com/fr

www.ina.fr/art-et-culture/litterature/video/CAF89004641/portrait-d-un-philosophe.fr.html

www.insa-france.fr

www.insa-lyon.fr

www.mte.gov.br/fisca_trab/inclusao/lei_cotas_2.asp

www.radiouniversitariafm.com.br

www.slow-science.org

www.univ-nantes.fr/

www.univ-poitiers.fr

9 LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Charte de l'ASIHVIF (Carta ética da ASIHVIF)

Anexo B: Capas do Simples e do Vermelho

Anexo C: Fotografias

Anexo D: The slow science manifesto (texto original)

Anexo E: *Poètes, vos papiers!* (canção de Léo Ferré)

Anexo F: Original do ensaio *Je fais des vers comme quelqu'un qui pose des questions*

Anexo G: Original do ensaio *Un poète à l'antenne: l'affectivité dans un parcours de recherche autobiographique*

Anexo A

Charte de l'Association internationale des histoires de vie en formation et de recherche biographique en éducation - ASIHVIF

1. Préambule : la charte : ce qu'elle est, ses fonctions, ses usages

1. 1 La charte : ce qu'elle est

Il s'agit d'un document écrit qui fait date. Elle atteste de l'existence d'une réflexion sur nos références communes, axiologiques, épistémologiques et méthodologiques. Elle donne des repères éthiques pour les pratiques de l'Association.

1. 2 La charte : ses fonctions

Ses fonctions sont triples : identitaire, constituante, référentielle. En tant qu'énoncé de principes qui orientent la pratique des récits de vie, la charte rassemble formateurs, chercheurs et intervenants en une collectivité instituée.

Au-delà de cette identité interne à l'Association, la charte présente la spécificité de l'ASIHVIF et en assure la crédibilité dans le champ large des pratiques de l'approche biographique.

1. 3 La charte : ses usages

La charte n'est pas un instrument de normalisation des pratiques des membres de l'Association. Elle n'a pas non plus pour objet d'être la référence éthique des narrateurs. Positivement, la charte constitue une référence commune pour le questionnement des membres d'ASIHVIF.

À ce titre, il est requis de tout candidat à l'adhésion à l'ASIHVIF qu'il souscrive aux propositions de la charte et qu'il contribue à son évolution. La charte fait l'objet d'un débat périodique.

2. L'objet de l'Association

2. 1. Le but de l'ASIHVIF est de développer des pratiques d'histoire de vie par le moyen du récit de vie, dans les champs de la formation, de la recherche et de l'intervention.

Il s'agit d'une démarche qui met au centre le sujet narrateur, en tant que celui-ci définit son objet de quête et développe un projet de compréhension de soi par soi et par la médiation d'autrui.

2. 2. La visée qui oriente, traverse et soutient les pratiques de récit de vie est l'émancipation personnelle et sociale du sujet. Par « émancipation », on entend l'action qui tend à substituer un rapport d'égalité à un rapport d'assujettissement.

Comme pratique de formation, le récit de vie permet au sujet de saisir ses enjeux existentiels au sein de la collectivité.

Comme pratique d'intervention, le récit de vie permet au sujet, à partir d'une explicitation de son parcours de vie, de disposer des moyens nécessaires à une prise de conscience réflexive et critique, en vue de se situer comme acteur social dans un projet d'action plus lucide et plus pertinent.

2. 3. Cette démarche autobiographique a donc une **triple fonction** ; celle de recherche (production de connaissances), celle de formation et celle d'intervention (mise en forme de soi dans une perspective d'action sociale).

2. 4. Les effets de l'expérience d'une pratique de récit de vie sont multiples et essentiellement relatifs à la singularité des personnes qui s'y engagent. Ils peuvent être d'ordre épistémique (un gain de savoir quant à son passé, son avenir et ses ressources et contraintes actuelles), identitaire (selon la variété des dynamiques possibles), voire thérapeutique.

2. 5. Une des conséquences majeures de la manière dont l'Association définit son objet est de récuser le clivage entre théorie et pratique. Celui-ci concerne la distribution hiérarchisée des places du chercheur, du praticien et du sujet narrateur (individu ou groupe). L'Association entend lui substituer un rapport dialectique où les théories interrogent les pratiques et vice versa. Elle en attend un effet de renouvellement à la fois dans le champ des pratiques de recherche, de formation et d'intervention et dans le champ de la théorisation, en éducation permanente et en formation des adultes tout spécialement.

3. La relation du formateur, du chercheur et de l'intervenant avec le narrateur (individuel ou collectif)

3.1 Une humanité partagée

La production narrative en groupe requiert un climat de confiance mutuelle qui soutient la reconnaissance de la singularité du sujet et l'ouverture à l'altérité vécue comme une humanité partagée.

3.2 Un partenariat

La construction d'un projet de recherche-formation-intervention par le récit de vie s'appuie, d'une part, sur l'explicitation de l'offre faite par le formateur, le chercheur ou l'intervenant et, d'autre part, sur l'expression par les narrateurs potentiels de leurs intentions et de leurs attentes. Les narrateurs sont donc partenaires dès le début de la démarche. Ce partenariat se fonde sur la reconnaissance de l'autonomie du narrateur dans la construction de son témoignage et sur le devoir de réserve de celui qui accompagne le processus narratif à chacune de ses étapes (production, socialisation, analyse et interprétation). C'est ainsi que le narrateur demeure le sujet auteur à la fois de son récit et du sens qui en est proposé. Le tiers - accompagnateur (formateur, chercheur ou intervenant) participe à une co-production du sens lorsqu'il croise le récit avec sa question de recherche et communique les résonances qu'éveille en lui le récit.

3.3 Une contractualisation

L'engagement concret des partenaires dans cette démarche se traduit par une contractualisation explicite. Celle-ci porte notamment sur les modalités de réalisation et les clauses qui protègent la confidentialité et les droits d'auteurs des narrateurs.

3.4 Une pratique en contexte

L'approche biographique peut se pratiquer dans des contextes institutionnels variés, dont les caractéristiques doivent être prises en compte, d'une part, dans l'appréciation de l'opportunité d'une mise en oeuvre de l'approche biographique et, d'autre part, dans la construction du projet concret.

4. Les exigences de la fonction de formateur, de chercheur ou d'intervenant en récit de vie

4. 1. Il appartient au formateur, chercheur ou intervenant en récit de vie de construire par rapport à sa propre pratique une **analyse critique** et une **évaluation**. Celle-ci se réalise, d'une part, dans l'interaction avec les narrateurs à propos de la démarche autobiographique qu'il accompagne et, d'autre part, dans le partage de son expérience à l'occasion de pratiques de co-animation et lors de sessions d'analyse de pratiques entre pairs au sein de l'Association. Ces **échanges** revêtent un caractère de convivialité déagée, autant que possible, des relations hiérarchiques.

4. 2. L'Association demande que le futur formateur ait lui-même fait l'expérience d'une démarche autobiographique.

4. 3. L'Association ne privilégie aucun référent théorique particulier. Elle valorise le recours à des **théories et méthodes plurielles** et favorise **les débats** sur ces questions par exemple lors de présentations de productions écrites des membres.

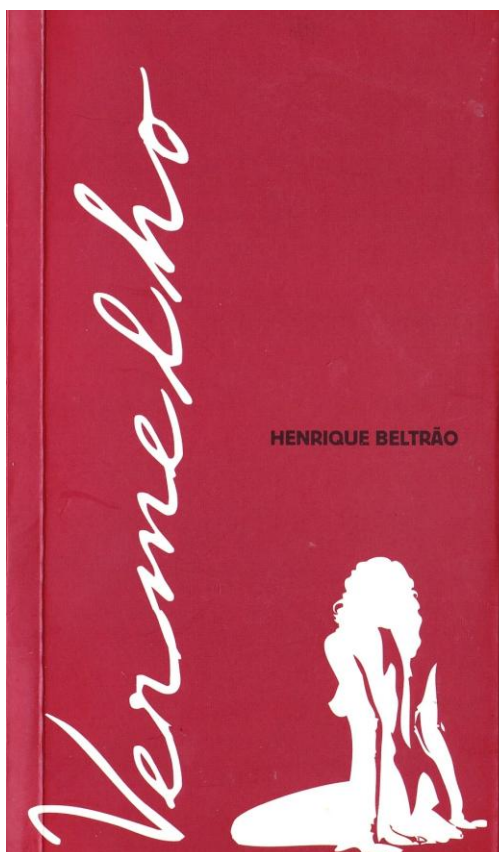
5. Ouvertures

L'Association entend mettre en oeuvre un certain nombre de chantiers. A titre d'exemple, on peut citer :

- la dimension *esthétique* de la formation-recherche-intervention en histoire de vie ;
- l'inscription de la perspective *anthropo-formative* en histoire de vie ;
- la dimension *interculturelle* des histoires de vie.

Source : <http://www.asihvif.com/Charte.pdf>

Anexo B: Capas do Simples e do Vermelho



Anexo C: Fotografias



Com a banca do segundo exame de qualificação: Professores Elvis Matos, Luiz Botelho, Ana Iório Dias, Henrique Beltrão, Gisneide Ervedosa.



Orientadores: Prof. Luiz Botelho Albuquerque e Profa. Martine Lani-Bayle.



Prof. André de Peretti com membros do Transform' e outros pesquisadores em Nantes;
à direita, Karla Martins e Martine Lani-Bayle.



Seminário do Transform' em março de 2010;
Karla Martins em frente à Martine Lani-Bayle; ao lado desta, de terno, Jean-François Gomez.



Com Joana Angélica, show poético-musical em Nantes em janeiro de 2010; promoção da
Associação de Amizades Franco-Brasileiras de Nantes - AFBN

Na Rádio Universitária FM



Com Descartes Gadelha.



Com Tom Trajano.



Com Adelson Viana.

Anexo D: The slow science manifesto

We are scientists. We don't blog. We don't twitter. We take our time.

Don't get us wrong — we do say yes to the accelerated science of the early 21st century. We say yes to the constant flow of peer-review journal publications and their impact; we say yes to science blogs and media & PR necessities; we say yes to increasing specialization and diversification in all disciplines. We also say yes to research feeding back into health care and future prosperity. All of us are in this game, too.

However, we maintain that this cannot be all. Science needs time to think. Science needs time to read, and time to fail. Science does not always know what it might be at right now. Science develops unsteadily, with jerky moves and unpredictable leaps forward — at the same time, however, it creeps about on a very slow time scale, for which there must be room and to which justice must be done.

Slow science was pretty much the only science conceivable for hundreds of years; today, we argue, it deserves revival and needs protection. Society should give scientists the time they need, but more importantly, scientists must take their time.

We do need time to think. We do need time to digest. We do need time to mis-understand each other, especially when fostering lost dialogue between humanities and natural sciences. We cannot continuously tell you what our science means; what it will be good for; because we simply don't know yet. Science needs time.

— Bear with us, while we think. (<http://www.slow-science.org>)

Anexo E: Poètes, vos papiers! (canção de Léo Ferré)

http://www.youtube.com/watch?v=L0u4_-iYcZ4

Bipède volupteur de lyre
Époux châtré de Polymnie
Vérolé de lune à confire
Grand-Duc bouillon des librairies
Maroufle à pendre à l'hexamètre
Voyou décliné chez les Grecs
Albatros à chaîne et à guêtres
Cigale qui claque du bec

Poète, vos papiers!
Poète, vos papiers!

J'ai bu du Waterman et j'ai bouffé Littré
Et je repousse du goulot de la syntaxe
A faire se pâmer les précieux à l'arrêt
La phrase m'a poussé au ventre comme un axe

J'ai fait un bail de trois six neuf aux adjectifs
Qui viennent se dorer le mou à ma lanterne
Et j'ai joué au casino les subjonctifs
La chemise à Claudel et les cons dits "modernes"

Syndiqué de la solitude
Museau qui dévore du couic
Sédentaire des longitudes
Phosphaté des dieux chair à flic
Colis en souffrance à la veine
Remords de la Légion d'honneur
Tumeur de la fonction urbaine
Don Quichotte du crève-cœur

Poète, vos papiers!
Poète, Papier!

Le dictionnaire et le porto à découvert
Je débourre des mots à longueur de pelure
J'ai des idées au frais de côté pour l'hiver
A rimer le bifteck avec les engelures

Cependant que Tzara enfourche le bidet
A l'auberge dada la crotte est littéraire
Le vers est libre enfin et la rime en congé
On va pouvoir poétiser le prolétaire

Spécialiste de la mistoufle
Émigrant qui pisse aux visas
Aventurier de la pantoufle
Sous la table du Nirvana
Meurt-de-faim qui plane à la Une
Écrivain public des croquants
Anonyme qui s'entribune

A la barbe des continents

Poète, vos papiers!
Poète, documenti!

Littérature obscène inventée à la nuit
Onanisme torché au papier de Hollande
Il y a partouze à l'hémistiche mes amis
Et que m'importe alors Jean Genêt que tu bandes

La poétique libérée c'est du bidon
Poète prends ton vers et fous-lui une trempe
Mets-lui les fers aux pieds et la rime au balcon
Et ta muse sera sapée comme une vamp

Citoyen qui sent de la tête
Papa gâteau de l'alphabet
Maquereau de la clarinette
Graine qui pousse des gibets
Châssis rouillé sous les démenes
Corridor pourri de l'ennui
Hygiéniste de la romance
Rédempteur falot des lundis

Poète, vos papiers!
Poète, salti!

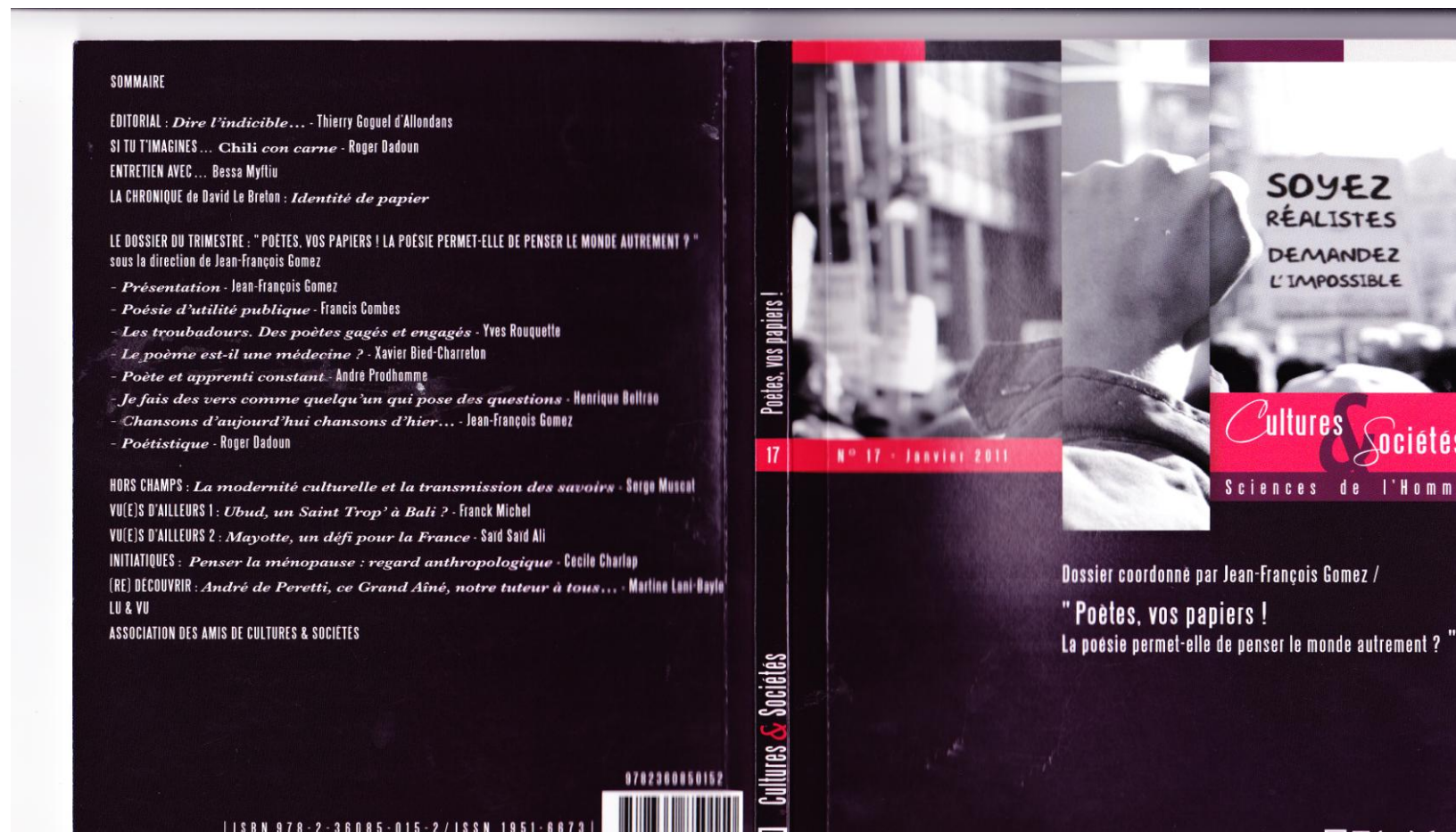
Que l'image soit rogue et l'épithète au poil
La césure sournoise certes mais correcte
Tu peux vêtir ta Muse ou la laisser à poil
L'important est ce que ton ventre lui injecte

Ses seins oblitérés par ton verbe arlequin
Gonfleront goulûment la voile aux devantures
Solidement gainée ta lyrique putain
Tu pourras la sortir dans la Littérature

Ventre affamé qui tend l'oreille
Maraudeur aux bras déployés
Pollen au rabais pour l'abeille
Tête de mort rasée de frais
Rampant de service aux étoiles
Pouacre qui fait dans le quatrain
Masturbé qui vide sa moelle
A la devanture du coin

Poète... circulez!
Circulez, poète!
Circulez!

Anexo F: Original do ensaio *Je fais des vers comme quelqu'un qui pose des questions*



Comité scientifique

Michel Autès (Lille), Georges Balandier (Paris), Cai Hua (Pékin), Boris Cyrulnik (La-Seyne-sur-Mer), Christine Delory-Momberger (Paris-13), Pierre-André Dupuis (Nancy), Jean Duvignaud (1921-2007), Paul Fustier (Lyon), Remi Hess (Paris-8), Françoise Hurstel (Strasbourg), Martine Lani-Bayle (Nantes), François Laplantine (Lyon-2), Guy Ménard (Montréal), Jean Oury (La Borde), André Rauch (Strasbourg), Claude Rivière (Paris-V), Christoph Wulf (Berlin)

Comité de rédaction

Rédacteur en chef : Thierry Goguel d'Allondans

Directeur de publication : Jean Ferreux

Président de l'association des Amis de la revue : J.-François Gomez

Rédacteurs : Loïc Andrien, Roger Dadoun, Yan Godart, Pascal Hintermeyer, Jocelyn Lachance, David Le Breton, Nancy Midol, Joseph Rouzel, Yolande Touati.

Couverture : LGStudioGraphique

Mise en pages : Jean Ferreux

Corrections ortho- et typographiques : Isabelle Le Quinio

Correspondants

La liste des correspondants est en fin de volume

Sommaire

ÉDITORIAL <i>Dire l'indicible</i> Thierry Goguel d'Allondans	5
SI TU T'IMAGINES... <i>Chili con carne</i> Roger Dadoun	9
ENTRETIEN AVEC... BESSA MYFTIU	13
LA CHRONIQUE de David Le Breton <i>Identité de papier</i>	17
LE DOSSIER DU TRIMESTRE : POÈTES, VOS PAPIERS ! LA POÉSIE PERMET-ELLE DE PENSER LE MONDE AUTREMENT ? sous la direction de Jean-François Gomez	21
<i>Présentation</i> Jean-François Gomez	21
<i>Poésie d'utilité publique</i> Francis Combes	28
<i>Les troubadours. Des poètes gagés et engagés</i> Yves Rouquette	33
<i>Le poème est-il une médecine ?</i> Xavier Bied-Charreton	43
<i>Poète et apprenti constant</i> André Prodhomme	52
<i>Je fais des vers comme quelqu'un qui pose des questions</i> Henrique Beltrão	60
<i>Chansons d'aujourd'hui, chansons d'hier</i> Jean-François Gomez	66
<i>Poétistique</i> Roger Dadoun	73

Ce qui frappe chez tous ces témoins, c'est une dimension éthique. La question de l'autre y est très présente. Tout se passe comme si la poésie d'aujourd'hui, en tous les cas celle que nous examinons et présentons ici, suivant les réflexions profondes de Bonnefoy, devenait « transitive », méfiante quant aux signifiants abstraits et isolés, contribuant à construire un lieu vivable, indispensable pour les hommes, s'intéressant à leur chair et à leur histoire.

Les auteurs

Francis Combes est poète et éditeur, directeur des éditions « Le Temps des Cerises ». À titre personnel, il a publié une quinzaine de livres de poèmes. L'un de ses plus récents, *Cause Commune* (sur l'histoire des révolutions), vient d'être traduit et publié en Angleterre. Textes consultables sur le blog « Poésie d'utilité publique ».

Yves Rouquette, né en 1936, a publié une quarantaine d'ouvrages, la plupart en occitan : poèmes, roman, nouvelles, essais, théâtre. De lui, trois disques avec le Clemencic Consort consacrés aux troubadours. Il a créé la maison des disques Ventadorn et la médiathèque occitane Cido, devenue Cirdec.

Le docteur **Xavier Bied-Charreton** a consacré toute son activité professionnelle, pendant trente-deux ans, aux personnes gravement handicapées ou atteintes de maladies évolutives. Au-delà des soins et de l'attention aux personnes et à leurs familles, il a développé régulièrement une activité de praticien chercheur. Il a été conseiller médical du groupe Polyhandicap France et directeur médical du Cesap. Il a aussi écrit de nombreux ouvrages et poèmes pour les enfants et ceux de tout âge qui désirent partager avec lui les « Secrets » qu'il aime.

Henrique Beltrão, poète brésilien, homme de radio, professeur, est l'auteur de *Vermelho* (2006) et *Simples* (2009), livres de poèmes et chansons. Il est formateur de professeurs de français à l'Université fédérale du Ceará – UFC, Brésil, réalisateur et animateur des émissions *Sans Frontières : Pluriel pour la Paix* et *Tous les Sens* à la Radio Universitária FM 107,9. Doctorant en Sciences de l'Éducation, UFC/Univer-

sité de Nantes. [beltraohenrique@yahoo.com.br] / [www.radiouniversitariafm.com.br]

André Prodhomme, né en 1949, est écrivain et poète. Il a publié sept recueils de poésie et d'autres textes concernant son travail d'éducateur auprès d'enfants autistes et son parcours de poète. Présent dans diverses revues et anthologies poétiques, il a obtenu en 2010 le prix « Coup de cœur » de l'Académie Charles Cros. Il anime, notamment à l'Entrepôt, à Paris, des rencontres au service de la poésie contemporaine.

Jean-François Gomez, passionné de chansons et de poésie, appartient au comité de rédaction de *Cultures & Sociétés*. C'est un chercheur et auteur du social. Il a publié une dizaine d'ouvrages à la fois théoriques et biographiques, qui sont des récits autant que des essais, et de nombreux articles sur le travail social, la question sociale et l'institution sociale et médico-sociale, où les références littéraires côtoient les arguments techniques ou éthiques.

Roger Dadoun est psychanalyste et écrivain. Il a publié plus de poèmes qu'il n'en a écrits (!). Peu. La plupart traitent d'êtres chers qui meurent. Il envisagea un bref temps d'écrire, sans les publier, des poèmes sur des êtres détestables vivants (directeurs de revue, éditeurs, gens de radio, collègues) qui ont salement noirci son honorable perception de la condition humaine. Mais ça n'en valut pas la peine.

Je fais des vers comme quelqu'un qui pose des questions

Henrique Beltrão

Je fais des vers comme quelqu'un qui pose des questions – quel poème la vie traduit-elle ? Au fil de ces lignes, je tisse le plaisir et le défi de réfléchir et sentir un peu de la poésie telle qu'on la vit au Brésil, en particulier à Fortaleza, capitale du Ceará, dans la région du Nordeste. Je vous invite à partager les intuitions, les doutes, les incertitudes, les impressions d'un poète et homme de radio qui vit au quotidien – sur scène, à l'antenne, en salle de cours – le rapport à la poésie qu'ont les gens de chez moi, ceux qui la lisent, l'écrivent, l'écoutent, la chantent... Parler de la poésie éveille plus de questions que de réponses – et pour cause. Tant mieux, selon Mario Quintana (je traduis en français les textes des poètes brésiliens cités ici) : « La réponse correcte n'importe pas du tout : l'essentiel est que les questions soient correctes. »

Parler de la poésie m'impose des silences qui composent des pauses musicales. J'esquisse lignes et entrelignes pensant bien sûr aux lecteurs – de poésie, surtout – et sentant, encore une fois, ce que cette parole garde en soi d'infini et ineffable. Si on déploie sémantique et étymologie, le sens de *création* y sera toujours présent. Le poète crée ce qui peut devenir réel ou recrée à sa manière ce que la réalité (ou le rêve) lui révèle. D'autre part, lui seul peut appréhender une dimension autre, plus subtile, étrange à la plupart des hommes et des femmes qui n'aiment pas la poésie, sous prétexte de ne pas la comprendre ou de la considérer inférieure à la prose. Prosaïques, ces gens – mais on a aussi bien besoin de cela sur la Terre : « [...] l'homme l'habite prosaïquement et poétiquement à la fois », d'après Edgar Morin.

Poésie, ça sert à quoi ? À émouvoir et à inspirer la voix, à inquiéter et à exprimer l'inquiétude. À éveiller la beauté et à bercer les rêves... À

traduire le prosaïque en sensibilité. Dans son poème *Le banc du jardin*, Horácio Dídimo dit : « Elle s'en est allée mais les mots qu'elle a dits sont restés et ils ont conversé très longtemps encore. » Quand on lit un poème, il converse longtemps en nous. Quand on le partage, il tisse des liens. Quand on l'apprend par cœur, on garde un trésor.

N'ayant sous la main aucun recensement, j'oserais quand même dire que les lecteurs de poésie au Brésil ne sont pas des plus nombreux, mais ils sont passionnés. En fait, ce qui compte, ce n'est pas le nombre de lecteurs, mais leur qualité. Ce sont les bons lecteurs qui portent l'œuvre au fil du temps – sinon, comment seraient arrivés à nos jours les vers écrits au xvii^e siècle (quand il n'y avait presque pas de lettrés au Brésil), tels ceux de Gregório de Matos, alias Bouche de l'Enfer, ainsi nommé à cause du contenu érotique et des critiques acides et toujours actuelles faites aux autorités politiques et religieuses ?

Dans chaque coin un très grand conseiller
Veut nous gouverner la maison, et vigne,
Ils ne savent pas gouverner leur cuisine,
Et ils peuvent gouverner le monde entier.

Si les éditeurs dans ce domaine sont toujours rarissimes, en revanche, beaucoup de mes compatriotes connaissent par cœur des vers ou même des poèmes complets de Vinicius de Moraes, Thiago de Mello, Ferreira Gullar, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Patativa do Assaré, parmi d'autres, qu'ils sortent à l'occasion propice : soit lors d'une manifestation politique, soit comme parole de sagesse ; soit pour illustrer leurs propos, soit pour embellir un geste. Si on ne compte pas de ventes importantes dans ce domaine et s'il n'y a pas de bardes parmi les auteurs de *best sellers*, les poètes populaires – *cantadores*, *repentistas*, *emboladores* – continuent de fasciner un public enthousiaste, improvisant leurs poèmes dans les marchés et dans les places des villages et des capitales, surtout du Nordeste, accompagnés de leurs guitares ou de leurs *pandeiros*. Et on trouve toujours des publications toutes simples (qui font la joie de ceux qui les lisent, parfois, pour des aînés qui ne lisent pas ou plus) dans la littérature de

cordel – ainsi nommée parce que les auteurs brésiliens accrochent ces publications imprimées de façon rustique sur des ficelles (*cordel*) dans les marchés populaires, notamment dans le Nordeste. Il y a toujours des cantorias pendant lesquelles ces poètes populaires se réunissent pour des joutes oratoires – sur les thèmes les plus divers, aussi bien les traditions et les légendes que l'exploitation des ouvriers et des campagnards – et ceci pendant des heures à coups de vers improvisés jusqu'à ce que l'un d'eux n'arrive plus à suivre l'autre. Parmi ces nombreux poètes, Zé da Luz, Geraldo Amâncio, Lourinaldo Vitorino, Oliveira de Panelas ; je soulignerai Patativa do Assaré qui dit :

Je viens depuis tout petit,
depuis très très petit,
accomplissant le beau destin
que m'a donné Notre Seigneur [...]
Moi, je n'envie pas l'argent
ni les diplômes de docteur.

Effectivement, ces hommes n'ont aucune raison pour envier ceux qui ont fait de longues études et pour qui les papiers les plus chers sont souvent leurs titres ; ils maîtrisent la parole – son rythme, son harmonie, sa métrique, ses rimes, ses possibilités d'improvisation, d'expression de l'imaginaire et de récréation du vécu. Patativa a chanté en vers la vie au *sertão* du Nordeste, la beauté et la misère qu'on y vit, les injustices sociales et la discrimination contre les gens simples, étant l'un des représentants de la voix du peuple brésilien, étouffée pendant les longues années de dictature militaire (1964-1985). D'ailleurs, après le coup d'état des militaires, c'est dans les poèmes et les chansons de protestation que plusieurs artistes, tels que les poètes Ferreira Gullar et Thiago de Mello ou les compositeurs Chico Buarque et Gonzaguinha dénonçaient – très souvent dans un langage voilé pour essayer d'échapper à la censure – la torture, l'exil, la persécution et l'oppression dont nous avons souffert.

Chez nous, le poète oscille tel l'équilibriste entre les images qu'on se fait de lui : le doué, le porte-parole, le rêveur, le naïf, le romantique, le sensible, le fou... Dans *Citation*, Quintana écrit : « Et mieux on

pourrait dire des poètes ce qu'a dit des vents Machado de Assis : « La dispersion ne leur enlève pas l'unité, ni l'inquiétude la constance. »

Cet oiseau, à la fois exotique et familier, a en lui le grain de la beauté, certes. Il répond ou plutôt il interroge l'affectivité humaine, soit-elle formidable, bouleversante, fascinante, écrasante, transcendante – en tout cas, multiple. Ceux qui connaissent et aiment la poésie savent très bien qu'il y a plusieurs types de poètes, plusieurs types de poèmes et que dire ce qu'est un poète est peut-être encore plus complexe que définir ce qu'est la poésie elle-même. En tout cas, on est d'accord que le poète est l'artiste qui maîtrise l'art du langage par le rythme, l'harmonie et l'image, le poète est celui qui éprouve et éveille chez autrui l'émotion poétique. Mais je n'ai pas l'intention de trop théoriser ici sur ces questions, que je laisserais plutôt aux personnes spécialisées en littérature. Je voudrais plutôt vous laisser un brin des sentiments et des émotions si intenses qui peuplent le royaume des mots où je vis.

La poésie est ma compagne, la poésie est ma manière d'être. Pour moi, l'idéal serait d'écrire de la manière la plus simple, avec des mots qui ont la saveur du quotidien, sans jongleries linguistiques, comme quelqu'un qui parle à quelqu'un, comme celui qui raconte sa journée, saisi par la beauté. La parole aime les labyrinthes de l'ouïe – elle attend sur la peau du papier le regard qui l'enchantera. La fenêtre de l'imagination donne sur l'indicible... Au Ceará, mon pays, je dis ma poésie sur la scène locale et à l'antenne, pendant les émissions *Tous les Sens*, partagées avec les gens ayant un handicap, et *Sans Frontières : Pluriel pour la Paix*, faites avec ceux qui cultivent la diversité de langues, cultures, âges – émissions toutes deux diffusées à la Radio Universitária FM 107,9, radio publique inscrite à l'Université fédérale du Ceará, UFC –, où les poètes et d'autres artistes, les leaders communautaires et d'autres citoyens prennent la parole et ont droit à la diffusion de leurs idées et de leurs luttes.

C'est d'ailleurs souvent dans les espaces publics que pousse la poésie au Brésil, surtout dans des centres culturels mais aussi dans des places et des théâtres. À Fortaleza, le public a tout un programme gratuit au Centre culturel de la Banque du Nordeste qui fait depuis 2005 de la concurrence

publique aux financements des publications (dix-huit jusqu'à présent) ou des spectacles poétiques (soixante pour le moment), musicaux, théâtraux et ceci s'étend maintenant au-delà de la capitale, à Juazeiro do Norte et à Sousa. Dans certains cas, mêmes les politiques gouvernementales ont fait de la place à la littérature. Les gouvernements du Brésil et de la municipalité de Fortaleza suivent cet exemple, proposant eux aussi de la concurrence publique aux investissements qu'ils assument dans les mêmes secteurs. Ces initiatives des pouvoirs publics restent insuffisantes et sont la cible de plusieurs critiques, mais elles composent quelques pas dans le long parcours à partager entre les artistes et leurs publics.

Il reste à dire que pullulent, à Fortaleza comme dans d'autres villes, des gestes spontanés des individus ou de petits groupes qui résistent et insistent, non pas seulement diffusant mais plutôt vivant la poésie : les poètes anonymes qui publient précieusement leurs poèmes et déambulent dans les espaces publics, essayant de les vendre à des gens qui ne s'y intéressent pas très souvent ; le Temple de la Poésie, où n'importe qui peut présenter ses vers, idée semée par le poète Ítalo Rovere ; les soirées Pain et Poésie, pendant lesquelles l'actrice et chanteuse Joana Angélica réunit d'autres artistes et les amateurs de poésie pour partager le pain qu'elle fait et les poèmes qu'on apporte...

Ceux qui aiment la poésie, chez nous, composent cette chorale originale dans laquelle des gestes de rencontre font écho aux paroles prononcées. On se reconnaît dans les rues, à la plage, au *sertão*, à la montagne : un regard, un geste, un air de Vinicius sifflé, un vers de Patativa dit par cœur nous révèlent, dévoilent nos silences et nos mots... Nos corps dansent ensemble, affamés de poésie, rassasiés par nos retrouvailles, par les semences qui gardent en elles les mystères de tous les jours. Et si nous vivons de nos jours dans un pays où l'on a reconquis la démocratie, la liberté d'expression, la possibilité de rêver et de réaliser quelques-uns des rêves qui nous inspirent, on sait et on sent encore et toujours que la poésie et la chanson, parmi les gestes humains encadrés de politique, donnent de la voix et des ailes à l'oiseau dont les plumes n'arrêteront jamais de changer et de nous faire changer au fil des vers qui nous posent des questions.

Bibliographie

- DIDIMO Horácio, 2002, *A Palavra e a palavra*, Fortaleza, UFC.
 GILMAR Carvalho, 1997, *Patativa do Assaré : antologia poética*, Fortaleza, Democrito Rocha.
 MORIN Edgar, 1997, *Amour, poésie, sagesse*, Seuil.
 QUINTANA Mario, 2005, *Poesia completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

Mort de Federico

Où le vit cheminer entre les fumées
 par une rue interminable,
 sorti aux champs froids
 avec encore les étoiles du premier matin.
 Ils tuèrent Federico
 quand la lumière apparaissait.
 Le peloton de ses bourreaux
 n'osa le regarder en face.
 Tous fermèrent les yeux
 et prièrent : que Dieu le sauve !
 Mort, il est tombé Federico,
 avec du sang au front et du plomb aux
 entrailles.
 Car le crime eut lieu à Grenade !
 - sauvez-vous - par une Grenade. Dans sa Grenade.

[...]

Antonio Machado
 Rue Fontaine n° 16
 de septembre 1941

Anexo G: Original do ensaio *Un poète à l'antenne: l'affectivité dans un parcours de recherche autobiographique*

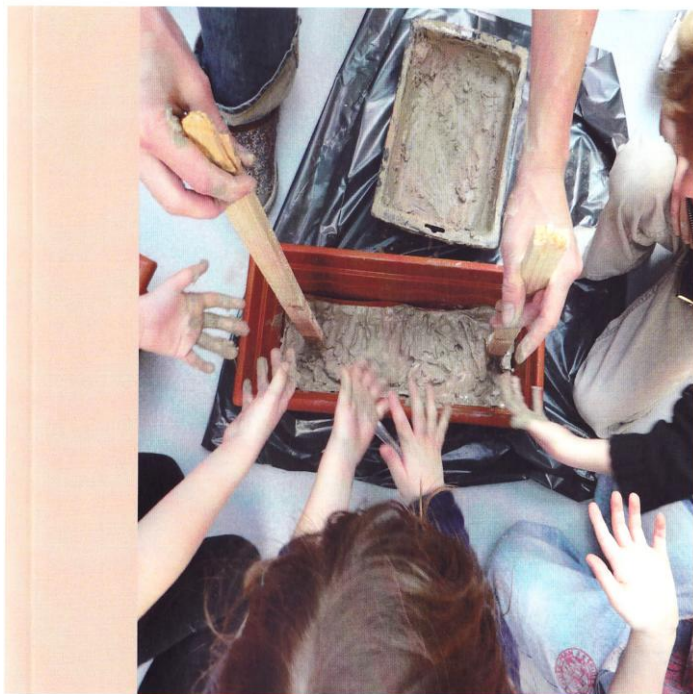
CHEMINS DE FORMATION

au fil du temps ...

numéro

16

octobre 2011



□ Téraèdre

La reconnaissance du sujet sensible en éducation

U
UNIVERSITÉ DE LIÉGÈ

Sommaire

Éditorial Renaud Hétier

DOSSIER : "LA RECONNAISSANCE DU SUJET SENSIBLE"

1. Fondements

- *L'avenir du sensible*, entretien avec Claudine Haroche
- *L'apprentissage sensible du sujet adulte*. Pierre Dominicé
- *Rencontre éducative avec le sujet sensible*, entretien avec René Barbier (Carole Baeza)
- *Le corps aujourd'hui*, entretien avec Isabelle Queval
- *La reconnaissance du sujet sensible dans les politiques de l'éducation artistique : entre utopie et réalité*. Laurence Loeffel
- *La perspective éco-relationnelle et l'éducation interculturelle dans l'entrelacs d'affections : la décolonisation du savoir*. Joao Figueiredo
- *Comment sentir que ça veut dire quelque chose ? Le loup et la mésange : un récit à pleines dents*. Renaud Hétier

2. Pratique

- *L'enfant, la littérature et la philosophie*. Edwige Chirouter
- *Dans le sens du texte*. Lorine Bost
- *Dispositifs transitionnels et approche intégrative pour l'accompagnement en éducation : de la « zone urbaine sensible » au « sujet sensible »*. Béatrice Clavel
- *L'intégration du sensible dans l'apprentissage des mathématiques par la médiation des albums de littérature de jeunesse*. Isabelle Dague

3. Recherche

- *Regards sur l'authenticité de la rencontre*. Carole Buffa-Potente
- *Du sensible au sens : un chemin d'autonomisation du sujet connaissant*. Ève Berger & Dani Dubois
- *Un poète à l'antenne : l'affectivité dans un parcours de recherche autobiographique*. Henriette Beltrao
- *Paul Fauche, éducateur du sensible : Ateliers et École du Père Castor*. Jean-François Marchat

4. Variations - Témoignages

- *Paolo Freire et sa pédagogie sensible à l'humanisation d'autrui*. Karla Patricia Martins-Ferreira
- *L'artiste intervenant, entre démarche pédagogique et processus esthétique*. Véronique Chappuis
- *La danse de couple, une éducation au sensible*. Remi Hess & Katia Mendez
- *De la sécurité du cadre à l'épanouissement des potentialités de l'enfant*, entretien avec Sarah Venuat
- *Sport, place du corps et rapport au corps*, entretien avec Jérôme Godineau
- *La réponse institutionnelle au phénomène du harcèlement à l'école : dépasser la répression pour instaurer une justice restaurative*. Arnaud Lamy
- *De la robe à la culotte : dépasser le sensible pour entrer dans l'éducation. Étude de la pensée d'Alain*. Caroline Richard

Lectures - Découvertes

21€

ISBN 978-2-36085-028-0
ISSN 0760-0070



**Chemins de formation
au fil du temps...**

ISSN 0760-0070 - ISBN 978-2-36085-007-5

Édité par

Téraèdre
48, rue Sainte-Croix-de-la-Bretonnerie
75004 Paris – Tél. 01 48 04 09 26
Université de Nantes – Université permanente
2 bis, boulevard Léon Bureau
BP 96228 – 44262 Nantes Cedex
Tél. : 02 51 25 07 25 – Fax : 02 51 25 07 20

Université Catholique de l'Ouest
B.P. 808 – 49008 Angers Cedex 01

**Directrice scientifique
de la publication**

Martine Lani-Bayle
www.lanibayle.com

Bertrand Bergier
bertrand.bergier@uco.fr

Comité de rédaction

Université Catholique de l'Ouest
B.P. 808 – 49008 Angers Cedex 01
**Bertrand Bergier, Jean-Pierre Gaté,
Renaud Hétiér, Christian Heslon,
Christian Jamet, Jean-Yves Robin**
Équipe Transform¹, Université de Nantes
Martine Lani-Bayle



Crédits illustrations

Couverture : Jean-Paul Filiod[®]
Illustrations et photographies :
Renaud Hétiér et les auteurs des articles.

COMITÉ SCIENTIFIQUE

Mesdames et messieurs les professeurs

De l'université de Nantes

Régis Antoine (lettres), **Daniel Briolet** (1933-2003), **Philippe Forest** (lettres), **Olga Galatanu** (linguistique).

Au plan national, en sciences de l'éducation

Jacques Ardoino, **Françoise Cros**, **Nelly Leselbaum**, **Philippe Meirieu**,
Gaston Pineau et **André de Peretti**.

Au plan national, en dehors des sciences de l'éducation

Monique Astié (biologie végétale), **Boris Cyrulnik** (neurologie, psychiatrie,
éthologie clinique), **Albert Jacquard** (humanistique et génétique des
populations), **David Le Breton** (sociologie), **Jean-Louis Le Moigne** (sciences
des systèmes), **Jacques Lévine** (psychanalyse), **Edgar Morin** (sociologie) et
Jacques Nimier (mathématiques et psychologie clinique).

Au plan international

Mireille Cifali (psychologie et sciences de l'éducation, Genève, Suisse),
Olga Czerniawska (théorie de l'éducation, Lodz, Pologne), **Guy De Villers**
(psychanalyse, Louvain, Belgique), **Pierre Dominicé** (sciences de l'éducation,
Genève, Suisse), **Ettore Gelpi** (1933-2002), **Meirecele Caliope Leitinho**
(sciences de l'éducation, Ceara, Brésil), **Ewa Marynowicz-Hetka** (pédagogie
sociale, Lodz, Pologne), **Jacques Rhéaume** (sciences de la communication,
Montréal, Québec), **Makoto Suemoto** (sciences de l'éducation, Kobe, Japon),
Fabio Vasconcelos (géographie, Fortaleza, Brésil) et **André Vidricaire**
(sciences de l'éducation, Montréal, Québec).

UN POÈTE À L'ANTENNE : L'AFFECTIVITÉ DANS UN PARCOURS DE RECHERCHE AUTOBIOGRAPHIQUE

*« Ne vous inquiétez pas pour mon apparence,
mon image va peu à peu s'imposer au gré des mots. (...)
La seule solution pour y aller me semble de prendre la plume
et m'adosser au pouvoir créatif de l'écriture,
sans idée préalable de ce qu'elle va faire de moi »*
MARTINE LANI-BAYLE, *L'Île*, p.14

CET ESSAI, inspiré de la thèse que je suis en train de concevoir, fait quelques pas dans le parcours de recherche¹ autobiographique au long duquel je partage mes réflexions et mes doutes sur le rôle de l'affectivité dans ma formation comme poète. Pour ce faire, je vis le défi de relire – et écrire sur – mes expériences formatrices, dans lesquelles la parole est fondamentale, et pour cause. Je considère que la recherche autobiographique permet de m'interroger sur ces expériences et sur l'influence des sentiments et des émotions concernés dans cette formation poétique.

Étant poète et étudiant le chemin qui m'a amené à l'être, je ne peux exclure la poésie de ces lignes, cette habitude que je fréquente ma plume bien avant ce clavier – quand je ne soupçonnais même pas que je deviendrais professeur et chercheur, réalisateur et animateur de radio, formateur de professeurs de français et de journalistes amoureux de radio. Je contemple toujours l'albatros baudelairien dont les ailes l'empêchent de marcher pendant que mes mots s'envolent d'une étagère à une autre, brouillant les divisions de différents secteurs de ma bibliothèque.

Ce texte aura quatre passages. Je tisserai d'abord quelques lignes sur ma formation comme poète et homme de radio, reprenant brièvement quelques idées de Paulo Freire et d'autres auteurs qui sont à la base de mon attitude dans le monde et de l'exercice de mes métiers. Ensuite, je présenterai les émissions **Tous les Sens et Sans Frontières : Pluriel pour la Paix**, diffusées sous ma responsabilité à la Radio Universitária à Fortaleza, au Brésil, l'une avec les gens ayant un handicap, l'autre sur la diversité linguistique, culturelle, générationnelle, biologique de notre planète. Puis, je réfléchirai sur le rôle et la place de l'affectivité dans la formation, à partir de la conception de Sawaia et de Damásio qui voient l'affectivité comme toutes les émotions et tous les sentiments. Enfin, je bouclerai cet essai par quelques considérations sur la poésie comme ma manière d'être, à partir des paroles de Vinícius de Moraes, Drummond et d'autres poètes. Pour ces considérations sur la poésie et le poète, je prends donc non pas les contributions des spécialistes en Littérature, mais les propres mots des poètes comme guide.

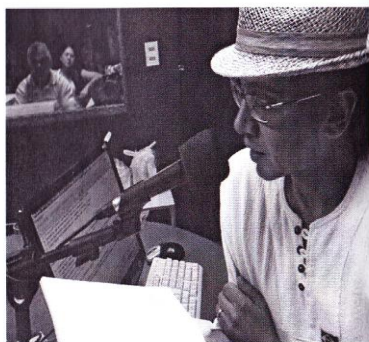
UN POÈTE À LA RADIO : UN CHEMIN DE FORMATION ILLUMINÉ PAR LES IDÉES DE PAULO FREIRE ET D'AUTRES AUTEURS

Un poète se compose comment ?

Un poème ne vient pas que de lui. Un poème, ça ne va pas de soi. Chaque vers est né de partout. Chaque poème va et vient de vous. Un poète est un présent composé de ses lectures et de ses lecteurs saisi au vol entre souvenirs et avenir si – peut-être seulement si – l'écoute et le silence tissent dans le labyrinthe de leurs atouts les lignes et les cordes de vos voix à nous.

(Henrique Beltrão, *Polylogue*)

La voix du poète est habitée par plusieurs voix. Le poète est issu de son peuple. Ses lignes sont peuplées par les gens



qu'il a rencontrés et par la « lecture du monde » (Freire, 2008) qu'il a fait et qu'il continue à faire, car « la lecture du monde précède toujours la lecture de la parole et la lecture de celle-ci implique la continuité de la lecture de celui-là » (Freire, 2008 : 20).

Mon père, le polyglotte silencieux que j'écoute depuis semence, et ma mère, la pianiste et accordéoniste virtuose qui cultivait notre jardin, les amis et les amours, mes professeurs, mes étudiants et mes auditeurs, tous ceux-ci chantent dans la chorale de la formation encore partagée au fur et à mesure que je vis avec eux ou quand je me rappelle les beaux jours vécus ensemble avant leur départ. Quand l'enfant que fut mon père tournait la manivelle du gramophone pour que mon grand-père étudie le français tout au début du xx^e siècle, il n'imaginait pas que celle-ci serait pour moi ma langue « paternelle », grâce à son accompagnement de mes études francophones depuis l'âge de 10 ans. Quand ma mère passait des heures à répéter au piano les musiques de Bach, Mozart, Chopin, Villa-Lobos, Chiquinha Gonzaga et à interpréter à l'accordéon celles d'Ary Barroso, Assis

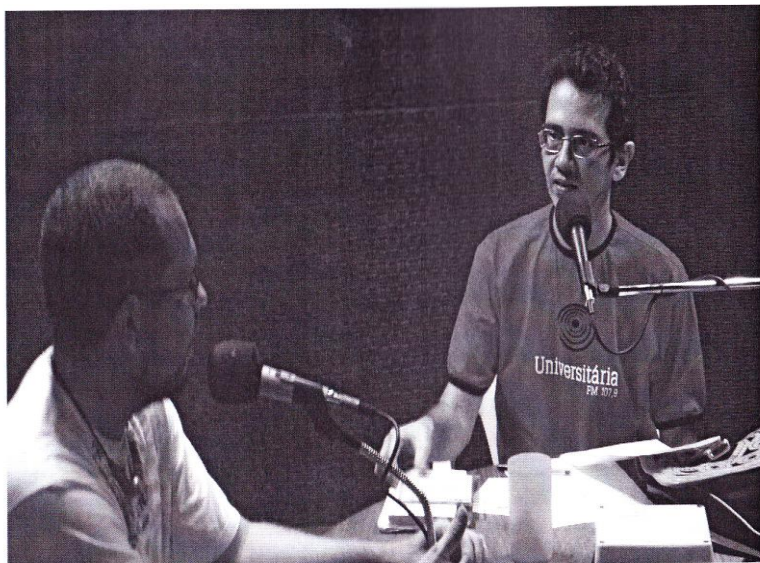
Valente, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, elle n'imaginait pas que je monterais un jour sur scène pour chanter mes poèmes mis en musique par des amis compositeurs. Les émotions et les sentiments depuis toujours si intenses chez moi ont trouvé dans la poésie et plus tard à la radio les voies qui leur ont donné voix – pour se manifester, me soulager, me former et me transformer.

L'expression de l'affectivité – essentielle pour l'émancipation du sujet sensible – trouve dans la poésie et à la radio des champs fertiles où elle peut s'éparpiller. En vers, le sujet sensible touche une dimension que la prose n'atteint pas ; à l'antenne, le sujet sensible prend la parole sans intermédiaires entre lui et celui qui écoute sa voix – à l'écoute, composant cette « multitude dispersée » (Tardieu, 1969), chaque auditeur capte les ondes à son gré et à sa manière, les rimant avec sa « lecture du monde, prononçant le motmonde » (Freire, 2008), comme Paulo Freire le fait quand il lance les bases de sa proposition d'une éducation dialogique. Lisant ou écrivant des poèmes, cueillant la poésie d'une œuvre d'art ou d'un moment quotidien de beauté ou de douleur, on passe les jours autrement que si on reste perché sur les limites de la raison. D'après Edgar Morin (1997 : 41), « l'homme habite la Terre poétiquement et prosaïquement à la fois ». À ce sujet, inspiré par Morin, Prigogine, Bachelard et d'autres auteurs, Severino Antônio (2009) propose « une nouvelle écoute poétique de l'éducation et de la connaissance » et nous parle d'une « raison poétique », une raison créative capable de dialoguer avec les mystères du monde, d'aller au-delà de la logique linéaire, nécessaire mais insuffisante. Pour lui, « cette raison, qui se récrée, est inséparable d'une éducation de la sensibilité, aussi bien de la sensibilité que des sentiments, surtout une éducation pour l'empathie : sentir avec l'autre, penser avec l'autre, vivre avec l'autre » (Antônio, 2009 : 23-24).

L'autre. Je reviens à l'essence de l'éducation dialogique selon Paulo Freire : « Personne n'éduque personne, personne ne séduite tout seul. Les hommes séduisent en communion, par l'intermédiaire du monde » (Freire, 2005 : 78). Depuis l'époque où ma formation radiophonique commençait au Brésil sans que j'en sois conscient, quand j'étais l'un des jeunes auditeurs d'une nouvelle radio publique qui plantait son antenne au Benfica, quartier universitaire de Fortaleza, capitale du Ceará, dans la région Nordeste, cet autre – que j'écoutais – m'invitait à la rencontre. À présent, du côté des microphones, l'autre continue à être le port vers lequel partent ce que je sens et ce que je pense. **Penser au pluriel et sentir au collectif sont la boussole et le sablier qui orientent ma pratique dans l'art radiophonique.**

À L'ANTENNE, LES ÉMISSIONS TOUS LES SENS ET SANS FRONTIÈRES : PLURIEL POUR LA PAIX

Dans le cadre de l'extension universitaire à la Radio Universitária³ FM 107,9, radio publique inscrite à l'Université Fédérale du Ceará - UFC, je suis réalisateur et animateur de deux émissions hebdomadaires composées par une conversation-interview avec l'invité(e) ou les invité(e)s, par des diffusions d'activités culturelles et par des poèmes et chansons : *Todos os Sentidos* (Tous les Sens) – partagée depuis 2003 avec les personnes ayant un handicap, ceux qui les aiment et ceux qui vivent en contact avec elles dans plusieurs contextes sociaux – et *Sem Fronteiras : Plural pela Paz* (Sans Frontières : Pluriel pour la Paix) – diffusée depuis 1998, sur la diversité terrestre, c'est-à-dire, la diversité linguistique, culturelle, générationnelle, biologique de notre planète. Plongé dans l'univers de la radio, artistique et éducatif à la fois, j'y vis le plaisir et le défi de partager des chemins de formation avec plusieurs citoyens, soient-ils membres de l'équipe, auditeurs



ou invités : des artistes, des scientifiques, des étudiants, des enseignants, des leaders communautaires, des hommes de radio, des journalistes...

Dans les deux émissions, le travail de production et de recherche est fait avec la participation de deux étudiants en Journalisme à l'UFC – en 2009/2010, Iara Moura et Lorena Alves – qui y font une partie essentielle de leur formation académique, de leurs recherches et de leur pratique radiophonique. Les auditeurs participent par téléphone, par email ou en personne, donnant des suggestions de thèmes à être abordés, envoyant des poèmes, demandant des chansons et proposant des questions aux invités. La Radio Universitária

FM⁴ étant publique, on y trouve de la liberté éditoriale, ce qui nous permet de faire de chacun de ces projets d'extension universitaire un espace poétique-radiophonique où la parole est libre, où les poèmes et les chansons répondent au thème abordé, où les émotions et les sentiments peuvent être exprimés.

Au *Todos os Sentidos*, par exemple, la parole est aux sourds, aux autistes, aux schizophrènes, aux aveugles, aux gens ayant la syndrome de Down, bref, on y donne la voix aux citoyens qui ont un handicap moteur, sensoriel ou mental – voici le chemin que les collègues de mon équipe et moi partageons avec les auditeurs à chaque rencontre qui nous

inquiète et transforme, avec des doutes et des questions qui nous éveillent, faisant face aux préjugés qui nous défient, inspirés par l'indignation, l'éthique et l'esthétique, car il s'agit de parler non seulement de leurs droits, mais aussi de leur sensibilité, de leurs talents, de leurs plaisirs, de leurs crises et défaites, de leurs rêves et réalisations, de leurs émotions et sentiments... « On essaye, dans cet espace poétique-radiophonique de rencontre avec vous, de faire ce que nous atteignons dans la construction d'un monde plus juste, plus beau et plus sensible à la beauté, dans lequel nous tous – les personnes ayant un handicap et celles soi-disant normales aient de la place pour étudier, travailler et pour sentir plaisir, rêver et se réaliser⁵ ».

L'AFFECTIVITÉ : LE CŒUR DU PARCOURS DE FORMATION

L'affectivité étant aussi importante que la cognition du sujet, il faudrait dépasser le cisaillement entre ces composantes de l'être humain, qui pense, sent et (s)émotionne à la fois : « ce qu'en moi sent est en train de penser » (« *o que em mim sente tá pensando* ») – dit le poète portugais Fernando Pessoa (1977 : 144). L'affectivité, dans la conception de Sawaia (2000) et Damásio (2004), concerne tous les sentiments et toutes les émotions : l'amour, l'affection, la haine, la honte, la joie, la peur... Pour Damásio (2004), l'affectivité est un aspect essentiel de l'humanité et il n'y a pas de dichotomie entre la raison et l'affectivité. D'après Sawaia (2000 : 2), l'affectivité est « la tonalité, la couleur émotionnelle qui imprègne l'existence de l'être humain et elle est vécue comme émotions ou sentiments ». D'autre part, concernant ce qu'il a nommé *amorosidade*, Freire affirme qu'« enseigner exige éprouver de l'affection pour les apprenants » (Freire, 2007 : 141). **Pour mes études, je considère l'amorosidade de Freire comme l'un des sentiments essentiels et l'affectivité**

est définie comme tous les sentiments et toutes les émotions qui constituent un aspect essentiel de la condition humaine et qui marquent notre vie.

Les recherches déjà réalisées sur l'affectivité réaffirment son importance dans la vie humaine, mais je pense qu'elles doivent contredire ces deux visions : celle qui suggère qu'elle trouble la raison, mais aussi celle qui la présente comme une solution extraordinaire pour la quête humaine, comme un palliatif ou une panacée dans cette société qui exclue les uns et déshumanise les autres. Il ne suffit pas d'étudier les émotions et les sentiments : il faut dépasser la dichotomie raison/affectivité.

En ce qui concerne le métier enseignant, l'affectivité n'est pas considérée dans la formation des futurs professeurs de langue étrangère (LE) aux Cours de Lettres à l'UFC et à l'Université de l'État du Ceará – UECE (Castro, 2002). La dimension cognitive y est priorisée : la maîtrise de la LE, les connaissances sur les théories d'apprentissage et les méthodologies d'enseignement.

Si le métier à la radio concerne l'art radiophonique, à mon avis le métier enseignant aussi exige l'art d'apprendre ensemble : **la poésie de partager dialogiquement les savoirs et l'affectivité. Je fais chaque cours et chaque émission comme si je créais un poème collectif – avec les étudiants ou les auditeurs et les invités.** Cette attitude de cultiver les liens entre les mots, les rapports entre les gens, les découvertes des mystères séduisants de ma langue maternelle ou de ma langue « paternelle » me fait remettre en question quotidiennement ma pratique.

L'art radiophonique continue à m'inspirer dans ce chemin d'apprentissage, quand je chante la diversité humaine ou les personnes ayant un handicap ; à chaque rencontre tissée avec les auditeurs, cette « multitude dispersée » (Tardieu, 1969), ou avec un collaborateur, un interviewé, un collègue de radio ;

à chaque fois que l'on passe une chanson ou que je dis un poème qui flottent librement jusque je-ne-sais-pas-où grâce aux ondes hertziennes...

LA POÉSIE, UNE MANIÈRE D'ÊTRE

Je reviens à la poésie qui anime chacun de mes gestes et de mes syllabes, celle qui fait vivre les entrelignes de ce que j'ose publier, celle qui fait de mes silences des pauses musicales. J'ai commencé cet essai par les paroles d'une chercheuse qui est aussi écrivain, Martine Lani-Bayle. Je citais un extrait de son premier roman, *L'Île* (2000). Au fil de ces lignes, j'ai laissé mon image « s'imposer au gré des mots. Sans idée préalable » (Lani-Bayle, 2000 : 14), me confiant « au pouvoir créatif de l'écriture » (idem, ibidem), j'ai laissé faire les mots. « Cela voulait dire succomber aux séductions de l'écriture, tomber dans ses filets, mais aussi risquer le souvenir, basculer dans les méandres de l'existence et, peut-être, vidanger l'histoire. En un mot, devenir auteur. Facile à dire... » (Lani-Bayle, 2000 : 12) ...et difficile à écrire, surtout difficile à vivre.

Il m'est toujours plus simple de chercher les repères de ma formation comme homme de radio, comme professeur, peut-être parce que pour moi l'essentiel n'est pas là, mais dans le poète qui précède et anime les autres rôles; peut-être parce que j'arrive à trouver des explications plus plausibles pour ma formation professionnelle et pour l'éducation de la sensibilité – dont parle Antônio (2009) – quand il s'agit de la salle de cours ou de la radio. Mais « un sujet n'est ni réductible à un comportement ou à un rôle social, ni observable comme un objet » – nous rappelait Renaud Hétier quand il a lancé l'appel à contribution pour ce numéro de *Chemins de formation au fil du temps*... Alors, comment comprendre et – gageure! – puis traduire les « méandres de l'existence » (Lani-Bayle, 2000 : 12) qui m'ont fait devenir poète? Depuis mon

enfance, « j'écris parce que j'en ai besoin, les mots sont mes jouets, le langage est mon jardin » (Beltrão, 2007 : 15 et 23), la fenêtre de l'imagination donne sur l'inquiétude, l'intensité de mon affectivité me trouble, la réalité me bouleverse, le rêve m'anime, la musique me fait rêver et la poésie – « **la poésie est ma manière d'être** » (Beltrão, 2007 : 24).

J'ai toujours eu le goût d'écrire des vers en vrac sur des serviettes, des papiers cigarettes, des relevés de compte...

Ils sont presque toujours satisfaits de leur improvisation, défiant le désordre et l'oubli tant ils sont périssables.

Ils sont si passibles de se perdre et si improbable leur publication que tombent à point les serviettes, les lettres écrites à la craie, les poèmes sur le sable au bord de la mer. Ces vers à moi ont le goût d'être au hasard, sans souci du temps, de la gloire, des mites.

(Beltrão, 2009 : 66, mis en musique par Rodrigo BZ)

Les mites ne rongent pas les mythes autour des poètes. Au pire, elles avalent les pages où l'on a appris par cœur leurs vers inaccessibles aux vers qui papillonnent les étagères de nos bibliothèques.

Je contemple encore et toujours l'albatros de Baudelaire. Inutile d'essayer de comprendre le refus de poésie dans la vaniteuse mélancolie de l'Académie. Je veux quand même prendre le risque de « lire et prononcer la **parolemonde** » (« *ler e pronunciar a palavramundo* ») (Freire, 2008) à mon gré et à ma manière. Chacun son rythme...

« Si vous cherchez bien, vous finirez par trouver, non pas l'explication (douteuse) de la vie, mais la poésie (inexplicable) de la vie ».

La poésie d'apprendre ensemble anime corps et esprit de celui qui vit sa formation dans un rapport dialogique avec chaque femme et chaque homme, possible seulement quand on est sensible à autrui.

Je terminerai cet essai remerciant avec les paroles du poète chilien Pablo Neruda (1967) à tous ceux qui – partageant leur intelligence et leur sensibilité, l'écrivant ou la lisant – font vivre la revue *Chemins de formation au fil du temps*...

« Si nous sommes ici réunis, je suis content. Je pense avec joie que tout ce que j'ai écrit et vécu a servi pour nous rapprocher. C'est le premier devoir de l'humaniste et la tâche fondamentale de l'intelligence assurer la connaissance et l'entendement parmi les hommes. Il a bien valu avoir lutté et chanté, il a bien valu avoir vécu si l'amour m'accompagne ».

HENRIQUE SÉRGIO BELTRÃO-DE-CASTRO

Poète brésilien, homme de radio, professeur à l'Université Fédérale du Ceará – UFC, Brésil.

Auteur de « Vermelho » et « Simples »,

il est le réalisateur et l'animateur de

« Sem Fronteiras : Plural pela Paz » et « Todos os Sentidos »

à la Radio Universitária FM 107,9,

www.radiouniversitariafm.com.br /

beltraohenrique@yahoo.com.br

La vie du poète a un rythme différent.
C'est un continu de douleur angoissante.
Le poète est le destiné à la souffrance
À la souffrance qui lui éclaircit la vision de la beauté
Et son âme est une parcelle de l'infini lointain
L'infini que personne ne sonde et personne ne comprend.
(...)
Le poète a le cœur clair des oiseaux
Et la sensibilité des enfants.
(...)
Sa poésie est la raison de son existence
Elle le fait pur et grand et noble
Et le console de la douleur et le console de l'angoisse.

La vie du poète a un rythme différent.
Elle le conduit à errer dans les chemins,
Marchant sur la terre et regardant le ciel
Emprisonné, éternellement emprisonné par les extrêmes
intangibles.

(Moraes, *Le Poète*, 1980 : 73)

À quoi ça rime d'être poète? Et pourquoi chercher la poésie des histoires de vie et formation dans un parcours autobiographique? Ou pourquoi chercher, grâce aux histoires de vie et formation, les fragiles réponses aux questions concernant ma formation comme poète qui m'habitent? Pour les partager, je pense. Pour répondre à l'intuition, peut-être. Pour faire rimer art et science. Très risqué, oui, lecteur, lectrice. En tout cas, notre rencontre a lieu au fil des lignes de cet essai – qui fait juste quelques pas dans ce parcours de recherche autobiographique. Cherchons ensemble. Drummond (1977), un autre grand poète de mon pays nous apprend :

Références bibliographiques

ANTÔNIO, Severino (2009). *Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes*. São Paulo, Paulus.

BELTRÃO, Henrique (2007). *Vermelho*, Fortaleza, Expressão.

— (2009). *Simples*, Fortaleza, Expressão.

CASTRO, Henrique Sérgio Beltrão de (2002). *Interação no ensino-aprendizagem de língua estrangeira em Letras: a (in)definição revelada*. Dissertação. Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada - CMLA, Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza.

DAMÁSIO, Antonio (2004). *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo, Companhia das Letras.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos (1977). *Carlos Drummond de Andrade: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra.

— (2005). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

— (2008). *A importância do ato de ler – em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez.

LANI-BAYLE, Martine (2000). *L'Île*. Bucdom.

NERUDA, Pablo (1967). *Pablo Neruda: obras completas*. 2 vols. Buenos Aires, Losada.

MORAES, Vinicius de (1980). *Vinicius de Moraes: poesia completa e prosa em um volume*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

MOURA, Iara Gomes de (2010). *Mídia, deficiência e inclusão: o caso do programa radiofônico Todos os Sentidos*. Monografia, Universidade Federal do Ceará.

PESSOA, Fernando (1977). *Fernando Pessoa: obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

SAWAIA, Bader Burihan (2000). *Por que investigo a afetividade*. Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de professor titular de Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo, PUC.

TARDIEU, Jean (1969). *Grandeurs et faiblesses de la radio*. Paris, Unesco.

